

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



TESE

**A GRAFIA DA NASALIDADE POR ALUNOS DE FLE: UMA
DISCUSSÃO SOBRE A RELAÇÃO FONOLOGIA-ORTOGRAFIA**

CLAUDIA REGINA MINOSSI ROMBALDI

**Pelotas
2011**

CLAUDIA REGINA MINOSSI ROMBALDI

**A GRAFIA DA NASALIDADE POR ALUNOS DE FLE: UMA
DISCUSSÃO SOBRE A RELAÇÃO FONOLOGIA-ORTOGRAFIA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda

**Pelotas
2011**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

R756g Rombaldi, Claudia Regina Minossi
A grafia da nasalidade por alunos de FLE : uma
discussão sobre a relação fonologia-ortografia / Claudia
Regina Minossi Rombaldi ; Orientadora : Ana Ruth
Moresco Miranda. – Pelotas, 2011.
250f.

Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-
Graduação em Educação. Universidade Federal de
Pelotas.

1. Nasalidade vocálica. 2. Grafias não-convencionais.
3. Francês como língua estrangeira. 4. Representação
fonológica. I. Miranda, Ana Ruth Moresco , orient. II.
Título.

CDD 370

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Ruth Moresco Miranda (UFPel)

Profª Drª Carmem Lúcia Barreto Matzenauer (UCPel)

Profª Drª Cíntia da Costa Alcântara (UFPel)

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho (UNESP)

Profª Drª Magda Floriana Daminiani (UFPel)

A Cesar e Caroline, dedico.

AGRADECIMENTOS

À orientadora, Profa. Dra. Ana Ruth Moresco Miranda, pela sábia e incansável orientação e pelas preciosas contribuições, sem as quais esta tese não poderia ter sido realizada.

À Universidade Federal de Pelotas, em especial, à Faculdade de Educação, através de seu Programa de Pós-Graduação, pela oportunidade oferecida para a execução deste trabalho.

Aos professores da banca avaliadora, Profa. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Profa. Dra. Cíntia da Costa Alcântara, Profa. Dra. Magda Floriana Damiani e Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho, pelas valiosas sugestões dadas para o aprimoramento desta pesquisa.

À Universidade Católica de Pelotas, em especial, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, pela oportunidade de aprimorar os conhecimentos linguísticos.

Aos colegas e amigos dos Cursos de Mestrado e de Doutorado e aos colegas do Grupo de Estudos em Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE), em especial às colegas e amigas Ana Paula Nobre da Cunha e Daiane Garcia, pelas valiosas contribuições.

À colega e amiga Ana Maria da Silva Cavalheiro, pelas contribuições em francês.

Ao colega e amigo Magnun Rochel, pelo auxílio com a elaboração dos testes perceptuais – *Ecotest* – e com as análises acústicas.

A Cesar Rombaldi, pelo estímulo e carinhoso acompanhamento.

À Caroline Rombaldi, pelo carinho, incentivo e, sobretudo, por me mostrar todos os dias que a vida é simples, basta fazê-la simples.

A Romeu Minossi e à Isabel Hoffelder Minossi, pelo carinho e pelos preciosos valores ensinados.

A Natal Rombaldi e à Teresa Rombaldi, pelo apoio e carinho sempre presentes.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, acompanharam o desenvolvimento deste trabalho cujos nomes não serão citados para evitar o esquecimento de alguns.

REMERCIEMENTS

J'exprime mes profonds remerciements à Monsieur le Professeur Georges Boulakia pour ses contributions précieuses qui ont abouti à cette thèse.

Je tiens à remercier également Monsieur le Professeur Philippe Martin pour m'avoir permis l'accès au Laboratoire de Phonétique de l'Université Paris 7 - Paris Diderot.

Je remercie Jérémie Perazzi, Doctorant à l'Université Paris 7. Son aide lors de l'utilisation des équipements du Laboratoire de Phonétique de l'Université Paris 7 m'a été très utile.

Je remercie Claudine Balagué pour m'avoir soutenu dans les bons et dans les mauvais moments.

J'exprime aussi ma gratitude à l'équipe de professeurs de Français de l'Université Fédérale de Pelotas – Ana Maria da Silva Cavalheiro, Isabella Mozzillo, Maristela Machado e Mariza Zanini pour m'avoir permis de faire réaliser des productions textuelles par leurs étudiants de FLE.

Je témoigne ma vive reconnaissance aux informateurs, sans qui il n'aurait pas été possible d'obtenir le *corpus* indispensable à ce travail de recherche.

Enfin je remercie tous ceux qui m'ont encouragée et soutenue tout au long de ce cheminement et dont je ne citerai pas de noms de peur d'oublier quelqu'un.

RESUMO

ROMBALDI, Claudia Regina Minossi. **A grafia da nasalidade por alunos de FLE: uma discussão sobre a relação fonologia-ortografia**. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A nasalidade em vogais é um tema instigante para a área da linguística, sobretudo no tocante às divergências teóricas acerca da sua representação fonológica. No português brasileiro (PB), a hipótese predominantemente assumida é a bifonêmica - /VN/ - vogal oral + consoante nasal (CAMARA JR., 1970; WETZELS, 1997; MATEUS E ANDRADE, 2000; BISOL, 2000). No francês standard (FS) são duas as principais propostas, as quais divergem em relação à interpretação da nasalidade: a de Shane (1970) traz argumentos para uma representação bifonêmica; a de Tranel (1987), para a nasalidade fonológica no sistema. Com base na ideia de que os dados de escrita “podem revelar a estrutura subjacente tornando-a visível” (cf. MIRANDA, 2009), o presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar a representação da nasalidade vocálica em produções gráficas de aprendizes de FLE falantes nativos de PB, comparando-as a produções de escrita inicial e espontânea de crianças monolíngues brasileiras e francesas. A partir das possíveis conexões encontradas, pretende-se fornecer argumentos que contribuam para com o avanço das discussões acerca da representação da nasalidade vocálica no PB e, por extensão, no FS. Os resultados mostraram que a dificuldade para grafar a nasalidade em vogais no FLE por brasileiros é decorrente de alguns aspectos específicos do sistema do FS. Essa dificuldade pode derivar tanto de mudanças do próprio sistema da LE, como de aproximações, feitas pelos sujeitos, entre o sistema da LE com o sistema da LM. Os dados das crianças monolíngues brasileiras revelaram comportamento distinto daqueles das crianças monolíngues francesas. No período inicial de contato com a escrita da LM, as produções das crianças brasileiras foram condizentes com representações /ṽ/; posteriormente, em decorrência da escolarização, passaram a ser condizentes com representações /VN/, portanto, conclui-se que as crianças brasileiras, possivelmente, reestruturam /ṽ/ para /VN/ por influência do sistema de escrita da LM. As produções das crianças francesas foram idênticas às dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB. Esses últimos, possivelmente iniciem seus contatos com a escrita da LE representando a nasalidade por /VN/, devido ao fato de terem passado pela reestruturação de /ṽ/ para /VN/ quando da aquisição da escrita da LM, o que trouxe evidências para uma representação /VN/ das crianças francesas desde seus primeiros contatos com as práticas escritas no FS como LM, conforme defende Shane (1970). Essas evidências corroboram a hipótese segundo a qual as duas línguas representam, em um primeiro momento, a nasalidade de forma distinta: o FS por /VN/ enquanto o PB por /ṽ/, mas passam a compartilhar da mesma realidade representacional após o contato dos falantes nativos de PB com o sistema de escrita do português.

Palavras-chave: nasalidade vocálica, grafias não-convencionais, francês como língua estrangeira, representação fonológica

RÉSUMÉ

ROMBALDI, Claudia Regina Minossi. **La graphie de la nasalité par des apprenants de FLE: une discussion sur le rapport phonologie-ortographe.** 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

La nasalité des voyelles est un sujet fort encourageant dans le domaine de la linguistique, notamment en ce qui concerne les divergences théoriques portant sur sa représentation phonologique. À l'égard du portugais brésilien (PB), l'hypothèse la plus répandue parmi les linguistes est celle ayant trait à la biphonémique - /VN/ - voyelle orale + consonne nasal (CAMARA JR., 1970; WETZELS, 1997; MATEUS E ANDRADE, 2000; e, BISOL, 2000). Quant au français standard (FS), il y a deux propositions principales qui divergent par rapport à l'interprétation de la nasalité: celle de Shane (1970) dont les arguments plaident en faveur d'une constitution biphonémique et celle de Tranel (1987) qui défend la nasalité phonologique. Partant de l'idée que les données de l'écrit "peuvent révéler la structure sous-jacente, tout en la rendant évidente" (MIRANDA, 2009), ce travail a pour but d'étudier la nasalité vocalique dans des productions écrites d'apprenants du FLE, locuteurs natifs du PB, en les comparant à des productions écrites initiales spontanées d'enfants monolingues brésiliens et français. La finalité, à partir des connexions observées, est celle de fournir des arguments pouvant contribuer à l'avancement des discussions à propos de la représentation de la nasalité vocalique du PB et par là-même du FS. Les résultats ont montré que la difficulté à faire la représentation écrite de la nasalité vocalique en FLE par des brésiliens résulte de quelques aspects propres au système du FS. Cette difficulté peut découler aussi bien de changements possibles du système même de la LE que de rapprochements possibles réalisés par les sujets, entre le système de la LE et celui de la LM. Les données concernant les enfants monolingues brésiliens ont révélé un comportement distinct de celui des enfants monolingues français. Les productions des enfants brésiliens se sont avérées être en accord avec des représentations /ĩ/ dans la période initiale de leur contact avec l'écrit de la LM pour ensuite être en accord avec des représentations /VN/ comme le résultat de la scolarisation. Ce fait a permis de conclure que probablement les enfants brésiliens restructurent /ĩ/ en /VN/ par influence du système de l'écrit. Les productions des enfants français se sont révélées identiques à celles des apprenants du FLE, locuteurs natifs du PB. Ces derniers, initient probablement leurs contacts avec l'écrit de la LE par /VN/ dû au fait d'avoir déjà restructuré /VN/ lors de l'acquisition de l'écrit de la LM. Ceci a indiqué une représentation /VN/ des enfants français depuis leurs premiers contacts avec les pratiques de l'écrit en FS en tant que LM, tel que préconise Shane (1970). Ces évidences corroborent l'hypothèse selon laquelle les deux langues représentent la nasalité de manière distincte: le FS par /VN/ alors que le PB par /ĩ/, dans un premier temps, mais partagent la même réalité de représentation après le contact des locuteurs natifs du PB avec le système de l'écrit du portugais.

Mots clés: nasalité vocalique, graphie non-conventionnelles, français langue étrangère, représentation phonologique

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Condições necessárias para a aquisição da linguagem conforme a teoria gerativa clássica	27
Figura 2	Transferências fonológicas entre um dado sistema linguístico A e um dado sistema linguístico B	36
Figura 3	Representação da IL	36
Figura 4	Triângulo vocálico das vogais do PB	42
Figura 5	Exemplo de um esboço realizado em planilha manual	87
Figura 6	Exemplo de registro dos dados perceptuais no <i>ecoutest</i>	88
Figura 7	Exemplo de um teste de percepção: <i>ecoutest</i> (tela mostrada aos sujeitos durante a realização do teste)	89
Figura 8	Exemplo de um teste de percepção manual (fichas apresentadas aos sujeitos durante a realização do teste)	90
Figura 9	Frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos	198
Figura 10	Frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos	202
Figura 11	Média de Frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos	204

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Alternância de vogal oral + consoante nasal com a vogal nasalizada segundo Shane (1970)	51
Quadro 2	Apresentação da nasal subjacente, da vogal oral derivada e da vogal nasalizada correspondente	53
Quadro 3	Distintividade das vogais nasais em francês	54
Quadro 4	Alternância entre \Ń\ - forma masculina e \VN\ - forma feminina	54
Quadro 5	Alternância VN e ã no francês antigo, medieval e moderno	56
Quadro 6	Exemplos de ditongação das vogais nasais	59
Quadro 7	Resumo das representações ortográficas das vogais nasais em português (PB)	60
Quadro 8	Representações ortográficas do fone [ɛ] - arquigrafemas IN e UN	62
Quadro 9	Representações ortográficas do fone [ã] arquigrafema AN	63
Quadro 10	Representações ortográficas do fone [ɔ] arquigrafema ON	64
Quadro 11	As representações ortográficas das vogais nasais em francês	65
Quadro 12	Valores de F1, F2 e F3 de vogais nasais <i>versus</i> vogais orais	67
Quadro 13	Médias de duração da vogal e de duração do murmúrio nasal para as vogais do PB	68
Quadro 14a	Classificação fisiológica e acústica das vogais orais do francês em Hz	69
Quadro 14b	Classificação fisiológica e acústica das vogais nasais do francês em Hz	69
Quadro 15	Médias de F1, F2, F3 para as vogais em contexto de nasalização do PB e do FS	70
Quadro 16	Número de participantes da pesquisa por adiantamento	75
Quadro 17	Exemplo do instrumento 1	78
Quadro 18	Teste de percepção: vogais francesas em contexto de	

	nasalização <i>versus</i> contexto de não-nasalização – [ẽx ε/a - ãxa - õx ɔ/o]	85
Quadro 19	Exemplo do procedimento adotado para obtenção dos dados com testes manuais	95
Quadro 20	Exemplo do procedimento adotado para obtenção dos dados com testes <i>ecoutest</i>	96
Quadro 21	Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ẽ] de acordo com o tempo de exposição à LE	99
Quadro 22	Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ẽ] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	101
Quadro 23	Representações gráficas do fone [ã] de acordo com o tempo de exposição à LE	105
Quadro 24	Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ã] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	107
Quadro 25	Representações gráficas do fone [õ] de acordo com o tempo de exposição à LE.	110
Quadro 26	Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [õ] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	112
Quadro 27	Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ẽ] de acordo com o nível linguístico dos sujeitos	115
Quadro 28	Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ẽ] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	117

Quadro 29	Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ã] de acordo com o nível linguístico dos sujeitos	122
Quadro 30	Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ã] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos	124
Quadro 31	Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [õ] de acordo com o nível linguístico dos sujeitos	128
Quadro 32	Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [õ], de acordo com as três categorias: omissão das consoantes 'n' ou 'm'; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	130
Quadro 33	Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ẽ] contextualizados em frases, de acordo com o nível linguístico dos sujeitos	134
Quadro 34	Frequências de distribuição dos dados não-convencionais de [ẽ] contextualizado, de acordo com as categorias: omissão das consoantes 'n' ou 'm'; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	136
Quadro 35	Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ã] contextualizado em frases, de acordo com o nível linguístico dos sujeitos	141
Quadro 36	Frequências de distribuição dos dados não-convencionais de [ã] contextualizado, de acordo com as categorias: omissão das consoantes 'n' ou 'm'; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	143
Quadro 37	Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [õ] contextualizado, de acordo com o nível linguístico dos sujeitos	148

Quadro 38	Frequências de distribuição dos dados não-convencionais de [õ] contextualizado, de acordo com as categorias: omissão das consoantes 'n' ou 'm'; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	151
Quadro 39	Frequências de acertos e de erros - testes 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano e FLE 2º ano	166
Quadro 40	Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano e FLE 2º ano	167
Quadro 41	Frequências de acertos e de erros - testes 3 (pares mínimos trissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano e FLE 2º ano	167
Quadro 42a	Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)	170
Quadro 42b	Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano	171
Quadro 42c	Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano	171
Quadro 43a	Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)	174
Quadro 43b	Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano	174
Quadro 43c	Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano	175
Quadro 44a	Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)	177
Quadro 44b	Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano	178
Quadro 44c	Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano	178

Quadro 45a	Frequências de acertos e de erros - teste 4 (trios monossílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano	180
Quadro 45b	Frequências de acertos e de erros - teste 4 (trios monossílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano	181
Quadro 46a	Frequências de acertos e de erros - teste 5 (trios dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano	182
Quadro 46b	Frequências de acertos e de erros - teste 5 (trios dissílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano	183
Quadro 47a	Frequências de acertos e de erros - teste 6 (trios trissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano	185
Quadro 47b	Frequências de acertos e de erros - teste 6 (trios trissílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano	186
Quadro 48	Grafias de [ẽ] equivalentes a grafias de [ã], grafias de [ã] equivalentes a grafias de [õ] e grafias de [õ] equivalentes a grafias de [ã]	190

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA	3
DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
REMERCIEMENTS	6
RESUMO	7
RÉSUMÉ	8
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE QUADROS	12
1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Justificativa e objetivo geral da tese	17
1.2 Objetivos específicos e hipóteses da tese	21
1.3 Estrutura da tese	23
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	25
2.1 Aquisição de Língua Materna (LM)	25
2.1.1 A aquisição da língua oral pela criança	26
2.1.2 A aquisição da escrita pela criança: uma reflexão sobre as grafias não-convencionais	27
2.2 Aquisição de Língua Estrangeira (LE)	32
2.2.1 A importância da IL no processo de aquisição da língua alvo	32
2.3 A fonologia e as representações da nasalidade vocálica nos sistemas estudados	38
2.3.1 Aspectos gerais sobre a nasalidade em vogais no PB e no FS	38
2.3.1.1 Aspectos gerais sobre a nasalidade vocálica no PB e propostas fonológicas para a presença de \v/ ou de \VN\ no sistema	40
2.3.2 Aspectos gerais sobre a nasalidade vocálica no FS e propostas fonológicas para a presença de \v/ ou de \VN\ no sistema	48
2.4 A ortografia e a representação gráfica da nasalidade vocálica nos sistemas estudados	56
2.4.1 Sobre o sistema ortográfico das vogais nasais do PB e sua interface com a fonologia	57
2.4.2 Sobre o sistema ortográfico das vogais nasais do FS e sua interface com a fonologia	60
2.5 A fonética acústica e perceptual e os valores formânticos das vogais em contexto de nasalização nas línguas estudadas	65
2.5.1 A articulação e a produção de vogais nasais, vogais nasalizadas e vogais orais	65
2.5.2 Valores formânticos de vogais em contexto de nasalização no PB	66

2.5.3 Valores formânticos de vogais em contexto de nasalização no FS .	68
2.5.4 Comparação entre os valores formânticos das vogais em contexto de nasalização no PB e no FS.....	70
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	71
3.1 Sobre os dados.....	71
3.2 Sobre os sujeitos.....	73
3.3 Sobre os procedimentos de coletas de dados	75
3.3.1 Sobre os procedimentos empregados na obtenção do <i>corpus</i> 1 - amostra 1.....	76
3.3.1.1 Sobre as variáveis controladas nos instrumentos	80
3.3.1.2 Sobre a aplicação dos instrumentos 1, 2 e 3 aos sujeitos.....	83
3.3.2 Sobre os procedimentos empregados na obtenção da amostra 2 ...	84
3.3.3 Sobre os procedimentos empregados na obtenção da amostra 3 ...	90
3.4 Sobre os procedimentos adotados para a descrição e análise dos dados das amostras.....	92
3.4.1 Sobre as descrições da amostra 1.....	92
3.4.2 Sobre as descrições da amostra 2.....	94
3.4.3 Sobre as descrições da amostra 3.....	96
3.4.4 Sobre as análises	96
4 DESCRIÇÃO DOS DADOS	97
4.1 DESCRIÇÕES DAS ESCRITAS CONTROLADAS	98
4.1.1 Descrições dos dados da amostra 1 – (escritas controladas produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB).....	98
4.1.1 Descrições dos dados do Instrumento 1 – amostra 1a.....	98
4.1.1.1 Descrição geral dos dados do Instrumento 1 – amostra 1a	98
4.1.1.2 As representações gráficas de [ẽ]	98
4.1.1.2.1 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	100
4.1.1.3 As representações gráficas de [ã].....	104
4.1.1.3.1 As representações gráficas não-convencionais de [ã] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	106
4.1.1.4 As representações gráficas de [õ].....	109
4.1.1.4.1 As representações gráficas não-convencionais de [õ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos	111
4.1.2 Descrições dos dados do Instrumento 2 – amostra 1b	114
4.1.2.1 Descrição Geral dos dados do Instrumento 2 – amostra 1b	114
4.1.2.2 As representações gráficas de [ẽ]	114
4.1.2.2.1 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	116
4.1.2.3 As representações gráficas de [ã].....	120

4.1.2.3.1 As representações gráficas não-convencionais de [ã] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	123
4.1.2.4 As representações gráficas de [ɔ̃].....	127
4.1.2.4.1 As representações gráficas não-convencionais de [õ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	129
4.1.3. Descrição dos dados do Instrumento 3 – amostra 1c.....	133
4.1.3.1 Descrição Geral dos dados do Instrumento 3 – amostra 1c.....	133
4.1.3.2 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] contextualizado em frases.....	133
4.1.3.2.1 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] contextualizado de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	135
4.1.3.3 As representações gráficas não-convencionais de [ã] contextualizado em frases.....	140
4.1.3.3.1 As representações gráficas não-convencionais de [ã] contextualizado de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	143
4.1.3.4 As representações gráficas não-convencionais de [õ] contextualizado em frases.....	147
4.1.3.4.1 As representações gráficas não-convencionais de [õ] contextualizado em frases de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos.....	150
4.1.4 Principais resultados obtidos com as descrições das escritas controladas referentes aos instrumentos 1- amostra 1a, instrumento 2 – amostra 1b e instrumento 3 – amostra 1c.....	155
4.2 DESCRIÇÕES DOS TESTES DE PERCEPÇÃO.....	165
4.2.1 Descrição dos dados da amostra 2 – (testes de percepção produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB).....	165
4.2.2 Descrição dos testes perceptuais manuais (coletivos) de acordo com o nível linguístico dos sujeitos.....	166
4.2.3 Descrição dos testes individuais – <i>ecoutest</i> - de acordo com o nível linguístico dos sujeitos.....	169
4.2.3.1 Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano sem contato com a escrita da LE, FLE 1º ano e FLE 2º ano.....	170
4.2.3.2 Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano sem contato com a escrita da LE, FLE 1º ano e FLE 2º ano.....	173
4.2.3.3 Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos trissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), FLE 1º ano e FLE 2º ano.....	175
4.2.3.4 Frequências de acertos e de erros - teste 4 (trios monossílabos) -de acordo com os níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.....	177
4.2.3.5 Frequências de acertos e de erros - teste 5 (trios dissílabos) -de acordo com os níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.....	180

4.2.3.6	Frequências de acertos e de erros - teste 6 (trios trissílabos) -de acordo com os níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.....	182
4.2.4	Principais resultados obtidos com as descrições dos testes perceptuais manuais (coletivos) e dos <i>ecoutests</i> (individuais).....	184
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	186
5.1	O que revelam as grafias dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre o sistema de vogais nasalizadas do francês e do português....	186
5.2	O que revelam os dados das crianças brasileiras e francesas e os dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre a representação da nasalidade vocálica nos sistemas linguísticos estudados	194
5.2.1	Sobre os dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras.....	195
5.2.2	Sobre os dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas.....	199
6	CONCLUSÕES	205
7	REFERÊNCIAS.....	213
	ANEXOS	226
	APÊNDICE.....	230

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa e objetivo geral da tese

Pesquisas na área da aquisição da escrita, sobretudo a partir do advento da Psicogênese de Ferreiro & Teberosky (1985), vêm se empenhando em esclarecer a maneira como as representações relativas à aquisição da escrita alfabética são paulatinamente construídas pelos escreventes. Na busca por pressupostos que pudessem contribuir para com uma maior compreensão desse fenômeno, abre-se no Brasil, com os estudos de Abaurre (1988, 1991, 1999), uma linha de pesquisa que trabalha com a aproximação de dois campos distintos, porém, relacionados – a ortografia e a fonologia. A aproximação entre esses dois campos possibilita interpretar determinadas grafias não-convencionais, presentes em produções escritas iniciais, como dados riquíssimos capazes de revelar indícios sobre o conhecimento do sujeito escrevente acerca do funcionamento da língua.

Inserem-se, representativamente nessa linha de estudos, os trabalhos, no português brasileiro (doravante PB), inaugurados por Abaurre (1988, 1991, 1999) e posteriormente seguidos por Miranda (2006, 2008a, 2009), Cunha e Miranda (2006), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004, 2010), Adamoli (2006), Rombaldi (2003), entre outros, e, no francês standard (doravante FS), os de Boulakia e Fónagy (1989), Cogis (1995), Pothier (2004), Jaffré & Fayol (2008), os quais discutem as relações possíveis entre o conhecimento fonológico dos aprendizes e as diferentes representações gráficas por eles utilizadas durante o processo de aquisição da escrita. Esses estudos chamam a atenção, dentre outros aspectos, para a

ocorrência de “vazamentos” do conhecimento que eles possuem acerca da fonologia da língua nas produções escritas dos escreventes (cf. ABAURRE, 1999, p. 174).

A presente tese insere-se nessa linha de pesquisa, que trabalha com a interface entre a ortografia e a fonologia, adotada pelos trabalhos referenciados. Defende-se, juntamente com esses trabalhos, que os dados gráficos, em especial os dados gráficos não convencionais, constituem-se em importante material de análise para estudos na área da aquisição da escrita, uma vez que podem revelar indícios sobre as estratégias de que os aprendizes lançam mão em suas produções gráficas e, assim, indiciar aspectos do conhecimento linguístico dos escreventes. Segundo essa perspectiva, o dado gráfico, em especial o não-convencional, é entendido como sendo parte integrante e imprescindível ao processo de aquisição da escrita alfabética, porque pode ser capaz de fornecer pistas a estudiosos da área da aquisição sobre os conflitos e as escolhas dos aprendizes frente à tarefa de adquirir o sistema escrito da língua e, assim, revelar um pouco mais sobre o funcionamento da linguagem (cf. KATO, 1997).

A concepção supracitada, segundo a qual os erros gráficos são parte importante no processo de aquisição da escrita, subsidiou a presente proposta de tese que propõe a descrição e a análise da representação da nasalidade vocálica em produções gráficas de aprendizes de FLE falantes nativos de PB, comparando-as a produções de escrita inicial e espontânea de crianças monolíngues brasileiras e francesas. A partir das possíveis conexões encontradas, pretende-se fornecer argumentos que contribuam para com o avanço das discussões acerca da representação da nasalidade vocálica no PB e, por extensão, no FS.

O interesse em investigar a aquisição da nasalidade vocálica no PB e no FS deriva, também, do fato de a nasalidade das vogais ser um assunto instigante e complexo na literatura, tanto no que diz respeito à aquisição gráfica dessas vogais por sujeitos brasileiros e franceses, quanto no que concerne ao estatuto fonológico que essas vogais têm nos dois sistemas linguísticos em questão.

No que tange à complexidade referente à aquisição do sistema gráfico da nasalidade vocálica, os estudos de Miranda (2007, 2008a, 2009), no PB como língua materna (doravante LM), e os de Pothier (2004), no FS como LM, trazem evidências para o argumento de que a aquisição da grafia das vogais em contexto de nasalização é uma tarefa que impõe dificuldades para os aprendizes brasileiros e franceses.

Os estudos de Miranda (2007, 2008a, 2009), relativos à grafia de sílabas com coda (consoante pós-vocálica) por crianças brasileiras em fase inicial do desenvolvimento da escrita, verificaram que a grafia de nasal pós-vocálica é aquela que maior dificuldade oferece à criança. Tais resultados apontam, segundo a autora, para diferenças representacionais entre estruturas CVN e CVC. De um modo geral, de acordo com Miranda (2007), as crianças ao escreverem 'gigate' e 'vuado' em vez de 'gigante' e 'voando', por exemplo, não marcam graficamente a coda nasal, sem deixarem, no entanto, de grafar as codas róticas e fricativas, como em 'larva' e 'pista', por exemplo. Dados como esses são interpretados pela autora como indícios de que as crianças em fase inicial de escolarização tratam a sequência CVN diferentemente do modo como tratam as estruturas CVC. Tais resultados, confrontados com dados de aquisição fonológica, que revelam a precocidade da produção de estruturas CVN, em se comparando à produção de estruturas CVC, servem de argumento para a afirmação de que, no período inicial de aquisição da fonologia, apenas líquidas e fricativas ocupam a posição de coda, estando a nasal na posição de núcleo ramificado (MIRANDA, 2009).

Os estudos de Pothier (2004) sobre a aquisição gráfica por crianças francesas apresentam dados em que as crianças, ao grafarem as vogais nasalizadas, suprimem a consoante nasal. De acordo com a autora, a dificuldade na distinção entre os fones [ã] e [a], [ẽ] e [e], [œ] e [ø] e [õ] e [o] leva as crianças a cometerem erros de escrita. Pothier (2004) explica, ainda, que a oposição entre [ã] e [a], [ẽ] e [e], [œ] e [ø] e [õ] e [o] reside no abaixamento do véu palatino e essa manifestação fonética e articulatória pode estar implicada na emergência de certos erros de transcrição gráfica pelas crianças. Um exemplo deste tipo de manifestação, segundo a autora, está no fato de se poder evidenciar, na escrita das crianças francesas, erros do tipo 'patalon' em vez de 'pantalon', que ilustram dificuldade de distinção entre o fone [a] e sua contraparte nasalizada [ã].

No tocante à discussão trazida pela fonologia, os estudos centram-se em debates referentes ao fato de os sistemas vocálicos das línguas em foco apresentarem ou não vogais nasais. As propostas embasam-se em dois argumentos, que divergem em relação a sua interpretação: um propõe presença de vogal nasal pura nos sistemas – /ṽ/, em que o traço nasal encontra-se lexicalmente associado ao segmento vocálico oral; outro, propõe constituição bifonêmica nos

sistemas – /VN/, em que a nasalidade resulta de um grupo constituído por vogal oral mais elemento consonântico nasal. Nesse último, a nasalidade vocálica é consequência do contato da consoante adjacente /N/ com a vogal oral precedente.

No PB, os estudos fonológicos apresentam uma tendência dos autores a assumirem a hipótese bifonêmica para a representação da nasalidade vocálica, havendo apenas divergências quanto às explicações para a emergência do fenômeno. No entanto, não é descartada a análise de que essas vogais, também, podem se manifestar como /ṽ/ no sistema.

Para Bisol (2002) e Wetzels (1997), por exemplo, a vogal nasalizada do PB resulta de uma estrutura VC, ou seja, de uma sílaba com rima ramificada. Mateus e Andrade (2000) defendem a ideia de uma vogal que recebe um traço [nasal] flutuante, o qual não ocupa posição no esqueleto silábico, tendo como resultado uma sílaba leve. A proposta de uma vogal nasal, lexicalmente nasal, é formulada por Freitas (1997). Para a autora, as crianças em fase de aquisição fonológica da língua portuguesa constroem um sistema que tem tanto vogais orais quanto vogais nasais.

No FS, a discussão relativa ao estatuto fonológico da nasalidade vocálica, não se faz de forma menos conflitante. Mesmo havendo uma tendência da literatura a assumir a interpretação que prediz a manifestação de nasalidade pura no sistema, a hipótese que presume a ocorrência de uma manifestação bifonêmica também é aceita. Segundo Shane (1970), o sistema vocálico do francês não se caracteriza por possuir vogais nasais, mas sim uma vogal nasal que é decorrente de um conjunto constituído de vogal oral seguida de consoante nasal. Já Tranel (1987), argumenta em favor da existência de nasalidade pura em francês.

As explicações até aqui mencionadas, justificam o desenvolvimento desta tese que tem por objetivo geral:

- descrever e analisar a representação da nasalidade vocálica em produções gráficas de aprendizes de FLE falantes nativos de PB, comparando-as a produções de escrita inicial e espontânea de crianças monolíngues brasileiras e francesas e, a partir das possíveis conexões encontradas, fornecer argumentos que contribuam para com o avanço das discussões acerca da representação da nasalidade vocálica no PB e, por extensão, no FS.

1.2 Objetivos específicos e hipóteses da tese

A fim de se atingir ao objetivo geral, recém apresentado, a tese parte de quatro objetivos específicos, que foram formulados a partir de quatro hipóteses correspondentes. Os objetivos específicos, assim como as hipóteses as quais eles se correlacionam, apresentam-se elencados logo a seguir em (i) e (ii), respectivamente.

(i) Objetivos Específicos

- 1) Descrever e analisar as grafias não-convencionais extraídas de textos escritos a partir de ditados, nos quais são controladas as grafias das vogais em contexto de nasalização do FS produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB.
- 2) Descrever e analisar dados obtidos por meio da aplicação de instrumentos específicos que visam verificar a percepção de vogais em contexto de nasalização do FS por aprendizes de FLE falantes nativos de PB e comparar as performances perceptuais dos sujeitos com seus registros escritos controlados.
- 3) Comparar as grafias não-convencionais produzidas controladamente por aprendizes de FLE falantes nativos de PB com aquelas extraídas de textos produzidos de forma espontânea por crianças monolíngues brasileiras e francesas.
- 4) Discutir, com base nos dados de escrita produzidos por crianças monolíngues brasileiras e francesas e por aprendizes de FLE falantes nativos de PB, o estatuto da nasalidade vocálica no sistema do português e, por extensão, no do francês.

(ii) Hipóteses:

- 1) Grafias não-convencionais produzidas controladamente por aprendizes de FLE falantes nativos de PB podem revelar indícios sobre aspectos do conhecimento linguístico dos escreventes acerca da nasalidade em vogais nas línguas estudadas.
- 2) Dados perceptuais concernentes à nasalidade vocálica do FS produzidos por brasileiros aprendizes de FLE podem mostrar convergências e/ou divergências com dados gráficos não-convencionais relativos às vogais do FS em contexto de nasalização produzidos pelos sujeitos.
- 3) Dados de escrita inicial de aprendizes de FLE falantes nativos de PB e de crianças monolíngues brasileiras e francesas podem mostrar similaridades e/ou diferenças quanto ao registro da nasalidade vocálica.
- 4) Grafias não-convencionais produzidas por crianças monolíngues brasileiras e francesas e por aprendizes de FLE falantes nativos de PB podem revelar indícios sobre a representação da nasalidade em vogais nas línguas estudadas.

Para finalizar este capítulo introdutório, é importante referir que o presente estudo pretende contribuir para com uma maior compreensão a respeito da forma como as representações relativas à aquisição da escrita são construídas pelos aprendizes. Entende-se que uma compreensão satisfatória da maneira como essas representações são construídas pelos alunos, poderá auxiliar o professor (seja de língua materna ou de língua estrangeira) a melhor monitorar sua prática. De acordo com Kleiman (2006)¹, quanto maior conhecimento do objeto de estudo o professor tiver, maior a possibilidade de criar situações de aprendizagem e lançar mão de estratégias que possibilitem ao aluno a prática da reflexão.

¹ Possibilidade apresentada em palestra proferida pela autora no V Senale, na UCPel, em 2006.

1.3 Estrutura da tese

A tese encontra-se estruturada em seis capítulos, os quais, na sua grande maioria, estão subdivididos em seções e subseções.

O capítulo 1 – Introdução – por ora apresentado, explicita a origem, a justificativa, o objetivo geral, os objetivos específicos, as hipóteses diretivas e as contribuições pretendidas com o desenvolvimento do estudo.

O capítulo 2 – Fundamentação Teórica – traz a teoria utilizada para fundamentar a pesquisa e divide-se em cinco seções: a primeira aborda a aquisição de LM através da apresentação de tópicos concernentes à aquisição da língua oral pela criança e de tópicos concernentes à aquisição da escrita alfabética. Esse capítulo faz uma reflexão sobre as grafias não-convencionais pontuando como essas grafias são compreendidas pela presente proposta. A segunda seção traz considerações acerca da aquisição de língua estrangeira (doravante LE) por meio de explicações sobre a importância da interlíngua no processo de aquisição da língua alvo. A terceira seção trata de conceitos sobre a fonologia do PB e do FS, sobretudo os relativos a propostas acerca da emergência de /ĩ/ ou de /VN/ nos sistemas em foco. A quarta seção expõe conceitos sobre a ortografia, essencialmente os referentes aos sistemas ortográficos adotados para a nasalização em vogais no PB e no FS. Por fim, a quinta seção trata de conceitos sobre a fonética acústica e perceptual incluindo explicações sobre a produção e a articulação de segmentos vocálicos nasais, nasalizados e orais e sobre os valores formânticos para as vogais em contexto de nasalização nas línguas estudadas.

O capítulo 3 - Procedimentos Metodológicos – descreve os procedimentos metodológicos empregados para a obtenção dos *corpora* da tese, trazendo informações acerca dos sujeitos e especifica os procedimentos peculiares utilizados para a coleta e obtenção dos dados. A seção referente aos procedimentos peculiares empregados na coleta dos dados está dividida em três partes. Cada parte se vincula a um objetivo específico e corresponde ao teste de uma das hipóteses diretivas da tese.

O capítulo 4 – Descrição dos Dados – apresenta a descrição dos dados das duas amostras da tese. A amostra 1 concerne a dados de produção escrita

controlada produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB. A amostra 2 refere-se a dados perceptuais produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB.

O capítulo 5 – Discussão dos Dados – traz a discussão dos dados da tese e divide-se em duas seções principais: (i) O que revelam as grafias dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre os sistemas das vogais nasalizadas do francês e do português; e, (ii) O que revelam os dados das crianças brasileiras e francesas e os dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre a representação da nasalidade vocálica nos sistemas linguísticos estudados.

O capítulo 6 – Conclusões – apresenta as considerações finais sobre os dados analisados, com enfoque aos objetivos específicos da pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Na primeira seção, discutem-se conceitos sobre a aquisição de LM, incluindo a forma como são entendidas as grafias não-convencionais no processo de aquisição da escrita. Na segunda seção, apresentam-se conceitos sobre a aquisição de LE, em especial aqueles concernentes à importância da interlíngua na aquisição da língua alvo. Na terceira seção, abordam-se conceitos sobre a fonologia do PB e do FS, sobretudo os relativos a propostas acerca da emergência de /ṽ/ ou de /VN/ nos sistemas em foco. Na quarta seção, expõem-se conceitos sobre a ortografia, essencialmente, os referentes aos sistemas ortográficos adotados para o registro da nasalização em vogais no PB e no FS. Por fim, na quinta seção, abordam-se conceitos sobre a fonética acústica e perceptual incluindo explicações sobre a produção e a articulação de segmentos vocálicos nasais, nasalizados e orais e sobre os valores formânticos para as vogais em contexto de nasalização nas línguas estudadas.

2.1 Aquisição de Língua Materna (LM)

Um dos vieses, no que concerne aos estudos sobre a aquisição da escrita, consiste em aliar teorias referentes aos processos de aquisição da língua oral – fonéticos e fonológicos – com aquelas relativas à aquisição da escrita alfabética. Abaurre (1988, 1991) inaugurou essa linha de estudos registrando a existência de “vazamentos”² de fala para a escrita dos aprendizes. A abordagem parte do princípio

² Este termo está em Abaurre (1999, p.174).

de que a aquisição da língua oral não ocorre da mesma forma que a aquisição da escrita, ou seja, são dois processos distintos de aquisição, no entanto, há pistas de que, em alguns momentos do percurso de aquisição da escrita, esses dois processos podem se entrecruzar. Tais entrecruzamentos, ao se revelarem nos dados gráficos dos aprendizes, poderão auxiliar na elucidação de questões concernentes à aquisição da fonologia da língua.

O dado de escrita, na perspectiva supracitada, é entendido como o elemento que pode transformar-se em vestígios de percursos mobilizados pelos aprendizes durante a aquisição da escrita, um elemento indiciário da constituição da representação fonológica dos sistemas linguísticos (cf. Abaurre (1988, 1991) e Kato (1997)).

Para que se possa explicar de que forma os entrecruzamentos entre a fala e a escrita são entendidos neste estudo e, assim, esclarecer o estatuto do dado de escrita, em especial o das grafias não-convencionais, serão tecidas algumas considerações sobre a aquisição da oralidade e sobre as teorias acerca da aquisição da escrita.

2.1.1 A aquisição da língua oral pela criança

Para a teoria gerativa clássica, todo falante/ouvinte tem um conhecimento inconsciente sobre o funcionamento da sua LM (CHOMSKY, 1965, 1968). Seguindo essa perspectiva, a teoria gerativa tem base, sobretudo, nas considerações de Chomsky (1965, 1968), referentes ao fato de que uma criança, a partir de dados restritos, desenvolve um saber extremamente rico, ou seja, a criança imersa em uma comunidade linguística confronta-se com um conjunto muito limitado de sentenças que, muitas vezes, em sua maioria, apresentam-se imperfeitas e inacabadas para ela. No entanto, segundo Chomsky (1965), tal fato não impede a criança de chegar, em um tempo relativamente curto, a um saber bastante complexo. Isso significa que a limitação existente nos dados do *input* fornecidos à criança, mesmo em sua pouca idade, não a restringem a um *output* semelhante, ao contrário, ela consegue produzir sentenças mesmo que desconhecidas para ela.

O fato de o ser humano ser capaz de derivar as regularidades estruturais de sua LM e empregá-las com apropriação, conforme se pôde observar por meio das explicações anteriores, não evidencia que o gerativismo reduza a aquisição de uma

língua apenas à experiência linguística do indivíduo, mas pressupõe, sobretudo, que a experiência linguística do indivíduo está estreitamente limitada a uma propriedade biológica equivalente a uma capacidade inata aos seres humanos para adquirir a linguagem. Esse fenômeno é conceituado pelo gerativismo como Gramática Universal – (GU).

Por esse modelo teórico, a aquisição de uma língua pela criança ocorre em um processo de fixação de parâmetros³, isso significa que, a aquisição se dá por construção. A GU (estágio inicial sem princípios e parâmetros fixados) soma-se, então, à experiência linguística do falante/ouvinte (estágio com princípios e parâmetros fixados). Esse fenômeno encontra-se ilustrado na figura (1) apresentada logo a seguir.

$$\boxed{\text{GU – Estágio Inicial}} + \boxed{\text{Experiência Linguística}} = \boxed{\text{Gramática Final}}$$

Figura 1 - Condições necessárias para a aquisição da linguagem conforme a teoria gerativa clássica (Esquema adaptado de MIOTO (2000); PIATELLI–PALMARINI (1978))

Do esquema apresentado em (1), pode-se concluir que a gramática internalizada pela criança é resultado da soma da GU com a sua experiência linguística baseada nas regras licenciadas pelo sistema linguístico materno. Desta forma, no sentido chomskiano do termo, gramática equivale à competência e diz respeito ao conhecimento que o falante possui de sua LM, independente de ter tido instrução formal e institucional para adquiri-la (CHOMSKY, 1965, 1968).

2.1.2 A aquisição da escrita pela criança: uma reflexão sobre as grafias não-convencionais

Com base nos pressupostos da teoria gerativa, explicitados no item 2.1.1, pode-se inferir que a criança, quando ingressa à escola, já tem a posse de conhecimentos prévios sobre o funcionamento de sua LM, observados quando da

³ Em trabalho posterior, Chomsky (1991) substitui regras por princípios e parâmetros. De acordo com o autor, as propriedades compartilhadas por todas as línguas naturais dizem respeito aos princípios estabelecidos pela GU, enquanto que as variações ocorridas entre as línguas são concernentes aos parâmetros. Conforme os parâmetros vão sendo fixados, as gramáticas das línguas vão se constituindo.

aquisição da língua oral. Nesse momento, então, a principal tarefa imposta à criança é a de adquirir a escrita de sua LM.

De acordo com a Psicogênese (FERREIRO & TEBEROSKY, 1996), a aquisição da escrita ocorre paulatinamente e por etapas, as crianças não adquirem a escrita alfabética sem antes passarem por níveis de concentração que se sucedem. Assim sendo, no nível 1, pré-silábico, a criança produz a escrita indiferenciada. No nível 2, pré-silábico, a criança produz a escrita diferenciada. Em ambos os níveis (1 e 2), a criança não estabelece relações entre a fala e a escrita, mas, no nível 2, ela já utiliza letras, normalmente as de seu nome. No nível 3 ocorre uma mudança conceitual importante, a criança passa a estabelecer relações entre o nível fônico e o nível gráfico. É o nível silábico que se caracteriza pela relação entre uma letra e uma sílaba. No nível 4, a criança começa a relacionar um som com uma letra, mas não faz isso sistematicamente, observa-se ainda resquício do nível silábico. Por fim, no nível 5, nível alfabético, a relação entre som e letra se consolida (cf. FERREIRO & TEBEROSKY, 1996).

É somente no último nível de aquisição da escrita que as crianças descobrem os princípios que estão envolvidos com as formas convencionais da escrita. A aquisição desses princípios pela criança é que vai estabelecer as relações que se podem estender entre o conhecimento fonológico e o conhecimento ortográfico. Essa percepção só ocorre no nível alfabético, porque depois as palavras são escritas com letras que estão em relação com os sons da língua, diferentemente dos níveis anteriores, nos quais, as letras estavam em relação com palavras ou com coisas (COGIS, 2005, p.65). Por esse motivo também é somente nessa última etapa de aquisição da escrita que a criança se defrontará com as dificuldades ortográficas impostas pelo sistema linguístico de sua LM (FERREIRO & TEBEROSKY, 1996; MORAIS, 2000 e COGIS, 2005).

Em relação à aquisição dos conhecimentos ortográficos pela criança, não há dúvidas da importância do aprendizado formal sistematizado pela escola em função de seu relevante papel de elemento mediador nesse processo. Também não se pode negar que, na sua maior parte, o aprendizado da ortografia tem ocupado um espaço um tanto quanto reduzido no ambiente escolar. O aspecto reducionista atribuído ao ensino da ortografia, está na sua atitude de limitar os alunos à simples tarefa de decorar regras, e ao professor o simples ato de corrigir os erros dos

alunos. Atitudes que parecem descartar toda e qualquer reflexão a respeito do funcionamento do sistema linguístico (cf. MORAIS, 2000).

Atualmente, esse panorama vem se modificando. Estudos como os de Cogis (1995) e os de Jaffré & Fayol (2008), sobre a aquisição ortográfica do francês, demonstram que aprender as convenções do sistema escrito de uma língua é uma tarefa que também impõe à criança reflexões a respeito do funcionamento do seu sistema de LM. Tais estudos abordam o aprendizado da escrita convencional por dois vieses: o primeiro apresenta a memorização de regras, não como única maneira de se aprender a escrever uma língua, mas como um dos componentes estratégicos adicionais que o aprendiz pode utilizar em seu percurso de aquisição; o segundo explica o erro ou as grafias não-convencionais “como parte integrante ao processo de aprendizagem” (cf: COGIS, 2005, p.146).

No que diz respeito à memorização de regras, Cogis (2005), em seu estudo baseado na epistemologia genética, explica que as regras são “um concentrado de saberes” (p. 145) e, por isso, o aluno não se tornará proficiente somente com o trabalho de memorizá-las, uma vez que para se apropriar de tais saberes, deverá, além de conhecê-las, compreender sua essência para conseguir fazer sínteses e abstrações. Em outras palavras, o aluno tem de compreender o papel da regra dentro do sistema de sua língua e compreender por que o sistema linguístico possibilita sua formulação.

Jaffré et Fayol (2008) acrescentam à ideia de Cogis (2005) também o fato de que a recorrência a regras é um dos vários recursos de que o aluno dispõe para testar seu raciocínio. Ele pode recorrer a regras, assim como pode fazer analogias, lançar mão da memória visual e/ou utilizar o dicionário. Enfim, para os autores, os indivíduos que apresentam as melhores performances ortográficas são aqueles capazes de se utilizar não somente de um tipo de hipótese a respeito do problema alvo, mas de um “leque de possibilidades de hipóteses” (JAFFRÉ et FAYOL, 2008, p.141). Os estudos chamam a atenção para o fato de que essas possibilidades não ocorrem de maneira isolada na mente do aluno, ele as dispõe e as mobiliza conforme sua necessidade e conforme a imposição da dificuldade. Por isso, a recorrência a regras para escrever determinadas palavras não deve ser um jogo de adivinhar, mas deve ser entendida como uma implantação de uma estratégia a mais em busca da proficiência.

Testar as antecipações, utilizando-se de um leque de meios para isso, não é um conceito novo, tão menos exclusivo às teorias de aquisição de escrita ou às teorias de Cogis (1995) e de Jaffré & Fayol (2008). Antecipar-se em relação a um problema imposto é um dos aspectos subjacentes à teoria piagetiana para a explicação da aquisição do conhecimento.

Na perspectiva de Piaget (1980), a aprendizagem do ser humano ocorre pela assimilação e acomodação dos seus processos cognitivos e de sua resposta ao meio. Isso significa que, quando o indivíduo se depara com um conhecimento novo, ocorre um desequilíbrio temporário. Ele assimila o conhecimento novo aos seus esquemas⁴ mentais anteriores e acomoda esses esquemas à situação atual. Se, ao utilizar esse conhecimento novo, a aprendizagem não for bem sucedida, haverá novo processo de equilíbrio (assimilação + acomodação) e assim sucessivamente. Dessa forma, se o aluno não conseguir chegar ao seu objetivo, ele poderá modificar a sua hipótese inicial e substituí-la por outra disponível, ativando, portanto, um novo teste de hipótese (cf: PIATELLI–PALMARINI, 1978).

Observa-se, então, que o processo de aquisição do conhecimento, por recorrer a várias possibilidades de ação e ao teste de uma gama de diferentes hipóteses, não pode ocorrer de maneira linear. Por isso, nem sempre terá como resultado um fim positivo. Algumas das tentativas dos aprendizes de atingir ao acerto podem resultar em erros.

Cogis (2005) chama a atenção ao fato de que como “os alunos não adquirem em um bloco único o saber visado pelo ensino, eles elaboram conceitos que lhes são próprios, passam por saberes intermediários, podendo regredir antes de avançar novamente” (cf. COGIS, 2005, p. 58). O erro, nesse processo de idas e voltas, manifesta-se devido a concepções inadequadas que são inevitáveis quando se aprende. Segundo a autora, “uma concepção é mais do que uma ideia passageira, ela é um constituinte da estrutura cognitiva, resultado de um processo e, também, é o “filtro” que possibilita interpretar o real e agir sobre ele”. Uma concepção é, segundo essa perspectiva, “o ponto de partida de um novo processo”. O processo de aquisição dos saberes “remodela permanentemente as concepções” e atribui à aprendizagem uma visão de “corrente de transformações conceituais que conduzem ao saber alvo” (cf. Cogis, 2005, p. 59).

⁴Os esquemas representam as ações susceptíveis de serem exercidas sobre os objetos (PIAGET, 1987).

Os erros, de acordo com os dados de Cogis (2005), são decorrentes da percepção de que a concepção inicial não se adapta para o problema e quando ocorre a substituição por outra concepção, ocorrem também algumas transferências de aspectos já percebidos, àqueles que estão sendo apropriados, mas que por um motivo específico não podem ser aplicados àquele contexto. Nesse sentido, durante a aquisição da escrita convencional, assim como na aquisição de qualquer outro saber, “os erros são vestígios de concepções” (COGIS, 2005, p.60). Encontra-se aqui a essência que subjaz ao segundo viés apresentado, no início dessa seção, como requisito à proficiência no ensino e à aquisição do conhecimento ortográfico: “o erro é inerente a toda aprendizagem” (COGIS, 2005, p. 58).

Pelo enfoque até aqui apresentado para o entendimento do erro de escrita, infere-se que o erro ocorre porque dentro de um processo normal de aprendizagem o teste das concepções dos alunos os induz a fazer determinadas escolhas que eles creem corretas. Isso acontece, porque algo no seu vasto universo de escolhas pode levá-los a errar. Por isso, sustenta-se o fato de que quando o aluno inventa em suas produções escritas, ele inventa algo permitido pelo seu sistema linguístico. As crianças não fazem “*n’importe quoi*”⁵ (COGIS, 2005, p. 60) com as palavras, elas fazem arranjos ou montagens que, de uma maneira ou de outra, não fugirão àquilo que é permitido pelo seu sistema linguístico materno.

Dentro desse panorama, os erros gráficos ou as grafias não-convencionais são entendidos como parte integrante e imprescindível ao processo de aprendizagem e, sobretudo, como o dado revelador das concepções dos alunos a respeito da constituição de seu sistema linguístico, bem como fonte de pistas para linguistas e professores, sobre a maneira como os alunos se apropriam paulatinamente das formas gráficas convencionais de sua LM (ABAURRE, 1991, 2001; KATO, 1997; MIRANDA, 2007, 2009).

⁵ A expressão “*n’importe quoi*” do francês traduz-se para o português como “qualquer coisa”.

2.2 Aquisição de Língua Estrangeira (LE)

A presente seção visa a explicitar, a partir do conceito de interlíngua (doravante IL) proposto por Selinker (1972), a maneira pela qual se instala um subsistema linguístico ou uma IL na mente do aprendiz; de quais línguas o subsistema linguístico ou a IL busca subsídios para a sua instauração e, de que forma o aprendiz lida com as interferências linguísticas implicadas na constituição desse subsistema (IL).

Outro ponto discutido na seção, diz respeito à importância da compreensão por parte de educadores e pesquisadores do processo de formação da IL quando da aquisição da língua alvo. Compreender o processo e a forma como se dá a aquisição é de fundamental importância para o entendimento de que a emergência de erros nas produções dos aprendizes constitui parte integrante e inerente ao processo de aquisição da LE (cf. seção 1).

Finalmente, nesse capítulo, faz-se referência ao fato de que os erros nas produções linguísticas e nas produções escritas dos aprendizes de LE poderão ser resolvidos conforme o tempo de contato do aprendiz com o sistema linguístico estrangeiro.

2.2.1 A importância da IL no processo de aquisição da língua alvo

Nas últimas décadas, os estudos no campo de aquisição⁶ de LE têm ocupado um lugar importante nas pesquisas, especialmente, por ter a preocupação em explicar a maneira como se dá o processo de aquisição de um sistema linguístico estrangeiro na perspectiva de quem aprende uma LE.

Krashen (1982; 1985)⁷ contribuiu para com o avanço das pesquisas nesse campo, com seus estudos que permitiram ao professor de LE compreender um

⁶ Nesta tese não se faz diferenciação entre os termos “aquisição” e “aprendizagem” conforme preconizado por Krashen (1982). Opta-se por utilizar o termo “aquisição” com respaldo em Ellis (1994) que utiliza os termos “aquisição” e “aprendizagem” de forma intercambiável.

⁷ Os estudos recentes, embora demonstrem que a teoria de Krashen (1982; 1985) esteja ultrapassada, não negam o fato de que haja semelhanças no processo geral de aquisição de determinadas estruturas da LM e da LE, também, não negam a importância que tem a LM do aprendiz no processo de aquisição de uma LE.

pouco mais sobre seu objeto de trabalho. O autor atentou para aspectos envolvidos na aquisição de segunda Língua (L2)⁸ destacando as características do *input*, o papel da gramática no processo de aquisição de uma LE e a influência do ambiente (sala de aula) nesse processo chamando atenção ao fato de que, embora haja semelhança no processo geral de aquisição de determinadas estruturas da LE, em relação à aquisição dessas estruturas em LM, o processo de aquisição não é o mesmo nos sistemas de LM e de LE.

Em relação a esse fato, Vigotsky (2001) explica que:

(...) na língua materna, os aspectos primitivos da fala são adquiridos antes dos aspectos mais complexos. Estes últimos pressupõem uma certa consciência das formas fonéticas, gramaticais e sintáticas. No caso de uma língua estrangeira, as formas mais elevadas se desenvolvem antes da fala fluente e espontânea. [...] Os pontos fortes de uma criança em Língua Estrangeira são os pontos fracos em Língua Materna e vice-versa, ou seja, na sua própria língua a criança conjuga e declina corretamente, mas sem se dar conta disso; não sabe distinguir o gênero, o caso ou o tempo da palavra que está empregando. Numa Língua Estrangeira, distingue entre os gêneros masculino e feminino e está consciente das formas gramaticais desde o início. O mesmo ocorre com a fonética. Apesar de não cometer erros de pronúncia na sua língua materna, a criança não tem consciência dos sons que pronuncia, e, ao aprender a soletrar, tem muita dificuldade para dividir uma palavra nos sons que a constituem. Numa língua estrangeira, ela faz isso com facilidade, e a sua escrita não fica atrás da sua fala. É a pronúncia, a “fonética espontânea” que ela acha difícil dominar. A fala fluente e espontânea, com o domínio rápido e seguro das estruturas gramaticais, surge para ela como o resultado positivo de um estudo demorado e árduo. (VIGOTSKY, 2001, p. 136)

A citação de Vigotsky (2001) possibilita o entendimento de que os processos de aquisição de LM e de LE não ocorrem da mesma maneira, constituindo-se, então, em dois processos distintos de aquisição. A principal diferença apontada pelo autor está implicada com o grau de consciência envolvido na aquisição das estruturas linguísticas de uma LM e de uma LE. Segundo a visão de Vigotsky (2001), ao adquirir uma LM, o sujeito poderá não ter consciência das estruturas que utiliza, contrariamente ao que ocorre quando da aquisição de uma LE, momento em que a consciência tem papel importante na aquisição das estruturas linguísticas.

⁸ Segundo Boggards (1991), fala-se em Segunda Língua (L2), quando a aprendizagem se faz em contato com interlocutores nativos da língua que se está aprendendo e, em Língua Estrangeira (LE) quando esse tipo de contato não ocorre. No entanto, nesta tese, não se fará a distinção entre L2 e LE, conforme proposto por Krashen (1982), dar-se-á preferência à utilização do termo LE (cf. Ellis, 1994).

Relativamente, Vigotsky (2001) observa ainda que, embora distintos, os processos de aquisição de LM e de LE são interdependentes. Essa observação pode ser sustentada por meio da seguinte afirmativa feita pelo autor (cf. VIGOTSKY, 2001):

(...) o êxito de aprendizado de uma língua estrangeira depende de um certo grau de maturidade na língua materna. A criança pode transferir para a nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria. O oposto também é verdadeiro – uma língua estrangeira facilita o domínio das formas mais elevadas da língua materna. A criança aprende a ver a sua língua como um sistema específico entre muitos, a conceber os seus fenômenos à luz de categorias mais gerais, e isso leva à consciência de suas operações linguísticas. (VIGOTSKY, 2001, p. 137)

De acordo com essa citação de Vigotsky (2001), os processos de aquisição de LM e de LE podem alimentar-se mutuamente, porém, é importante insistir que, para o autor, embora haja um caminho de mão dupla entre a forma como são adquiridos os dois sistemas, há também diferenças. Vigotsky (2001) salienta que principal diferença entre a aquisição de uma LM e de uma LE está, sobretudo, no grau de consciência que o aprendiz de LE possui das estruturas adquiridas na LE, que poderão ocorrer diferentemente quando da aquisição da LM: momento em que o aprendiz pode também fazer uso de estruturas complexas de sua língua sem ter consciência de por que as emprega de uma forma e não de outra.

Grève & Passel (1973), Giacobbe (1992), Moita Lopes (1996), Cornaire (1998) e Moore (2001), por exemplo, também argumentam que os processos de aquisição de uma LM e de uma LE são distintos, porém entrecruzáveis. A discussão dos autores relativa à diferença entre a forma como ocorrem os processos de aquisição de uma LE e de uma LM considera, principalmente, o fato de que, ao iniciar o processo de aquisição da LE, o aprendiz já tenha passado pelo processo de aquisição da LM e, assim, mobilizado hipóteses ou estratégias⁹ que lhe serviram de apoio para a constituição daquele sistema linguístico (cf. CORNAIRE, 1998, e GIRARD, 1995). Nesses termos, Giacobbe (1992, p.18) argumenta que a aquisição da LM e da LE se processa diferentemente, porque as condições psíquicas e mentais em que se encontra o aprendiz de LE são diferentes daquelas em que se

⁹ Cornaire (1998) define estratégias como “todo agenciamento organizado, finalizado e regularizado por operações escolhidas pelo indivíduo para concluir uma tarefa que se apresenta a ele ou que é escolhida por ele” (p. 54).

encontra a criança que adquire sua LM¹⁰. Para o autor, a aquisição de uma LE, na maior parte dos casos, “corresponde a um período, no qual, o desenvolvimento cognitivo do sujeito encontra-se relativamente acabado”.

É importante referir que além da experiência linguística de quem aprende uma LE e do período de desenvolvimento cognitivo no qual o aprendiz de LE se encontra, o sistema linguístico estrangeiro se apresenta para o aprendiz como um sistema novo. Duran (1994) observa que o fato de o aprendiz de LE estar em contato com um sistema novo é que o induz a buscar apoio em seus conhecimentos linguísticos construídos quando da aquisição da sua LM. Isso ocorre porque em LM, que é sua primeira língua, o aprendiz compreende o sistema e utiliza as hipóteses de produção e compreensão permitidas pelo inventário daquela língua. São essas hipóteses mobilizadas pelo aprendiz de LE à época da aquisição da gramática materna que poderão ser expandidas e transferidas durante o processo de aquisição da língua alvo (cf. ROMBALDI, 2003).

No que diz respeito às expansões e transferências recém referidas, Giacobbe (1992) propõe que elas aconteçam, sobretudo, devido ao fato de que ao adquirir uma nova língua “o aprendiz deva construir seus próprios lexemas e as relações sistemáticas ligadas a eles, através da “reelaboração conceitual”¹¹ das estruturas linguísticas especiais e culturais de sua LM”, (p. 20). Nesse processo de “reelaboração conceitual”, o aprendiz poderá transportar estruturas linguísticas de um sistema para o outro, principalmente, aquelas envolvidas entre os sistemas fonéticos e fonológicos (GRÈVE & PASSEL, 1973; LAURET, 2000).

De acordo com o ponto de vista de Grève & Passel (1973, p. 124) quando se aprende uma LE, um segundo sistema fonológico **B** se junta ao primeiro **A**. Os sistemas **A** e **B** representam dois sistemas linguísticos diferentes e as transferências entre eles encontram-se na sua intersecção, conforme se demonstra através da ilustração na Figura 2.

¹⁰ Nessa perspectiva teórica não se está levando em conta o aprendiz bilíngue.

¹¹ Em relação à expressão “reelaboração conceitual” Giacobbe (1992) explica que adquirir uma nova língua obriga o aprendiz de LE a construir os lexemas dessa língua, bem como as relações sintáticas envolvidas com esses lexemas. Isso obriga o aprendiz a reconstruir as relações que dão significação aos lexemas, ou seja, a reelaborar conceitos (p. 20).

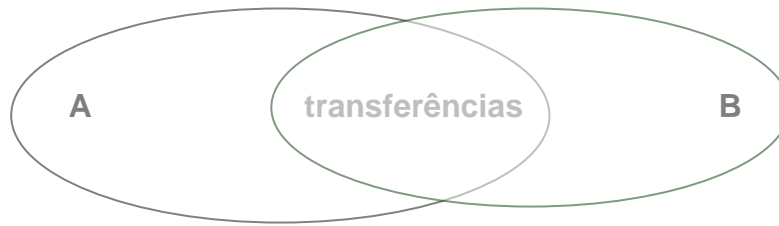


Figura 2 - Transferências fonológicas entre um dado sistema linguístico A e um dado sistema linguístico B (GRÈVE & PASSEL, 1973, p.124 (adaptado)).

Selinker (1972) define essa lacuna de intersecção formada entre um sistema linguístico **A** e um sistema linguístico **B** como sendo um sistema linguístico separado, ou seja, segundo o autor, forma-se uma estrutura psicológica latente no cérebro do aprendiz que está associada ao processo de aquisição de uma LE. É exatamente esse sistema linguístico separado ou estrutura psicológica latente que Selinker define como interlíngua (IL)¹².

Giacobbe (1992), ao adotar a teoria de Selinker (1972), explica que a IL representa “o sistema linguístico do aprendiz” e chama a atenção para o aspecto individual do sistema interlinguístico. Segundo o autor, e com referência em Corder (1973), “o aprendiz constrói uma língua que lhe é própria e que não pode se identificar apenas pela língua fonte (LM) ou apenas pela língua alvo (LE)”, (p. 23).

Selinker (1972) explica que a IL comporta regras da língua-alvo, vestígios da LM e, também, regras que não pertencem nem a uma nem a outra língua. A figura (3), apresentada a seguir, ilustra de maneira objetiva a elaboração do sistema interlinguístico pelo aluno-aprendiz, de acordo com os conceitos de IL formulados por Selinker (1972).

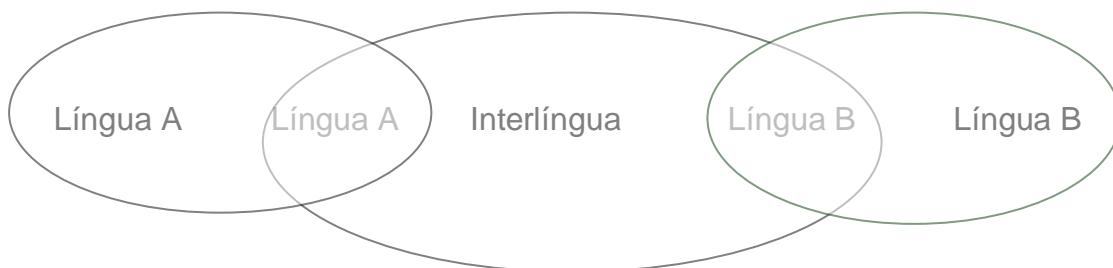


Figura 3 - Representação da IL. Adaptado de Corder (1981). In: Duran, 1994, p.85.

¹² Adotar-se á o termo interlíngua (do inglês *interlanguage*), conforme a acepção de Selinker (1972).

Da figura apresentada em (3) infere-se que durante a tarefa de se tornar proficiente na língua alvo, o aprendiz de LE, além de trabalhar com a conexão de duas línguas – a LM e a LE, trabalha com a conexão de três línguas – a LM, a IL e a LE. Nessa perspectiva, há uma tendência de a IL se aproximar mais do sistema da língua-alvo – LE – e, por isso, poder ser comparada à língua-alvo, e de a LM se apresentar como substrato de aquisição na montagem da IL e, por isso, apresentar estruturas próximas àquelas da LM do aprendiz, ou ainda, apresentar estruturas que se distanciam tanto da língua alvo como da LM – estruturas inerentes a ela própria (BESSE & PORQUIER, 1991).

Pelo fato de o aprendiz de LE não conseguir se distanciar do constante trabalho com as três línguas (LM, IL e LE), o seu processo de aquisição do sistema linguístico estrangeiro poderá fazer emergir erros em suas produções linguísticas. Grève & Passel (1973, p. 85) observam que o erro em produções linguísticas de aprendizes de LE acontece, principalmente, porque o aluno inicia a aquisição de uma LE com um sistema muscular e neuromuscular preparados para a produção física dos sons compatíveis com seu sistema linguístico materno. Nesse sentido, seus órgãos fonadores estão condicionados às estruturas fonéticas conciliáveis com àquelas de sua LM. Esse aspecto além de ter implicações na produção dos fones na língua alvo, poderá também intervir na percepção categorial dos segmentos¹³.

É importante ressaltar que o sistema interlinguístico tende a evoluir conforme o tempo de exposição do aprendiz à língua alvo e por isso os erros linguísticos tendem a diminuir nas suas produções. Segundo Besse & Porquier (1991), a IL poderá se aproximar mais do sistema da língua alvo – LE – na medida em que o tempo de exposição do falante a esse sistema evoluir.

Assim sendo, de acordo com Besse & Porquier (1991), a sistematização da LE é resultante de um itinerário de aprendizagem construído progressivamente e que pode se modificar com o tempo. Isso explica por que, em determinadas etapas do aprendizado de LE, erros de produção que eram frequentes passam a ser superados. O aprendiz, ao se aproximar do sistema da LE alvo, resolve lacunas existentes na sua IL e, para isso, usa a reflexão sustentada pelos conhecimentos já

¹³ Em relação a esse fenômeno, a pesquisadora, enquanto professora de FLE, observa comumente nas pronúncias de adultos brasileiros aprendizes de FLE produções para o pronome pessoal 'je' [ʒə] do francês, sequências do tipo [ʒ^a]. Fato que não coincide nem com a produção em língua materna que seria algo próximo a [ʒe] nem com a língua estrangeira que seria [ʒə]. Pode-se dizer que [ʒ^a] encontra-se na intersecção das duas línguas e constitui-se em uma produção inerente à língua do aprendiz.

consolidados em LM e também usa aqueles conhecimentos mais recentes, isto é, aqueles próprios à constituição do sistema linguístico estrangeiro.

2.3 A fonologia e as representações da nasalidade vocálica nos sistemas estudados

Passar-se-á, agora, a uma explanação dos estudos fonológicos acerca da representação da nasalidade vocálica nos sistemas em foco na tese, em especial, no que concerne aos argumentos trazidos pela fonologia para a presença de /ṽ/ ou de /VN/ nos sistemas do PB e do FS.

2.3.1 Aspectos gerais sobre a nasalidade em vogais no PB e no FS

A nasalidade das vogais apresenta-se como um tema polêmico no que tange ao seu estatuto fonológico em línguas como o FS e o PB. A questão crucial está em responder se essas línguas apresentam em seu sistema uma vogal nasal manifestada fonologicamente – cujo traço nasal encontra-se lexicalmente associado ao núcleo silábico; ou se a nasalidade resulta de um grupo composto por /VN/ - vogal oral + consoante nasal – cuja nasalidade vocálica é consequência do contato da consoante adjacente /N/ com a vogal oral precedente.

De acordo com a análise estruturalista de Camara Jr. (1970, 2006), a nasalidade muda significado, tanto em PB quanto em FS, conforme se observa nos exemplos apresentados em (1a) e (1b).

(1a) em português

lido /lido/ vs. lindo /liNdo/
 mudo /mudo/ vs. mundo /muNdo/
 cata /kata/ vs. canta /kaNta/

(1b) em francês

beau /bo/ ‘bonito’ vs. *bon* /bõ/ ‘bom’);
 chat /a/ ‘gato’ vs chant /ã/ ‘canto’
 mais /mɛ/ ‘mais’ vs mains /mẽ/ ‘mãos’

Na proposta de Camara Jr. (1970, 2006), os exemplos em (1a) e (1b) caracterizam a presença de “emissão nasal” (p. 46) nos dois sistemas linguísticos, no entanto, o autor ressalta que isso ocorre em condições fonológicas diversas nas duas línguas românicas em questão – segundo ele, no PB inexistem vogais nasais puras ou lexicais, enquanto que no FS as vogais nasais puras ou lexicais se manifestam.

A hipótese de Camara Jr. não é tida como unanimidade para a interpretação da presença da nasalidade em vogais nos sistemas alvo. Há autores que propõem que a nasalidade se manifeste como monossegmental - /ĩ/ no PB, assim como há aqueles que argumentam em favor de uma manifestação bissegmental - /VN/ para a nasalidade no FS.

Os argumentos da literatura, para explicar a ocorrência monossegmental - /ĩ/ ou bissegmental - /VN/ no FS e no PB, buscam subsídios, especialmente, na diacronia das línguas em questão, sobretudo em fatos concernentes a evolução histórica referente à produção de alvos exibindo nasalidade vocálica (cf. CARTON, 1997; TRANEL, 1987); na teoria morfológica, principalmente em discussões relativas à flexão de gênero: masculino e feminino (cf. DELL, 1993; TRANEL, 1987; SHANE, 1970); e, na fonologia, cuja predição da existência da nasalidade das vogais envolve três propostas: (i) “consoante nasal em coda”; (ii) “um autossegmento nasal” (N); e, (iii) “vogais nasais fonológicas” (cf. CAMARA JR., 1970, 2006; BISOL 2002; MATEUS e ANDRADE 2000; FREITAS, 1997, 2001, p.92-3).

A seguir, serão expostos com mais detalhes os argumentos de Bisol (2002), Mateus e Andrade (2000), Freitas (1997) e Costa & Freitas (2001) para a presença de /ĩ/ ou de /VN/ no português e, de Shane (1970) e Tranel (1987) para /ĩ/ ou /VN/ no francês. Entretanto, para que se possam entender os argumentos teóricos propostos para a existência de /ĩ/ ou de /VN/ nos sistemas em foco, será realizada, anteriormente à explanação das propostas dos autores supracitados, uma explicação mais ampla sobre a caracterização do sistema vocálico nasalizado para cada uma das línguas analisadas na tese.

2.3.1.1 Aspectos gerais sobre a nasalidade vocálica no PB e propostas fonológicas para a presença de /ĩ/ ou de /VN/ no sistema

Conforme mencionado na seção anterior as propostas, quanto ao estatuto das vogais em contexto de nasalização no português, são divergentes em dois aspectos: (i) ou assumem que fonologicamente ocorre vogal nasal - /ĩ/ (Pontes 1972; Freitas (1997); Costa & Freitas 2001); e, (ii) ou que fonologicamente ocorre vogal oral seguida de consoante nasal - /VN/ (cf. CAMARA JR., 1970, 2006; BISOL 2000; MATEUS e ANDRADE, 2000).

De acordo com Collischonn (2006), a proposta apresentada em (ii) é predominantemente assumida pelos pesquisadores brasileiros, entretanto, a proposta apresentada em (i), mesmo em menor frequência, também é aceita. Para Camara Jr. (1970, 2006) e Bisol (2002), a vogal nasalizada do PB resulta de uma estrutura VC. Mateus e Andrade (2000) defendem a ideia de uma vogal que recebe um traço [nasal] flutuante, o qual não ocupa posição no esqueleto silábico, tendo como resultado uma sílaba leve. A proposta de uma vogal nasal, lexicalmente nasal, é formulada por Freitas (1997). A autora propõe que as crianças portuguesas em fase de aquisição fonológica constroem um sistema que tem tanto vogais orais quanto vogais nasais, ou seja, as crianças iniciariam, segundo a autora, a aquisição da fonologia produzindo segmentos vocálicos nasais condizentes com um sistema linguístico que apresenta vogal nasal monossegmental ou lexical.

Camara Jr. (1970, 2006) explica que a nasalidade vocálica no sistema do PB manifesta-se de duas formas: uma fonética e outra fonológica. A nasalidade fonética é resultante do contato com uma nasal na sílaba seguinte, como, por exemplo, em 'lama'. Esta, por ser fonética, não gera contraste. Sua produção fonética, seja como [lãma] seja como [lama], não implica em mudança de significado. A nasalidade fonológica, no entanto, resulta de uma consoante nasal tautossilábica, como, por exemplo, em 'lança', esta, por ser fonológica, gera distintividade: a produção de [lasa] em vez de [lãsa] ~ [lãⁿsa] não preserva o mesmo significado. Em (2) elencam-se exemplos de nasalidade fonológica (contrastiva) segundo Camara Jr (1970, 2006, p.46-7).

(2)

lança x laça

cinto x cito

lenda x leda

lombo x lobo

junta x juta

Cabe reiterar que Camara Jr. (1970, 2006) considera todas as vogais produzidas no PB como nasalizadas, embora elas tenham distintividade, conforme exibem os exemplos em (2). O argumento para a ocorrência de vogais nasalizadas no PB, segundo o autor, está fundamentado no fato de elas resultarem da difusão de uma consoante nasal adjacente à esquerda.

Na visão de Camara Jr. (1970, 2006), a nasalização da vogal “é consequência obrigatória, em português, do travamento da sílaba por uma consoante nasal pós-vocálica” (1984, p.31). Esse fenômeno é reforçado por três fatos da língua (cf: BISOL, 2002, p.502):

- (i) A vibrante que cria oposições fonológicas entre vogais, caro/carro, sempre se realiza como forte depois de consoante e depois da vogal nasalizada, ‘guelra’, ‘Israel’, ‘genro’, ‘honra’.
- (ii) A ausência de hiato. Não há em português vogal nasal em hiato. Nesses casos ele desaparece boN – boa ou realiza-se como ataque da sílaba seguinte valentoN – valentona.
- (iii) A desnasalização do prefixo ‘in’ diante da líquida como, por exemplo, em ‘in + legal’ = ‘ilegal’.

Bisol (2002), semelhantemente a Camara Jr. (1970, 2006), explica que outros argumentos além dos exemplificados em (i), (ii) e (iii) sustentam as análises que interpretam em português a vogal nasal como /VN/ tautossilábica, como exemplificam-se o estabelecimento de relação nos pares do tipo ‘fim’/‘finalizar’, ‘limão’/‘limonada’; a ausência de vogal nasal na sílaba pré-final de proparoxítonas¹⁴ e o bloqueio ao sândi.¹⁵

¹⁴ ‘capénga’ mas nao ‘cápenga’.

¹⁵ lâ amarela *[lãmarela].

Camara Jr. (1970, 2006) e Bisol (2002, p.502) defendem ainda que em PB os contrastes fonológicos são estabelecidos através do grupo /VN/, em que a vogal é coberta de nasalidade pela consoante nasal seguinte *versus* vogal oral e através do ditongo nasal *versus* ditongo oral”, conforme se apresentam nos exemplos em (3).

(3) Exemplos de contrastes fonológicos através do grupo /VN/ segundo Bisol (2002)

senda/seda	mão/mau
lança/laça	pão/pau
rim/ri	põe/boi

Isso referenciado, cabe ainda observar, com base em Camara Jr. ([1970], 2006) que a consoante nasal pós-vocálica corresponde a um arquifonema¹⁶ dos fonemas nasais existentes em PB, o qual conserva deles, apenas o traço de nasalidade. O sistema fonológico das vogais nasalizadas do PB, segundo a perspectiva de Camara Jr. ([1970], 2006) adota o sistema pré-tônico das vogais orais + arquifonema nasal, de acordo com (4).

(4) Sistema fonológico das vogais nasalizadas em PB

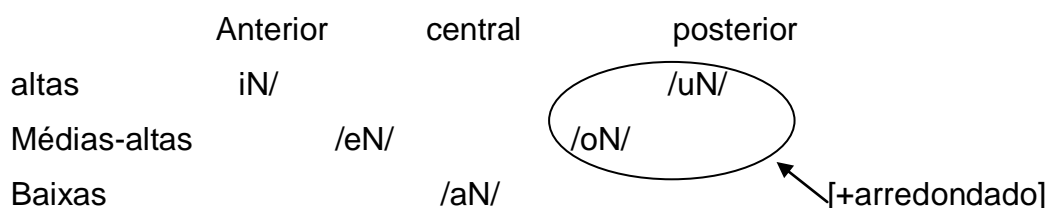


Figura 4 - Triângulo vocálico das vogais do PB (CALLOU & LEITE, 1999 p.77) (adaptado).

¹⁶ De acordo com Monaretto, Quednau e Hora *in* Bisol (2005, p.209) o termo arquifonema foi “criado por Nicolai Trubetzkoy, fonólogo da escola de Praga (1890-1939), representado por um símbolo, geralmente uma letra maiúscula, que indica a perda do contraste entre dois fonemas, causada por uma neutralização”.

Nota-se, a partir do triângulo vocálico apresentado em (4) que o sistema nasalizado do PB apresenta duas vogais altas, duas médias-altas e uma baixa, porém central e não arredondada.

Feitas essas colocações mais amplas sobre aspectos concernentes à nasalização em vogais no PB, a seguir, serão apresentadas as propostas da fonologia para a presença de /ĩ/ ou de /VN/ no português, de acordo com as teorias de Bisol (2002), Mateus e Andrade (2000), Freitas (1997) e Costa & Freitas (2001).

a) Proposta de Bisol (2002)

Seguindo a mesma abordagem de Camara Jr., porém diferindo em relação aos pressupostos teóricos, Bisol (2002) observa que em PB ocorrem dois processos de nasalização fonológica. O primeiro, lexical, “desassocia a nasal tautossilábica, sem traços articulatórios, para reassociá-la à rima, de onde percola até os elementos terminais” (p.503), criando ditongos nasais; o segundo, pós-lexical, é um processo de assimilação de N *in situ*, criando vogais nasais. De acordo com a análise de Bisol (2002), a nasalidade em PB “opera através de dois processos, o de estabilidade e o de assimilação” (BISOL, 2002 p.505).

O **processo de estabilidade**, de acordo com um dos construtos da teoria autossegmental, apaga a nasal subespecificada, tornando-a flutuante e gerando o ditongo nasal. Isso ocorre, segundo Bisol (2002), porque a vogal não recebe interpretação fonética. O **processo de assimilação**, no qual N subespecificado permanece *in situ*, espraia-se para a vogal precedente gerando a vogal nasal (BISOL, 2002 p.505).

É importante enfatizar que a análise de Bisol (2002) sustenta o argumento de que tanto “a nasalidade externa, atribuída por estabilidade, quanto à interna, por assimilação, pressupõem, na subjacência, uma vogal oral seguida de uma nasal subespecificada” (p.505). A seguir, será descrito o processo através do qual a nasalidade opera em português – o de assimilação -, proposto por Bisol (2002). O processo de nasalidade por estabilidade, referente à derivação dos ditongos nasais não será abordado porque foge ao escopo desta tese (para maiores informações cf. BISOL, 2002).

a) Nasalidade por assimilação (interna)

Este processo de nasalização em português estende-se somente para a vogal vizinha, pois não há no sistema o espriamento à longa distância. Diferentemente do processo de nasalização por estabilidade de uma vogal flutuante, o processo por assimilação, que gera a vogal nasal, não desassocia o autossegmento N. Parte-se do pressuposto de que a nasalização da vogal final sem vogal temática (doravante VT), ‘homem’, ‘cetim’ e ‘hífen’, pode criar um ditongo variável e aplicar-se à regra da nasalização no interior da palavra, como em ‘senda’, ‘campo’ e ‘manso’, por exemplo. Esse processo aplica-se tardiamente, no pós-léxico, conforme propõe Lee (1995) e Wetzels (1997).

Vale referir, segundo Bisol (2002), que tanto na nasalidade interna, como exemplificam ‘canto’ e ‘senso’, como na final, como exemplificam ‘jovem’ e ‘cetim’, os processos são fonéticos e diferem basicamente pelo fato de na primeira permanecerem *in situ*, criando somente ditongos, enquanto que na segunda, por espriamento dos traços articulatorios da vogal precedente ou da consoante seguinte, criarem um glide vocálico ou um glide consonântico, respectivamente. Em ambos os casos, uma vogal oral seguida de uma consoante nasal tautossilábica é coberta de nasalidade. Vejam-se em (8) os exemplos da derivação das palavras ‘campo’, ‘homem’ e ‘tom’.

(8)

	(campo)	(homem)	(tom)
Léxico	[kaNp] _{N, VN}	[omeN] _{N, EX -v}	[toN] _{N, -v}
Nível 1			
AVT	[kampo]	-	-
SIL	[kaN.po]	[o.meN]	[toN]
EX	-	[o.me<N>]	-
AC	(* .)	(* .)	(*)
AEE	-	[o.meN]	-
Pós-léxico			
EM	['Ka.N.po]	['o.meN]	['toN]
IN	['kam.po]	['o.meŋ]/['o.mej]	['toŋ]/['toŋw]
Apag. De N (opc.)	[ka.po]	n/a	n/a
Nucleação (opc.)	-	['o.miŋ]	-
...			
Saída	[kã̃.pu]/[ka:pu]	[ó.mej]/[ó.mẽ̃]/[ó.mĩ̃]	[tõŋ]/[tõw]

Bisol (2002, p.525)

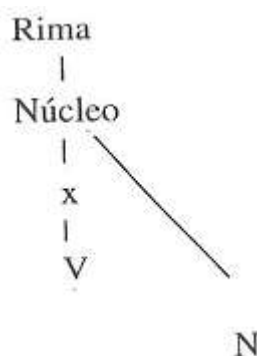
De (8) retém-se que: (i) “o elemento nasal, que propicia a nasalização da vogal em VN, continua sem ponto de articulação em todo o processo lexical” (p.525); (ii) a assimilação do ponto de articulação da consoante seguinte ou da vogal precedente atua no pós-léxico; e, (iii) o contexto, então, manifesta o segmento.

De forma resumida, toda a análise de Bisol (2002, p. 530) se desenvolve na perspectiva da fonologia lexical, concebendo um léxico composto de dois níveis: o da raiz e o da palavra. É no nível da palavra que se forma, por estabilidade, o ditongo nasal. Mas a nasalização por assimilação opera no componente pós-lexical. A principal diferença entre os dois tipos de nasalização reside nos fatos: (i) o ditongo nasal faz oposição fonológica com o ditongo não-nasal; e, (ii) a nasalidade interna tem, garantida na subjacência, seu valor fonológico, através da oposição VN/N.

b) Proposta de Mateus e Andrade (2000)

A proposta de Mateus e Andrade (2000) defende que um autosegmento nasal /N/ encontra-se associado diretamente ao núcleo. Segundo essa perspectiva, a vogal recebe um traço [nasal] flutuante que não ocupa posição no esqueleto silábico, o que resulta em uma sílaba leve, conforme se observa em (9).

(9)



O diagrama apresentado em (9), na perspectiva de Mateus e Andrade (2000), prevê que um autosegmento nasal flutuante não tem lugar no esqueleto silábico e, por isso, se liga diretamente ao núcleo. Essa abordagem “prevê a consideração de outro nível de representação, ocorrendo a ancoragem do autosegmento nasal \N\ sempre que uma vogal nasal ou um ditongo nasal são processados” (cf. COSTA & FREITAS, 2001, p.93).

Cabe ainda reiterar que a proposta de Mateus e Andrade (2000) compartilham o argumento de Camara Jr. ([1970] 2006) e de Bisol (2002) segundo o qual no PB não há vogais nasais lexicais, ou seja, essas últimas não se encontram ligadas diretamente à posição de núcleo silábico, criando, então, estruturas do tipo /VN/ nas representações subjacentes.

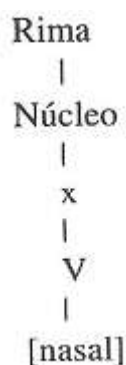
c) Proposta de Costa & Freitas (2001)

Costa & Freitas (2001), ao observarem produções de fala espontânea de crianças portuguesas com idade entre 0:10 e 4:7 anos, concluem que as crianças selecionam palavras-alvo com vogais nasais desde o início das suas produções. No

entanto, estes segmentos não se estabilizam no estágio inicial da produção, sendo nos estágios iniciais (1:3 a 1:11) as vogais nasais frequentemente produzidas como orais, como por exemplo, /bõ'bõ/ > [bɛ'be], /bõ'bõʃ/ > [bo'bojʃ], /'dēti/ > ['tɛt^hi]. De acordo com os autores, nos casos em que a nasalidade é produzida (2:11 a 3:7) ela é exclusivamente associada à vogal que é nasal no alvo. Nenhuma das outras vogais da palavra recebe nasalidade como, por exemplo, em 'branca' /'brẽke/ > ['brẽkɛ], e 'grande' /'grẽdi/ > ['gẽdi].

Os dados apontam, segundo Costa & Freitas (2001), para uma ênfase à natureza lexical da vogal nasal conforme visualiza-se por intermédio do diagrama em (10) e argumentam contra a representação da nasalidade como um autossegmento flutuante (ver diagrama em (9)).

(10)



Ainda para os autores, se a nasalidade fosse um autossegmento, esperar-se-ia a sua associação a outras vogais da palavra, que não somente aquela que é a nasal no alvo – erro que não se registra nos dados observados no estudo de 2001 realizado por Costa & Freitas.

Também, de acordo com Costa & Freitas (2001), o fato de o português europeu (doravante PE), contrariamente ao PB, não admitir vogais nasalizadas quando essas apresentam uma consoante nasal em ataque adjacente à direita, como por exemplo em [ka.ma] e [ka.na], pode argumentar contra a natureza autossegmental da nasalidade no sistema do PE. Esse argumento é defendido pelos autores com base na ausência de difusão da nasalidade da consoante para a vogal,

trazendo mais uma evidência para uma constituição monossegmental \Ń\ para essa variedade do português.

2.3.2 Aspectos gerais sobre a nasalidade vocálica no FS e propostas fonológicas para a presença de \Ń\ ou de \VN\ no sistema

Conforme anunciado na introdução dessa seção, as propostas da teoria para a representação das vogais em contexto de nasalização do FS são divergentes em dois aspectos: (i) as que assumem que fonologicamente ocorre vogal nasal lexical – \Ń\ – Tranel (1987); e, (ii) as que assumem que fonologicamente ocorre vogal oral seguida de elemento consonântico nasal – \VN\ – Shane (1970).

De acordo com Carton (1997), Delattre (1953) e Tranel (1987), por exemplo, a proposta apresentada em (i) é a mais assumida para interpretar as vogais em contexto de nasalização no sistema do FS porque é aquela que mais condiz com a forma como se constitui a nasalidade nesse sistema. Essa proposta é reforçada pelos estudos de Delattre (1953) cujas previsões apontam para um sistema no qual a difusão da nasalidade da consoante nasal para a vogal oral não é permitida.

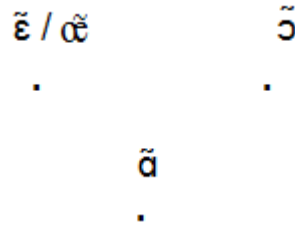
Entretanto, a proposta apresentada em (ii) também é aceita. Os estudos de Shane (1970) e Dell (1983), por exemplo, apontam para um sistema que representa a nasalidade por um grupo formado por dois elementos: vogal oral + consoante nasal. De acordo com Clements (2008)¹⁷ a hipótese (ii) é reforçada por evidências no sistema do francês tais como a variação do dialeto do *Midi*¹⁸ e de países francófonos para o francês falado em *Île de France*¹⁹, as alternâncias entre \Ń\ em finais de adjetivos masculinos como, por exemplo, em ‘benin’ [bənɛ̃] e entre \VN\ em finais de adjetivos femininos como, por exemplo, em ‘benigne’ [bənijɛ̃]. A historicidade é, ainda, um dos argumentos de Clements (2008) para que haja \VN\ no sistema, uma vez que na Idade Média as vogais tinham o estatuto de V + N.

Isso referenciado, cabe ainda observar, com base em Landercy & Renard (1977), que o sistema nasalizado tradicional do FS é constituído por quatro vogais em contexto de nasalização conforme se apresenta em (i), a seguir:

¹⁷ Comunicação pessoal realizada na Université Sorbone Nouvelle - Paris 3, em julho de 2008, com o autor.

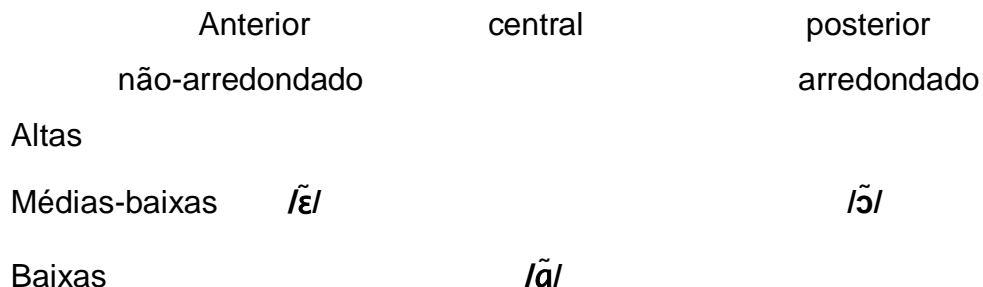
¹⁸ Sul da França.

¹⁹ Região de Paris.

(i) Sistema nasalizado tradicional do FS

In: Landercy & Renard (1977, p.86)

Entretanto, o sistema constituído por quatro vogais apresentado em (i) por Landercy & Renard (1977), reduz-se, atualmente, a três vogais em contexto de nasalização, devido à neutralização que é observada em FS moderno entre [ẽ] e [œ]. O sistema vocálico nasalizado do FS moderno fica, então, representado de acordo com Carton (1997) & Léon (2007), conforme segue em (ii).

(ii) Sistema nasalizado moderno do FS

Nota-se, a partir do triângulo vocálico apresentado em (ii) que no sistema do FS moderno /ẽ/ é média baixa, anterior e não-arredondada, /õ/ é média baixa, posterior e arredondada e, /ã/ é central, posterior e não-arredondada.

Feitas essas colocações mais gerais sobre aspectos concernentes à nasalização em vogais no FS, a seguir, serão apresentadas as propostas para a presença de /ã/ ou de /õ/ no francês, de acordo com Shane (1970) e Tranel (1987). É importante referir que os dois autores lançam mão de argumentos semelhantes baseados em alternâncias de gênero (em substantivos e adjetivos masculinos pode ocorrer vogal nasal enquanto que em femininos vogal nasalizada). No entanto,

Shane (1970) e Tranel (1987) chegam a conclusões distintas em relação ao estatuto da nasalidade em vogais no sistema do FS.

a) Proposta de Shane (1970)

O argumento de Shane (1970) para a representação da nasalidade vocálica em FS está embasado em uma constituição /VN/. Isso significa que, para o autor, a nasalidade nesse sistema linguístico é atribuída às vogais pela consoante seguinte e não decorrente de uma característica intrínseca a elas, isso quer dizer que a nasalidade em FS apresenta uma constituição bifonêmica, ou seja, uma representação subjacente que tem a presença da vogal oral + a consoante nasal.

O aspecto norteador da teoria de Shane (1970) em favor da constituição bifonêmica para a nasalidade em FS está fundamentado na ocorrência, no léxico francês, de alternâncias fonéticas entre vogal oral *versus* vogal nasal em algumas formas de substantivos, verbos e adjetivos. Nesses últimos, a alternância entre vogal oral e vogal nasal ocorre na mudança do gênero. Os adjetivos femininos formam seu gênero por vogal nasalizada, enquanto que os masculinos, por vogal nasal.

Os exemplos apresentados no Quadro 1 são trazidos pelo autor para mostrar as possibilidades de alternância entre vogal nasalizada *versus* vogal nasal permitidas pelas alternâncias fonéticas do léxico francês.

Quadro 1 - Alternância de vogal oral + consoante nasal com a vogal nasalizada segundo Shane (1970)

Pré-tônica	Tônica	Nasal
1. [i] divinité finesse jardinier	[ĩ] divine fine jardine	[ĩ̃] divin fin jardin
2. [e] plénitude refréner sérénade	[ẽ] pleine refrène sereine	[ẽ̃] plein frein serein
3. [a] (learned) [ɔ](nonlearned) humanité famine menotte vanité grenu	[ẽ] humaine vaine graine	[ẽ̃] humain faim main vain grain
4. [ɛ] (learned) [ɔ] (nonlearned) avènement venons chenil	[j'ẽ] viene chienne mienne	[j'ẽ̃] vient chien mien
5. [ə] Fenil	[w'a] soigne éloigne	[w'ẽ̃] soin loin foin
6. [a] planer romaniniste printanier	[ã] plane romane	[ã̃̃] plan roman printemps
7. [e] (learned) [ɔ] (nonlearned) prenons générique	[ẽ] prennent	[ã̃̃] prend genre
8. [ɔ] bonheur tonalité	[ɔ̃] bonne atone	[ɔ̃̃] bon ton
9. [y] unique parfumerie brunir	[ỹ] une parfume brune	[œ̃̃] un parfum brun
10.	[ø̃] Jeûne	[œ̃̃] Jeune

Shane (1970, p.46-7)

Como se pode observar, o Quadro 1 mostra que uma vogal oral + uma consoante nasal alternam com a vogal nasalizada nas formas de superfície dos substantivos, verbos e adjetivos femininos, enquanto que a vogal nasalizada ocorre nas formas de superfície dos adjetivos masculinos, como, por exemplo, em: 'divinité' [divinite] (substantivo) ~ 'divine' [divinə] (adjetivo forma feminina) ~ 'divin' [divĩ] (adjetivo forma masculina).

De acordo com essa proposta, a nasalização em francês é decorrente de uma representação subjacente que tem a presença da vogal oral mais a consoante nasal. A regra de nasalização, de acordo com Shane (1970, p. 49), diz que: antes de consoante nasal, vogais se tornam [+nasal] sempre que a consoante nasal estiver: a) em posição final de palavras; e, b) seguida de segmento consonantal (SHANE, 1970, p.49).

A consoante nasal é subseqüentemente apagada se a vogal precedente estiver nasalizada. A nasalização não pode ter lugar quando a consoante nasal for seguida por uma vogal. Assim, as formas citadas na segunda coluna do quadro (1) requererão sempre a vogal depois da consoante nasal, palavras como *fine* e *brune* devem, então, terminar em vogal central não tensa na sua forma subjacente.

Segundo o autor, evidências podem produzir quatro vogais nasalizadas derivadas da subjacência – vogal oral seguida de consoante nasal. Em formas como *persister* [persist'e] 'persist', *insister* [ẽsist'e] 'insist', *résister* [rezist'e] 'resist', que contêm o morfema *sist* /slst/, a fricativa inicial é [-sonoro], /s/, mas na posição intervocálica manifesta-se como [z]: *persister* versus *résister*. Embora, foneticamente, a inicial /s/ do morfema *sist* seja na posição intervocálica pronunciada como [+sonoro], em *insister* ela se manifesta como [-sonoro]. Esse fato mostra que *insister* é derivada da forma subjacente /ln + slst + Er/ e que, portanto, o radical da palavra está seguindo uma sílaba que possui uma consoante nasal.

O Quadro 2, apresentado a seguir, elenca, para cada um dos dez conjuntos mostrados no Quadro 1, a nasal subjacente, a vogal oral derivada (acentuada tônica) e a correspondente vogal nasalizada derivada.

Quadro 2 – Apresentação da nasal subjacente, da vogal oral derivada e da vogal nasalizada correspondente, segundo Shane (1970).

vogal subjacente	I E a ε e	A ε ɔ U o
vogal oral derivada	i e e jε wa	a ε ɔ y ø
vogal nasal derivada	ẽ ẽ ẽ jẽ wẽ	ã ã õ œ œ

Shane (1970, p. 48)

Do Quadro 2 depreende-se que há quatro vogais nasalizadas e é possível uma vogal nasalizada fazer parte de um ditongo com outra vogal oral. A regra da nasalização permite que a vogal subjacente se transforme em nasalizada quando as condições de contexto forem apropriadas.

Shane (1970) chama a atenção para as duas últimas linhas do quadro (2). Segundo o autor, observa-se que uma vogal oral derivada concorda em anterioridade e arredondamento com a correspondente derivada vogal nasalizada, exceto [wa] e [ε], cujas contrapartes são [wẽ] e [ã], respectivamente.

É importante salientar que, segundo Shane (1970), embora uma vogal oral derivada e a vogal nasalizada correspondente dividam os mesmos valores para os traços [anterior] e [arredondado], elas não necessariamente concordam em altura, uma vez que a vogal nasalizada é sempre [+baixo].

b) Proposta de Tranel (1987)

Para Tranel (1987), a representação da nasalidade em FS é /*Ń*/. Segundo o autor, há vogal nasal em FS, e essas vogais manifestam-se subjacentemente, embora ortograficamente se observe a sequência vogal oral + consoante nasal, já que não existem letras exclusivas para representar as vogais nasais em francês e elas são sempre grafadas por meio de combinações específicas de letras.

Com base no sistema ortográfico do francês, o autor argumenta que a nasalidade da vogal em FS possibilita a distinção de significado entre palavras. No Quadro 3 são exibidos outros exemplos que consubstanciam a proposta de Tranel

(1987) em favor de /ṽ/ subjacente e exibem contrastes entre vogal oral e consoante nasal e vogal nasal.

Quadro 3 – Distintividade das vogais nasais em francês segundo Tranel (1987).

[ɛ] – [ɛ̃] <i>mais-mains</i> (mas-mãos) / <i>sec-cinq</i> (seco-cinco) / <i>messe-mince</i> (missa-magro)
[a] – [ã] <i>las-lent</i> (abandonado-lento) / <i>passe-pense</i> (passa-pensa) / <i>âtre-antre</i>
[o] – [õ] <i>peau-pont</i> (pele-ponte) / <i>faute-fonte</i> (erro-fonte) / <i>ose-onze</i> (ousa-onze)

Tranel (1987, p.70)

Tranel (1987) chama a atenção para o fato de a vogal nasal também contrastar com sequências do tipo vogal oral + consoante nasal. Deste modo, segundo ele, há em francês um grande número de adjetivos e substantivos terminados por uma vogal nasal no masculino, mas, no feminino, há uma vogal oral seguida por consoante nasal. Essa alternância entre [ṽ] e [Vn] pode ser dividida em diversos grupos, de acordo com a qualidade da vogal oral encontrada no feminino, conforme exemplificado a seguir, no quadro (4).

Quadro 4 – Alternância entre \ṽ\ - forma masculina e \VN\ - forma feminina

\ṽ\ - forma masculina	\VN\ - forma feminina
divin <i>divino</i>	divine <i>divina</i>
Jean <i>João</i>	Jeanne <i>Joana</i>
paysan <i>agricultor</i>	paysanne <i>agricultora</i>
fin <i>fino</i>	fine <i> fina</i>
voisin <i>vizinho</i>	voisine <i>vizinha</i>
bom <i>bom</i>	bonne <i>boa</i>
baron <i>barão</i>	baronne <i>baronesa</i>

Tranel (1987, p.70)

Conforme se visualizam em (4) há alternância de /VN/ para as formas femininas e de /ṽ/ para as formas masculinas. Relativamente às alternâncias exibidas no Quadro 5, Tranel (1987) observa que existem somente dois casos no qual a consoante no feminino não é [n] mas [ɲ]: bénin [benɛ̃] – bénigne [beniɲ] (bondoso-bondosa) e malin [malɛ̃] – maligne [malɲ] (esperto-esperta). No entanto, ‘maline’ [malin] também é uma forma encontrada.

Outras alternâncias, segundo Tranel (1987), entre vogal nasal e sequências de vogal oral + consoante nasal, caracterizam as terceiras conjugações de verbos (irregulares) e servem para distinguir entre o singular e o plural no presente do indicativo e do subjuntivo no presente singular. Os verbos mais comuns são:

- (i) tenir, venir e os derivados appatenir, contenir, retenir, soutenir, devenir, prevenir, revenir, se souvenir
- (ii) joindre e os derivados rejoindre
- (iii) craindre, éteindre, peindre, plaindre
- (iv) prendre e os derivados apprendre, comprendre, suspendre

Com a finalidade de melhor argumentar em favor da constituição de nasalidade pura ou subjacente no sistema do FS, Tranel (1987) busca evidências fundamentado em um estudo contrastivo entre o sistema de nasalidade vocálica do FS e do inglês e na diacronia da língua francesa.

Tranel (1987) observa que não há vogal nasal subjacente em inglês, porque nessa língua tais vogais não distinguem significado e não apresentam distintividade funcional entre si como em FS. Em inglês, de acordo com o autor, quando se afirma que não há vogal nasal, o argumento não é puramente fonético, sobretudo porque a nasalidade não serve para criar distinção de significado (TRANEL, 1987, p.72).

As evidências para que ocorra /ṽ/ na subjacência buscadas na diacronia, têm sustentação no fato de a nasalização de uma vogal oral antes de uma consoante nasal e o subsequente apagamento da consoante nasal em alguns contextos serem processos fonéticos resultantes da emergência da vogal nasal na história da língua francesa. No francês antigo, vogais se tornavam fortemente nasalizadas antes de uma consoante nasal. No francês médio, as consoantes nasais desapareceram quando estavam nas mesmas sílabas que as vogais nasais (isto é,

quando a sequência [VN] estava no fim de uma palavra ou se encontrava antes de uma consoante), enquanto que as vogais nasais não eram nasalizadas quando as consoantes nasais pertenciam a sílaba seguinte, isto é, quando a sequência [VN] precedia uma vogal (verificar Quadro 8).

Quadro 5 – Alternância VN e \tilde{v} no francês antigo, medieval e moderno, de acordo com Tranel (1987)

	<i>bon</i>	<i>bonne</i>	<i>bonté</i>	Fenômeno histórico
Francês Antigo	[bõn]	[bõnə]	[bõnte]	Nasalização: VN → \tilde{v} N
Francês Medieval	[bõ]	[bɔnə]	[bote]	i. Apagamento da consoante nasal: \tilde{v} N → VN na mesma sílaba ii. Desnasalização: \tilde{v} N \tilde{v} → VNV
Francês Moderno	[bõ]	[bɔn]	[bote]	Apagamento do final ə

Tranel (1987, p.74)

Ao longo dos séculos, as qualidades das vogais nasais mudaram e seu número ficou reduzido. \tilde{i} → \tilde{e} , \tilde{y} → $\tilde{æ}$, \tilde{e} , $\tilde{ê}$ → $\tilde{ã}$. Esse fato explica por que, na ortografia atual, as vogais nasais [ẽ] e [ã] são transcritas por meio de diversas letras: a ortografia continua a refletir distinções fonéticas que existiram no passado e foram neutralizadas desde então.

Com a desnasalização, as vogais nasais que vieram das vogais fechadas [i] e [y] recuperaram sua qualidade fechada original. Em contraste, quando [ã] originado de [e] foi desnasalizado antes de mudar para [ã] ele não recuperou a sua qualidade vocálica original, simplesmente tornou-se [a]. Isso explicaria, segundo Tranel (1987), a pronúncia [a] da letra ‘e’ em palavras como ‘femme’ [fam].

2.4 A ortografia e a representação gráfica da nasalidade vocálica nos sistemas estudados

Passar-se-á, agora, à explanação dos sistemas ortográficos convencionados pelo PB e pelo FS para ortografar as vogais em contexto de nasalização. Primeiramente, serão tecidas as considerações acerca do sistema ortográfico de vogais em contexto de nasalização do PB e sua interface com a fonologia da língua. Na sequência, serão feitas as mesmas considerações acerca do sistema do FS.

2.4.1 Sobre o sistema ortográfico das vogais nasais²⁰ do PB e sua interface com a fonologia

Faraco (2001) defende que a representação básica das letras vocálicas nasais em português é a letra vogal ‘a’, ‘e’, ‘i’, ‘o’ e ‘u’ seguida de ‘m’, quando a sílaba seguinte começa com ‘p’ ou ‘b’, ou ‘n’ quando a sílaba seguinte começa com uma das demais consoantes, o que corresponde, segundo o autor, a uma representação quase biunívoca.

O autor chama a atenção para o fato de a representação ortográfica das nasais ser quase biunívoca porque, segundo ele, as vogais nasais podem ter outras representações, como o caso dos ditongos, que serão referidos posteriormente. Cagliari (2002), em defesa da pouca opacidade para o sistema ortográfico nasal, argumenta que a relação entre a produção fonética e fonológica e a produção escrita e ortográfica poderá estar criando esta relativa transparência no sistema. Segundo o autor, os livros didáticos mostram que a relação entre as letras nasais ‘m’, ‘n’, ‘nh’ equivaleria quase diretamente a suas respectivas produções fonéticas [m, n, ɲ] com exceção das palavras que terminam com ‘ram’ ou ‘rão’ (Cagliari, 2002, p. 67).

Com base nas argumentações de Faraco (2001) e Cagliari (2002), assume-se que, as representações ortográficas das vogais em PB apresentam um alto grau de regularidade e estão distribuídas, conforme em (11).

²⁰ Utiliza-se o termo nasal com referência em Faraco (2001). Chama-se a atenção também ao fato de que o termo nasal está se referindo ao sistema ortográfico e não ao sistema fonético e fonológico.

(11) Representação das vogais nasais em português, Faraco (2001)

- /i/ - 'im': timbre, limpo
 - 'in': tinta, trinco
- /ẽ/ - 'em': tempo, sempre
 - 'en': tentar, pensão
- /ã/ - 'am': lamber, campo
 - 'an': mandar, manco
- /õ/ - 'om': bomba, pompa
 - 'on': conta, longo
- /ũ/ - um: bumbo, cumprir
 - un: mundo

Faraco (2001, p.37)

De acordo com (11) fazem-se as seguintes considerações:

- (i) a vogal [ã] em posição final e em palavras derivadas com o sufixo 'zinho' e 'mente' é sempre representada por 'ã', como em 'lã', 'fã', 'irmã', 'órfã'.
- (ii) as demais vogais nasais são ditongadas em posição final de palavras conforme demonstradas pelo Quadro 6.

Quadro 6 – Exemplos de ditongação das vogais nasais segundo Faraco (2001)

Semivogais	/w/	/j/
Vogais /ã/	ão: pão, órfão • Nas formas verbais - ão (quando forte) falarão, ouvirão, venderão - am (quando fraco) falaram, ouviram, venderam	ãe: mãe, pães • -ai, quando seguido de consoante nasal: faina, paina; • muito raramente ãi: câimbra
/ẽ/	-	em (plural ens): bem/bens; contém, porém, também. • muito raramente en: hífen, líquen
/ĩ/	-	im (plural ins) rim/rins, sim, assim.
/õ/	om (plural ons) bom/bons, som, com.	õe: põe, corações • nas formas verbais, marca-se a diferença singular/plural, acrescentando-se um m: ele põe/ eles põem.
/ũ/	um (plural uns): álbum/álbuns, um, atum	- ui (raro) muito

Faraco (2001, p.41) (adaptado)

Faraco (2001) observa que o ditongo nasal /jẽ/, quando em sílaba fraca final, tende a perder a nasalidade e converter-se em uma só vogal como em /o.mi/ e não /o.měj/.

A partir dessas considerações, pode-se reter dessa subseção que a interface ortografia e fonologia do sistema ortográfico das vogais nasais do PB apresenta uma representação com pouca opacidade entre letra/som/fonema e, resumidamente, representa-se como ilustrada pelo Quadro 7.

Quadro 7 – Resumo das representações ortográficas das vogais nasais em português (PB)

Em posição inicial, mediana e final	Em final ditongadas
a + n ou m (diante de p, b)	ãe, ães, ão, am,
e + n ou m (diante de p, b)	em, ens
i + n ou m (diante de p, b)	im, ins
o + n ou m (diante de p, b)	õe, ões, õem, om
u + n ou m (diante de p, b)	um, uns

Faraco (2001 p.39-41) (adaptado)

2.4.2 Sobre o sistema ortográfico das vogais nasais do FS e sua interface com a fonologia

De acordo com Catach (1995), a nasalidade vocálica em francês é transcrita através da adição, logo em seguida da vogal oral, de um ‘n’ ou de um ‘m’ (diante de ‘m’, ‘b’, ‘p’)²¹.

Na perspectiva de Catach (1995, p. 107), o francês possui quatro vogais nasais, a saber: [ã], [õ], [ɛ̃] e [œ̃]. A autora sustenta que, estatisticamente, a ocorrência das quatro vogais, no sistema linguístico francês é desigual, conforme se pode observar pela frequência apresentada a seguir.

/ã/ tem frequência de 3,3% de ocorrência.

/õ/ tem frequência de 2% de ocorrência.

/ɛ̃/ tem frequência de 1,4% de ocorrência.

/œ̃/ tem frequência de 0,5% de ocorrência.

²¹ As vogais, segundo Catach (1995), são nasais quando o n ou o m se encontram diante de uma consoante ou no final de sílaba ou vocábulo. São orais quando o n se encontra diante de uma vogal ou n, m seguida de vogal.

Desta forma, na mesma perspectiva de Tranel (1987), que afirma haver uma tendência de /ɛ̃/ tomar o lugar de /œ̃/, Catach (1995) argumenta em favor dessa tendência seguindo os percentuais de frequência. Para a autora, /œ̃/ tende a desaparecer devido a sua baixa frequência de ocorrência na língua, fato que daria preferência à ocorrência do segmento /ɛ̃/ por ser mais frequente e mais próximo do segmento /œ̃/.

Segundo a autora, as vogais nasais se opõem por duas formas:

(i) entre elas: /ɛ̃/ x /ã/ x /õ/ - *pince* - [pɛ̃s] / *pense* - [pãs] / *ponce* - [põs]

(ii) entre as vogais orais: /a/ x /ã/ - *pas* [pa] / *pan* [pã]

/ɛ/ x /ɛ̃/ - *paix* [pɛ] / *pain* [ɛ̃]

/o/ x /õ/ - *beau* [bo] / *bon* [bõ]

Feitas essas observações com base em Catach (1995), apresentam-se nos Quadros 8, 9 e 10, respectivamente, as representações ortográficas para /ɛ̃/ arquigrafema²² IN, /ã/ arquigrafema AN e /õ/ arquigrafema ON.

²² Segundo Catach (1995, p. 17), arquigrafema é um grafema fundamental, representante de um conjunto de grafemas que são, em relação aos outros conjuntos, correspondentes ao mesmo fonema e ao mesmo arquifonema. O arquigrafema é representado por uma ou mais letras maiúsculas, como por exemplo: O para 'ó', 'ô', 'eau', 'au' – representações gráficas possíveis para [o] e [ɔ].

Quadro 8 - Representações ortográficas do fone [ɛ̃] - arquigrafemas IN e UN

Arquigrafema	Fone	Grafema	Posição	Exemplos
IN	[ɛ̃]	in (im)	<ul style="list-style-type: none"> • prefixos in- (im-), inter • in- e (im-) se desnasalizam normalmente diante de 'n', 'm' + vogal • alternância com feminino e derivados em i + n, i + gn 	infime, important innover [i] (mas immanquable [ɛ̃] fin/finesse malin/maligne
		ain (aim)	<ul style="list-style-type: none"> • alternância com feminino e derivados em ai + n, ai + gn • alternância com os derivados em a (às vezes e) 	sain/saine bain/baigner Craïn/craïnaint faim/affamé Main/manier menotte
		ein	<ul style="list-style-type: none"> • alternância com feminino e derivados em ei + n, ei + gn • alternância com os derivados em e (às vezes i) 	plein/pleine (il) peint/ (qu'il) peigne, peignant peine/pénible seing/seigner
		en	<ul style="list-style-type: none"> • em posição final depois de 'i' e 'y' (ien, éen, yen, não seguidos por t) • nas conjugações vient, tient e seus compostos • em algumas palavras latinas ou gregas 	chien/chienne lycéen/lycéenne moyen/moyenne convient/contient examen, benzine pentagone
		yn (ym)	<ul style="list-style-type: none"> • palavras gregas, sobretudo em prefixos syn- (sy-, syl-, sym-) 	symphonie, syllabe, thym
UN	œ̃ ► ɛ̃	un (um)	<ul style="list-style-type: none"> • em todas as posições • alternância com u + n, u + m diante de vogal 	brun, parfum un/une
		eun	<ul style="list-style-type: none"> • alternância com eu 	jeun/jeûne

Catach (1995, p. 115 e 119) (adaptado)

Conforme se pode depreender de (8), a vogal [ɛ̃] divide a escolha pela grafia 'in', 'im', 'ain', 'ein' e 'yn' para o arquigrafema IN e para o arquigrafema UN, 'un' com variante 'um' diante de 'm', 'p', 'b' e 'eun' quando em alternância com 'eu'. Segundo Catach (1995), não é possível justificar o emprego de cada uma das representações sem recorrer ao paradigma e à derivação.


Quadro 9 - Representações ortográficas do fone [ã] arquigrafema AN

Arquigrafema	Fone	Grafema	Posição	Exemplos
AN	[ã]	an (am - diante de m, p, b)	<ul style="list-style-type: none"> em todos participios presentes adjetivos e nomes em -mant finais em -an, -ane alternância com a + (n) diante de vogal alternância com derivadas em a prefixos e compostos -ant,-ance correspondentes verbos 	aimant, sachant charmant/ante musulman/ane pan, pa(n)ne santé/sanitaire anti-, ampli-, anté-, ambi- abondant, abondance
		en (em - diante de m, p, b)	<ul style="list-style-type: none"> preposição e prefixos 'en' e compostos preposição e prefixo 'entre' e compostos sufixo -ment Finais em -ient e derivadas alternância com e + (n) diante de vogal alternância com compostos e derivados em 'e' e 'i' -ent,-ence correspondentes verbos, nomes e adjetivos originados do latim 	enlever, emporter entreposer doucement, dévouement client(e), orient(al) prend/prenne emparer/imparable genre/générique cendre/incinérer confident, confidence

Catach (1995, p. 110)

Conforme (9), Catach (1995) observa que o sistema francês para ortografar o fone [ã] escolhe dois grafemas concorrentes ‘an’ e ‘en’. ‘An’ é a grafia não ambígua dos participípios presentes, dos nomes e dos adjetivos. ‘En’ é a grafia ambígua da preposição e do prefixo –en, do sufixo –ment nos advérbios e nos substantivos. Em posição final, a autora ressalta que é útil recorrer ao paradigma sempre que possível.

Quadro 10 - Representações ortográficas do fone [ã] arquigrafema ON

Arquigrafema	Fone	Grafema	Posição	Exemplos
	[ã]	on (om)	<ul style="list-style-type: none"> • em todas posições • alternância com o + (n), n, o + (m) m diante de vogal (seguida de dupla consoante) 	<p>songe, sombre</p> <p>om, bonne</p>

Catach (1995) p. 118

De acordo com (10), [ã] apresenta somente um grafema ‘on’ com variações diante de ‘m’, ‘p’ e ‘b’. A maioria das palavras latinas em ‘un’ (um), evoluíram para ‘on’.

A partir das considerações anteriormente tecidas, pode-se reter desta seção que a interface ortográfica e fonológica do sistema ortográfico das vogais nasais do FS apresenta pouca opacidade entre letra/som/fonema. Em (11), apresenta-se um resumo dessas relações.

Quadro 11 - As representações ortográficas das vogais nasais em francês

Vogal	Em posição inicial, mediana e final	Em posição final
ẽ	i + n ou m (diante de m, p, b) 'in', 'im'	i + n ou m + dígrafos ien', 'ein', 'eint' 'ain', 'aint', ', 'yn', 'inct
œ̃ → ẽ	u + n ou m (diante de m, p, b) 'un', 'um'	u + n ou m + dígrafos 'unt'
ã	a + n ou m (diante de m, p, b) e + n ou m (diante de m, p, b) 'en', 'an' 'em', 'am'	a + n ou m + dígrafos e + n ou m + dígrafos 'ant', 'ent', 'and', 'ang', 'anc'
õ	o + n ou m (diante de m, p, b) 'on', 'om'	o + n ou m + dígrafos ond', 'ont', 'onc'

BECHERELLE. *L' orthographe pour tous*. Hatier, Paris, 1997, p. 71-78 (adaptado).

2.5 A fonética acústica e perceptual e os valores formânticos das vogais em contexto de nasalização nas línguas estudadas

Passar-se-á, agora, à explicação a respeito da forma como são articuladas e produzidas as vogais nasais, nasalizadas e orais e, em seguida, serão abordados os valores formânticos de vogais em contexto de nasalização no PB e no FS.

2.5.1 A articulação e a produção de vogais nasais, vogais nasalizadas e vogais orais

Antes de abordar os valores formânticos das vogais em foco nesta pesquisa, nas duas línguas estudadas, é importante fazer uma breve referência sobre a forma como são articuladas e produzidas as vogais nasais, as vogais nasalizadas e as vogais orais.

A nasalidade em vogais é produzida basicamente pelo acoplamento de duas cavidades: (i) a cavidade oral; e (ii) a cavidade nasal, podendo resultar em dois tipos de nasalização. O primeiro tipo diz respeito à coarticulação de vogais adjacentes (vizinhas) pela presença de uma consoante nasal, que gera vogais nasalizadas, enquanto que o segundo tipo implica na inexistência de uma consoante nasal simultânea à vogal precedente, que gera vogais nasais.

Em se tratando da articulação e da produção de vogais nasalizadas há um retardo (lentidão) do abaixamento do véu palatino. Nesse caso, o abaixamento do véu palatino começa na produção de uma consoante nasal, anteriormente ao início do movimento do trato oral para a oclusão, de maneira que a abertura do véu já se encontre acabada na oclusão do trato oral e permaneça um tempo abaixada após o término da oclusão. Isso faz com que partes de vogais que antecedam ou sigam as consoantes nasais também sejam nasalizadas (cf. Souza (1994); Seara (2000); Vaissière (2006)).

No que concerne à articulação e à produção de vogais nasais o véu palatino se abaixa para a produção da vogal, promovendo o acoplamento do trato nasal por toda a duração da vogal, devido ao fato de não existir, por articulação, consoante contígua à vogal oral (cf. Montagu (2007); Delvaux (2001; 2003)).

Com respeito às vogais orais, não há abaixamento do véu palatino, fazendo com que o ar escape todo pela boca, produzindo, assim, esse tipo de vogal.

Feitas essas considerações acerca da forma como são articuladas e produzidas as vogais nasais, nasalizadas e orais, doravante, serão tratados, na sequência, os valores formânticos das vogais focalizadas no estudo e, por último, serão tecidas algumas comparações entre os valores formânticos das vogais em foco nos dois sistemas estudados.

2.5.2 Valores formânticos de vogais em contexto de nasalização no PB

No que tange aos valores formânticos referentes à nasalização de vogais no PB, Medeiros (2007, p. 171-72) cita os dados de Cagliari (1977) e, através deles, mostra que há diferenças entre os padrões dos primeiros formantes e dos segundos, respectivamente, F1 e F2. A autora observa:

Há diferença de 120 Hz entre o F1 de [ã] e o F1 de sua oral correspondente [a] e uma diferença de 410 Hz entre o F2 de [ĩ] e [i]. A vogal nasal baixa é aquela que apresenta F1 sempre menor que o da sua contraparte oral, indicando elevação da mandíbula, o que não ocorre com as vogais altas das duas extremidades superiores do triângulo vocálico. (MEDEIROS, 2007, p. 171-72).

Do mesmo modo, Souza (1994) explica que no tocante a F1 tem-se uma média de 738 Hz para [a] x 630 para [ã]; 351 Hz para [e] x 550 para [ɛ] x 482 Hz para [ê]; 291 Hz para [i] x 279 para [ĩ]; 393 Hz para [o] x 576 Hz para [ɔ] x 543 Hz para [õ]; 299 Hz para [u] x 310 para [ũ]. A vogal [ĩ] apresenta aumento de F2 e F3 relativamente à [i] e, a vogal [ũ] aumento de F3 relativamente a [u]. De forma mais objetiva pode-se visualizar medidas de F1, F2 e F3 por intermédio do Quadro 12 elaborado a partir dos dados de Souza (1994).

Quadro 12 – Valores de F1, F2 e F3 de vogais nasais *versus* vogais orais, de acordo com Souza (1994)

vogal	F1	F2	F3
[a]	738	1271	2378
[ã]	630	1298	2427
[e]	351	2023	2630
[ɛ]	550	1826	2463
[ê]	482	2061	2631
[i]	291	2111	3070
[ĩ]	279	2248	3168
[o]	393	745	2556
[ɔ]	576	870	2431
[õ]	543	684	2756
[u]	299	640	2370
[ũ]	310	520	2561

In: Souza (1994, p. 65-78)

Ainda nesse estudo, Souza (1994, p. 97) verifica que:

as sílabas em que se encontram as vogais nasais são mais longas que as sílabas em que se encontram as suas correspondentes orais. Entre as vogais nasais, [ê] foi a vogal de maior duração, seguida, respectivamente, por [ã] e [õ]. A vogal [ũ] apresentou-se como a vogal nasal com menor duração, sendo seguida de perto por [ĩ]. (SOUZA, 1994, p. 97).

Por intermédio do Quadro 13, elaborado a partir dos dados de Souza (1994), pode-se visualizar as médias de duração da vogal e do murmúrio nasal das vogais do PB.

Quadro 13 – Médias de duração da vogal e de duração do murmúrio nasal para as vogais do PB, de acordo com Souza (1994)

Vogal	Média de duração da vogal	Média de duração do murmúrio nasal
[a]	123,03	-
[ã]	163,54	62,64
[e]	98,17	-
[ɛ]	109,77	-
[ê]	170,05	43,37
[i]	86,85	-
[ĩ]	155,6	68,25
[o]	106,11	-
[ɔ]	123,3	-
[õ]	161,58	58,53
[u]	88,54	-
[ũ]	144,38	67,2

In: Souza (1994, p. 90-96)

Verifica-se no quadro (13) que, em relação ao murmúrio nasal, a vogal [ĩ] apresentou a maior média de duração do murmúrio, sendo seguida por [ũ] e [ã]. As vogais que apresentaram menores médias de duração do murmúrio foram as vogais [ê] e [õ] (cf. Souza (1994, p. 98).

2.5.3 Valores formânticos de vogais em contexto de nasalização no FS

Para as vogais nasais do FS, Delattre (1953) explica que as vogais em alvo têm um formante alto, próximo da sua contraparte oral correspondente e dois formantes baixos, na mesma altura para as tradicionais três vogais nasais, conforme se visualizam em (14a e 14b), nos quadros extraídos de Léon (2007, p. 116-17).

Quadro 14a - Classificação fisiológica e acústica das vogais orais do francês em Hz, de acordo com Léon (2007, p. 116)

Altas	[i]	[y]	[u]
F1	250	250	250
F2	2.500	1.800	750
Médias-altas	[e]	[ø]	[o]
F1	375	375	375
F2	2.200	1.600	750
Médias-baixas	[ɛ]	[œ]	[ɔ]
F1	550	550	550
F2	1.800	1.400	950
Baixas	[a]		[ɑ]
F1	750		750
F2	1.700		1.200

In: Léon (2007, p. 116) (adaptado)

Quadro 14b - Classificação fisiológica e acústica das vogais nasais do francês em Hz de acordo com Léon (2007, p. 117)

	Vogal posterior	Vogais posteriores	
	Não-arredondada	Não-arredondada	Arredondada
	[ɛ̃]	[ã]	[õ]
F1	250	250	250
F2	600	600	600
F3	1750	950	750

In: Léon (2007, p. 117) (adaptado)

Por intermédio dos quadros (14a) e (14b) pode-se verificar que as vogais nasais apresentam um formante alto, próximo da vogal oral correspondente, e dois formantes baixos, na mesma altura para as três vogais nasais. Os dois formantes baixos – F1 e F2 – são, então, responsáveis pela nasalidade em francês (cf. Delattre, 1953; Hansen, 1998; Léon, 2007).

2.5.4 Comparação entre os valores formânticos das vogais em contexto de nasalização no PB e no FS

As médias dos valores de F1, F2 e F3 encontrados por Souza (1994) para as vogais em contexto de nasalização do PB e aquelas propostas por Léon (2007) para as vogais em contexto de nasalização do FS distribuem-se de acordo com o Quadro 15.

Quadro 15 – Médias de F1, F2, F3 para as vogais em contexto de nasalização do PB e do FS de acordo com Souza (1994) e Léon (2007)

PB			
Vogal	F1	F2	F3
[ẽ]	630	1298	2427
[ẽ]	482	2061	2631
[ĩ]	279	2248	3168
[õ]	543	684	2756
[ũ]	310	520	2561
FS			
Vogal	F1	F2	F3
[ẽ]	250	600	1750
[ã]	250	600	950
[õ]	250	600	750

Por intermédio do quadro (15) pode-se observar que no que tange aos valores de F1, F2 e F3 para as vogais em contexto de nasalização no sistema do PB e no do FS, esses são, relativamente, distantes para todas as vogais nas duas línguas estudadas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo descreve os procedimentos metodológicos empregados para a obtenção dos *corpora* da tese e está organizado em quatro seções. A primeira, seção 3.1, traz informações gerais acerca dos *corpora* do estudo. A segunda, seção 3.2, refere-se aos sujeitos cujos dados constituem os *corpora*. A terceira, seção 3.3, se encarrega de explicações concernentes às coletas de dados, especificando os procedimentos empregados para a obtenção dos *corpora* e das amostras da tese. Essa seção encontra-se subdividida em três subseções. A subseção 3.3.1 descreve os procedimentos metodológicos empregados para a obtenção da amostra 1, referente às escritas controladas das vogais alvo produzidas pelo grupo de sujeitos, aprendizes de FLE falantes nativos de PB; a subseção 3.3.2 descreve os procedimentos metodológicos observados na obtenção da amostra 2, referente à percepção das vogais do FS em contexto de nasalização realizada pelo mesmo grupo de sujeitos constituinte da amostra 1; a subseção 3.3.3 descreve os procedimentos metodológicos empregados na constituição da amostra 3, referente às escritas espontâneas das vogais alvo produzidas por crianças monolíngues brasileiras e francesas em fase de aquisição da escrita de suas LM(s). A última seção, 3.4, apresenta os procedimentos adotados para a descrição e análise dos dados das três amostras da tese.

3.1 Sobre os dados

Os *corpora* da pesquisa encontram-se constituídos por três tipos de dados que se subdividem em três amostras (*corpus*). A amostra 1 – *corpus 1* – é composta por dados gráficos convencionais e não-convencionais relativos a vogais em contexto de nasalização produzidos controladamente por aprendizes de FLE

falantes nativos de PB²³, por meio de ditados em áudio. A amostra 2 – *corpus 2* – é formada por dados perceptuais referentes a vogais em contexto de nasalização produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB e a amostra 3 – *corpus 3* – é composta por dados gráficos não-convencionais referentes a vogais em contexto de nasalização produzidos espontânea e inicialmente por crianças monolíngues brasileiras e francesas em aquisição da escrita das respectivas LM(s).

Os dados que compõem os *corpora* (*corpus 1, 2 e 3*) foram obtidos através da realização de três procedimentos de coleta específicos, sendo que o primeiro destinou-se à coleta de dados de produções escritas controladas do grupo constituído por aprendizes de FLE falantes nativos de PB; o segundo reservou-se à coleta da percepção das vogais francesas em contexto de nasalização, por aprendizes de FLE falantes nativos de PB; e, por fim, o terceiro procedimento, encarregou-se de verificar as escritas espontâneas das crianças monolíngues brasileiras e francesas em fase de aquisição da escrita das suas LM(s). Desta forma, o procedimento de coleta relativo às escritas controladas serviu de base para a obtenção do *corpus 1* e da amostra 1; o procedimento realizado para coletar a percepção das vogais alvo apoiou a classificação do *corpus 2* e da amostra 2; e, por último, o procedimento realizado para coletar as escritas espontâneas das crianças, relativas às vogais em foco, norteou a constituição do *corpus 3* e da amostra 3. Os *corpora* da pesquisa ficam, então, constituídos por três amostras: amostra 1, amostra 2 e amostra 3, as quais correspondem a dados obtidos com a aplicação de cada um dos procedimentos de coleta peculiares.

Doravante serão descritos, com mais detalhes, os sujeitos da investigação e os três procedimentos especificamente utilizados nas coletas dos dados e na constituição dos *corpora* da tese.

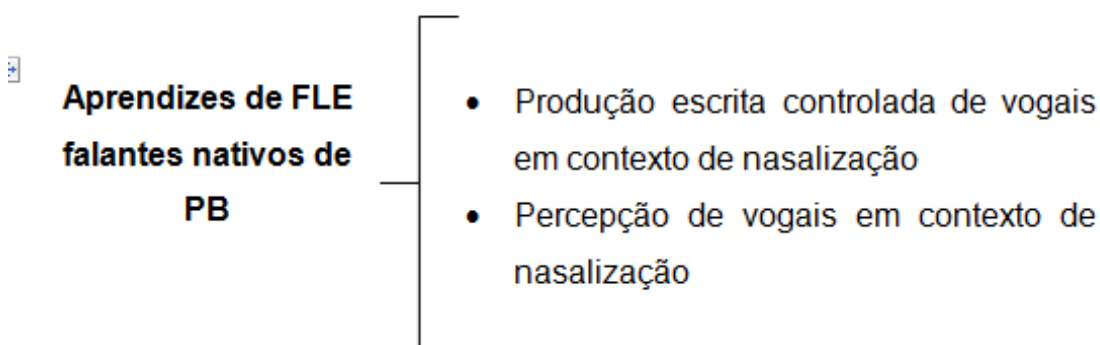
²³ Optou-se por não recolher produções gráficas espontâneas de aprendizes de FLE falantes nativos de PB, devido à observação, dentre esse tipo de produção escrita dos sujeitos, de número reduzido de casos em que alvos exibindo vogais em contexto de nasalização fossem grafados com desvios. Com respaldo em Rombaldi (2003, p. 53), concluiu-se que os aprendizes de FLE lançam mão da estratégia de evitação para grafar seus textos espontâneos. Eles substituem palavras que lhes causam dúvidas por sinônimos conhecidos para solucionar os conflitos. Essa evidência sustentou o abandono da coleta por meio de escrita espontânea com aprendizes de FLE falantes nativos de PB.

3.2 Sobre os sujeitos

Conforme explicitado na seção 3.1, os sujeitos da pesquisa são aprendizes de FLE falantes nativos de PB em fase de aquisição da LE e foram instados a escrever palavras controladas em ditados por áudio e a realizar testes perceptuais, cujos dados compõem as amostras 1 e 2.

O esquema apresentado em (1) possibilita visualizar a distribuição do grupo de sujeitos da pesquisa de acordo com suas respectivas submissões às coletas de dados.

(1) Sujeitos da pesquisa e respectivas submissões às coletas de dados



Os sujeitos, à época das coletas, eram alunos regulares do 1º ano (1º e 2º semestres) e 2º ano (3º e 4º semestres) do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Português e Francês e respectivas Literaturas, de uma universidade pública brasileira.

Têm-se, ainda, dados espontâneos e iniciais de crianças monolíngues brasileiras e francesas. Esses dados serão contrastados aos dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, servindo de pano de fundo para as discussões e as análises a respeito do fenômeno da nasalidade nas duas línguas estudadas. Por esse motivo, decidiu-se não classificar as crianças como sujeitos da tese. No entanto, cabe fazer algumas referências com relação aos adiantamentos linguísticos das crianças e ao

tipo de escola que elas frequentavam à época da coleta das produções textuais espontâneas.

As crianças brasileiras, à época da coleta de dados frequentavam regularmente a 1ª e a 2ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública brasileira²⁴.

As crianças francesas estavam regularmente matriculadas nas séries CP e CE1, equivalentes à 1ª e à 2ª série do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas francesas.

Os adiantamentos de 1ª e 2ª séries para as crianças monolíngues e os de 1º ano (1º e 2º semestres) e 2º ano (3º e 4º semestres) para os aprendizes de FLE foram intencionalmente estabelecidos. Dessa forma, o grupo de sujeitos da tese e os grupos das crianças foram limitados a dois anos acadêmicos de exposição à escrita ortográfica dos sistemas linguísticos em alvo. Esse procedimento buscou apoio teórico em pesquisa na área da aquisição da escrita, tais como as de Abaurre (1988) e de Miranda (2007, 2008), as quais demonstram que os erros de grafias da nasal se concentram nas séries iniciais, especialmente nas 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental.

Todos os alunos presentes em aula quando da realização das coletas dos dados participaram das atividades de constituição dos *corpora* da tese. O Quadro 16 apresenta a distribuição do número de participantes da pesquisa de acordo com o adiantamento linguístico em curso e com o tipo de coleta de dados efetuada.

²⁴ À época das coletas dos dados, o Ensino Fundamental ainda se constituía por 8 séries.

Quadro 16 - Número de participantes da pesquisa por adiantamento

Aprendizes de FLE falantes nativos de PB		Adiantamento	Número de participantes	
			Produção escrita	Percepção
		FLE 1º ano	26	14
		FLE 2º ano	6	6
Crianças monolíngues	Brasileiras	1ª série	129	-
		2ª série	106	-
	Francesas	1ª série	57	-
		2ª série	35	-

Cabe salientar que o Curso de Língua Estrangeira, no qual os sujeitos aprendizes de FLE falantes nativos de PB estavam regularmente matriculados à época da coleta dos dados, trabalha com a divisão em semestres letivos. Assim, do total dos 26 participantes das atividades escritas do FLE 1º ano, 15 estavam em curso do primeiro semestre e 11 do 2º semestre; dos 6 participantes do FLE 2º ano, 4 estavam em curso do terceiro semestre e 2 do quarto semestre. O mesmo ocorre com os participantes das atividades perceptuais. Dos 14 participantes do FLE 1º ano, 6 estavam em curso do 1º semestre e 8 do 2º semestre, enquanto que os 6 participantes do FLE 2º ano estavam em curso do 4º semestre letivo à época da realização dos testes perceptuais.

3.3 Sobre os procedimentos de coletas de dados

Esta seção descreve em detalhes os três procedimentos metodológicos empregados na obtenção dos dados que compõem os *corpora* e encontra-se

subdividida em três subseções. A subseção 3.3.1 descreve os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção do *corpus* 1, amostra 1, referente às escritas controladas das vogais alvo produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB. A subseção 3.3.2 descreve os procedimentos metodológicos observados na constituição do *corpus* 2, amostra 2, referente à percepção das vogais francesas em contexto de nasalização produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB. Por último, a subseção 3.3.3 descreve os procedimentos metodológicos empregados na constituição do *corpus* 3, amostra 3, referente às escritas espontâneas de vogais em contexto de nasalização produzidas por crianças monolíngues francesas e brasileiras.

3.3.1 Sobre os procedimentos empregados na obtenção do *corpus* 1 - amostra 1

A obtenção do *corpus* relativo a essa etapa da coleta dos dados contou com a colaboração da equipe do laboratório de fonética – *UFR Linguistique*²⁵ – da Universidade de Paris 7- *Paris Diderot*, e com a orientação do Prof. D^r. Georges Boulakia.

A elaboração desses instrumentos seguiu as etapas descritas. Primeiramente, procuraram-se nos dicionários de língua francesa *Le Petit Robert* e *Larousse Lexis*, palavras que fossem supostamente conhecidas²⁶ e supostamente desconhecidas dos sujeitos e que contivessem as vogais focalizadas na pesquisa em meio de sílaba²⁷, em sílaba tônica e átona, em palavras monossílabas²⁸, dissílabas, trissílabas e polissílabas²⁹. Em seguida, elaboraram-se frases contendo

²⁵ A Universidade de Paris 7- Paris Diderot, situa-se em 30, *rue du Château des Rantiers*, 75013, *Paris France*. O centro de pesquisa é dirigido pelo Prof. D^r. Phillippe Martin.

²⁶ O controle do suposto conhecimento da palavra pelos aprendizes foi efetuado por meio de escolha de palavras próximas à LM (PB) dos sujeitos e, também, conhecidas por meio dos Métodos de Ensino de FLE utilizados nos adiantamentos linguísticos estudados.

²⁷ As análises descartarão as posições finais de palavras, uma vez que há divergência quanto à produção das vogais em contexto de nasalização nessas posições nos dois sistemas. Em PB as vogais nasalizadas em posições finais são produzidas como ditongos nasais e no FS como vogais nasais.

²⁸ As palavras monossílabas serão mantidas, apesar de o argumento explícito na nota anterior, porque em sílabas tônicas abertas, os monossílabos mantêm as vogais em foco em posições mediais, como por exemplo, em *crainte* [krɛ̃t], *peintre* [pɛ̃tr] e *Inde* [ɛ̃d].

²⁹ Para se manter o controle da variável para alguns pares mínimos dissílabos e trissílabos foi necessária a seleção de palavras fonológicas, como por exemplo 'un Dieu', 'ont diné' e 'l'indiscipline', que exibem os fones controlados em grupos clíticos.

as palavras selecionadas com a finalidade de contextualizá-las³⁰. Após, registraram-se em áudio a lista de palavras e, também, as palavras contextualizadas em frases, com auxílio de um falante nativo de FS, do programa *Forge Audacity* (versão Beta 1.3) e das instalações e equipamentos de áudio do Laboratório de Fonética da *Université de Paris 7 – Paris Diderot*. De posse do material acústico, montaram-se três instrumentos específicos, que serão explicados em (i), (ii) e (iii).

(i) Sobre o instrumento 1

O instrumento 1 é composto por palavras monossílabas, dissílabas e trissílabas³¹, supostamente conhecidas e ou desconhecidas dos sujeitos, que exibem as vogais do francês [ẽ ã õ] em posição inicial, medial e final de palavra e em sílabas tônicas e átonas, conforme mostra o exemplo no quadro (17). O instrumento na sua íntegra encontra-se no apêndice de nº 1.

³⁰ A transcrição de maneira contextualizada assegura o sentido da palavra que se está querendo analisar. Toma-se, por exemplo, os vocábulos *Inde* / *Ande* / *Onde*. A forma mais eficaz de assegurar que o locutor está transcrevendo a palavra que se está solicitando é colocando-a em contexto; caso contrário, o locutor poderá estar transcrevendo algo que existe no sistema, mas não necessariamente a palavra solicitada. Apenas a substituição de um vocábulo por outro não assegura, nesses casos, a emergência de uma grafia não-convencional.

³¹ As palavras efetivamente controladas no instrumento encontram-se destacadas em marca-texto amarelo. O critério de seleção dessas palavras foi baseado no fato de haver divergência em relação à produção das vogais em foco quando em posições finais nos dois sistemas linguísticos: no PB essas vogais são produzidas como ditongos nasais, enquanto que no FS como vogais nasais. Por isso foram conservadas, em todos os instrumentos, somente as palavras que apresentassem vogais em contexto de nasalização em posição medial de sílaba, ou seja, em início e meio de palavra.

Quadro 17 - Exemplo do instrumento 1

Variáveis controladas	Forma fonética	1ª sequência (palavras monossílabas)
-	[pɛ̃]	païn
-	[ɔd]	aude
-	[bak]	bac
[ẽ̃], PD, T, MP	[krɛ̃t]	crainte
-	[po]	pot
-	[pɛ̃tʀ]	paître
[ã̃], PC, T, MP	[bã̃k]	Banque
-	[kot]	côte
-	[ɛd]	aide
[ẽ̃], PD, T, MP	[kõt]	Conte
-	[pɛ]	paix
[ã̃], PC, T, IP	[ã̃ʒ]	Ange
[ẽ̃], PD, T, MP	[pɛ̃tʀ]	Peintre
-	[bã̃k]	banc
-	[aʒ]	âge
[ẽ̃], PD, T, FP	[ẽ̃d]	Inde
-	[pɔ̃]	pont
-	[krɛ̃t]	Crète
-	[ba]	bas
[ẽ̃], PC, T, IP	[ɔ̃d]	onde

Legenda do quadro: T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra.

(ii) Sobre o instrumento 2

O instrumento 2 é composto por palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas³² que, devido a restrições linguísticas impostas pelo sistema do FS, não puderam ser controladas no instrumento 1 por meio de pares mínimos. Essas palavras têm por finalidade o controle das variáveis linguísticas:

³² As palavras efetivamente controladas no instrumento, as que apresentam as vogais em foco em posições iniciais e mediais de sílabas e palavras, encontram-se destacadas em marca-texto amarelo.

qualidade da vogal, tonicidade, tamanho da palavra e conhecimento da palavra³³. O exemplo simplificado apresentado em (2) ilustra o instrumento 2. O instrumento na sua íntegra encontra-se no apêndice de nº 2.

(1) Exemplo do instrumento 2

PC

MP

[ɛ]

1. Mains (T)

2. linceul [lĩsæ] (A)

3. Désinvolte [dezẽvɔlt] (A)

4. Desinfecter [dezẽfekte] (A)

Legenda do exemplo: T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra.

(iii) Sobre o instrumento 3

O instrumento 3 é composto pelas mesmas palavras do instrumento 1 e do instrumento 2, porém, contextualizadas em frases³⁴. No registro em áudio desse instrumento, procurou-se manter as variáveis controladas evitando-se as junturas, que poderiam deslocar as posições iniciais para meio de palavra, porém nem sempre isso foi possível, devido a restrições do sistema francês. Um exemplo desse fato está representado na palavra *infirmière*, que obrigatoriamente se junta ao artigo *l'* em *l'infirmière*, na frase: *On pansa les blessures du garçon. L'infirmière a dit que rien qu'en les pansant ça devait les désinfecter*. Em (2) exibe-se o exemplo simplificado do instrumento 3. O instrumento na sua íntegra encontra-se no apêndice de nº 3.

(2) Exemplo do Instrumento 3

³³ As variáveis serão explicitadas na subseção concernente às variáveis controladas nos instrumentos.

³⁴ As palavras efetivamente controladas no instrumento encontram-se destacadas em marca-texto amarelo.

- 1) Le **boulangier** va pétrir le pain avec ses mains.
- 2) Le marin s'est assis sur son banc et a parlé **anglais** avec un passant.
- 3) Justin alla à la **banque** pour vérifier son **compte** de **Crainte** de ne plus avoir d'argent.

De posse dos instrumentos 1, 2 e 3 foram digitadas as fichas dos informantes com a finalidade de se obterem as escritas dos sujeitos. Inicialmente, prevendo somente os espaços a serem preenchidos por uma palavra para recolher as grafias concernentes aos instrumentos 1 e 2. Depois, apresentaram-se frases com lacunas que deveriam ser preenchidas com as palavras ditadas para recolher as grafias das palavras contextualizadas em frases.

3.3.1.1 Sobre as variáveis controladas nos instrumentos

A seleção das variáveis³⁵ que permearam a escolha das palavras controladas nos instrumentos buscou apoio nas pesquisas de Bisol (1981), Amaral (1996), Miranda (1996), Alcântara (1998), Wetzels e Moraes (1992), Rombaldi (2003), Cunha (2004, 2010), Adamoli (2005), Léon & Léon (2007), Léon (2007), entre outros. Tais estudos revelaram que os sistemas vocálicos, em geral, podem sofrer influência em sua produção, pelo ambiente em que estão inseridos. Esse ambiente está, em parte, relacionado ao tamanho da palavra, à tonicidade, à qualidade da vogal e ao conhecimento da palavra. Assim, são controladas cinco³⁶ variáveis linguísticas nos instrumentos: qualidade da vogal (nível gráfico e nível fônico), tonicidade, tamanho da palavra, posição na palavra e conhecimento da palavra.

a) Sobre a variável linguística qualidade da vogal

³⁵ Serão explicadas somente as variáveis que constarão nas descrições e nas análises. Por esse motivo, há um desencontro em relação ao número de variáveis explicadas neste capítulo e as que contam nos instrumentos apresentados em apêndice.

³⁶ Mais adiante será explicado detalhadamente o porquê da eliminação da variável linguística posição da vogal nasalizada na palavra.

No tocante à variável linguística qualidade da vogal, o fato que justifica seu controle encontra-se em Wetzels e Moraes (1992). Os autores argumentam que nas vogais posteriores – /u, o, ɔ/ – percebe-se mais a mudança da vogal em termos de sua nasalização em relação às vogais não-posteriores – /i, e, ε, a/. Nos instrumentos de produção escrita, a variável qualidade da vogal é controlada na presença dos fones [ẽ] [ã] [õ] e, nas descrições e discussões, pela terminologia qualidade da vogal (nível gráfico). Nos instrumentos de percepção, a variável qualidade da vogal é controlada na presença dos fones [ẽ] [ã] [õ] e, nas descrições e discussões, pela terminologia qualidade da vogal (nível fônico).

b) Sobre a variável linguística tonicidade

A importância do controle da variável linguística tonicidade é levantada por trabalhos de Bisol (1981), Amaral (1996), Miranda (1996) e Alcântara (1998), dentre outros, que indicam que as sílabas átonas são mais propícias a sofrerem processos fonológicos. Os trabalhos de Lamprecht (1990, 1993, 1995) e Matzenauer-Hernandorena (1990), por exemplo, apresentam evidências da influência do acento na aquisição fonológica das vogais. A variável tonicidade poderá, então, estar envolvida na produção ortográfica das vogais nasalizadas selecionadas. Outro fato que justifica o controle da variável tonicidade está em Wetzels e Moraes (1992). Segundo os autores, “as vogais tônicas são mais facilmente nasalizáveis do que as átonas no português” (p. 154). Esses estudos também mostram que, no português, a nasalidade da pretônica é variável, como, por exemplo, a palavra ‘caminha’ de ‘caminhar’ que pode ter o primeiro ‘a’ nasalizado em algumas regiões brasileiras.

Nos instrumentos 1, 2 e 3, a variável tonicidade é controlada através das siglas **T** para presença de [ẽ] [ã] [õ] em sílaba tônica e **A** para presença de [ẽ] [ã] [õ] em sílaba átona.

c) Sobre a variável linguística tamanho da palavra

O tamanho da palavra é uma variável linguística importante em estudos de aquisição fonológica. Na literatura da área, observa-se preferência por estruturas

monossilábicas e dissilábicas. Além disso, em línguas como o português e o francês, há predominância de palavras com até três sílabas e um número mais reduzido de polissílabos. Por isso, parece ser importante ter-se o controle dessa variável. Nos instrumentos 1, 2 e 3, a variável tamanho da palavra é controlada por meio da presença de monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos.

d) Sobre a variável linguística posição na palavra

Os estudos de Bisol (1981), Amaral (1996), Miranda (1996) e Alcântara (1998), entre outros, demonstraram que as vogais sofrem influência de sílabas vizinhas e de consoantes vizinhas, na sua produção fonológica. Com a intenção de verificar se há interferência do ambiente vizinho, foram selecionadas palavras em que as vogais analisadas estão em início, meio e fim de palavras. Nos instrumentos 1, 2 e 3, a variável tamanho da palavra é controlada através das siglas **IP** para presença de [ɛ̃] [ã] [õ] em início de palavra, através de **MP** para presença de [ɛ̃] [ã] [õ] em fim de sílaba e meio de palavra e através das siglas **FP** para a presença de [ɛ̃] [ã] [õ] em final de palavra. Essas últimas, embora constem dos instrumentos, não serão consideradas nas análises, devido ao fato de haver divergência quanto ao funcionamento das posições finais de vogais em contexto de nasalização nos dois sistemas linguísticos: no PB, as posições finais geram ditongos nasais e, no FS, vogais nasais. Esse fato, também, levou a selecionar, unicamente, posições silábicas mediais para as descrições e as análises, ou seja, posições iniciais e mediais de palavra.

e) Sobre a variável linguística conhecimento da palavra

O conhecimento da palavra é referenciado por Morais A. G. (2000), Lemle (1988) e Faraco (2001). Segundo os autores, a memória gráfica tem papel importante na aquisição da ortografia de uma língua. A literatura sustenta que o sujeito usa sua capacidade mnemônica (principalmente a memória visual) quando se depara com dificuldades ortográficas. Acredita-se, de acordo com os dados de

Rombaldi (2003) e os de Chacon (2010)³⁷ que, se o aprendiz conhece a palavra, ele terá menos dificuldades ortográficas, pois poderá resgatar a sua forma ortográfica na memória visual. Entretanto, se não a conhece, deverá lançar mão de outras estratégias para ortografá-la.

Nos instrumentos 1, 2 e 3, a variável conhecimento da palavra é controlada através das siglas **PC** para palavra supostamente conhecida e **PD** para palavra supostamente desconhecida pelos sujeitos.

Ainda, uma variável extralinguística é controlada no instrumento tempo de exposição à língua.

a) Sobre a variável extralinguística tempo de exposição à língua

A variável extralinguística tempo de exposição à língua é referida nos estudos de Alcântara (1998), Rombaldi (2003) e Seara (2001). Supõe-se, com base nesses estudos, que o processo de aquisição do sistema linguístico de uma LE seja gradual e que tanto o tempo de uso da LE pelo aprendiz quanto de sua exposição à língua alvo contribuam para o domínio e a compreensão do sistema linguístico estrangeiro.

A variável extralinguística tempo de exposição à língua é controlada por FLE 1º ano e FLE 2º ano nos dados relativos às amostras 1 e 2 e por 1ª série/CP e 2ª série/CE1 nos dados relativos às amostras 3.

3.3.1.2 Sobre a aplicação dos instrumentos 1, 2 e 3 aos sujeitos

A aplicação do instrumento aos sujeitos da tese foi realizada pela pesquisadora, que, durante a coleta dos dados, procurou respeitar as seguintes instruções: aos sujeitos, de posse das fichas do informante que podiam conter lacunas unicamente para serem preenchidas por vocábulos (cf. instrumentos 1 e 2 em apêndice 1 e 2) ou podiam ainda conter frases digitadas, no seu interior, as lacunas que deveriam ser preenchida (cf. instrumento 3 em apêndice 3), foi

³⁷ Possibilidade apresentada em palestra proferida pelo autor no III Ciclo de Palestras, na UFPel, em 2010.

solicitado que ouvissem os arquivos sonoros em ambiente de sala de aula³⁸ por três vezes; após a terceira escuta dos arquivos sonoros foi solicitado que escrevessem, nas lacunas em branco da ficha do informante, as palavras identificadas nos arquivos sonoros.

Todos os alunos presentes em aula no momento da realização das coletas participaram das atividades relativas à aplicação dos instrumentos. Essa etapa, além de contar com a participação de todos os alunos presentes em aula, também contou com a participação de informantes voluntários, que realizaram as produções textuais em horário extraclasse. Tomou-se, ainda, o cuidado em selecionar, para a constituição da presente amostra, somente os textos produzidos por alunos aprendizes de FLE falantes nativos de PB.

3.3.2 Sobre os procedimentos empregados na obtenção da amostra 2

A obtenção do *corpus* relativo a essa etapa da coleta dos dados – o controle da percepção das vogais francesas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB – teve a colaboração da equipe do laboratório de fonética – *UFR Linguistique*, da Universidade de Paris 7 – *Paris Diderot*, de maneira semelhante à elaboração dos instrumentos relativos às coletas das escritas controladas pelo referido grupo de sujeitos.

O controle da percepção das vogais em foco nesta parte experimental é realizado por meio de testes de percepção. Os testes de percepção, de acordo com Vaissière (2008)³⁹, se prestam a identificar “detalhes acústicos correspondentes à uma realidade perceptiva dos ouvintes” e, além disso, são excelentes meios de demonstrar “como ouvintes estrangeiros percebem os sons que não existem em seus sistemas linguísticos maternos”. Um outro argumento a favor de se realizar testes de percepção, levantado por Vaissière (2008), é relativo ao seu princípio psicolinguístico. Segundo a autora, é muito difícil manter rigor científico ao realizar apenas uma observação direta dos fenômenos que se passam no cérebro do ser humano quando ele aprende. Os testes podem, então, assegurar um certo rigor científico desses fenômenos, uma vez que, além da observação direta, o

³⁸ O arquivo sonoro efetuado em sala de aula está sujeito a interferências de ruídos, conservando maior fidedignidade com a realidade perceptual dos sujeitos.

³⁹ Possibilidades proferidas em palestras na Université Paris 3 – em julho de 2008.

pesquisador procura avaliar a reação dos sujeitos, com a ajuda das reações aos obstáculos dados nessa experiência psicolinguística.

Os testes de percepção nesta tese são constituídos por testes de discriminação⁴⁰ e podem estar digitalizados no programa *ecoutes*⁴¹ e ou apresentarem-se em forma de testes manuais. Os testes constam de vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização⁴² -- [ẽx ε/a - ãxa - õx ɔ/o], conforme demonstra o teste apresentado no Quadro 18, a seguir. O instrumento na sua íntegra encontra-se no apêndice de nº 4.

Quadro 18 - Teste de percepção:⁴³ vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização – [ẽx ε/a - ãxa - õx ɔ/o]

			Resultado
1	Pain [pẽ]	Paix [pɛ]	#
2	Peintre [pẽtr]	Paître [pɛtr]	#
3	Crainte [krẽt]	Crainte [krɛt]	=
4	Inde [ẽd]	Aide [ɛd]	#
5	Banc [bã]	Bas [ba]	#
6	Banque [bãk]	Banque [bãk]	=
7	Ange [ãʒ]	Âge [aʒ]	#
8	Pot [pɔ]	Pont [põ]	#
9	Conte [kõt]	Conte[kõt]	=
10	Onde [õd]	Onde [õd]	=

A elaboração dos testes de percepção passou por uma série de etapas cujas explicações serão apresentadas a seguir:

(i) Procurou-se, além de respeitar as palavras utilizadas nos instrumentos 1, 2 e 3, incluir novos pares mínimos, que contivessem as vogais nasalizadas do

⁴⁰ Os testes de percepção relativos à discriminação prezam à distintividade entre traços. Nesses testes o sujeito escuta dois objetos sonoros, sejam idênticos ou distintivos, e deve assinalar se são iguais ou diferentes (cf. Apêndice 4). Os testes de identificação prezam o reconhecimento de um estímulo sonoro. Nesses testes, o sujeito escuta um determinado estímulo sonoro e o associa, seja a sua imagem, seja a sua forma escrita ou a algo que lhe faça referência. Como o objetivo dos testes é avaliar em que medida os sujeitos discriminam vogais em contexto de nasalização de vogais em contexto de não-nasalização, nesta tese, são realizados somente testes de discriminação.

⁴¹ O arquivo com as configurações e o modo de procedimento relativo ao *ecoutest* encontra-se no site: <http://www.schwa.fr/>.

⁴² [ẽx ε/a - ãxa - õx ɔ/o]

⁴³ As palavras destacadas em marca-texto amarelo são as controladas no teste.

francês *versus* sua contraparte oral correspondente – [ẽx ɛ/a - ãxa - õx ɔ/o], por exemplo ‘le petit pont’, as quais foram distribuídas nas variáveis linguísticas.

(ii) Utilizaram-se planilhas⁴⁴, montadas com lápis e papel para obtenção de um esboço do teste pretendido, conforme ilustra a Figura 5.

	lin	lent	long	Inde	onde	onde
1		XX				
2		X			X	
3						
4						
5						
6						
7						

Figura 5 - Exemplo de um esboço realizado em planilha manual

(iii) Passou-se à elaboração do documento sonoro com a utilização do software *Forge Audacity*⁴⁵ versão Beta 1.3, cujo manuseio permite recortar e colar os sons conforme seu pré-estabelecimento nas planilhas.

(iv) Digitalizaram-se no software *ecoutest* os arquivos sonoros montados no software *Forge Audacity* apenas para os testes de percepção computadorizados – *ecoutest*. Os testes de percepção manuais foram rodados no software *Forge Audacity*.

No que tange às coletas dos dados perceptuais, estas foram realizadas em dois momentos: (a) individuais e; (b) coletivas. Os testes coletados individualmente foram os testes realizados no software *ecoutest*. Este momento foi realizado sem

⁴⁴ A elaboração das planilhas é essencial para evitar que o informante preveja as sequências do teste e as marque-as por dedução. É importantíssimo, por exemplo, evitar testes com sequências do tipo igual/diferente/igual/diferente/igual/diferente, pois em dado momento o informante poderá ter a percepção de que o teste assim se constitui e não mais atentar para o arquivo sonoro, utilizando-se de uma estratégia outra que não a da percepção.

⁴⁵ O arquivo com as configurações do programa *Forge Audacity* encontra-se no site www.commentcamarche.net/

interferência da pesquisadora quando da execução do teste. Os sujeitos apenas receberam as orientações sobre o funcionamento do teste que se resumiu em ouvir o par mínimo controlado e clicar em IDÊNTICAS se compreendessem os pares mínimos como idênticos, ou em DIFERENTES se compreendessem os pares mínimos como diferentes; ou em NÃO SEI se tivessem dúvidas em relação à interpretação. Os resultados do *ecoutest* ficaram registrados no arquivo individual de cada sujeito da pesquisa⁴⁶, bem como o número de vezes que os sujeitos escutaram a sequência sonora, conforme se pode visualizar por intermédio da Figura 6.

Arquivo	Editar	Formatar	Exibir	Ajuda
Nom :				
Prenom : xx				
Age : xx				
Nationalité : port				
Cidade :				
Número de línguas faladas : 2				
son1.wav	1	0	0	1
son2.wav	1	0	0	1
son3.wav	0	0	1	1
son4.wav	1	0	0	1
son5.wav	0	0	1	1
son6.wav	1	0	0	1
son7.wav	1	0	0	1
son8.wav	0	0	1	1
son9.wav	1	0	0	1
son10.wav	1	0	0	1

Legenda: # não sei = nº de escutas

Figura 6: Exemplo de registro dos dados perceptuais no *ecoutest*

Os testes coletivos⁴⁷ são testes manuais. Nesses testes a pesquisadora controla os arquivos sonoros, que podem ser ouvidos, no máximo, três vezes. Assim, durante a realização dos testes manuais foram entregues aos sujeitos folhas xerografadas contendo as instruções do teste. A tarefa imposta a eles, nesse caso, não é digital como no *ecoutest*, mas a de marcar de forma objetiva,

⁴⁶ Os testes individuais, com utilização de fones de ouvido, distanciam-se da realidade perceptual acadêmica dos sujeitos. Fato que levou a pesquisadora a optar, também, por testes manuais.

⁴⁷ Os testes coletivos são realizados em ambiente de sala de aula, sem fones de ouvido e, portanto, mais fidedignos à realidade perceptual dos sujeitos.

em uma grade, aquilo que se solicita no teste. Logo a seguir, em (i) e (ii), respectivamente, figuras 7 e 8, encontram-se ilustrados um exemplo de teste de percepção computadorizado efetuado no *ecoutest*; e, um exemplo de teste de percepção manual.

(i) Exemplo de um teste de percepção: *ecoutest*



Figura 7 - Exemplo de um teste de percepção: *ecoutest* (tela mostrada aos sujeitos durante a realização do teste)

(ii) Exemplo de um teste de percepção manual

Enunciado do teste:

Você vai ouvir uma série de palavras agrupadas em três. Se você entender a mesma palavra dentre as três da série, você deve marcar a coluna **Ouço a mesma palavra em toda a série.** Se você entender, pelo menos uma palavra diferente, dentre as três da série, você deve marcar a coluna **Não ouço a mesma palavra em toda a série.**

Ficha do informante

Nome:

Semestre:

	Ouço a mesma palavra em toda a série	Não ouço a mesma palavra em toda a série
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		

- Sequência do registro das palavras no teste

1	Imbu[ẽby]	x	Abus [aby]	x	Imbu[ẽby]
2	Adieu[adjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ],	x	un dieu[ẽdjɸ]
3	Alain [alẽ]	x	alla[ala]	x	Marin[marẽ]
4	Marin[marẽ]	x	marin[marẽ]	x	alla[ala]
5	en croix[ãkrwa]	x	en croix[akrwa]	x	en croix[akrwa]
6	Pensa[pãsa]	x	passa[pasa]	x	Pensa[pãsa]
7	ça va[sava]	x	ça va[sava]	x	Savant[savã]
8	Savon[savõ]	x	savon[savõ]	x	savon[savõ]
9	Allo[alo]	x	allons[alõ]	x	allons[alõ]
10	aux doigts[odwa]	x	on doit[õdwa]	x	aux doigts[odwa]

Figura 8 - Exemplo de um teste de percepção manual (fichas apresentadas aos sujeitos durante a realização do teste)

Semelhantemente aos procedimentos realizados para a obtenção da amostra 1, todos os alunos presentes em aula quando da realização da coleta por meio de testes de percepção participaram da atividade. Também foi tomado o

cuidado em se selecionar somente os testes produzidos por alunos falantes nativos de PB para a constituição da presente amostra.

3.3.3 Sobre os procedimentos empregados na obtenção da amostra 3

A obtenção do *corpus* referente a essa etapa da coleta dos dados – recolher a escrita produzida espontaneamente por crianças monolíngues brasileiras e francesas – contou com a realização de duas oficinas de produção textual, uma relativa a contos de fadas e, a outra, a histórias em quadrinhos, ambas utilizadas para coletar os dados pertencentes ao *BATALE* – Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita – do projeto de pesquisa intitulado – *Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: Ortografia*, Departamento de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob coordenação da professora Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda⁴⁸.

Os dados concernentes às produções escritas das crianças monolíngues brasileiras fazem parte de textos obtidos por meio das oficinas de produção escrita do *Banco de Aquisição da Escrita*, anteriormente referido, e foram coletados com o auxílio de alunas bolsistas vinculadas ao Projeto de Pesquisa seguindo as mesmas instruções utilizadas para a coleta dos dados com as crianças monolíngues francesas.

No tocante às coletas das produções das crianças francesas, contou-se com o auxílio dos professores efetivos das turmas e das instituições referidas na seção 3.1 e também da pesquisadora para coletar os dados. As produções textuais de uma escola pública francesa foram recolhidas pelos professores efetivos das turmas que realizaram as oficinas seguindo instruções para não interferirem nas escritas dos alunos e, para, primeiramente, trabalharem a oficina dos contos de fadas com a história do Chapeuzinho Vermelho⁴⁹. As produções escritas da outra escola pública

⁴⁸ A presente tese insere-se em um conjunto de pesquisas vinculadas ao projeto intitulado *Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: Ortografia*, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob a coordenação da prof^a Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda.

⁴⁹ O fato de a história Chapeuzinho Vermelho ser conhecida de todos norteou a preferência em aplicá-la anteriormente à oficina da história em quadrinhos. Com esse procedimento se pretendeu deixar as crianças francesas à vontade para escrever algo que já conheciam, assim como não impor uma tarefa muito difícil para os brasileiros aprendizes de FLE.

francesa foram recolhidas pela pesquisadora, que observou as mesmas instruções solicitadas aos professores da primeira escola pública francesa.

As professoras francesas, as alunas bolsistas do Projeto de Pesquisa e a pesquisadora, quando da recolha dos textos dos sujeitos, respeitaram as seguintes instruções, que serão descritas em (i) e (ii). As imagens relativas às oficinas encontram-se no anexo de nº 1.

(i) **Oficina – Conto de Fadas** - a oficina dos contos de fadas é desenvolvida a partir do conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”. Primeiramente, as imagens da história são mostradas aos alunos em forma de cópias coloridas, ampliadas e recortadas. O ministrante da oficina começa conversando com as crianças sobre os contos de fadas que elas conhecem e pede que falem sobre eles. A seguir, o ministrante apresenta no quadro imagens ampliadas relativas ao conto escolhido, fora de ordem. As crianças devem ser estimuladas a dizer ao ministrante como ele deve organizar as imagens no quadro, lembrando toda a sequência do conto e remontando a história oralmente. Durante essa atividade, o ministrante deve explorar as diferentes versões existentes sobre o conto. Logo após, o ministrante pede aos alunos que criem um texto escrito, recontando o conto “Chapeuzinho Vermelho”, a partir da discussão em sala de aula.

(ii) **Oficina – História em quadrinhos** - a oficina das histórias em quadrinhos é desenvolvida a partir de histórias infantis do livro: “A Bruxinha Atrapalhada” de Eva Furnari. As histórias são compostas apenas de imagens (cf. Anexos). O ministrante da oficina prende no quadro fora da sequência os quadrinhos ampliados e sem legendas da história nº 1 – O ratinho. As crianças são estimuladas a proporem um ordenamento para os quadrinhos de forma a constituírem uma narrativa. Nesse momento, o ministrante deve chamar atenção para a leitura das imagens (disposição de objetos, expressões de personagens). Os alunos, a partir da troca de ideias, devem chegar a um consenso relativamente à sequência dos eventos e, após, contar a história oralmente. Após essa etapa, o ministrante prende no quadro os quadrinhos, fora de sequência da história nº 2 - O tricô. Seguindo o mesmo procedimento de motivação, o ministrante solicita aos alunos que organizem os quadrinhos em sequência para que componham uma história. Feito isso, o

ministrante pede que escrevam um texto a partir da sequência dada aos quadrinhos. É fundamental que o aluno escreva sem a interferência do ministrante.

De forma semelhante aos procedimentos observados na obtenção das amostras 1 e 2, todos os alunos presentes em aula no momento da realização das coletas participaram dos procedimentos relativos à elaboração do *corpus* concernente à amostra 3, porém, nem todos os textos produzidos pelos alunos compuseram o *corpus* da referida amostra⁵⁰. Alguns critérios em relação à seleção dos textos que comporiam o presente *corpus* foram observados.

No que tange à escolha dos textos que comporiam a amostra 3, referente a dados de crianças monolíngues brasileiras, procurou-se selecionar os textos do Banco de Aquisição da Escrita que apresentavam uma pequena história legível. Assim, foram descartados os textos em forma de desenhos, de letras soltas e, também, aqueles não interpretáveis.

Para a amostra 3, referente a dados de crianças monolíngues francesas, além de se manter o mesmo procedimento que se manteve na seleção dos textos das crianças brasileiras, descrito no parágrafo anterior, procurou-se ter assegurado o fato de que as crianças francesas tivessem a língua francesa como LM. Por isso, solicitou-se às crianças que falavam outra língua em casa, que não o francês, para marcar um (x) nas suas folhas de produção textual. Os textos marcados com um (x) não foram utilizados na composição do *corpus* da amostra 3b, pois se entendeu que as crianças poderiam ter outra língua como LM.

3.4 Sobre os procedimentos adotados para a descrição e análise dos dados das amostras

3.4.1 Sobre as descrições da amostra 1

No que concerne à descrição dos dados que compõem a amostra 1, primeiramente foram selecionadas, dentre as produções escritas dos sujeitos,

⁵⁰ A amostra 1 subdivide-se em 3 amostras. A amostra 1a é composta por dados de crianças brasileiras e, a 1b por dados de crianças francesas.

somente as vogais em posição inicial e medial de palavra⁵¹ dos instrumentos 1, 2 e 3, destacadas em marca-texto amarelo.

Em seguida, no que se refere exclusivamente às palavras destacadas, marcaram-se aquelas registradas convencionalmente em rosa e as não-convencionalmente em amarelo, conforme se pode observar em (4).

(4) Exemplo do procedimento adotado para obtenção dos dados da amostra 1

Instrumento 1 – amostra 1a:

1. lan
2. Aide
3. Bachi
4. Conte
5. low
6. lautre
7. Banque
8. bout

Instrumento 2 – amostra 1b:

1. va
2. vaBv
3. A Fermz inc
4. ANIVE&2V
5. ange
6. Anglais
7. Entreprise
8. antiquithe

Instrumento 3 – amostra 1c:

- 1) Le boulanger va pétrir le pain avec ses mains.
- 2) Le marin s'est assis sur son banc et a parlé anglais avec un passant.
- 3) Justin alla à la ban pour vérifier son compte de grand de ne plus avoir d'argent.
- 4) On boit un thé au dîner! flambe à la commu tout au long de sa journée.

⁵¹ Reitera-se mais uma vez que por haver divergência em relação às posições finais das vogais em foco nos dois sistemas lingüísticos (no PB, as posições finais geram ditongos nasais e, no FS, vogais nasais), serão mantidas somente as palavras concernentes a posições iniciais e mediais de palavra.

Posteriormente, foram calculados os percentuais gerais de registros convencionais e não-convencionais para cada adiantamento linguístico, para cada fone analisado e para cada um dos três instrumentos exemplificados acima.

Em seguida, a amostra 1 foi fracionada em três (1a, 1b e 1c) de acordo com a proveniência do instrumento. Assim sendo, a amostra 1a é concernente ao instrumento 1; a 1b ao instrumento 2 e, a 1c ao instrumento 3.

Feito isso, passou-se à distribuição das escritas não-convencionais dentre as três categorias de análise, a saber: (i) omissão da consoante nasal 'n' ou 'm'⁵²; (ii) mudança da qualidade da vogal oral; e, (iii) Híbridos⁵³.

3.4.2 Sobre as descrições da amostra 2

No tocante à descrição dos dados que compõem a amostra 2, primeiramente, selecionaram-se as vogais em contexto de nasalização em posições iniciais e mediais de palavra, as destacadas em marca-texto amarelo.

Em seguida, no que se refere aos testes de discriminação manuais, foram calculados os números de acertos e de erros para cada par mínimo controlado no instrumento, conforme se pode visualizar a seguir no quadro (19).

⁵² Não é controlado o [ɲ] porque nas duas línguas há representação ortográfica distinta para esse fone. Em FS [ɲ] é ortografado como 'gn' e em PB como 'nh'.

⁵³ Nomeiam-se híbridos os dados que apresentam omissão da consoante nasal 'n' ou 'm' e mudança da qualidade da vogal oral simultaneamente.

Quadro 19 - Exemplo do procedimento adotado para obtenção dos dados com testes manuais

Nível				FLE 1º ano		FLE 2º ano	
				acertos	erros	acertos	erros
Pares mínimos							
1	Pain [pɛ̃]	x	paix [pɛ]	11	2	4	0
2	Peintre [pɛ̃tʁ]	x	Paître [pɛtʁ]	12	1	4	0
3	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛ̃t]	13	0	4	0
4	Inde [ɛ̃d]	x	Aide [ɛd]	12	1	4	0
5	Banc [bã]	x	Bas [ba]	11	2	4	0
6	Banque [bãk]	x	Banque [bãk]	12	1	4	0
7	Ange [ãʒ]	x	Âge [aʒ]	12	1	4	0
8	Pot [po]	x	Pont [pɔ̃]	12	1	4	0
9	Conte [kɔ̃t]	x	Conte [kɔ̃t]	13	0	4	0
10	Onde [ɔ̃d]	x	Onde [ɔ̃d]	13	0	3	1
Total				121/130	9/130	39/40	1/40
Percentuais totais				(93%)	(7%)	(98%)	(2%)
FLE 1º ano n=13; FLE 2º ano n=4							

Posteriormente, no que se refere aos testes de discriminação *ecoutest*, foram calculados os números de acertos e de erros para cada par mínimo controlado no instrumento, bem como o número de vezes que o informante ouviu cada par mínimo, conforme se pode visualizar a seguir no Quadro 20.

Quadro 20 - Exemplo do procedimento adotado para obtenção dos dados com testes *ecoutest*

Teste 1

Informantes FLE 1 ^o ano (sem contato com a escrita)			Informante 1		Informante 2		Informante 3	
			Desem- penho	Quanti- dade de escuta	Desem- penho	Quanti- dade de escuta	Desem- penho	Quanti- dade de escuta
Palavras Controladas								
1	Pain	Paix	acerto	2	acerto	1	acerto	1
2	Peintre	Paître	acerto	6	acerto	1	acerto	2
3	Crainte	Crainte	acerto	3	acerto	2	erro	2
4	Inde	Aide	acerto	4	acerto	3	erro	2
5	Banc	Bas	acerto	3	acerto	2	acerto	2
6	Banque	Banque	acerto	2	acerto	1	acerto	2
7	Ange	Âge	acerto	2	acerto	1	acerto	2
8	Pot	Pont	acerto	3	acerto	1	acerto	2
9	Conte	Conte	acerto	3	acerto	2	acerto	2
1 0	Onde	Onde	acerto	2	acerto	2	acerto	3

Feito isso, foi calculado o percentual de acertos e de erros para cada par mínimo controlado nos dois tipos de teste realizado. Finalmente, para cada adiantamento linguístico, verificou-se qual o par mínimo e, qual a variável que mais propiciava o erro.

3.4.3 Sobre as descrições da amostra 3

No que concerne à descrição dos dados que compõem a amostra 3, primeiramente, procuraram-se nos textos escolhidos para a análise de acordo com os critérios já explicitados na seção 3.3.1, as grafias não-convencionais relativas à produção escrita de palavras com vogais em contexto de nasalização, as quais foram marcadas com marca-texto verde, conforme se visualiza em (5) em um texto produzido por uma criança francesa.

(5) Exemplo do procedimento adotado para obtenção dos dados da amostra 3

Le petit chatpecre rouge pare de sa
 maison. Elle **nancobre** le loue dans la
 forêt le loue dit au petit chatpecre
 rouge tu va **prandre** ce chemin ici
 et moi je **vain** **prandre** ce chemin
 cie. le loue arrive **anpremié** a la
 maison le loue tce a la pte la
 granomé répon **antê** et le loue

Logo após, a amostra 3 foi fracionada em amostra 3a (crianças brasileiras) e 3b (crianças francesas) e foram calculados para cada fração e para cada adiantamento (série), as frequências dos registros não-convencionais para as três categorias de análise: omissão da consoante nasal 'n' ou 'm', mudança da qualidade da vogal oral e híbridos.

3.4.4 Sobre as análises

As análises foram realizadas através de cruzamentos entre dados gráficos – não-convencionais – espontâneos e controlados, e dados perceptuais, selecionados dentre as três amostras da tese, os quais foram discutidos com base nas propostas teóricas existentes para a interpretação da nasalidade em vogais nas duas línguas estudadas.

4 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo são apresentadas as descrições dos dados referentes às amostras da tese. Primeiramente, são descritos os dados da amostra 1, concernentes aos 3 instrumentos, que correspondem às escritas controladas de vogais em contexto de nasalização produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB. Ainda nessa seção, são, também, descritas as diferentes grafias encontradas para os fones [ẽ], [ã] e [õ], seguidas da frequência com que ocorrem, bem como da interferência das variáveis linguísticas (qualidade da vogal, tonicidade, tamanho da palavra, posição na palavra e conhecimento da palavra) e da variável extralinguística (tempo de exposição à língua) sobre a grafia incorreta desses fones. Em seguida, faz-se a distribuição dos dados nas três categorias, a saber: (i) omissão das consoantes 'n' ou 'm'; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos, seguidos da frequência de ocorrências na categoria para cada fone analisado. Por último, apresenta-se o resumo dos principais resultados obtidos com as descrições das escritas controladas produzidas pelo grupo de sujeitos da tese.

Na sequência, descrevem-se os dados observados na amostra 2, relativos à percepção das vogais em contexto de nasalização produzidas pelo grupo de sujeitos que foi submetido aos ensaios. Primeiramente são descritos os dados referentes aos testes manuais (coletivos) e, na sequência, os dados relativos aos *ecoutest* (individuais). Por último, apresenta-se o resumo dos principais resultados obtidos com as descrições dos testes perceptuais e faz-se uma comparação com os principais resultados obtidos com as descrições das escritas controladas dos sujeitos.

4.1.DESCRICÕES DAS ESCRITAS CONTROLADAS

4.1.1.Descrições dos dados da amostra 1 – (escritas controladas produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB)

Na presente seção são descritos os dados da amostra 1 concernentes aos instrumentos 1, 2 e 3 considerando-se os níveis linguísticos dos sujeitos:

- a) Inicialmente, descrevem-se os percentuais de registros convencionais e de registros não-convencionais para cada fone ([ẽ], [ã] e [õ]), seguidos da frequência com que ocorrem.
- b) Em seguida, são apresentados os percentuais de ocorrências de registros convencionais e não-convencionais para cada palavra controlada no instrumento, seguido das descrições da interferência das variáveis sobre as grafias de [ẽ], [ã] e [õ]).
- c) Posteriormente, apresentam-se as frequências da distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ẽ], [ã] e [õ] nas três categorias: (i) omissão das consoantes 'n' ou 'm'; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.
- d) Por último, no final da seção, apresenta-se o resumo dos principais resultados obtidos com as descrições de cada um dos três instrumentos.

4.1.1.1 Descrições geral do instrumento 1 – amostra 1a

O instrumento 1, amostra 1a, controla pares mínimos que contrapõem palavras as quais exibem vogais em contexto de nasalização do FS *versus* suas contrapartes orais (cf. a sequência dos pares mínimos controlados neste instrumento no apêndice de nº 1).

4.1.1.2 As representações gráficas de [ẽ]

O Quadro 21 ilustra as ocorrências das representações gráficas para [ɛ̃] encontradas nos dados relativos à execução do instrumento 1 em palavras monossílabas (*crainte* [kɾɛ̃t] *peintre* [pɛ̃tʁ], *Inde* [ɛ̃d]), dissílabas (*imbu* [ɛ̃by], *un Dieu* [ɛ̃djø]), trissílabas (*imprévu* [ɛ̃pɾevy], *l'inconnu* [lɛ̃kɔny]) e polissílabas (*l'indiscipline* [lɛ̃disiplin]) produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.

Quadro 21 – Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ɛ̃] de acordo com o tempo de exposição à LE

Diferentes grafias para [ɛ̃]				
Turmas	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
Tipos de Palavra				
Monossílabos	0 (0%)	45 (100%)	7 (58%)	5 (42%)
<i>crainte</i> [krɛ̃t] (T, PD, IP)	0	15	4	0
	0	15	3	1
<i>peintre</i> [pɛ̃tr] (T, PD, MP)	0	15	0	4
<i>Inde</i> [ɛ̃d] (T, , PC, IP)				
Dissílabos	2 (7%)	28 (93%)	1 (13%)	7 (87%)
<i>imbu</i> [ɛ̃by] (A, PD, IP)	0	15	0	4
	2	13	1	3
<i>un Dieu</i> [ɛ̃djø] (A, PC, IP)				
Trissílabos	0 (0%)	30 (100%)	5 (63%)	3 (37%)
<i>imprévu</i> [ɛ̃prevy] (A, PD, IP)	0	15	2	2
	0	15	3	1
<i>l'inconnu</i> [lɛ̃kɔny] (A, PD, MP)				
Polissílabos	4	11	4	0
<i>l'indiscipline</i> [lɛ̃disiplin] (A, PC, MP)	4	11	4	0
Total	6/120	114/120	17/32	15/32
Percentuais Totais	5%	95%	53%	47%
FLE 1º ano n=15 FLE 2º ano n=4				
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra				

Os resultados do Quadro 21 permitem afirmar que, em relação à interferência das variáveis linguísticas⁵⁴ qualidade da vogal (nível gráfico), tonicidade, tamanho da palavra, posição na palavra e conhecimento da palavra sobre as grafias não-convencionais das palavras controladas relativas à [ẽ], a principal variável linguística interveniente é a qualidade da vogal (nível gráfico). Essa afirmação é feita diante da evidência de que há um alto percentual de flutuações em todas as palavras exibidas no Quadro 21, demonstrando que as demais variáveis linguísticas pouco interferem nas grafias de [ẽ].

Com respeito à interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua, percebe-se, por intermédio do Quadro 21, um declínio nos percentuais de grafias não-convencionais produzidas pelo FLE 1º ano comparativamente àquelas produzidas pelo FLE 2º ano (95% FLE 1º ano e (47% FLE 2º ano), o que sugere a interferência dessa variável nas grafias de [ẽ] produzidas pelos sujeitos da tese.

4.1.1.2.1 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

O Quadro 22, exibido a seguir, apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos pelos dois níveis linguísticos, nas grafias de [ẽ], de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e (iii) híbridos.

⁵⁴ Lembra-se que a variável linguística qualidade da vogal (nível gráfico) é controlada através do registro gráfico dos fones [ẽ], [ã] e [õ]; a variável linguística tamanho da palavra, por monossílabos, dissílabos e trissílabos; e, a variável extralinguística tempo de exposição à LE, por FLE 1º ano e FLE 2º ano.

Quadro 22 – Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ẽ] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

Nível		FLE 1º ano			FLE 2º ano		
		Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	<i>crainte</i>	-	15	-	-	-	-
	<i>peintre</i>	-	15	-	-	1	-
	<i>Inde</i>	-	15	-	-	4	-
D	<i>imbu</i>	-	10	5	-	4	-
	<i>Un Dieu</i>	-	13	-	-	3	-
T	<i>imprévu</i>	-	14	1	-	2	-
	<i>L'inconnu</i>	1	4	10	-	1	-
P	<i>L'indiscipline</i>	1	1	9	-	-	-
Totais		2/114	87/114	25/114	0/15	15/15	0/15
Percentuais totais		2%	76%	22%	0%	100%	0%
FLE 1º ano n=15 FLE 2º ano n=4							
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança: mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado.							

Ao analisar o Quadro 22, pode-se observar que, quanto aos procedimentos adotados nos registros gráficos não-convencionais de [ẽ] realizados pelos dois adiantamentos linguísticos de FLE, o mais frequente (empregado pelos dois níveis

linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Esse procedimento foi observado em 87/114 (76%) dos registros não convencionais de [ẽ] produzidos pelo FLE 1º ano e na totalidade dos registros não-convencionais produzidos pelo FLE 2º ano – 15/15. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir em (i).

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [ẽ]

- | | |
|-----------------------------|----------------|
| 1. <u>Crainte</u> [krɛ̃t] | <u>CANT</u> |
| 2. <u>Inde</u> [ɛ̃d] | <u>Amde</u> |
| 3. <u>Peintre</u> [pɛ̃tr] | <u>panitre</u> |
| 4. <u>Un Dieu</u> [ɛ̃djø] | <u>endieu</u> |
| 5. <u>Imprévu</u> [ɛ̃prevy] | <u>ɔnplevu</u> |

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal média baixa anterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ẽ] pela grafia que corresponde à vogal baixa central posterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ã]. Esse fenômeno é evidenciado em 88/102 (86%) dos dados observados, indiciando um número significativo de frequências de mudança na grafia da vogal [ẽ] para a vogal [ã] em todos os níveis linguísticos de FLE. As 14/102 (14%) alterações restantes evidenciam mudanças apenas em nível gráfico, conforme se pode observar através de grafias da palavra 'paintre' em vez de 'peintre', 'und' em vez de 'inde', 'un bu' em vez de 'imbu', 'um prevu' em vez de 'imprévu' e 'l'unconnu' em vez de 'l'inconnu', nas quais [ẽ] é grafado por 'um' e un' formas possíveis, juntamente com 'in' e 'im' de registrar convencionalmente o fone

[ɛ̃] (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica, seção relativa à distribuição ortográfica do FS).

A análise do Quadro 22 possibilita, ainda, afirmar que o nível debutante em FLE (1º ano) é o que mais utiliza procedimentos para grafar [ɛ̃], os quais resultam em erros gráficos. Somente nesse estágio linguístico podem ser observados dados que revelam omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’ (2%) e hibridismos⁵⁵ (22%). Os exemplos visualizados em (ii) e (iii) ilustram, respectivamente, casos de registros que revelam omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’; e, hibridismos.

(ii) Omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ nos registros gráficos de [ɛ̃]

1. L'indiscipline [lɛ̃disiplin]

le discipline

2. L'inconnu [lɛ̃kɔny]

le connu

(iii) Hibridismos nos registros gráficos de [ɛ̃]

1. L'indiscipline [lɛ̃disiplin]

la discipline

2. L'inconnu [lɛ̃kɔny]

la connu

3. Imbu [ɛ̃by]

abu

Os dados apresentados em (ii) revelam que [ɛ̃] foi registrado como ‘e’ - representação gráfica possível para [ɛ] (contraparte oral de [ɛ̃]), indiciando apenas

⁵⁵ Nomeiam-se ‘híbridos’ os dados que revelam omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança da qualidade da vogal simultaneamente.

apagamento de 'n'. Já, nos exemplos apresentados em (iii), além de os dados revelarem apagamento de 'n' revelam que a vogal [ɛ] - contraparte oral de [ẽ] foi grafada como 'a' (representação gráfica de [a]) – contraparte oral da vogal em contexto de nasalização - [ã].

4.1.1.3 As representações gráficas de [ã]

O Quadro 23, apresentado a seguir, ilustra as ocorrências das representações gráficas encontradas para [ã] nos dados obtidos com a aplicação do instrumento 1, exibidas nas palavras monossilábicas (*banque* [bãk] e *ange* [ãʒ]), nas dissilábicas (*pensa* [pãsa] e *en croix* [ãkrwa]) e, na trissilábica (*en revu* [ãrevy]) produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e FLE 2º ano.

Quadro 23 – Representações gráficas do fone [ã] de acordo com o tempo de exposição à LE

Diferentes grafias para [ã]				
Turmas	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
Tipos de Palavra				
Monossílabos	10 (33%)	20 (67%)	7 (88%)	1 (12%)
<i>banque [bãk] (T, PC, MP)</i>	7	8	4	0
<i>ange [ãʒ] (T, PC, IP)</i>	3	12	3	1
Dissílabos	5 (17%)	24 (83%)	3 (43%)	4 (57%)
<i>pensa [pãsa] (A, PC, MP)</i>	1	14	2	1
<i>en croix [ãkrwa] (A, PD, IP)</i>	4	10	1	3
Trissílabos	0 (0%)	15 (100%)	2 (50%)	2 (50%)
<i>en revu [ãrevy] (A, PD, IP)</i>	0	15	2	2
Total	15/74	59/74	12/19	7/19
Percentuais Totais	20%	80%	63%	37%
FLE 1º ano n=15 FLE 2º ano n=4				
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra				

Os percentuais apresentados no Quadro 23 permitem afirmar que em relação à interferência das variáveis linguísticas qualidade da vogal (nível gráfico),

tonicidade, tamanho da palavra, posição na palavra e conhecimento da palavra) sobre as grafias não-convencionais de [ã], o tamanho da palavra, a posição do fone na palavra e o conhecimento da palavra interferem nas produções do FLE 1º ano e, o conhecimento da palavra e a posição do fone na palavra, nas produções do FLE 2º ano. Essa afirmação é feita diante da evidência de (100%) de registros desviantes para *en revu* [ãrevy] (palavra trissílaba e supostamente desconhecida dos sujeitos e que exibe [ã] em início de palavra) realizada pelo FLE 1º ano e 3/4 (75%) para *en croix* [ãkrwa] e 2/4 (50%) para *en revu* [ãrevy] (palavras supostamente desconhecidas dos sujeitos, que exibem [ã] em início de palavra) realizadas pelo FLE 2º ano.

Com respeito à interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua, percebe-se por intermédio do Quadro 23, que há um declínio nos percentuais de grafias não-convencionais produzidas pelo FLE 1º ano comparativamente àquelas produzidas pelo FLE 2º ano – (80% FLE 1º ano) e (37% FLE 2º ano), o que sugere a interferência dessa variável nas grafias de [ã] produzidas pelos sujeitos da tese.

4.1.1.3.1 As representações gráficas não-convencionais de [ã] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

O Quadro 24, exibido a seguir, apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos pelos dois níveis linguísticos de FLE, adotados nas grafias de [ã] de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.

Quadro 24 – Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ã] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

As representações gráficas não-convencionais de [ã] de acordo com os procedimentos adotados pelos sujeitos							
Nível		FLE 1º ano			FLE 2º ano		
		Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	banque [bãk]	-	8	-	-	-	-
	Ange [ãʒ]	1	10	-	-	1	-
D	Pensa [pãsa]	4	8	1	-	-	1
	en croix [ãkrwa]	-	8	2	-	3	-
T	en revu [ãrevy]	-	10	5	-	2	-
Totais		5/57	44/57	8/57	0/7	6/7	1/7
Percentuais totais		9%	77%	14%	0%	86%	14%
FLE 1º ano n=15 FLE 2º ano n=4							
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança: mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado.							

Ao analisar o Quadro 24, pode-se observar que, quanto aos procedimentos adotados nos registros gráficos não-convencionais de [ã] realizados pelos dois adiamentos linguísticos de FLE, o mais frequente (empregado pelos dois níveis linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Esse procedimento foi observado em 44/57 (77%) dos registros não convencionais de [ã] produzidos pelo FLE 1º ano e na quase totalidade dos registros não-convencionais produzidos pelo nível de FLE 2º ano, ou seja, 6/7 (86%). Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir, em (i):

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [ã]

- | | |
|---------------------|----------------|
| 1. Pensa [pãsa] | <u>lɛm sã</u> |
| 2. Banque [bãk] | <u>lɛnɔk</u> |
| 3. en croix [ãkrwa] | <u>ɔn kwi</u> |
| 4. en revu [ãrevy] | <u>ɛn ʁevu</u> |
| 5. ange [ãʒ] | <u>ɛnʒ</u> |

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal baixa, central, posterior e não arredondada em contexto de nasalização - [ã] pela grafia da vogal média-baixa, posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ]. Esse fenômeno é evidenciado em 39/50 (78%) do total dos dados que revelaram mudança na grafia da vogal, indiciando um número significativo de frequências de mudança na grafia da vogal [ã] para a vogal [õ] nos dois níveis linguísticos de FLE. As 11/50 (22%) alterações restantes evidenciam mudanças de ordem distintas, em 'an revu' em vez de 'en revu', por exemplo, a mudança é feita apenas em nível gráfico, nas qual [ã] é grafado por 'an', forma possível, juntamente com 'en', de registrar convencionalmente o fone em questão (cf. capítulo da fundamentação teórica, seção concernente à distribuição ortográfica do FS).

A análise do Quadro 24 possibilita, ainda, afirmar que o nível debutante em FLE (FLE 1º ano) é o que mais utiliza procedimentos para grafar [ã]. Somente nesse estágio linguístico podem ser observados dados que revelam omissões de consoantes 'n' ou 'm' (9%) e hibridismo (14%). Os exemplos visualizados em (ii) e

(iii) ilustram, respectivamente, casos de registros que revelam omissões das consoantes ‘n’ ou ‘m’⁵⁶; e, hibridismos.

(ii) Omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ nos registros gráficos de [ã]

1. ange [ãʒ]

ARJI

(iii) Hibridismos nos registros gráficos de [ã]

1. Pensa [pãsa]

pã seat passar

2. en revu [ãrevv]

Au revv

Os dados apresentados em (ii) revelam que [ã] foi registrado como ‘a’ - representação gráfica de [a] (contraparte oral de [ã]), indiciando apenas apagamento de ‘n’. Já, em (iii), além de os dados revelarem apagamento de ‘n’ revelam que a vogal [a] - contraparte oral de [ã] foi grafada como ‘o’ e ‘au’ – formas possíveis de registrar convencionalmente o fone [ɔ] contraparte oral da vogal em contexto de nasalização do FS [õ] (cf. capítulo da fundamentação teórica, seção concernente à distribuição ortográfica do FS).

4.1.1.4 As representações gráficas de [õ]

O Quadro 25 ilustra as diferentes representações gráficas observadas nos dados obtidos com a execução do instrumento 1 para o fone [õ] nas palavras monossílabas (*conte* [kõt] e *onde* [õd]), na dissílaba (*on doit* [õdwa]) e, na trissílaba (*ont diné* [õdine]) produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.

⁵⁶ Dados como os apresentados em (ii) foram classificados na categoria omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’, embora apresentem registro de ‘r’ no lugar de ‘n’.

Quadro 25 – Representações gráficas do fone [õ] de acordo com o tempo de exposição à LE

Diferentes grafias para [õ]				
Turmas	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
Tipos de Palavra				
Monossílabos	25 (86%)	4 (14%)	8 (100%)	0 (0%)
<i>conte</i> [kõt] (PC, T, MP)	12	2	4	0
<i>onde</i> [õd] (PC, T, IP)	13	2	4	0
Dissílabos	12 (80%)	3 (20%)	3 (75%)	1 (25%)
<i>on doit</i> [õdwa] (PC, A, IP)	12	3	3	1
Trissílabos	15 (100%)	0 (0%)	3 (75%)	1 (25%)
<i>ont diné</i> [õdine] (PC, A, IP)	15	0	3	1
Total	52/59	7/59	14/16	2/16
Percentuais Totais	88%	12%	88%	12%
FLE 1º ano n=15 FLE 2º ano n=4				
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra				

As frequências de registros gráficos do fone [õ], observadas no quadro (25) em palavras monossílabas, dissílabas e trissílabas, permite afirmar que registrar graficamente o fone [õ] parece não ser tarefa difícil para aprendizes de FLE em todos os níveis linguísticos observados no estudo. Essa afirmativa pode ser feita diante da evidência de baixos percentuais de registros não-convencionais para [õ] produzidos pelos sujeitos.

Os poucos casos de desvios concernentes às grafias de [õ] foram, especialmente, decorrentes da palavra *on doit* [õdwa], que exibe [õ] em início de palavra e é supostamente desconhecida dos sujeitos - 3/15 (20%) realizadas pelo FLE 1º ano e 1/4 (25%) pelo FLE 2º ano. Esses percentuais permitem afirmar que as variáveis linguísticas posição na palavra e conhecimento da palavra interferem sobre as poucas grafias não-convencionais de [õ] produzidas pelos dois adiantamentos linguísticos de FLE.

Com respeito à interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua, percebe-se, por intermédio do Quadro 25, número semelhante nos percentuais de grafias não-convencionais produzidas pelo FLE 1º ano comparativamente àquelas produzidas pelo FLE 2º ano – (12% FLE 1º ano e 12% FLE 2º ano), o que sugere pouca interferência dessa variável nas grafias de [õ] produzidas pelos sujeitos da tese.

4.1.1.4.1 As representações gráficas não-convencionais de [õ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

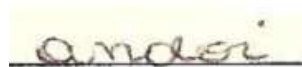
O Quadro 26, exibido a seguir, apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos pelos dois níveis linguísticos de FLE, adotados nas grafias de [õ] de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.

Quadro 26 – Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [õ] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos

As representações gráficas não-convencionais de [õ] de acordo com os procedimentos adotados pelos sujeitos							
Nível		FLE 1º ano			FLE 2º ano		
		Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	Conte [kõt]	-	2	-	-	-	-
	Onde [õd]	-	2	-	-	-	-
D	On doit [õdwa]	-	3	-	-	1	-
T	Ont diné [õdine]	-	-	-	-	1	-
Totais		0/7	7/7	0/7	0/2	2/2	0/2
Percentuais totais		0%	100%	0%	0%	100%	0%
FLE 1º ano n=15 FLE 2º ano n=4							
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança: mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado.							

Ao analisar o Quadro 26, pode-se observar que, quanto aos procedimentos adotados nos registros gráficos não-convencionais de [õ] realizados pelos dois adiantamentos linguísticos de FLE, o único empregado pelos dois níveis linguísticos foi a mudança na grafia da vogal. Esse procedimento foi observado na totalidade (100%) dos registros não convencionais de [õ] produzidos pelos dois adiantamentos linguísticos observados no estudo. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir, em (i):

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [õ]

1. on doit [õdwa]2. ont diné [õdine]

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal média-baixa, posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ] - seja pela grafia da vogal baixa, central, posterior e não arredondada em contexto de nasalização - [ã] - seja pela grafia da vogal média-baixa anterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ẽ]. Esse fenômeno é evidenciado em (56%) dos casos. Sendo que desses 5/9 (56%) de evidências de mudança na grafia da vogal, 3/5 concernem à mudança de [õ] para [ã] e 2/5 de [õ] para [ẽ].

As 4/9 (44%) alterações restantes evidenciam mudanças de ordem distintas. Em 2/9 (22%) dos registros a mudança é feita somente em nível gráfico, como por exemplo, em 'caunt' em vez de 'conte' e 'aund' em vez de 'onde'. Esses dados evidenciam que os sujeitos escolheram, dentre as possibilidades permitidas pelo sistema do FS para representar o fone [õ], uma representação possível - 'au'. As outras 2/9 (22%) das alternâncias nas grafias da vogal [õ] em contexto de nasalização evidenciam mudanças de [õ] para [ũ], como, por exemplo, em 'count' em vez de 'conte' e 'ound' em vez de 'onde'. (cf. capítulo da fundamentação teórica, seção concernente ao sistema ortográfico do FS).

4.1.2 Descrições dos dados do Instrumento 2 – amostra 1b

4.1.2.1 Descrição Geral dos dados do Instrumento 2 – amostra 1b

O instrumento 2 – amostra 1b – controla palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas que exibem os fones [ẽ], [ã] e [õ] nas variáveis controladas (cf. a sequência das palavras controladas neste instrumento no apêndice de nº 2).

4.1.2.2 As representações gráficas de [ẽ]

O Quadro 27 ilustra as ocorrências das representações gráficas para [ẽ] encontradas nos dados relativos à execução do instrumento 2, na palavra monossílaba (*Inde* [ẽd]), nas dissílabas (*Hindou* [ẽdu], *Linceul* [lẽsæul], *imbu* [ẽby], *jacinthe* [ʒasẽt]), nas trissílabas (*Infermière* [ẽfɛrmjɛr], *Désinvolte* [dezẽvɔlt], *Infusoire* [ẽfyzwar], *Berlingots* [bɛrlẽgo]) e nas polissílabas (*Individu* [ẽdividy], *Desinfecter* [dezẽfɛkte], *Hindoustani* [ẽdustani], *Asymptotique* [asẽptɔtik]), produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.

Quadro 27 – Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ɛ̃] de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Diferentes grafias para [ɛ̃]				
Turmas	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
Tipo de Palavras				
Monossílabos	0 (0%)	13 (100%)	0 (0%)	4 (100%)
<i>Inde</i> [ɛ̃d] (PC. IP. T.)	0	13	0	4
Dissílabos	3 (5%)	52 (95%)	3 (19%)	13 (81%)
<i>Hindou</i> [ɛ̃du] (PC. IP. A.)	0	14	1	3
<i>Linceul</i> [lɛ̃sœl] (PC. MP. A.)	0	13	0	4
<i>imbu</i> [ɛ̃by] (PD. IP. A.)	0	14	0	4
<i>jacinthe</i> [ʒasɛ̃t] (PD. MP. T.)	3	11	2	2
Trissílabos	2 (4%)	53 (96%)	0 (0%)	16 (100%)
<i>Infermière</i> [ɛ̃fɛrmjɛr] (PC. IP. A.)	2	12	0	4
<i>Désinvolte</i> [dezɛ̃vɔlt] (PC. FS. MP. A.)	0	13	0	4
<i>Infusoire</i> [ɛ̃fyzwar] (PD. IP. A.)	0	14	0	4
<i>Berlingots</i> [bɛrlɛ̃go] (PD. MP. A.)	0	14	0	4
Polissílabos	3 (6%)	49 (94%)	8 (50%)	8 (50%)
<i>Individu</i> [ɛ̃dividy] (PC. IP. A.)	0	11	2	2
<i>Desinfecter</i> [dezɛ̃fɛkte] (PC. MP. A.)	3	11	3	1
<i>Hindoustani</i> [ɛ̃dustani] (PD. IP. A.)	0	14	2	2
<i>Asymptotique</i> [asɛ̃ptɔtik] (PD. MP. A.)	0	13	1	3
Total	8/175	167/175	11/52	41/52
Percentuais Totais	5%	95%	21%	79%
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4				
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra				

Os percentuais apresentados no Quadro 27 permitem afirmar que, em relação à interferência das variáveis linguísticas qualidade da vogal (nível gráfico), tonicidade, tamanho da palavra, posição na palavra e conhecimento da palavra, sobre as grafias não-convencionais de palavras controladas relativas à [ẽ], a principal variável linguística interveniente é a qualidade da vogal (nível gráfico). Essa afirmação é feita diante da evidência de que há um alto percentual de flutuações em todas as palavras controladas, exibidas no Quadro 27, produzidas pelos dois níveis linguísticos de FLE, demonstrando que as demais variáveis linguísticas pouco interferem nas grafias de [ẽ].

Com respeito à interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua, percebe-se por intermédio do Quadro 27, que há um declínio, embora menos significativo do que aquele visualizado nas produções gráficas não-convencionais para [ẽ] oriundas do instrumento 1, nos percentuais de grafias não-convencionais produzidas pelo FLE 1º ano comparativamente àquelas produzidas pelo FLE 2º ano – (95% FLE 1º ano e 79% FLE 2º ano). O que sugere a interferência dessa variável nas grafias de [ẽ] produzidas pelos sujeitos da tese.

4.1.2.2.1 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

O Quadro 28, exibido a seguir, apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais nas grafias de [ẽ], produzidos pelos dois níveis linguísticos, de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.

Quadro (28) – Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ẽ] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] de acordo com os procedimentos adotados pelos sujeitos							
Nível		FLE 1º ano			FLE 2º ano		
		Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	<i>Inde</i>	-	13	-	-	4	-
D	<i>Hindou</i>	-	14	-	-	2	-
	<i>Linceul</i>	-	8	5	-	3	1
	<i>imbu</i>	-	13	1	-	4	-
	<i>jacinthe</i>	-	11	-	-	2	-
T	<i>infirmière</i>	-	7	5	-	3	1
	<i>désinvolte</i>	-	9	4	-	4	-
	<i>infusoire</i>	-	13	1	-	4	-
	<i>berlingots</i>	1	8	5	-	3	-
P	<i>individu</i>	-	11	-	-	2	-
	<i>desinfecter</i>	-	10	2	-	1	-
	<i>Hindoustani</i>	-	14	-	-	2	-
	<i>Asymptotique</i>	-	13	-	-	3	-
Totais		1/168	144/168	23/168	0/40	38/40	2/40
Percentuais totais		(1%)	(86%)	(13%)	(0%)	(95%)	(5%)
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4							
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança: mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado.							

Ao analisar o Quadro 28, pode-se observar que, quanto aos procedimentos adotados nos registros gráficos não-convencionais de [ẽ] realizados pelos dois adiamentos linguísticos de FLE, o mais frequente (empregado pelos dois níveis linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Esse procedimento foi observado em 144/168 (86%) dos registros não convencionais de [ẽ] produzidos pelo FLE 1º ano e na quase totalidade dos registros não-convencionais produzidos pelo FLE 2º ano – 38/40 (95%). Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir em (i).

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [ɛ̃]

1. <i>Inde</i> [ɛ̃d]	<u>and</u>
2. <i>Hindou</i> [ɛ̃du]	<u>andu</u>
3. <i>Linceul</i> [lɛ̃sœl]	<u>lansœil</u>
4. <i>imbu</i> [ɛ̃by]	<u>ambu</u>
6. <i>Infermière</i> [ɛ̃fɛRMjɛR]	<u>enfummeiee</u>
7. <i>Désinvolté</i> [dezɛ̃vɔlt]	<u>dezamvɔl</u>
8. <i>Infusoire</i> [ɛ̃fyzwar]	<u>enfuzoair</u>
9. <i>Berlingots</i> [bɛRLɛ̃go]	<u>BERVAN60T</u>
11. <i>Desinfecter</i> [dezɛ̃fɛkte]	<u>desamfɛkte</u>
12. <i>Hindoustani</i> [ɛ̃dustani]	<u>endoustalin</u>
13. <i>Asymptotique</i> [asɛ̃ptɔtik]	<u>ASANEOTI</u>

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal média baixa anterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ɛ̃] ('in') pela grafia da vogal baixa central posterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ã] ('an' ou 'en'), na maior parte dos dados observados. Esse fenômeno é evidenciado em 105/144 (73%) dentre os dados obtidos nas produções gráficas do FLE 1º ano, e em 27/38 (71%) dentre os dados obtidos nas produções gráficas do FLE 2º ano, totalizando 132/182 (73%) de mudança na grafia da vogal [ɛ̃] para a vogal [ã] nos dois níveis linguísticos de FLE estudados.

No que tange às alterações restantes produzidas pelo FLE 1º ano, 39/144 (27%) evidenciam mudanças de ordem distintas: 34/144 (24%) revelam alterações apenas em nível gráfico, conforme se pode observar através de grafias das palavras ‘un fusoir’ em vez de ‘infusoire’, ‘unnou’ em vez de ‘hindou’, ‘unbu’ em vez de ‘imbu’, ‘unbustano’ em vez de ‘hindoustani’ e ‘assuntati’ em vez de ‘assymptotique”, nas quais [ẽ] é grafado por ‘um’ e ‘un’ formas possíveis, juntamente com ‘in’ e ‘im’ de registrar convencionalmente o fone em questão; enquanto que, as 5/144 (3%) produções excedentes realizadas pelo nível básico, revelam troca nas grafias da vogal média baixa anterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ẽ̃] (‘in’) por grafias condizentes com a vogal média baixa, posterior e arredondada em contexto de nasalização – [õ̃] (‘on’), conforme se pode observar por intermédio de registros das palavras ‘on veuvê’ em vez de ‘individu’, ‘desonfécete” em vez de ‘desinfecter’ e ‘assontotic’ em vez de ‘asymptotique’ (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica, seção distribuição ortográfica do FS).

Com relação às 11/38 alterações restantes, produzidas pelo FLE 2º ano, o total revelou mudança apenas em nível ortográfico, conforme se pode observar através de grafias de palavras tais como: ‘ungle’ em vez de ‘inde’, ‘un nou’ em vez de ‘hindou’, ‘unfermière’ em vez de ‘infermière’, ‘lainseule’ em vez de ‘linceul’, ‘unui’ em vez de ‘imbu’, ‘unfusoir’ em vez de ‘infusoir’, ‘undoustamie’ em vez de ‘hindoustani’, ‘chassain’ em vez de ‘jacinthe’ e ‘assimpetit’ em vez de ‘assymptotique’, nas quais [ẽ] é grafado por ‘un’, ‘ain’ e ‘in’, formas possíveis, juntamente com ‘in’, ‘im’ e ‘yn’ de registrar convencionalmente o fone em questão (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica, seção distribuição ortográfica do FS).

A análise do quadro (28) possibilita ainda afirmar que o único dado que revelou apenas omissão da consoante nasal foi encontrado dentre os dados produzidos pelo 1º ano de FLE e que, tanto o FLE 1º ano, quanto o FLE 2º ano, embora com baixa frequência (13% FLE 1º ano e 5% FLE 2º ano), utilizam procedimentos que resultam em dados híbridos (omissão da consoante nasal e mudança na grafia da vogal, simultaneamente). Os exemplos apresentados em (ii) e (iii) ilustram, respectivamente, casos de registros que revelam omissão da consoante nasal e hibridismos.

(ii) Omissão das consoantes 'n' ou 'm' nos registros gráficos de [ẽ]

1. *Berlingots* [bɛrlẽgo]berme nos

(iii) Híbridos nos registros gráficos de [ẽ]

1. *Linceul* [lẽsæ̃l]la noie2. *Imbu* [ẽby]abu3. *Infermière* [ẽfɛrmjɛ̃ʁ]Afiarmid?4. *Désinvolte* [dezẽvɔlt]Desavoir5. *Infusoire* [ẽfyzwar]afesuar6. *Berlingots* [bɛrlẽgo]Bernidauk7. *Desinfecter* [dezẽfɛkte]desafecte

Os dados apresentados em (ii) revelam que [ẽ] foi registrado como 'e' – representação gráfica possível para [ɛ] (contraparte oral de [ẽ̃]), indiciando apenas apagamento de 'n'. Já, nos exemplos apresentados em (iii), além de os dados revelarem apagamento de 'n' revelam que a vogal [ɛ] - contraparte oral de [ẽ̃] foi grafada como 'a' (representação gráfica de [a]) – contraparte oral da vogal em contexto de nasalização - [ã].

4.1.2.3 As representações gráficas de [ã]

O Quadro 29, apresentado a seguir, ilustra as ocorrências das representações gráficas encontradas para [ã] nos dados obtidos com a aplicação do

instrumento 2 em palavras monossilábicas (*ange* [ãʒ], *anse* [ãs]), dissilábicas (*anglais* [ãgle], *orange* [ɔʀãʒ], *anglet* [ãgle], *mancelle* [mãsɛl]), trissilábicas (*entreprise* [ãtʀɛpriz], *boulangier* [bulãʒɛ], *angarie* [ãgari], *calembour* [kalãbur]) e, polissílabas (*antiquité* [ãtikite], *présidentielles* [pʀezidãsiɛl], *angousticlave* [ãgustiklav], *coextensive* [koekstãsiv]) produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.

Quadro 29 – Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ã] de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Diferentes grafias para [ã]				
Turmas Tipo de Palavras	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
Monossílabos	7 (25%)	21 (75%)	3 (38%)	5 (62%)
Ange [ãʒ] (PC. IP. T.)	7	7	2	2
Anse [ãs] (PD. IP. T.)	0	14	1	3
Dissílabos	38 (68%)	18 (32%)	10 (63%)	6 (37%)
Anglais [ãgle] (PC. IP. A.)	12	2	4	0
orange [ɔʀãʒ] (PC. MP. T.)	13	1	4	0
anglet [ãgle] (PC. IP. A.)	11	3	1	3
mancelle [mãsɛl] (PD.MP. T.)	2	12	1	3
Trissílabos	28 (50%)	28 (50%)	12 (75%)	4 (25%)
entreprise [ãtʀɛpriz] (PC. IP. A.)	8	6	4	0
boulangier [bulãʒɛ] (PC. MP. A.)	13	1	4	0
angarie [ãgari] (PD. IP. A.)	7	7	3	1
calembour [kalãbur] (PD. MP. A.)	0	14	1	3
Polissílabos	31 (55%)	25 (45%)	12 (75%)	4 (25%)
Antiquité [ãtikite] (PC. IP. A.)	10	4	3	1
Présidentielles [prezidãsiɛl] (PC. MP. A.)	12	2	4	0
angousticlave [ãgustiklav] (PD. IP. A.)	5	9	3	1
coextensive [koekstãsiv] (PD. MP. A.)	4	10	2	2
Total	104/196	92/196	37/56	19/56
Percentuais Totais	53%	47%	66%	34%
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4				
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra				

Os resultados apresentados no quadro 29 permitem afirmar que, em relação à interferência das variáveis linguísticas (qualidade da vogal (nível gráfico), tonicidade, tamanho da palavra, posição na palavra e conhecimento da palavra) sobre as grafias não-convencionais de [ã], o conhecimento da palavra interfere nas produções do FLE 1º ano e do FLE 2º ano. Essa afirmação é feita diante da evidência de (100%) de registros desviantes encontrados para anse [ãs] nas produções do FLE 1º ano e 75% (3/4) do FLE 2º ano, para mancele [mãsel] 86% (12/14) nas do FLE 1º ano e 75% (3/4) nas do FLE 2º ano e para calembour [kalãbur] 100% (14/14) nas do FLE 1º ano e 75% (3/4) nas do FLE 2º ano. Essas três palavras, conforme indica o Quadro 29 são palavras supostamente desconhecidas dos aprendizes de FLE.

Com respeito à interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua, percebe-se por intermédio do Quadro 29, que, embora não tão distante, há um declínio nos percentuais de grafias não-convencionais produzidas pelo FLE 1º ano comparativamente àquelas produzidas pelo FLE 2º ano – (47% FLE 1º ano e 34% FLE 2º ano). O que sugere a interferência dessa variável nas grafias de [ã] produzidas pelos sujeitos da tese.

4.1.2.3.1 As representações gráficas não-convencionais de [ã] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e híbridos

O Quadro 30, exibido a seguir, apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais encontrados nas grafias de [ã] produzidos pelos dois níveis linguísticos de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.

Quadro 30 – Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [ã] de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos

Palavra		FLE 1º ano			FLE 2º ano		
		Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	<i>ange</i>	-	7	-	-	2	-
	<i>Anse</i>	-	14	-	-	3	-
D	<i>anglais</i>	-	2	-	-	-	-
	<i>orange</i>	-	1	-	-	-	-
	<i>anglet</i>	-	3	-	-	-	-
	<i>mancelle</i>	1	11	-	-	3	-
T	<i>entreprise</i>	-	4	2	-	-	-
	<i>boulangier</i>	-	1	-	-	-	-
	<i>angarie</i>	-	7	-	-	1	-
	<i>calembour</i>	-	12	2	-	3	-
P	<i>antiquité</i>	-	4	-	-	1	-
	<i>presidentielle</i>	-	2	-	-	-	-
	<i>angousticlave</i>	-	9	-	-	1	-
	<i>Coextensive</i>	-	9	1	-	2	-
Totais		1/92	86/92	5/92	0/16	16/16	0/16
Percentuais totais		1%	93%	6%	0%	100%	0%
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4							
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança: mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado.							

Ao analisar o Quadro 30, pode-se observar que, quanto aos procedimentos adotados nos registros gráficos não-convencionais de [ã] realizados pelos dois adiantamentos linguísticos de FLE, o mais frequente (empregado pelos dois níveis linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Esse procedimento foi observado em 86/92 (93%) dos registros não convencionais de [ã] produzidos pelo FLE 1º ano e na totalidade dos registros não-convencionais de [ã] produzidos pelo nível de FLE 2º ano, ou seja, 14/14. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir, em (i):

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [ã]

1. <i>ange</i> [ãʒ]	<u>onge</u>
2. <i>anse</i> [ãs])	<u>ones</u>
3. <i>orange</i> [ɔRãʒ]	<u>orange</u>
4. <i>anglet</i> [ãgle]	<u>anglais</u>
5. <i>mancelle</i> [mãsel]	<u>monnil</u>
6. <i>entreprise</i> [ãtrepriz]	<u>orteprise</u>
7. <i>boulangier</i> [bulãʒe]	<u>BOULONGER</u>
8. <i>angarie</i> [ãgari]	<u>ANGARU</u>
9. <i>calembour</i> [kalãbur]	<u>calombur</u>
10. <i>angousticlave</i> [ãgustiklav]	<u>Angusticlar</u>
11. <i>coextensive</i> [koekstãsiv]	<u>co-exepensive</u>

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal baixa, central, posterior e não arredondada em contexto de nasalização – [ã] ‘an’ e ‘en’ pela grafia da vogal média-baixa, posterior e arredondada em contexto

de nasalização - [õ] ‘on’. Esse fenômeno é evidenciado em 53/86 (62%) do total dos dados que revelaram mudança na grafia da vogal, produzidos pelo FLE 1º ano, em 12/16 (75%) dos dados que revelaram mudança na grafia da vogal produzidos pelo FLE 2º ano, indiciando um número significativo de frequências de mudança na grafia da vogal [ã] para a vogal [õ] nos dois níveis linguísticos de FLE. As 33/86 (38%) alterações restantes produzidas pelo FLE 1º ano evidenciaram mudanças de ordem distinta: em ‘anglais’ em vez de ‘anglais’, como por exemplo, a mudança é feita apenas em nível gráfico, na qual [ã] é grafado por ‘en’ forma possível, juntamente com ‘an’ de registrar convencionalmente o fone em questão. Esse procedimento foi encontrado em 24/86 (28%) dos dados produzidos pelo FLE 1º ano e não foi encontrado nos dados produzidos pelo FLE 2º ano. Já, a grafia de ‘antiquité’ em vez de ‘antiquité’ evidencia que o fone [ã] (vogal baixa, central, posterior e não-arredondada) é alterada pela grafia de [ɛ̃] (vogal média baixa, anterior, não-arredondada). Esse procedimento foi encontrado em 9/86 (10%) dos dados produzidos pelo FLE 1º ano e em 4/16 (25%) dos dados produzidos pelo FLE 2º ano (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica, seção referente à distribuição ortográfica do FS).

A análise do quadro (30) possibilita, ainda, afirmar que o nível debutante em FLE (FLE 1º ano) é o que mais utiliza procedimentos para grafar [ã], embora esses procedimentos sejam em número bem mais baixos do que aqueles que resultam na troca vocálica. Apenas nesse estágio linguístico, pode ser observado 1 dado que revela omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ (1%) e 5 dados que revelam hibridismo (6%). Os exemplos visualizados em (ii) e (iii) ilustram, respectivamente, casos de registros que revelam omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’⁵⁷; e, hibridismos.

(ii) Omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ nos registros gráficos de [ã]

1. *mancelle* [mãsel]

mancelle

⁵⁷ Conforme já foi mencionado, dados como os apresentados em (ii), foram classificados na categoria omissões de ‘n’ ou ‘m’, embora apresentem registro de ‘r’ no lugar de ‘n’ ou ‘m’.

(iii) Híbridos nos registros gráficos de [ã]

- | | |
|------------------------------------|-------------------|
| 1. <i>entreprise</i> [ãtrepriz] | <u>Onalprize</u> |
| 2. <i>calembour</i> [kalãbur] | <u>caloubau</u> |
| 3. <i>coextensive</i> [koekstãsiv] | <u>COEXPOSIVE</u> |

Os dados apresentados em (ii) revelam que [ã] foi registrado como ‘a’ – representação gráfica de [a] (contraparte oral de [ã]), indiciando apenas apagamento de ‘n’. Já, em (iii), além de os dados revelarem apagamento de ‘n’ revelam que a vogal [a] - contraparte oral de [ã] foi grafada como ‘o’ em ‘otroprise’ em vez de ‘entreprise’ e ‘coexpositive’ em vez de ‘coextensive’ – formas possíveis de registrar convencionalmente o fone [ɔ] contraparte oral da vogal em contexto de nasalização do FS [õ]. A vogal [a] - contraparte oral de [ã] foi grafada como ‘ou’ em ‘caloubau’ em vez de ‘calembour’ – forma possível para registrar convencionalmente o fone [u] em FS. A vogal [a] - contraparte oral de [ã] foi grafada como ‘e’ em ‘calme vous’ em vez de ‘calembour’ – forma possível para registrar convencionalmente os fones [e] e [ɛ] em FS.

4.1.2.4 As representações gráficas de [õ]

O Quadro 31 ilustra as diferentes representações gráficas observadas nos dados obtidos com a execução do instrumento 2 para o fone [õ] nas palavras monossílabas (onde [õd], hongre [õgr]), nas dissílabas (ombrelle [õbrɛl], ronds [Rõdɔɛr], ombelle [õbɛl], monceau [mõsɔf]), nas trissílabas (ombrageux [õbraʒɔf], allongés [alõʒɛ], ongulé [õgylɛ], estompé [estõpɛ]) e nas polissílabas (ondulatoire [õdylatwar], presumpteuse [prezõptɛz], onguligrade [õgyligrad], volucompteur [vɔlykõptɔɛr]) produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.

Quadro 31 – Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ɔ̃] de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Diferentes grafias para [ɔ̃]				
Turmas Tipo de Palavras	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
Monossílabos	27(96%)	1 (4%)	8 (100%)	0 (0%)
onde [ɔ̃d] (PC. IP. T.)	13	1	4	0
hongre [ɔ̃gR] (PD. IP. T.)	14	0	4	0
Dissílabos	40 (71%)	16 (29%)	11 (69%)	5 (31%)
ombrelle [ɔ̃brɛl] (PC. IP. A.)	10	4	3	1
rondeurs [Rɔ̃dœR] (PD. MP. T.)	7	7	1	3
ombelle [ɔ̃bɛl] (PD. IP. A.)	11	3	3	1
monceau [mɔ̃sɸ] (PD.MP. T.)	12	2	4	0
Trissílabos	40 (73%)	15 (27%)	12 (75%)	4 (25%)
ombrageux [ɔ̃braʒɸ] (PC. IP. A)	11	2	3	1
allongés [alɔ̃ʒe] (PC. MP. A.)	9	5	3	1
ongulé [ɔ̃gyle] (PD. IP. A.)	7	7	2	2
estompé [estɔ̃pe] (PD. MP. A.)	13	1	4	0
Polissílabos	40 (71%)	16 (29%)	8 (50%)	8 (50%)
ondulatoire [ɔ̃dylatwar] (PC. IP. A.)	13	1	2	2
presompteuse [prezɔ̃ptyœz] (PC. MP. A.)	3	11	0	4
onguligrade [ɔ̃gyligrad] (PD. IP. A.)	10	4	2	2
volucompteur [vɔlykɔ̃ptœR] (PD. MP. A.)	14	0	4	0
Total Percentuais Totais	147/195 75%	48/195 25%	39/56 70%	17/56 30%
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4				
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra				

As frequências de registros gráficos do fone [õ] observadas no Quadro 31 em palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas permitem afirmar que registrar graficamente o fone [õ] parece não ser tarefa difícil para aprendizes de FLE nos níveis linguísticos observados no estudo. Essa afirmativa pode ser feita diante da evidência de baixos percentuais de registros não-convencionais para [õ] produzidos pelos sujeitos, ou seja, 48/195 (25%) pelo FLE 1º ano e 17/56 (30%) pelo FLE 2º ano.

Os poucos casos de desvios concernentes às grafias de [õ] foram, especialmente, decorrentes da palavra *rondeurs* [RõdœR] e *ongulé* [õgyle], que são palavras supostamente desconhecidas dos sujeitos – *rondeurs* [RõdœR] demonstrou 50% de desvios no FLE 1º ano e 75% no FLE 2º ano e *ongulé* [õgyle] demonstrou 50% de desvios nos dois níveis linguísticos observados. A palavra *presomptueux* [prezõptyœz], classificada como palavra supostamente conhecida dos sujeitos devido ao fato de existir ‘presunçosa’ em PB, demonstrou 76% de flutuações no FLE 1º ano e 100% no FLE 2º ano, fato que leva a supor que possivelmente os aprendizes desconheçam essa palavra. Esses percentuais permitem afirmar que a variável linguística conhecimento da palavra interfere nas poucas grafias não-convencionais de [õ] produzidas pelos dois adiantamentos linguísticos de FLE.

Com respeito à interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua, percebe-se, por intermédio do Quadro 31, proximidades nos percentuais de grafias não-convencionais produzidas pelo FLE 1º ano comparativamente àquelas produzidas pelo FLE 2º ano – (25% FLE 1º ano e (30% FLE 2º ano), o que sugere pouca interferência dessa variável nas grafias de [õ] produzidas pelos sujeitos da tese.

4.1.2.4.1 As representações gráficas não-convencionais de [õ] de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

O Quadro 32, exibido a seguir, apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais encontrados nas grafias de [õ], produzidos pelos dois níveis linguísticos, de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e (iii) híbridos.

Quadro 32 – Frequências de distribuição dos dados gráficos não-convencionais de [õ], de acordo com as três categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos

Palavra		Nível	FLE 1º ano			FLE 2º ano		
			Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	<i>onde</i>		-	1	-	-	-	-
	<i>Hongre</i>		-	-	-	-	-	-
D	<i>ombrelle</i>		-	4	-	-	1	-
	<i>rondeurs</i>		-	7	-	-	3	-
	<i>ombelle</i>		-	3	-	-	1	-
	<i>monceau</i>		1	1	-	-	-	-
T	<i>ombrageux</i>		-	2	-	-	1	-
	<i>allongés</i>		-	5	-	-	1	-
	<i>Ongulé</i>		1	6	-	-	2	-
	<i>estompé</i>		-	1	-	-	-	-
P	<i>ondulatoire</i>		-	1	-	1	1	-
	<i>presompteuse</i>		1	10	-	1	3	-
	<i>onguligrade</i>		-	4	-	-	2	-
	<i>volucompteur</i>		-	-	-	-	-	-
Totais			3/48	45/48	0/48	2/17	15/17	0/17
Percentuais totais			(6%)	(94%)	(0%)	(12%)	(88%)	(0%)
			FLE 1º ano n=14			FLE 2º ano n=4		
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança: mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado.								

Ao analisar o Quadro 32, pode-se observar que, quanto aos procedimentos adotados nos registros gráficos não-convencionais de [õ] realizados pelos dois adiantamentos linguísticos de FLE, o mais frequente (empregado pelos dois níveis linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Esse procedimento foi observado em 45/48 (94%) dos registros não convencionais de [õ] produzidos pelo FLE 1º ano e em 15/17 (88%) dos registros não-convencionais de [õ] produzidos pelo nível de FLE 2º ano. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir, em (i):

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [õ]

2. <i>rondeurs</i> [RõdœR]	<u>randex</u>
3. <i>ombelle</i> [õbel]	<u>ambell</u>
4. <i>monceau</i> [mõsø]	<u>manseu</u>
5. <i>allongés</i> [alõʒe]	<u>alange</u>
6. <i>ongulé</i> [õgyle]	<u>anglié</u>
7. <i>presompteuse</i> [prezõptyœz]	<u>Preventeuse</u>
8. <i>estompé</i> [estõpe]	<u>estemp</u>
9. <i>onguligrade</i> [õgyligrad]	<u>anguligable</u>

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal média-baixa, posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ], ortograficamente 'on' - pela grafia da vogal baixa, central, posterior e não arredondada em contexto de nasalização - [ã], ortograficamente 'an' e 'en'. Esse fenômeno é evidenciado em 30/45 (67%) dos dados produzidos pelo FLE 1º ano e por 10/15 (67%) dos produzidos pelo FLE 2º ano.

Das 14/45 (31%) alterações produzidas pelo FLE 1º ano e das 5/15 (33%) produzidas pelo FLE 2º ano a mudança do registro vocálico ocorre pela alteração da

grafia da vogal média-baixa posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ] pela grafia da vogal média baixa anterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ẽ], ortograficamente 'in', 'un', 'um', 'yn', conforme exemplificam dados tais como 'umbrelle' em vez de 'ombrelle', 'undulatoire' em vez de 'ondulatoire', 'um garit' em vez de 'angarie', 'um belle' em vez de 'ombelle' e 'unguligable' em vez de 'onguligrade'. O 1/48 registro restante produzido pelo FLE 1º ano evidencia mudança do registro vocálico somente em nível gráfico, como por exemplo, em 'aunde' em vez de 'onde', ou seja, dentre as possibilidades permitidas pelo sistema fonográfico do FS para representar o fone [ɔ], o sujeito escolhe uma representação possível - 'au' (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica, seção relativa ao sistema ortográfico do FS).

A análise do Quadro 32 possibilita, ainda, afirmar que, tanto o FLE 1º ano quanto o FLE 2º ano lançam mão de estratégias para grafar [õ] que resultam apenas em omissões de 'n'. Também, por intermédio do quadro (38), pode-se observar que dados híbridos relativos às grafias de [õ] não são produzidos pelos níveis de FLE estudados. Os exemplos visualizados em (ii) ilustram casos de registros que revelam omissões de consoantes 'n' ou 'm' nas grafias de [õ] produzidas pelos sujeitos da tese.

(ii) Omissão das consoantes 'n' ou 'm' nos registros gráficos de [õ]

1. *monceau* [mõsɔ]

moncead

2. *presompteuse* [prezõptyɛz]

PRESOTUOSE

Nos dados apresentados em (ii) percebe-se que há somente omissão da consoante 'm' em '*presompteuse*' e da consoante 'n' em '*monceau*'. Esse tipo de dado é encontrado em 3/48 (6%) das produções gráficas observadas no FLE 1º ano e, em 2/17 (12%) no FLE 2º ano.

4.1.3. Descrições dos dados do Instrumento 3 – amostra 1c

4.1.3.1 Descrição Geral dos dados do Instrumento 3 – amostra 1c

O instrumento 3 – amostra 1c controla as palavras do instrumento 1 – amostra 1a e as palavras do instrumento 2 – amostra 1b de forma contextualizada, isto é, as palavras dos instrumentos 1 – amostra 1a e as do instrumento 2 – amostra 1b, encontram-se, por ora, contextualizadas em frases (cf. a sequência dos pares mínimos controlados neste instrumento no apêndice de nº 3).

4.1.3.2 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] contextualizado em frases

A seguir, no Quadro 33, serão apresentadas as frequências de acertos e de erros das palavras correspondentes ao registro do fone [ẽ] controladas no instrumento 3 – amostra 1c, contextualizadas em frases, produzidas pelos dois níveis de FLE (FLE 1º ano e de FLE 2º ano).

Quadro 33 – Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ɛ̃] contextualizados em frases, de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Diferentes grafias para [ɛ̃] contextualizado					
Tipo de Palavras	Turmas	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
		Acertos	Erros	Acertos	Erros
Monossílabas		8 (29%)	20 (71%)	4 (67%)	2 (33%)
<i>crainte</i> [krɛ̃t] (T, PD, IP)		3	6	1	1
<i>peintre</i> [pɛ̃tr] (T, PD, MP)		5	5	2	0
<i>Inde</i> [ɛ̃d] (T, PC, IP)		0	9	1	1
Dissílabas		8 (17%)	40 (83%)	5 (50%)	5 (50%)
<i>imbu</i> [ɛ̃by] (A, PD, IP)		0	10	0	2
<i>un Dieu</i> [ɛ̃djɔ] (A, PC, IP)		5	5	2	0
<i>Hindou</i> [ɛ̃du] (PC, IP, A.)		0	10	1	1
<i>Linceul</i> [lɛ̃sœl] (PC, MP, A.)		0	9	0	2
<i>jacinthe</i> [ʒasɛ̃t] (PD, MP, T.)		3	6	2	0
Trissílabas		11 (19%)	47 (81%)	3 (25%)	9 (75%)
<i>imprévu</i> [ɛ̃prevy] (A, PD, IP)		7	3	2	0
<i>l'inconnu</i> [lɛ̃kɔny] (A, PD, MP)		2	8	1	1
<i>Infermière</i> [ɛ̃fɛrmjɛr] (PC, A, SFA)		1	9	0	2
<i>Désinvolte</i> [dezɛ̃vɔlt] (PC, MP, A.)		0	9	0	2
<i>Infusoire</i> [ɛ̃fyzwar] (PD, IP, A.)		1	9	0	2
<i>Berlingots</i> [bɛrlɛ̃go] (PD, MP, A.)		0	9	0	2
Polissílabas		10 (22%)	35 (78%)	7 (70%)	3 (30%)
<i>l'indiscipline</i> [lɛ̃disiplin] (A, PC, MP)		1	8	1	1
<i>Individu</i> [ɛ̃dividy] (PC, IP, A.)		5	4	2	0
<i>Desinfecter</i> [dezɛ̃fɛkte] (PC, MP, A.)		3	7	2	0
<i>Hindoustani</i> [ɛ̃dustani] (PD, IP, A.)		1	8	1	1
<i>Asymptotique</i> [asɛ̃ptɔtik] (PD, MP, A.)		0	8	1	1
Total		37/188	151/188	19/38	19/38
Percentuais Totais		20%	80%	50%	50%
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4					
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra					

Ao se observar o Quadro 33, pode-se perceber que o número de registros gráficos não-convencionais encontrados em palavras contextualizadas que exibem os fones [ẽ] é mais elevado nas produções gráficas do FLE 1º ano – 151/188 (80%) em se comparando às produções gráficas não-convencionais encontradas em palavras contextualizadas produzidas pelo FLE 2º ano – 19/38 (50%).

Diante da evidência de o número de grafias não-convencionais para [ẽ] decair nas produções gráficas do FLE 2º ano, possibilita inferir que a variável extralinguística tempo de exposição à LE e as variáveis linguísticas conhecimento da palavra e qualidade da vogal (nível gráfico) são, em especial, as responsáveis pela emergência de registros não-convencionais nas grafias dos sujeitos. O fato de se supor serem as variáveis linguísticas conhecimento da palavra e qualidade da vogal (nível gráfico), em especial, as responsáveis pela emergência de desvios nas grafias de palavras contextualizadas que exibem o fone [ẽ] é reforçada por meio das grafias de palavras supostamente desconhecidas que exibem o fone [ẽ] - *imbu* [ẽby], *linceul* [lẽsæɫ], *désinvolté* [dezẽvɔlt] e *berlingots* [bɛrlẽgo] - as quais revelaram totalidade de grafias não convencionais para [ẽ], contextualizados, nos dois níveis de FLE observados – (ver Quadro 33).

Ainda, ao se comparar o Quadro 33 aos Quadros 21 e 27, pode-se observar que a contextualização promove um decréscimo de grafias não-convencionais nos registros escritos de palavras que exibem [ẽ] produzidos pelos dois níveis de FLE estudados.

4.1.3.2.1 As representações gráficas não-convencionais de [ẽ] contextualizado de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

A seguir, o Quadro 34, apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais nas grafias de [ẽ] contextualizado, produzidas pelos dois níveis linguísticos, de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.

Quadro 34 – Frequências de distribuição dos dados não-convencionais de [ɛ̃] contextualizado, de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

Diferentes grafias para [ɛ̃]							
Turmas		FLE 1º ano			FLE 2º ano		
		Omissão	Mudanç a	Híbridos	Omissão	Mudanç a	Híbrido s
Tamanho	Palavras						
M	<i>crainte</i> [krɛ̃t]	-	6	-	-	1	-
	<i>peintre</i> [pɛ̃tr]	-	2	3	-	-	-
	<i>Inde</i> [ɛ̃d]	-	9	-	-	1	-
D	<i>imbu</i> [ɛ̃by]	-	10	-	-	2	-
	<i>un Dieu</i> [ɛ̃djɸ]	-	5	-	-	-	-
	<i>Hindou</i> [ɛ̃du]	-	9	1	-	1	-
	<i>Linceul</i> [lɛ̃sæɫ]	6	3	-	-	2	-
	<i>jacinthe</i> [ʒasɛ̃t]	-	6	-	-	-	-
T	<i>imprévu</i> [ɛ̃prevy]	-	7	1	-	1	-
	<i>l’indiscipline</i> [lɛ̃disiplin]	1	-	2	-	-	-
	<i>l’inconnu</i> [lɛ̃kɔny]	1	1	6	-	-	1
	<i>Infermière</i> [ɛ̃fermjɛr]	-	6	3	-	2	-
	<i>Désinvolte</i> [dezɛ̃vɔlt]	-	9	-	-	2	-
	<i>Infusoire</i> [ɛ̃fyzwar]	2	6	1	-	2	-
	<i>Berlingots</i> [bɛrlɛ̃go]	-	6	3	-	1	1
P	<i>l’indiscipline</i> [lɛ̃disiplin]	1	-	2	-	-	-
	<i>Individu</i> [ɛ̃dividy]	1	3	-	-	-	-
	<i>Desinfecter</i> [dezɛ̃fekte]	-	5	2	-	-	-
	<i>Hindoustani</i> [ɛ̃dustani]	-	8	-	-	1	-
	<i>Asymptotique</i> [asɛ̃ptɔtik]	2	6	-	-	1	-
Total		13/142	107/142	22/142	0/19	17/19	2/19
Percentuais Totais		(9%)	(76%)	(15%)	(0%)	(89%)	(11%)
FLE 1º ano n = 10 FLE 2º ano n = 2							
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado							

Ao analisar o Quadro 34, pode-se observar que, quanto às categorias adotadas pelos sujeitos dos dois adiantamentos linguísticos de FLE observados nesse estudo em seus registros gráficos não-convencionais de [ɛ̃], a mais frequente (empregada pelos dois níveis linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Essa

categoria foi observada em 107/142 (76%) dos registros não convencionais de [ɛ̃] contextualizado produzidos pelo FLE 1º ano e em 17/19 (89%) dos produzidos pelo nível de FLE 2º ano. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir, em (i).

(i) **Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [ɛ̃] contextualizado**

‘Andes’ em vez de **Inde** [ɛ̃d] na frase:

Un doute : un indou qui habite un continent appelé Andes et qui peut parler Andustone.

‘Enbu’ em vez de **imbu** [ɛ̃by] na frase:

Alain était enbu de sa personne.

‘En dieu’ em vez de **un Dieu** [ɛ̃dʒɛ̃] na frase:

S’il y avait en dieu tout irait bien.

‘Andu’ em vez de **Hindou** [ɛ̃du] na frase:

Andu : anduid qui habite un continent appelé ande et qui peut parler angustone.

‘Jasant’ em vez de **jacinthe** [ʒasɛ̃t] na frase:

Allons, ça va, on a assez de clémentines, d' orange, du thym et aussi de jasan + pour préparer le réveillon.

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal média baixa anterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ẽ], ortograficamente 'in', 'im', 'un', 'yn', 'ym' e ou dígrafos seguidos de 'n' ou 'm', pela grafia da vogal baixa central posterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ã], ortograficamente 'an', 'am', 'en', 'em'. Esse fenômeno é evidenciado em 103/124 (82%) em se somando o total de dados que revelaram mudança vocálica concernentes a [ẽ] dos dois níveis linguísticos observados (107 FLE 1º ano + 17 FLE 2º ano). Isso indica um número significativo de frequências de mudança na grafia da vogal [ẽ] para a vogal [ã] em todos os níveis linguísticos de FLE.

As 21/124 (18%) alterações restantes evidenciam mudanças de outra ordem⁵⁸. Desse total, 7/124 (6%) revelam alternância da grafia de [ẽ], pela grafia da vogal média baixa posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ], ortograficamente 'on', 'om' conforme se pode observar através de dados tais como:

'Onde' em vez de **'Inde'** [ẽd] na frase:

- 'Hindou: individu qui habite un continent appelé **ondes** et qui peut parler hindoustani'.

As 14/124 (11%) demais alterações evidenciam mudanças apenas em nível gráfico, conforme se pode observar através das grafias das palavras nas frases:

'Paint' em vez de **'peintre'** [pẽtr] na frase :

- Le **paint** peindra une maison en marron et un bois en vert comme le champs au printemps.

⁵⁸ Essas alternâncias não constarão das análises. Nas análises serão discutidos somente os tipos de mudanças encontradas em maior frequência.

‘**Un** bue’ em vez de **imbu** [ĩby] na frase :

- ‘Alain était **un bue** de sa personne’.

‘**Un**prevu’ em vez de **imprévu** na frase :

- ‘**unprevu!** C’est plus lent qu’on n’a prévu!’

Nos dados destacados, nas frases recém exemplificadas, [ĩ] é grafado por ‘**ain**’ como em ‘**paint**’; ‘**un**’ como em ‘**un** bue’ e ‘**un**prevu’ - formas possíveis para registrar gráfica e convencionalmente o fone [ĩ] (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica).

(ii) Omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ nos registros gráficos de [ĩ] contextualizado

Em relação às omissões de ‘n’ ou ‘m’ relativas às grafias de [ĩ] contextualizado, o Quadro 34 possibilita visualizar que os dados produzidos pelo FLE 1º ano revelam 13/142 (9%) de omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e, os produzidos pelo FLE 2º ano não revelaram omissões. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro empregado pelos sujeitos são mostrados a seguir.

‘**Le discipline**’ em vez de *l’indiscipline* [ĩdisiplin] na frase:

- **Le discipline** régnait dans l’établissement.

‘**dividu**’ em vez de *Individu* [ĩdividy] na frase:

- Hindou: **dividu** qui habite un continent appelé Inde et qui peut parler hindoustani.

Nos dados recém apresentados, as grafias de [ĩ] ou são totalmente omitidas, como em ‘**dividu**’ em vez de *Individu* [ĩdividy], ou há perda de nasalidade, como em ‘**Le discipline**’ em vez de *l’indiscipline* [ĩdisiplin].

(iii) Hibridismos nos registros gráficos de [ẽ] contextualizado

Com respeito aos hibridismos encontrados nas grafias de palavras que exibem [ẽ] contextualizadas em frases, por intermédio do Quadro 34, pode-se observar que o FLE 1º ano apresenta dados híbridos em uma proporção de 22/142 (15%) do total de dados gráficos não-convencionais e que, o FLE 2º ano apresenta 2/19 (11%), o que totaliza 24 dados híbridos nos dois níveis linguísticos estudados (22 FLE 1º ano + 2 FLE 2º ano). Os exemplos ilustrados a seguir apresentam casos de registros gráficos que revelam hibridismos nas grafias de produzidas pelos sujeitos de FLE dos níveis 1º ano e 2º ano.

‘**Patre**’ em vez de *peintre* [pẽtr] na frase:

- ‘Le **patre** peindra une maison en marron et un bois en vert comme le champs au printemps’.

‘**Adou**’ em vez de *Hindou* [ẽdu] na frase:

- ‘**Hadou**: individu qui habite un continent appelé Inde et qui peut parler hindoustani.’

‘**La discipline**’ em vez de *l’indiscipline* [lẽdisiplin] na frase:

- ‘**La indiscipline** régnait dans l’établissement.’

As grafias de [ẽ] supracitadas revelam que [ẽ], ortograficamente ‘in’, ‘im’, ‘un’, ‘um’ ou dígrafos + ‘n’ ou ‘m’ foi grafado na sua totalidade por ‘a’ – representação gráfica de [a] e contraparte oral de [ã].

4.1.3.3 As representações gráficas não-convencionais de [ã] contextualizado em frases

A seguir, no Quadro 35, serão descritas as palavras controladas no instrumento 3 – amostra 1c (contextualizadas em frases) correspondentes ao fone [ã] produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.

Quadro 35 – Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ã] contextualizado em frases, de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Diferentes grafias para [ã] contextualizado					
Tipo de Palavras	Turmas	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
		Acertos	Erros	Acertos	Erros
Monossílabas		16 (53%)	14 (47%)	5 (83%)	1 (17%)
<i>banque</i> [bãk] (T, PC, MP)		6	4	2	0
<i>ange</i> [ãʒ] (T, PC, IP)		6	4	1	1
<i>Anse</i> [ãs] (PD, IP, T.)		4	6	2	0
Dissílabas		43 (74%)	15 (26%)	12 (100%)	0 (0%)
<i>pensa</i> [pãsa] (A, PC, MP)		10	0	2	0
<i>en croix</i> [ãkrwa] (A, PD, IP)		3	6	2	0
<i>Anglais</i> [ãgle] (PC, IP, A.)		8	2	2	0
<i>orange</i> [ɔRãʒ] (PC, MP, T.)		10	0	2	0
<i>anglet</i> [ãgle] (PC, IP, A.)		7	2	2	0
<i>mancelle</i> [mãsel] (PD, MP, T.)		5	5	2	0
Trissílabas		18 (41%)	26 (59%)	8 (80%)	2 (20%)
<i>en revu</i> [ãrevy] (A, PD, IP)		6	4	2	0
<i>entreprise</i> [ãtrepriz] (PC, IP, A.)		5	3	2	0
<i>boulangier</i> [bulãʒe] (PC, MP, A.)		6	3	2	0
<i>angarie</i> [ãgari] (PD, IP, A.)		1	7	2	0
<i>calembour</i> [kalãbur] (PD, MP, A.)		0	9	0	2
Polissílabas		23 (58%)	17 (42%)	7 (88%)	1 (12%)
<i>Antiquité</i> [ãtikite] (PC, IP, A.)		5	5	2	0
<i>Présidentielles</i> [prezidãsiel] (PC, MP, A.)		9	1	2	0
<i>angousticlave</i> [ãgustiklav] (PD, IP, A.)		4	6	2	0
<i>coextensive</i> [koekstãsiv] (PD, MP, A.)		5	5	1	1
Total		100/172	72/172	32/36	4/36
Percentuais Totais		58%	42%	89%	11%
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4					
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra					

No Quadro 35 pode-se observar que contrariamente ao que ocorre com as palavras em [ẽ] contextualizado, nas quais foi observado um número significativo de registros não-convencionais, as palavras em [ã] contextualizadas revelaram um alto

percentual de registros segundo a norma ortográfica, em especial, aquelas produzidas pelo nível FLE 2º ano.

Dentre os registros gráficos de [ã] produzidos pelos escreventes dos dois níveis observados, excluindo as grafias de *calembour* [kalãbur] que revelaram totalidade de desvios gráficos nas produções dos dois níveis de FLE, somente *angarie* [ãgari] revelou maior número de registros não-convencionais do que de registros convencionais. Nas grafias de *angarie* [ãgari] trissílabo que exhibe [ã] em sílaba átona, início de palavra e é supostamente desconhecida dos sujeitos, 7/8 (88%) dos registros produzidos pelo FLE 1º ano foram desviantes. Esse fato permite supor que as variáveis linguísticas tamanho da palavra e conhecimento da palavra favorecem a emergência de registros desviantes nas grafias de palavras contextualizadas em [ã], uma vez que tanto *calembour* [kalãbur] como *angarie* [ãgari] são palavras trissílabas e supostamente desconhecidas dos sujeitos (ver Quadro 35). A interferência da variável linguística conhecimento da palavra é ainda reforçada pela maior ocorrência de desvios em palavras supostamente desconhecidas dos sujeitos em se comparando aquelas supostamente conhecidas, como por exemplo, *Anse* [ãs] que revelou 6/10 (60%) de flutuações nos dados do FLE 1º ano; *en croix* [ãkrwa] que revelou 6/9 (67%) de desvios nos dados do FLE 1º ano e *angousticlave* [ãgustiklav] que revelou 6/10 (60%) de desvios nos dados do FLE 1º ano.

Nota-se, ainda, no Quadro 35, um percentual mais elevado de erros produzidos pelo FLE 1º ano (42%) em se comparando aos produzidos pelo FLE 2º ano (11%) – o que coloca em evidência a interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua.

Semelhantemente ao que ocorre com a contextualização de palavras que exibem [ẽ] demonstrada por intermédio do Quadro 33, pode-se observar que a contextualização de palavras que exibem [ã], também, promovem um decréscimo de grafias não-convencionais nos registros escritos produzidos pelos dois níveis de FLE estudados.

4.1.3.3.1 As representações gráficas não-convencionais de [ã] contextualizado de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

A seguir, o Quadro 36 apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais nas grafias de [ã] contextualizado, produzidas pelos dois níveis linguísticos, de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.

Quadro 36 – Frequências de distribuição dos dados não-convencionais de [ã] contextualizado, de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

Turmas		Diferentes grafias para [ã]					
		FLE 1º ano			FLE 2º ano		
Tamanho	Palavras	Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	<i>banque</i> [bãk]	-	4	-	-	-	-
	<i>ange</i> [ãʒ]	-	4	-	-	1	-
	<i>Anse</i> [ãs]	-	6	-	-	-	-
D	<i>pensa</i> [pãsa]	-	-	-	-	-	-
	<i>en croix</i> [ãkrwa]	4	2	-	-	-	-
	<i>Anglais</i> [ãgle]	-	2	-	-	-	-
	<i>orange</i> [ɔʀãʒ]	-	-	-	-	-	-
	<i>anglet</i> [ãgle]	-	2	-	-	-	-
	<i>mancelle</i> [mãsel]	1	2	2	-	-	-
T	<i>en revu</i> [ãrevy]	1	2	1	-	-	-
	<i>entreprise</i> [ãtrepriz]	-	2	1	-	-	-
	<i>boulangier</i> [bulãʒe]	-	3	-	-	-	-
	<i>angarie</i> [ãgari]	1	5	1	-	-	-
	<i>calembour</i> [kalãbur]	-	9	-	-	2	-
P	<i>Antiquité</i> [ãtikite]	-	5	-	-	-	-
	<i>Présidentielles</i> [prezidãsiel]	-	1	-	-	-	-
	<i>angousticlave</i> [ãgustiklav]	2	4	-	-	-	-
	<i>coextensive</i> [koekstãsiv]	-	5	-	-	1	-
Total		9/72	58/72	5/72	0/4	4/4	0/4
Percentuais Totais		(12%)	(81%)	(7%)	(0%)	(100%)	(0%)
FLE 1º ano n = 10 FLE 2º ano n = 2							
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado							

Ao analisar o Quadro 36, pode-se observar que, quanto às categorias adotadas pelos sujeitos dos dois adiantamentos linguísticos de FLE observados neste estudo, em seus registros gráficos não-convencionais de [ã] a mais frequente (empregada pelos dois níveis linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Essa categoria foi observada em 58/72 (81%) dos registros não convencionais de [ã] contextualizados produzidos pelo FLE 1º ano e na totalidade 4/4 dos produzidos pelo nível de FLE 2º ano. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir, em (i).

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [ã] contextualizado

‘**Bonc**’ em vez de **banque** [bãk] na frase:

Justin alla à la bonc pour vérifier son conte de cran de ne plus avoir d’argent.

‘**Once**’ em vez de **anse** [ãs] na frase:

Once : c’est un mot presque synonyme de bague.

‘**Monciele**’ em vez de **mancelle** [mãsel] na frase:

L’archéologue a trouvé un bident, un voulur contore et une ancienne moncielle.

‘**On revu**’ em vez de **en revu** [ãrevy]) na frase:

Il a dû, d’abord, passer son texte on revu pour le publier en livre de poche.

‘**Boulonger**’ em vez de **boulangier** [bulãʒe] na frase:

Le boulangier va pétrir le pain avec ses mains.

Os exemplos revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal baixa central posterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ã], ortograficamente ‘an’, ‘am’, ‘en’, ‘em’, pela grafia da vogal média baixa posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ], ortograficamente ‘on’, ‘om’. Esse fenômeno é evidenciado em 36/62 (58%) em se somando o total de dados que revelaram mudança na grafia vocálica concernentes a [ã] dos dois níveis linguísticos observados (58 FLE 1º ano + 4 FLE 2º ano).

As 26/62 (42%) alterações restantes evidenciam mudanças de outra ordem⁵⁹. Desse total, 7/62 (11%) revelam alternância da grafia da vogal [ã], pela grafia da vogal [ɛ̃], ortograficamente ‘in’ e ‘un’, conforme se pode observar através de dados tais como:

‘Inglais’ em vez de ‘anglais’ [ãglɛ] na frase:

- ‘Le marin s’est assi sur son banc et a parlé **inglais** avec un passant.’

‘Un revu’ em vez de ‘en revu’ [ãrevy] na frase:

- ‘Il a dû, d’abord, passer son texte **un revu** pour le publier en livre de poche.’

As 19/62 (31%) demais alterações evidenciam mudanças apenas em nível gráfico, conforme se pode observar através das grafias das palavras nas frases:

‘Englais’ em vez de ‘anglais’ [ãglɛ] na frase :

- ‘Le marin s’est assi sur son banc et a parlé **englais** avec un passant.’

Bouenge’r em vez de ‘boulanger’ [bulãʒe] na frase:

⁵⁹Essas alternâncias não constarão das análises. Nas análises serão discutidas somente os tipos de mudanças encontradas em maior frequência.

- ‘Le **bouenger** va pétrir le pain avec ses mains.

Nos dados destacados nas frases precedentemente exemplificadas, [ã] é grafado por ‘en’ - formas possíveis para registrar gráfica e convencionalmente o fone em questão (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica).

Resta ainda descrever as outras duas categorias adotadas pelos sujeitos dos dois adiantamentos linguísticos de FLE – FLE 1º ano e 2º ano, em seus registros gráficos não-convencionais de [ã] contextualizados: (i) omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ e (ii) hibridismos.

Em relação às omissões de ‘n’ ou ‘m’, o Quadro 36 possibilita visualizar que os dados produzidos pelo FLE 1º ano revelam 9/72 (12%) de omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e, os produzidos pelo FLE 2º ano, não registram [ã] omitindo a consoante nasal. O Quadro 36, possibilita ainda visualizar que a quantidade de omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’ decai significativamente conforme o adiantamento linguístico dos sujeitos. Os exemplos apresentados a seguir ilustram casos de registros que revelam omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’ nas grafias de [ã] produzidas pelos sujeitos de FLE dos níveis 1º ano e 2º ano.

(i) Omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ nos registros gráficos de [ã] contextualizado

‘**Masielle**’ em vez de **mancelle** [mãseɪ] na frase:

- L’archéologue a trouvé un bident, un volucompteur et une ancienne **masielle**.

As grafias de [ã] recém apresentadas demonstram omissão da consoante ‘n’ e manutenção da vogal oral ‘a’ em ‘**masielle**’ em vez de **mancelle** [mãseɪ].

(ii) Hibridismos nos registros gráficos de [ã] contextualizado

Com respeito aos hibridismos encontrados nas grafias de palavras contextualizadas em frases relativas ao fone [ã], por intermédio do quadro (36), pode-se observar que, o FLE 1º ano apresenta dados híbridos em uma proporção de 5/72 (7%) do total de dados gráficos não-convencionais e que, o FLE 2º ano não apresenta dados híbridos. Os exemplos ilustrados a seguir apresentam casos de registros gráficos que revelam hibridismos nas grafias de [ã] produzidas pelos sujeitos de FLE dos níveis 1º ano e 2º ano.

‘Autre’ em vez de **entreprise [ãtrepriz]** na frase:

- ‘Allô, **autre** de lin à l'appareil?’

‘Orgari’ em vez de **angarie [ãgari]** na frase:

- ‘Angusticlave, **orgarie** et anglet sont des mots que selon le dictionnaire signifient, respectivement, ruban; droit de l'état d'arrêter les navires et moulure avec un angle

As grafias de [ã] revelam que [ã], ortograficamente ‘an’ ou ‘en’ foi grafado como ‘o’ ou ‘au’ - representações ortográficas possíveis para os fones orais [o] e [ɔ].

Ainda com respeito ao fator contextualização, pode-se perceber que ele altera para melhor a natureza dos erros. Ao se comparar o Quadro 24 (palavras em [ã] não contextualizadas) ao Quadro 36 (palavras em [ã] contextualizadas) percebe-se que não ocorrem omissões e hibridismos nas produções gráficas produzidas pelo FLE 2º ano apresentadas no Quadro 36 (palavras em [ã] contextualizadas).

4.1.3.4 As representações gráficas não-convencionais de [õ] contextualizado em frases

A seguir, no Quadro 37, serão descritas as palavras controladas no instrumento 3 – amostra 1c (contextualizadas em frases) correspondentes ao fone [õ], produzidas pelos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano.

Quadro 37 – Frequências de acertos e de erros sobre as diferentes representações gráficas de [ɔ̃] contextualizado, de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Diferentes grafias para [ɔ̃] contextualizado					
Tipo de Palavras	Turmas	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
		Acertos	Erros	Acertos	Erros
Monossílabas		26 (90%)	3 (10%)	5 (83%)	1 (17%)
<i>conte</i> [kɔ̃t] (PD.. MP. T)		8	1	2	0
<i>onde</i> [ɔ̃d] (PD. T. IP.)		10	0	2	0
<i>hongre</i> [ɔ̃gr] (PD. IP. T.)		8	2	1	1
Dissílabas		27 (57%)	20 (43%)	6 (60%)	4 (40%)
<i>on doit</i> [ɔ̃dwa] (PC. IP. A.)		2	5	1	1
<i>ombrelle</i> [ɔ̃brɛl] (PC. IP. A.)		4	6	1	1
<i>rondeurs</i> [Rɔ̃dœr] (PC. MP. T.)		8	2	2	0
<i>ombelle</i> [ɔ̃bɛl] (PD. IP. A.)		6	4	1	1
<i>monceau</i> [mɔ̃sø] (PD. MP. T.)		7	3	1	1
Trissílabas		25 (54%)	21 (46%)	5 (50%)	5 (50%)
<i>ont diné</i> [ɔ̃dine] (PC. IP. A)		6	4	2	0
<i>ombrageux</i> [ɔ̃braʒø] (PC. IP. A.)		5	4	0	2
<i>allongés</i> [alɔ̃ʒe] (PC. MP. A.)		8	1	2	0
<i>ongulé</i> [ɔ̃gyle] (PD. IP. A.)		0	9	0	2
<i>estompé</i> [estɔ̃pe] (PD. MP. A.)		6	3	1	1
Polissílabas		18 (46%)	21 (54%)	4 (50%)	4 (50%)
<i>ondulatoire</i> [ɔ̃dylatwaʀ] (PC. IP. A.)		4	6	2	0
<i>presompteuse</i> [prezɔ̃ptyœz] (PC. MP. A.)		0	10	0	2
<i>onguligrade</i> [ɔ̃gyligrad] (PD. IP. A.)		6	4	2	0
<i>volucompteur</i> [vɔ̃lykɔ̃ptœr] (PD. MP. A.)		8	1	0	2
Total		96/161	65/161	20/34	14/34
Percentuais Totais		40%	60%	59%	41%
FLE 1º ano n=14 FLE 2º ano n=4					
T: tônico; A: átono; PD: palavra desconhecida; PC: palavra conhecida; IP: início de palavra; MP: meio de palavra					

Por intermédio do Quadro 37 pode-se observar que, no tocante aos registros gráficos de [ɔ̃] contextualizado, produzidos pelos sujeitos dos níveis de FLE (1º ano e 2º ano), em se excluindo as grafias de *presompteuse* [prezɔ̃ptyœz] e *ongulé*

[õgyle], as quais revelaram 100% de registros desviantes nos dados gráficos estudados, as palavras *on doit* [õdwa], *ombrelle* [õbrɛl] e *ondulatoire* [õdylatwar] foram as que mais revelaram registros desviantes nas grafias de [õ]. Em *on doit* [õdwa] dissílabo que exibe [õ] em sílaba átona, início de palavra e é supostamente conhecida dos sujeitos, foi observado 5/7 (71%) de registros desviantes produzidos pelo FLE 1º ano e 1/2 (50%) nos produzidos pelo FLE 2º ano. Em *ombrelle* [õbrɛl] dissílabo que exibe [õ] em sílaba átona, início de palavra e é supostamente conhecida dos sujeitos, 6/10 (60%) dos dados produzidos pelo FLE 1º ano revelaram flutuações e, metade 1/2 nos produzidos pelo FLE 2º ano. Em *ondulatoire* [õdylatwar] trissílabo que exibe [õ] em sílaba átona, início de palavra e é supostamente conhecida dos sujeitos 6/10 (60%) das produções do FLE 1º ano foram desviantes.

Esses percentuais possibilitam inferir que, nas grafias contextualizadas de [õ], as variáveis que mais propiciam a emergência do erro gráfico nos dados estudados, sejam, provavelmente, as variáveis posição do fone na palavra e conhecimento da palavra, uma vez que dentre as 5 palavras contextualizadas que mostraram maior número de registros não-convencionais nas grafias de [õ] produzidas pelos sujeitos deste estudo 4 (4/5 (80%) exibem [õ] em início de palavra - *on doit* [õdwa], *ombrelle* [õbrɛl], *ondulatoire* [õdylatwar] e *ongulé* [õgyle] - e a supostamente desconhecida dos sujeitos - *ongulé* [õgyle] e a supostamente conhecida dos sujeitos - *presompteuse* [prezõptyɛz], revelaram 100% de desvios nas produções dos dois níveis linguísticos observados. No que tange à palavra *presompteuse* [prezõptyɛz] as descrições do instrumento 3 revelaram tendência semelhante àquelas do instrumento 2, qual seja, a de que os informantes parecem ter categorizado essa palavra como desconhecida.

No que tange à interferência da variável extralinguística, o Quadro 37, demonstra haver um percentual mais elevado de erros produzidos pelo FLE 1º ano (60%) em se comparando aos produzidos pelo FLE 2º ano (41%) – o que coloca em evidência a interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua sobre as grafias de [õ] contextualizado.

Ao se comparar o Quadro 26 (palavras em [õ] não contextualizadas) ao Quadro 38 (palavras em [õ] contextualizadas) percebe-se que há uma desestabilização do tipo de erro em [õ], ou seja, no Quadro 26 pode-se visualizar que não ocorrem omissões e hibridismos, enquanto que no Quadro 38 visualiza-se ocorrência dessas categorias nos registros escritos produzidos pelos dois níveis de FLE estudados.

4.1.3.4.1 As representações gráficas não-convencionais de [õ] contextualizado em frases de acordo com as categorias: omissão das consoantes 'n' ou 'm'; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

A seguir, o Quadro 38 apresenta a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais nas grafias de [õ], produzidas pelos dois níveis linguísticos, de acordo com as três categorias: (i) omissão das consoantes 'n' ou 'm'; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos.

Quadro 38 – Frequências de distribuição dos dados não-convencionais de [õ] contextualizado, de acordo com as categorias: omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’; mudança na grafia da vogal; e, híbridos

Turmas		Diferentes grafias para [õ]						
		Palavras	FLE 1º ano			FLE 2º ano		
			Omissão	Mudança	Híbridos	Omissão	Mudança	Híbridos
M	<i>compte</i> [kõt]	-	1	-	-	-	-	
	<i>onde</i> [õd]	-	-	-	-	-	-	
	<i>hongre</i> [õgr]	1	1	-	-	1	-	
D	<i>on doit</i> [õdwa]	3	-	2	-	-	1	
	<i>ombrelle</i> [õbrɛl]	2	4	-	-	1	-	
	<i>rondeurs</i> [Rõdœr]	1	1	-	-	-	-	
	<i>ombelle</i> [õbɛl]	-	4	-	-	1	-	
	<i>monceau</i> [mõsø]	2	1	-	1	-	-	
T	<i>ont diné</i> [õdine]	3	1	-	-	-	-	
	<i>ombrageux</i> [õbraʒø]	-	3	1	1	1	-	
	<i>allongés</i> [alõʒe]	-	1	-	-	-	-	
	<i>ongulé</i> [õgyle]	1	8	-	-	2	-	
	<i>estompé</i> [estõpe]	-	3	-	-	-	1	
P	<i>ondulatoire</i> [õdylatwar]	2	3	1	-	-	-	
	<i>presompteuse</i> [prezõptyœz]	-	10	-	-	2	-	
	<i>onguligrade</i> [õgyligrad]	1	3	-	-	-	-	
	<i>volucompteur</i> [võlykõptœr]	-	1	-	-	-	2	
Total		16/65	45/65	4/65	2/14	8/14	4/14	
Percentuais Totais		(24%)	(70%)	(6%)	(14%)	(57%)	(29%)	
FLE 1º ano n = 10 FLE 2º ano n = 2								
M: monossílabos; D: dissílabos; T: trissílabos; Omissão: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’; Mudança na grafia da vogal oral; Híbridos: omissão de consoantes ‘n’ ou ‘m’ e mudança na grafia da vogal oral em um mesmo dado								

Ao analisar o Quadro 38 pode-se observar que, quanto às categorias adotadas pelos sujeitos dos dois adiantamentos linguísticos de FLE observados neste estudo, em seus registros gráficos não-convencionais de [õ], a mais frequente (empregada pelos dois níveis linguísticos) é a mudança na grafia da vogal. Essa categoria foi observada em 45/65 (70%) dos registros não convencionais de [õ] contextualizado produzidos pelo FLE 1º ano e em 8/14 (57%) dos registros não-

convencionais de [õ] produzidos pelo nível de FLE 2º ano. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de registro adotado pelos sujeitos são mostrados a seguir em (i).

(i) Mudança na grafia da vogal nos registros gráficos de [õ] contextualizado

‘Rendeurs’ em vez de *rondeurs* [RõdœR] na frase:

Les Rendeurs de la jeune fille déplaisent à son amoureux .

‘Embelle’ em vez de *ombelle* [õbɛl] na frase:

Embelle : ensemble de petites fleurs groupées formant coupole.

‘Angle’ em vez de *hongre* [õgr] na frase:

angle : c'est une sorte de cheval.

‘Manseur’ em vez de *monceau* [mõsø]) na frase:

Au bord du chemin il y avait des manseur de fleurs fanées.

‘Estampé’ em vez de *estompé* [estõpe] na frase:

Avec le temps le dessin s'est estampé.

Os exemplos apresentados em (i) revelam que os sujeitos alteram a grafia da vogal média-baixa, posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ], ortograficamente ‘on’, ‘om’ – pela grafia da vogal baixa, central, posterior e não arredondada em contexto de nasalização - [ã], ortograficamente ‘an’, ‘am’, ‘en’, ‘em’. Esse fenômeno é evidenciado em 43/53 (81%) em se somando os dados que revelaram mudança na grafia da vogal concernentes a [õ] dos dois níveis linguísticos observados (45 FLE 1º ano + 8 FLE 2º ano).

As 10/53 (19%) alterações restantes⁶⁰ evidenciam mudanças da grafia da vogal média baixa posterior e arredondada em contexto de nasalização - [õ], ortograficamente 'on', 'om', pela grafia da vogal média baixa anterior e não-arredondada em contexto de nasalização - [ẽ], ortograficamente 'in', 'im', 'yn', 'ym' e ou dígrafos seguidos de 'n' ou 'm', conforme exemplificam dados tais como:

'Umbrelle em vez de Ombrelle [õbrɛl] na frase:

- 'Umbrelle, c'est un mot presque synonyme de parapluie'.

'Un grand jour' em vez de 'Ombrageux' [õbrɑʒø] na frase:

- 'Un grand jour, c'est le temps aujourd'hui!

Nos dados destacados nas frases precedentemente exemplificadas, [õ] é grafado por 'um' como em 'umbrelle'; por 'un' como em 'un belle', 'un grand jour' e 'voluncteur', indiciando tentativas dos informantes em grafar o fone [ẽ], uma vez que 'um', 'un' e 'in' são formas possíveis de registro gráfico e convencional de [ẽ] (cf. capítulo concernente à fundamentação teórica).

Resta ainda descrever as outras duas categorias adotadas pelos sujeitos dos dois adiantamentos linguísticos de FLE – FLE 1º ano e 2º ano, em seus registros gráficos não-convencionais de [õ] contextualizados: (i) omissão das consoantes 'n' ou 'm' e (ii) hibridismos.

Em relação às omissões de 'n' ou 'm', o quadro (38) possibilita visualizar que os dados produzidos pelo FLE 1º ano revelam 16/65 (24%) de omissões de consoantes 'n' ou 'm' e, os produzidos pelo FLE 2º ano, apenas 2/14 (14%). O Quadro 38 demonstra ainda que a quantidade de omissões de consoantes 'n' ou 'm' decai conforme o adiantamento linguístico dos sujeitos. Ocorre um número menor de omissões de consoantes 'n' ou 'm' nas produções do FLE 2º ano comparativamente ao número encontrado dentre as produções do FLE 1º ano. Os exemplos apresentados em (ii) ilustram casos de registros que revelam omissões de

⁶⁰ Essas alternâncias não constarão das análises. Nas análises serão discutidas somente os tipos de mudanças encontradas em maior frequência.

consoantes ‘n’ ou ‘m’ nas grafias de [õ] produzidas pelos sujeitos de FLE dos níveis linguísticos - 1º ano e 2º ano.

(ii) Omissão das consoantes ‘n’ ou ‘m’ nos registros gráficos de [õ] contextualizados

‘Orageux’ em vez de **ombrageux** [õbraʒø] na frase:

- ‘Orageux, c’est le temps aujourd’hui!’

Em (ii) as grafias de [õ] revelam que ‘om’ é é registrado como ‘o’ – registro ortográfico possível para os fones vocálicos orais [o] e [ɔ].

Com respeito aos hibridismos encontrados nas grafias de palavras contextualizadas em frases, por intermédio do Quadro 38, pode-se observar que o FLE 1º ano apresenta dados híbridos em uma proporção de 4/65 (6%) do total de dados gráficos não-convencionais e que o FLE 2º ano apresenta 4/14 (29%), o que totaliza 8 dados híbridos nos dois níveis linguísticos estudados (4 FLE 1º ano + 4 FLE 2º ano). O exemplo ilustrado em (iii) mostra os hibridismos nas grafias de [õ] produzidas pelos sujeitos de FLE dos níveis 1º ano e 2º ano.

(iii) Hibridismos nos registros gráficos de [õ] contextualizados

‘Esculpé’ em vez de **estompé** [estõpe] na frase:

- ‘Avec le temps le dessin s’est **esculpé**.’

Em (iii) as grafias de [õ] ortograficamente ‘on’, ‘om’ revelam que o ‘o’ de ‘om’ foi mudado para ‘u’ e o ‘m’ grafado como ‘l’ em ‘esculpé’ em vez de **estompé** [estõpe], indicando uma possível ancoragem na LM, na qual existe a palavra ‘esculpido’.

4.1.4 Principais resultados obtidos com as descrições das escritas controladas referentes aos instrumentos 1 – amostra 1a, instrumento 2 – amostra 1b e instrumento 3 – amostra 1c

As descrições dos dados relativos à produção escrita controlada produzida pelos sujeitos da pesquisa – aprendizes de FLE e falantes nativos de PB – demonstram que:

(i) No que tange às grafias referentes ao instrumento 1 – amostra 1a

a) Observou-se nas grafias de [ẽ] menor acurácia do que nas dos demais fones [ã] e [õ], sobretudo em produções do FLE 1º ano. Esse fato destacou as variáveis qualidade da vogal (nível gráfico) e tempo de exposição à língua como as principais responsáveis pelas grafias não-convencionais relativas ao registro gráfico de [ẽ] nas escritas dos sujeitos que foram submetidos à atividade concernente ao instrumento 1.

Nas grafias de palavras em [ã] observou-se que os desvios são decorrentes de palavras supostamente desconhecidas e que exibem o fone em questão em posição inicial de palavra, como por exemplo, *en revu* e *en croix*, realizadas em especial pelo FLE 1º ano, destacando a interferência das variáveis linguísticas conhecimento da palavra e posição da palavra e da variável extralinguística tempo de exposição à língua como as principais responsáveis pelas grafias não-convencionais de [ã] oriundas do instrumento 1.

Nas grafias de [õ] observou-se maior acurácia relativamente aquelas de [ẽ] e [ã]. As principais variáveis implicadas nas poucas flutuações encontradas dentre os registros de [õ] foram conhecimento da palavra e posição na palavra, confirmadas pela maior incidência de erros com a palavra *on doit* nas realizações do FLE 1º ano e do FLE 2º ano, fato que corrobora, também, a pouca interferência da variável

extralinguística tempo de exposição à língua sobre os registros desviantes de [õ] produzidos pelos sujeitos da tese.

b) Destacou-se a categoria – mudança na grafia da vogal – como a que se revelou com mais frequência nos dados gráficos dos dois níveis linguísticos observados (FLE 1º ano e FLE 2º ano), em uma média geral das frequências encontrada para as grafias dos três fones ([ẽ], [ã] e [õ]) produzidas pelos dois níveis de FLE de 89% nas do FLE 1º ano e de 95% nas do FLE 2º ano. As mudanças mais frequentes nas grafias revelaram dois comportamentos dos sujeitos:

- Grafias equivalentes à [ẽ] por grafias equivalentes à [ã], como em ‘andes’ [ãd] em vez de ‘inde’ [ẽd].
- Grafias equivalentes à [ã] por grafias equivalentes à [õ] e vice versa, grafias equivalentes à [õ] por grafias equivalentes à [ã], como em ‘onge’ [õʒ] em vez de ange [ãʒ] e ‘andoi’ [ãdwa] em vez de ‘on doit’ [õdwa].

Em relação aos tipos de mudanças gráficas recém explicadas, pôde-se observar que os procedimentos adotados pelos sujeitos parecem seguir a tendência encontrada nos dados de Seara e Scarduelli (2007), Montagu (2004, 2007), Boulakia & Fonagy (1989) e Malderez (1991). Esses estudos serão discutidos, juntamente com os dados dos sujeitos, no capítulo referente à discussão dos dados.

Em relação às outras duas categorias, omissões das consoantes ‘n’ ou ‘m’ e híbridos, observou-se que elas revelam-se em frequências relativamente menores às mudanças na grafia da vogal. No que tange às omissões das consoantes ‘n’ ou ‘m’, somente o FLE 1º ano as produziu, em uma média geral das frequências encontradas para as grafias dos três fones [ẽ], [ã] e [õ], equivalente a 6%. Os dados híbridos foram produzidos pelos dois níveis de FLE estudados, em média geral a 18% para as produções do FLE 1º ano e a 14% para as do FLE 2º ano. Foram os dados híbridos que revelam mudanças nas grafias de [ẽ] para as grafias de [a] em maior quantidade do que as demais mudanças, como as ilustradas em *la discipline* em vez de *l’indiscipline*, *la connu* em vez de *l’inconnu* e *abu* em vez de *imbu*,

revelando comportamento na escrita condizente com a proposta de Montagu (2004, 2007) para a produção e para a percepção dos segmentos vocálicos do FS atual. Esses estudos, semelhantemente aos anteriores, serão discutidos juntamente com os dados dos sujeitos no capítulo referente à discussão dos dados.

(ii) No que tange às grafias referentes ao instrumento 2 – amostra 1b

a) Observou-se tendência semelhante às descrições dos dados do instrumento 1 – amostra 1a, ou seja, destacaram-se, sobretudo, as grafias do fone [ẽ] produzidas pelo FLE 1º ano como as principais responsáveis pelos desvios nas escritas controladas produzidas pelos sujeitos, o que ressaltou a interferência das variáveis qualidade da vogal (nível gráfico) e tempo de exposição à língua nas grafias controladas dos sujeitos submetidos às atividades concernentes ao instrumento 2.

Nas grafias de palavras em [ã] observou-se que os desvios são decorrentes de palavras supostamente desconhecidas como *anse*, *mancele* e *calambour* realizadas, em especial, pelo FLE 1º ano, destacando a interferência das variáveis linguísticas conhecimento da palavra e da variável extralinguística tempo de exposição à língua como as principais responsáveis pelas grafias não-convencionais de [ã] oriundas do instrumento 2.

A principal variável implicada nas poucas flutuações encontradas dentre os registros de [õ] foi o conhecimento da palavra, confirmada pela maior incidência de erros com as palavras *rondeurs*, *ongulé* e *presumpteuse* nas produções do FLE 1º ano e do FLE 2º ano. Fato que corrobora a pouca interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua sobre os registros desviantes de [õ] produzidos no instrumento 2.

b) Constatou-se, de maneira semelhante ao que foi observado nas descrições da amostra 1a, que a categoria que mais se revelou nos dados gráficos dos sujeitos dos dois níveis de FLE submetidos às atividades que originaram a amostra 1b (FLE 1º ano e FLE 2º ano) foi a categoria mudança na grafia da vogal, em uma média geral das frequências encontrada para as grafias dos três fones ([ẽ],

[ã] e [õ]) produzidas pelos dois níveis de FLE de 91% nas do FLE 1º ano e de 94% nas do FLE 2º ano. As mudanças mais frequentes seguem a tendência encontrada nos estudos de Boulakia & Fonagy (1989), Malderez (1991) e Montagu (2004, 2007), como as:

- Grafias equivalentes à [ẽ] por grafias equivalentes à [ã], como em ‘andu’ [ãdy] em vez de ‘hindu’ [ẽdy].
- Grafias equivalentes à [ã] por grafias equivalentes à [õ] e vice versa, como em ‘once’ [õs] em vez de ‘anse’ [ãs] e ‘rander’ [RãdœR] em vez de ‘rondeurs’ [RõdœR].

Observou-se que as outras duas categorias, omissões das consoantes ‘n’ ou ‘m’ e híbridos, ocorrem em menor frequência do que as mudanças vocálicas em uma média geral das frequências encontradas para as grafias dos três fones [ẽ], [ã] e [õ] produzidas pelos dois níveis de FLE de 3% para o FLE 1º ano e 12% para as do FLE 2º ano. Os dados híbridos foram produzidos pelos dois níveis de FLE estudados, em média geral à 10% para as produções de FLE 1º ano e à 5% para as do FLE 2º ano. Os dados híbridos descritos na amostra 1b, também revelaram comportamento na escrita condizente com a proposta de Montagu (2004, 2007) para a produção e para a percepção dos segmentos vocálicos do FS atual, qual seja, a de aproximações entre [ẽ] e [a], como as ilustradas em *abu* em vez de *imbu*, *afesuar* em vez de *infusoir* e *desafecté* em vez de *desinfecter*.

(iii) No que tange às grafias referentes ao instrumento 3 – amostra 1c

a) Observou-se, de maneira semelhante às descrições das amostras 1a e 1b, menor acurácia nas grafias de palavras que controlam o fone [ẽ]. Isso ocorre, sobretudo, nas produções do FLE 1º ano, fato que colocou em evidência as variáveis qualidade da vogal (nível gráfico) e tempo de exposição à LE como as principais responsáveis pelos registros gráficos desviantes nas descrições do instrumento 3 – amostra 1c.

Nas grafias de palavras em [ã] observou-se que os desvios são decorrentes, especialmente, de palavras supostamente desconhecidas dos sujeitos, como por exemplo, *anse*, *calambour*, *angarie*, *en croix* e *angousticlave* realizadas em especial pelo FLE 1º ano, destacando a interferência das variáveis linguísticas conhecimento da palavra e da variável extralinguística tempo de exposição à língua como as principais responsáveis pelas grafias não-convencionais de [ã] oriundas do instrumento 3.

Os registros de [õ] do instrumento 3 com contexto apresentaram comportamento distinto daquele dos registros de [õ] dos instrumentos sem contexto (amostra 1a e 1b). Esses registros revelaram menos acurácia do que os registros de [ã], diferentemente do que ocorreu nos instrumentos anteriores. A variável responsável pelo surgimento do desvio foi o conhecimento da palavra, confirmada pela maior incidência de erros nas grafias de *presompteuse* e *ongulé* nas produções do FLE 1º ano e do FLE 2º ano que revelaram 100% de flutuações para ambos os níveis linguísticos estudados. A interferência da variável extralinguística tempo de exposição à língua sobre os registros desviantes de [õ] produzidos no instrumento 3 com contexto confirmou-se pelo declínio de registros desviantes nas produções do FLE 2º ano.

- c) Verificou-se que a categoria de análise – mudança na grafia da vogal – é a que mais se revela nos dados gráficos contextualizados dos sujeitos dos dois níveis de FLE (FLE 1º ano e FLE 2º ano), da mesma forma como já foi observado quando das descrições dos dados que compõem a amostra 1a e a amostra 1b. Nesse instrumento contextualizado ela apresenta uma média geral das frequências encontradas para as grafias dos três fones ([ɛ̃], [ã] e [õ]) produzidas pelos dois níveis de FLE em 76% nas do FLE 1º ano e em 82% nas do FLE 2º ano. As mudanças mais frequentes foram:

- Grafias equivalentes à [ɛ̃] por grafias equivalentes à [ã], como em ‘jasant’ [ʒasãt] em vez de ‘jacinthe’ [ʒasɛ̃t] na frase:

Allons, ça va, on a assez de clémentines, d' orange, du thym et aussi de jasan + pour préparer le réveillon.

- Grafias equivalentes à [ã] por grafias equivalentes à [õ] e vice versa, como em 'bonc' [bõk] em vez de 'banque' [bãK] na frase:

Justin alla à la bonc pour vérifier son conte de cron de ne plus avoir d'argent.

Em relação a esses tipos de mudanças, constatou-se tendência semelhante ao sistema descrito por Montagu (2004, 2007), Boulakia & Fonagy (1989) e Malderez (1991) como nas descrições das amostras anteriores (1a e 1b).

Também observou-se tendência semelhante às amostras 1a e 1b em relação aos dados que revelaram omissões das consoantes 'n' ou 'm' e hibridismos nas escritas contextualizadas dos sujeitos. Os dados que revelaram omissões tiveram média geral no instrumento com contexto de 15% no FLE 1º ano e 14% no FLE 2º ano e os dados híbridos de 9% no FLE 1º ano e 13% no FLE 2º ano. Os dados híbridos descritos na amostra 1c, também revelam comportamento na escrita condizente com a proposta de Montagu (2004, 2007) para a produção e para a percepção dos segmentos vocálicos do FS atual que revelam aproximações entre [ẽ] e [a] com mais frequência do que as demais trocas, como as ilustradas por meio das palavras *patre* em vez de *paintre*, *hadou* em vez de *indou* e *La discipline* em vez de *L'indiscipline*.

(iv) No que tange às semelhanças e divergências referentes às três amostras

Conclui-se com as descrições dos dados dos instrumentos 1 – amostra 1a, instrumento 2 – amostra 1b e instrumento 3 – amostra 1c que há convergência nos resultados obtidos nas três amostras, exceto no que concerne à grafia de [õ]

oriundas dos instrumentos sem contextos (instrumentos 1 e 2) em se comparando àquelas oriundas do instrumento com contexto (instrumento 3).

4.2 DESCRIÇÕES DOS TESTES DE PERCEPÇÃO

4.2.1 Descrição dos dados da amostra 2 – (testes de percepção produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB)

Na presente seção são descritos dados da amostra 2, obtidos a partir da aplicação, a aprendizes de FLE falantes nativos de PB, de testes perceptuais discriminatórios, constituídos por vogais francesas em contextos de nasalização *versus* contraparte em contexto de não-nasalização⁶¹ (cf. a sequência dos pares mínimos controlados neste instrumento no apêndice de nº 4).

Primeiramente, são descritos dados referentes aos testes perceptuais de discriminação manuais (coletivos) que foram realizados pelo FLE 1º ano e pelo FLE 2º ano. Nas descrições dos testes de discriminação manuais (coletivos) são calculados o percentual de acertos e de erros de ocorrências dos pares mínimos controlados de acordo com cada adiantamento linguístico que realizou os testes. Em um segundo momento, são descritos os dados relativos aos testes perceptuais de discriminação individuais, realizados com o auxílio do software *ecoutest*, que foram produzidos pelos níveis de 1º e de 2º anos de FLE. Nas descrições dos testes perceptuais de discriminação individuais – *ecoutest*, são calculados o percentual de acertos e de erros encontrados para cada par mínimo controlado nos testes e o número de vezes que cada par mínimo foi escutado por cada informante que realizou a sequência de testes. Por último, são apresentados, de maneira resumida, os principais resultados obtidos com as descrições dos dados dos testes perceptuais manuais e dos *ecoutests*, os quais são comparados com os resultados obtidos por meio das escritas controladas dos sujeitos, descritas na seção 4.1.

⁶¹ Cabe lembrar que esses mesmos pares mínimos fazem parte do instrumento 1 e compõem a amostra 1a em sua totalidade e que, eles se repetem no instrumento 2 – amostra 1b e no instrumento 3 – amostra 1c formando um todo com as demais palavras controladas nesses últimos instrumentos e nessas últimas amostras.

4.2.2 Descrição dos testes perceptuais manuais (coletivos) de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Os dados obtidos com a realização dos testes 1, 2 e 3 aplicados aos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano são elencados a seguir, nos Quadros 39, 40 e 41, respectivamente, teste 1 (pares mínimos monossílabos), teste 2 (pares mínimos dissílabos) e teste 3 (pares mínimos trissílabos). Os pares mínimos selecionados para a descrição e análise⁶² estão marcadas em marca-texto amarelo.

Quadro 39 - Frequências de acertos e de erros - testes 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano e FLE 2º ano

Nível				FLE 1º ano		FLE 2º ano	
				acertos	erros	acertos	Erros
Pares mínimos							
1	Pain [pɛ̃]	x	paix [pɛ]	11	2	4	0
2	Peintre [pɛ̃tʁ]	x	Paître [pɛtʁ]	12	1	4	0
3	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛt]	13	0	4	0
4	Inde [ɛ̃d]	x	Aide [ɛd]	12	1	4	0
5	Banc [bã]	x	Bas [ba]	11	2	4	0
6	Banque [bãk]	x	Banque [bãk]	12	1	4	0
7	Ange [ãʒ]	x	Âge [aʒ]	12	1	4	0
8	Pot [po]	x	Pont [pɔ̃]	12	1	4	0
9	Conte [kɔ̃t]	x	Conte [kɔt]	13	0	4	0
10	Onde [ɔ̃d]	x	Onde [ɔd]	13	0	3	1
Total				121/130	9/130	39/40	1/40
Percentuais totais				(93%)	(7%)	(98%)	(2%)
FLE 1º ano n=13; FLE 2º ano n=4							

⁶² Relembra-se que não serão considerados para a análise os dados relativos à nasalidade vocálica concernentes às posições finais, devido ao fato de haver divergências entre as duas línguas no modo como são produzidas as vogais em contexto de nasalização nessas posições. No PB, em posições finais, elas são produzidas como ditongos nasais, enquanto que no FS, como vogais nasais (cf. Camara Jr, 2006; Carton, 1997).

Quadro 40 - Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano e FLE 2º ano

Pares mínimos			Nível	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
				acertos	erros	acertos	Erros
1	Imbu[ĩby]	x	Abus [aby]	6	7	4	0
2	Adieu[adjɸ]	x	un dieu[ĩdjɸ],	9	4	4	0
3	Alain [alẽ]	x	alla[ala]	8	5	3	1
4	Marin[marẽ]	x	marin[marẽ]	13	0	4	0
5	en croix[ãkrwa]	x	en croix[akrwa]	13	0	4	0
6	Pensa[pãsa]	x	passa[pasa]	13	0	4	0
7	Savant[savã]	x	ça va[sava]	12	1	4	0
8	Savon[savõ]	x	savon[savõ]	13	0	4	0
9	Allo[alo]	x	allons[alõ]	13	0	4	0
10	aux doigts[odwa]	x	on doit[õdwa]	9	4	4	0
Total				109/130	21/130	39/40	1/40
Percentuais totais				(84%)	(16%)	(98%)	(2%)

FLE 1º ano n=13; FLE 2º ano n=4

Quadro 41 - Frequências de acertos e de erros - testes 3 (pares mínimos trissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano e FLE 2º ano

Pares mínimos			Nível	FLE 1º ano		FLE 2º ano	
				acertos	erros	acertos	Erros
1	Imprévu[ĩprevy]	x	est prévu [eprevy]	11	2	4	0
2	l'inconnu[lĩkõny]	x	l'a connu[lakõny]	1	12	3	1
3	ont diné[õdine]	x	aux dîner[odine]	10	3	4	0
4	en revu[ãrøvy]	x	a revu[arøvy]	13	0	4	0
5	la discipline [lĩdisiplinø]	x	la discipline [ladisiplinø]	13	0	4	0
6	Regardant[regardã]	x	regardant[regardã]	12	1	4	0
7	le gros mont[løgromõ]	x	le gros mot[[løgromo]	8	5	3	1
8	c'est du lin[sedyĩ]	x	c'est du lait[sedył]	11	2	4	0
Total				79/104	25/104	30/32	2/32
Percentuais totais				(76%)	(24%)	(94%)	(6%)

FLE 1º ano n=13; FLE 2º ano n=4

A partir dos quadros 39, 40 e 41 pode-se observar que os sujeitos dos dois níveis de FLE observados demonstram ser sensíveis à percepção de pares mínimos monossilábicos que opõem vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização. Essa afirmação é sustentada diante da evidência de ocorrência de uma alta frequência de discriminações bem sucedidas pelos dois níveis de FLE: 120/130 (93%) FLE 1º ano e 39/40 FLE 2º ano.

No tocante à percepção de pares mínimos dissilábicos, que opõem vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização, realizada pelos dois níveis de FLE, pode-se observar, por intermédio do quadro 40, que o alto percentual de discriminações bem sucedidas, observadas nos pares mínimos monossílabos, decai nos testes realizados pelos sujeitos do FLE 1º ano, 109/130 (84%), e se mantém nos realizados pelo FLE 2º ano 39/40 (38%). Observa-se, ainda no quadro 40, que os pares mínimos que não obtiveram sucesso na discriminação foram os que opõem [ɛ̃] x [a] nos pares imbu [ɛ̃by] x abus [aby] e adieu [adjɕ] x un Dieu [ɛ̃djɕ] e o que opõem [o] x [õ] no par aux doigts [odwa] x ont doit [õdwa] (ver destaque em vermelho no quadro 40). Em imbu [ɛ̃by] x abus [aby] 7/13 (54%) dos sujeitos do FLE 1º ano marcaram ser idêntica a sequência. Em adieu [adjɕ] x un Dieu [ɛ̃djɕ] e em aux doigts [odwa] x on doit [õdwa] 4/13 (31%) dos sujeitos do FLE 1º ano marcaram a sequência como igual.

Tendência semelhante à ocorrida com pares mínimos dissilábicos acontece com a percepção de pares mínimos trissilábicos que opõem vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização, realizada pelos dois níveis de FLE. Por meio do quadro 41 observa-se que o FLE 1º ano discrimina com sucesso 79/104 (76%) os pares mínimos trissílabos e que, o FLE 2º ano os discrimina com sucesso em 30/32 (94%) dos casos. Observa-se, ainda no quadro 41, que o par mínimo que não obteve sucesso na discriminação pelos sujeitos do FLE 1º ano, foi o que opõe [ɛ̃] x [a] na sequência l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] x la connu [lakɔny], na qual 12/13 (92%) dos sujeitos marcaram ser idêntico o contraste entre [ɛ̃] x [a] (ver destaque em vermelho no quadro 41).

Diante do que foi descrito e observado nos quadros 39, 40 e 41 pode-se inferir que pares mínimos dissilábicos e trissilábicos que opõem, sobretudo, [ẽ] x [a] impõem dificuldades discriminatórias para os sujeitos dessa pesquisa, em especial àqueles do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), fato que permite destacar as variáveis linguísticas tamanho da palavra e qualidade da vogal (nível fônico) e a variável extra-linguística tempo de exposição à LE, como responsáveis pela dificuldade de discriminação nos testes manuais (coletivos) produzidos pelos sujeitos. Essa afirmação é possível devido à ocorrência de maior número de discriminação bem sucedida em pares mínimos monossílabos em se contrapondo aos demais – pares mínimos dissílabos e trissílabos discriminados pelo FLE 1º ano e, devido à constatação de que os pares mínimos em [ẽ] são menos discriminados pelos sujeitos em relação aos demais – pares mínimos em [ã] e [õ]. Essa evidência é ainda reforçada, pela distribuição de imbu [ẽby], un Dieu [ẽdjɸ] e l'inconnu [lẽkɔny] dentro das variáveis controladas. Imbu [ẽby] classifica-se por exibir [ẽ] em palavra dissílaba, início de palavra e sílaba átona e ser supostamente desconhecida dos sujeitos; un Dieu [ẽdjɸ] classifica-se por exibir [ẽ] em palavra fonológica dissílaba, início de palavra e sílaba átona e ser supostamente conhecida dos sujeitos; e, l'inconnu [lẽkɔny] classifica-se por exibir [ẽ] em palavra trissílaba, meio de palavra e em sílaba átona e ser supostamente desconhecida dos sujeitos. Nota-se, portanto, que a variável início de palavra que se repete em imbu [ẽby] e un Dieu [ẽdjɸ] não ocorre em l'inconnu [lẽkɔny], a variável desconhecimento da palavra que ocorre em imbu [ẽby] e l'inconnu [lẽkɔny] não ocorre em un Dieu [ẽdjɸ] e a variável tonicidade (presença do fone em sílaba átona) se repete nos três pares mínimos controlados.

4.2.3 Descrição dos testes individuais – *ecoutest* - de acordo com o nível linguístico dos sujeitos

Os dados obtidos com a realização dos testes 1, 2, 3, 4, 5 e 6 aplicados aos níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano estão elencados, a seguir, nos Quadros 42, 43, 44, 45, 46 e 47, respectivamente, teste 1 (pares mínimos monossílabos), teste 2

(pares mínimos dissílabos), teste 3 (pares mínimos trissílabos), teste 4 (trio de palavras monossílabas), teste 5 (trio de palavras dissílabas) e teste 6 (trio de palavras trissílabas).

4.2.3.1 Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano sem contato com a escrita da LE, FLE 1º ano e FLE 2º ano

Quadro 42a - Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)

Pares mínimos				Nível		FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)					
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo					
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6
1	Pain [pɛ̃]	x	paix [pɛ]	6	0	2	1	1	2	2	1
2	Peintre [pɛ̃trɛ]	x	Paître [pɛtrɛ]	6	0	6	1	2	2	2	2
3	Crainte [krɛ̃tɛ]	x	Crainte [krɛ̃tɛ]	5	1	3	2	2	2	3	3
4	Inde [ɛ̃d]	x	Aide [ɛd]	5	1	4	3	2	2	1	2
5	Banc [bã]	x	Bas [ba]	6	0	3	2	2	2	3	2
6	Banque [bãk]	x	Banque [bãk]	6	0	2	1	2	2	3	2
7	Ange [ãʒ]	x	Âge [aʒ]	6	0	2	1	2	1	2	1
8	Pôt [pɔ]	x	Pont [pɔ̃]	6	0	3	1	2	5	2	1
9	Conte [kɔ̃t]	x	Conte [kɔ̃t]	6	0	3	2	2	2	4	2
10	Onde [ɔ̃d]	x	Onde [ɔ̃d]	6	0	2	2	3	2	2	2
Total				58/60	2/60	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais				(97%)	(3%)	-	-	-	-	-	-
						FLE 1º ano (sem					
						contato com a escrita da LE) n = 6					

Quadro 42b - Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano

Pares mínimos				FLE 1º ano									
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo							
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Inf. 7	Inf. 8
1	Pain [pɛ̃]	x	paix [pɛ]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1
2	Peintre [pɛ̃tr]	x	Paître [pɛtr]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1
3	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛt]	7	1	1	1	2	1	1	2	1	1
4	Inde [ɛ̃d]	x	Aide [ɛd]	7	1	1	1	1	1	1	1	1	1
5	Banc [bã]	x	Bas [ba]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1
6	Banque [bãk]	x	Banque [bãk]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1
7	Ange [ãʒ]	x	Âge [aʒ]	8	0	1	1	2	1	1	1	1	1
8	Pot [po]	x	Pont [põ]	8	0	1	1	1	1	1	1	2	1
9	Conte [kõt]	x	Conte [kõt]	8	0	1	1	3	1	1	1	1	1
10	Onde [õd]	x	Onde [õd]	8	0	2	1	1	1	1	1	1	1
Total				78/80	2/80	-	-	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais				(98%)	(2%)	-	-	-	-	-	-	-	-

FLE 1º ano n = 8

Quadro 42c - Frequências de acertos e de erros - teste 1 (pares mínimos monossílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano

Pares mínimos				FLE 2º ano							
				Acer- tos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo					
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6
1	Pain [pɛ̃]	x	paix [pɛ]	6	0	1	1	1	1	1	2
2	Peintre [pɛ̃tr]	x	Paître [pɛtr]	6	0	1	1	1	1	1	1
3	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛt]	5	1	2	2	1	1	2	2
4	Inde [ɛ̃d]	x	Aide [ɛd]	5	1	2	1	1	1	1	2
5	Banc [bã]	x	Bas [ba]	6	0	2	1	1	1	1	2
6	Banque [bãk]	x	Banque [bãk]	6	0	2	1	1	1	2	2
7	Ange [ãʒ]	x	Âge [aʒ]	6	0	1	1	1	1	1	1
8	Pot [po]	x	Pont [põ]	6	0	2	1	2	1	2	3
9	Compte [kõt]	x	Compte [kõt]	5	1	2	1	3	1	3	3
10	Onde [õd]	x	Onde [õd]	6	0	2	1	1	1	3	2
Total				57/60	3/60						
Percentuais totais				(95%)	(5%)						

FLE 2º ano n = 6

A partir dos quadros 42a, 42b e 42c pode-se observar que os sujeitos dos três níveis de FLE, que realizaram o teste 1, demonstram ser sensíveis à percepção de pares mínimos monossilábicos que opõem vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização. Essa afirmação é feita diante da

alta incidência de discriminações bem sucedidas pelos três níveis de FLE: 58/60 (97%) FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), 78/80 (98%) FLE 1º ano e 57/60 (95%) FLE 2º ano.

A baixa incidência de discriminações mal sucedidas se deveram às discriminações dos pares mínimos crainte [krɛ̃t] x crainte [krɛ̃t], Inde [ɛ̃d] x aide [ɛd] e compte [kɔ̃t] x compte [kɔ̃t]. A sequência idêntica crainte [krɛ̃t] x crainte [krɛ̃t] foi marcada como diferente por um informante do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), por um informante do FLE 1º ano e por um do FLE 2º ano. O mesmo desempenho que obteve a sequência crainte [krɛ̃t] x crainte [krɛ̃t] pode ser observado para a sequência Inde [ɛ̃d] x aide [ɛd] que foi marcada como idêntica por um informante de cada nível observado no estudo. A sequência idêntica compte [kɔ̃t] x compte [kɔ̃t] foi marcada como diferente por um informante do FLE 2º ano.

Em relação à discriminação de pares mínimos monossilábicos realizados pelos sujeitos e controlados com o auxílio do software *ecoutest*, os resultados registrados no software e mostrados nos quadros (42a), (42b) e (42c) permitiram visualizar que as sequências que opõem [ɛ̃] x [ɛ] e [ɛ̃] x [a] foram escutadas várias vezes por alguns informantes antes de serem respondidas. A sequência *peintre* [pɛ̃tr] x *paitre* [pɛ̃tr] que opõe [ɛ̃] x [ɛ] foi escutada pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), 6 vezes por um informante e 3 vezes por dois informantes. A sequência idêntica *crainte* [krɛ̃t] x *crainte* [krɛ̃t] foi escutada 3 vezes por três sujeitos do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE). A sequência *Inde* [ɛ̃d] x *aide* [ɛd] que opõe [ɛ̃] x [ɛ] foi escutada pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), 4 vezes por um sujeito e 3 vezes por outro. As sequências que controlam a discriminação de [ã] - *banque* [bãk] x *banque* [bãk], *ange* [ãʒ] x *age* [aʒ], são escutadas em menor número de vezes antes de serem respondidas pelos informantes do que as sequências que controlam [ɛ̃] e [õ]. Apenas 1 informante do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) escuta 3 vezes a sequência *banque* [bãk] x *banque* [bãk]. As sequências que controlam [õ], à semelhança das que controlam [ɛ̃], são escutadas várias vezes por alguns informantes. A sequência

compte [kõt] x *compte* [kõt] foi escutada pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), 3 vezes por 1 informante e 4 vezes por outro; pelo FLE 1º ano 3 vezes por um informante; e, pelo FLE 2º ano 3 vezes por três informantes. A sequência onde [õd] x onde [õd] foi escutada 3 vezes por um informante do FLE 1º ano e 3 vezes por um informante do FLE 2º ano (ver destaque em vermelho nos quadros (42a), (42b) e (42c)).

O fato de as sequências que controlam [ẽ] e [õ] serem as menos discriminadas com sucesso pelos informantes e aquelas que são escutadas em maior número de vezes por alguns sujeitos, possibilita a conclusão de que as sequências monossilábicas que controlam [ẽ] x [ε], [ẽ] x [a] e [õ] x [o] impõem maior dificuldade para serem discriminadas pelos sujeitos da tese do que as que controlam [ã] x [a]. Isso ocorre em especial nas discriminação produzidas pelo grupo de sujeitos do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE).

4.2.3.2 Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano sem contato com a escrita da LE, FLE 1º ano e FLE 2º ano

Quadro 43a - Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)

Pares mínimos			Nível	FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)								
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo						
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	
1	Imbu[ẽby]	x	Abus [aby]	6	0	2	1	2	2	3	3	
2	Adieu[adjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ],	6	0	3	1	2	2	4	3	
3	Alain [alẽ]	x	alla[ala]	6	0	2	1	1	2	4	3	
4	Marin[marẽ]	x	marin[marẽ]	6	0	2	1	1	1	4	2	
5	en croix[ãkrwa]	x	en croix[akrwa]	6	0	3	1	1	2	3	2	
6	Pensa[pãsa]	x	passa[pasa]	6	0	2	1	1	1	2	1	
7	Savant[savã]	x	ça va[sava]	6	0	2	1	1	1	1	1	
8	Savon[savõ]	x	savon[savõ]	5	1	2	1	1	2	2	1	
9	Allo[alo]	x	allons[alõ]	6	0	5	1	2	2	1	1	
10	aux doigts[odwa]	x	on doit[õdwa]	6	0	3	1	2	2	7	2	
Total				59/60	1/60	-	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais				(98%)	(2%)	-	-	-	-	-	-	-

FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) n = 6

Quadro 43b - Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano

Pares mínimos			Nível	FLE 1º ano										
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo								
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Inf. 7	Inf. 8	
1	Imbu[ẽby]	x	Abus [aby]	8	0	1	1	2	1	1	1	1	1	
2	Adieu[adjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ],	8	0	1	1	2	1	1	1	1	1	
3	Alain [alẽ]	x	alla[ala]	6	2	1	1	2	1	1	1	2	1	
4	Marin[marẽ]	x	marin[marẽ]	7	1	1	1	2	1	1	1	2	1	
5	en croix[ãkrwa]	x	en croix[akrwa]	6	2	1	1	2	1	1	1	1	1	
6	Pensa[pãsa]	x	passa[pasa]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	
7	Savant[savã]	x	ça va[sava]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	
8	Savon[savõ]	x	savon[savõ]	7	1	1	1	1	1	1	2	1	1	
9	Allo[alo]	x	allons[alõ]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	
10	aux doigts[odwa]	x	on doit[õdwa]	8	0	2	1	1	1	1	1	2	3	
Total				75/80	5/80	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais				(94%)	(6%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-

FLE 1º ano n = 8

Quadro 43c - Frequências de acertos e de erros - teste 2 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano

Pares mínimos			Nível	FLE 2º ano							
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo					
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6
1	Imbu[ẽby]	x	Abus [aby]	6	0	2	2	1	1	1	2
2	Adieu[adjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ]	6	0	1	1	1	1	1	2
3	Alain [alẽ]	x	alla[ala]	6	0	2	2	2	2	1	2
4	Marin[marẽ]	x	marin[marẽ]	6	0	2	4	1	1	2	2
5	en croix[ãkrwa]	x	en croix[akrwa]	6	0	2	2	1	1	2	4
6	Pensa[pãsa]	x	passa[pasa]	6	0	2	1	1	1	1	1
7	Savant[savã]	x	ça va[sava]	6	0	2	1	1	1	1	1
8	Savon[savõ]	x	savon[savõ]	5	1	1	2	1	1	2	2
9	Allo[alo]	x	allons[alõ]	6	0	3	2	1	1	1	1
10	aux doigts[odwa]	x	on doit[õdwa]	6	0	2	1	1	2	1	2
Total				59/60	1/60	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais				(98%)	(2%)	-	-	-	-	-	-

FLE 2º ano n = 6

A partir dos quadros (43a), (43b) e (43c) que exibem os resultados da percepção de pares mínimos dissilábicos realizada por informantes dos três níveis de FLE estudados, pode-se observar um elevado percentual de discriminações bem sucedidas: 59/60 (98%) FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), 75/80 (94%) FLE 1º ano e 59/60 (98%) FLE 2º ano.

A baixa incidência de discriminações mal sucedidas se deve, especialmente, às discriminações de Alain [alẽ] x [ala], Marin [marẽ] x Marin [marẽ], en croix [ãkrwa] x en croix [ãkrwa] e savon [savõ] x savon [savõ] que deram origem aos erros. Dessas sequências controla-se somente a sequência idêntica en croix [ãkrwa] x en croix [ãkrwa] que foi marcada como diferente por dois informantes do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE). As sequências não controladas no ecoutest obtiveram 2 erros para Alain [alẽ] x [ala], 1 para Marin [marẽ] x Marin [marẽ] e 1 para savon [savõ] x savon [savõ] (ver quadros 43a, 43b e 43c).

Semelhantemente ao que ocorre na discriminação de alguns pares mínimos monossilábicos, alguns pares mínimos dissilábicos também são escutados várias vezes pelos sujeitos antes de serem respondidos (ver quadros (43a), (43b) e (43c)). A

sequências que opõe [ẽ] x [a] - imbu [ẽby] x abus [aby] foi escutada 3 vezes por dois informantes do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE). A sequência que opõe [ẽ] x [a] - adieu [adjɸ] x un Dieu [ẽdjɸ] foi escutada 3 vezes por dois informantes do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) e 4 vezes por outro. A sequência idêntica en croix [ãkrwa] x en croix [ãkrwa] que controla a discriminação de [ã] foi escutada 2 vezes por dois informantes do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) e 4 vezes por um informante do FLE 2º ano. As sequências que opõe [õ] x [o] aux doigts [odwa] x ont doit [õdwa] foram escutadas pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) 3 vezes por um informante e 7 vezes por outro e pelo FLE 1º ano 3 vezes por um informante.

O fato de as sequências que controlam [ẽ] em palavras dissilábicas serem as que são escutadas em maior número de vezes por alguns sujeitos antes de serem resolvidas no *ecoutest*, sobretudo por sujeitos do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), do que as que controlam [ã] e [õ], permite concluir que as sequências dissilábicas que controlam [ẽ] x [a] impõem maior dificuldade para serem discriminadas pelos sujeitos da tese, especialmente àqueles do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), do que as demais sequências que controlam [ã] e [õ].

4.2.3.3 Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos trissílabos) de acordo com os níveis de FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), FLE 1º ano e FLE 2º ano

Quadro 44a - Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)

Pares mínimos				Nível		FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE)					
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo					
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6
1	Imprévu[ẽprevy]	x	est prévu [ẽprevy]	6	0	2	2	2	2	2	2
2	l'inconnu[lẽkɔny]	x	l'a connu[lakɔny]	5	1	2	3	3	1	4	2
3	ont diné[ɔdine]	x	aux dîner[odine]	6	0	5	2	2	2	2	2
4	en revu[ãrɛvy]	x	a revu[arɛvy]	5	1	1	2	2	2	2	2
5	la discipline [lẽdisiplinɛ]	x	la discipline [ladisiplinɛ]	5	1	2	2	1	1	2	2
6	Regardant[regardã]	x	regardant[regardã]	6	0	3	1	2	2	3	2
7	le gros mont[lɛgromɔ̃]	x	le gros mot[lɛgromɔ]	6	0	6	1	4	2	2	2
8	c'est du lin[sɛdylẽ]	x	c'est du lait[sɛdylɛ]	5	1	2	1	4	2	1	1
Total Percentuais totais				44/48 (92%)	4/48 (85)	-	-	-	-	-	-

FLE 1º ano n = 6

Quadro 44b - Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano

Nível				FLE 1º ano										
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo								
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Inf. 7	Inf. 8	
Pares mínimos														
1	Imprévu[ẽprɛvy]	x	est prévu [ɛprɛvy]	8	0	2	1	2	1	1	1	1	1	
2	l'inconnu[lẽkɔny]	x	l'a connu[lakɔny]	7	1	1	2	2	1	1	1	2	2	
3	ont diné[ɔdine]	x	aux dîner[odine]	8	0	1	1	2	1	2	1	1	1	
4	en revu[ãrɛvy]	x	a revu[arɛvy]	7	1	1	1	2	1	1	1	1	1	
5	la discipline [lẽdisiplinɛ]	x	la discipline [ladisiplinɛ]	7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
6	Regardant[regardã]	x	regardant[regardã]	7	0	1	1	1	1	1	1	1	1	
7	le gros mont[lɛgromɔ]	x	le gros mot[lɛgromo]	8	0	1	1	1	1	1	1	2	1	
8	c'est du lin[sɛdylɛ]	x	c'est du lait[sɛdylɛ]	8	0	2	1	1	1	1	1	1	1	
Total Percentuais totais				61/64 (95%)	3/64 (5%)	-	-	-	-	-	-	-	-	

FLE 1º ano n = 8

Quadro 44c - Frequências de acertos e de erros - teste 3 (pares mínimos dissílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano

Nível				FLE 2º ano								
				Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo						
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	
Pares mínimos												
1	Imprévu[ẽprɛvy]	x	est prévu [ɛprɛvy]	6	0	2	1	1	1	1	1	2
2	l'inconnu[lẽkɔny]	x	l'a connu[lakɔny]	5	1	2	1	1	1	1	1	1
3	ont diné[ɔdine]	x	aux dîner[odine]	6	0	2	1	1	1	1	1	2
4	en revu[ãrɛvy]	x	a revu[arɛvy]	5	1	2	1	1	1	1	1	2
5	la discipline [lẽdisiplinɛ]	x	la discipline [ladisiplinɛ]	5	1	2	2	1	1	2	2	2
6	Regardant[regardã]	x	regardant[regardã]	5	1	2	1	1	1	2	2	2
7	le gros mont[lɛgromɔ]	x	le gros mot[lɛgromo]	6	0	2	2	1	1	1	1	2
8	c'est du lin[sɛdylɛ]	x	c'est du lait[sɛdylɛ]	6	0	2	1	1	1	1	1	2
Total Percentuais totais				44/48 (92%)	4/48 (8%)	-	-	-	-	-	-	-

FLE 2º ano n = 6

Os Quadros 44a, 44b e 44c que exibem os resultados da discriminação perceptual de pares mínimos trissilábicos produzidos pelos três níveis de FLE que realizaram o teste 3 permitem visualizar que os sujeitos parecem ser sensíveis à

percepção de pares mínimos trissilábicos que opõem vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização. Essa afirmativa sustenta-se frente à alta incidência de discriminações bem sucedidas realizadas pelos três níveis de FLE: 44/48 (92%) FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), 61/64 (95%) FLE 1º ano e 44/48 (92%) FLE 2º ano.

A baixa incidência de discriminações mal sucedidas se deve, especialmente às discriminações de l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] x la connu [lakɔny], la discipline [ladisiplinə] x la discipline [ladisiplinə], c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lait [sɛdylɛ], en revu [ɑ̃ʁvy] x a revu [ɑʁvy], regardant [ʁegardɑ̃] x regardant [ʁegardɑ̃], que deram origem aos erros. Dessas sequências, controlam-se somente, l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] x la connu [lakɔny], la discipline [ladisiplinə] x la discipline [ladisiplinə] e en revu [ɑ̃ʁvy] x a revu [ɑʁvy], as quais obtiveram 1 erro em cada nível linguístico observado (ver quadros (44a), (44b) e (44c)). As sequências não controladas no *ecoutest* - regardant [ʁegardɑ̃] x regardant [ʁegardɑ̃] e c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lait [sɛdylɛ] obtiveram 1 erro para regardant [ʁegardɑ̃] x regardant [ʁegardɑ̃], observadas no Quadro 44c e 1 erro para c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lait [sɛdylɛ], observadas no Quadro 44a.

Em relação ao número de vezes que as sequências trissilábicas foram escutadas antes de serem resolvidas no *ecoutest*, os resultados registrados no software e descritos nos quadros 44a, 44b e 44c, permitem visualizar que a sequência que opõe [ɛ̃] x [a] - l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] x la connu [lakɔny] - foi a mais escutada pelos sujeitos do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE): 3 vezes por dois sujeitos e 4 vezes por um sujeito, sendo seguida, em número de vezes de escuta, pela sequência ont diné [ɔ̃dine] x [odine], que foi escutada 5 vezes por um informante do FLE 1º ano (sem contato com a escrita) antes de ser respondida.

O fato de as sequências que controlam [ɛ̃] em palavras trissilábicas serem as mais escutadas pelos sujeitos e resultarem em maior quantidade de discriminações mal sucedidas - 7/11 (64%), em se somando os erros dos quadros (44a), (44b) e (44c) permite concluir que as sequências trissilábicas que controlam [ɛ̃] impõem maior dificuldade para serem discriminadas pelos sujeitos da tese, especialmente

àqueles do FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE), do que as demais sequências que controlam [ã] e [õ].

4.2.3.4 Frequências de acertos e de erros - teste 4 (trios monossílabos) -de acordo com os níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano

Quadro 45a - Frequências de acertos e de erros - teste 4 (trios monossílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano

Pares mínimos					Nível	FLE 1º ano									
						Acer- tos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo							
								Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Inf. 7	Inf. 8
1	Pain [pɛ̃]	x	paix [pɛ̃]	x	Pain [pɛ̃]	8	0	1	1	2	1	1	1	1	1
2	Peintre [pɛ̃tr]	x	Paître [pɛ̃tr]	x	Peintre [pɛ̃tr]	8	0	1	1	3	1	1	1	1	1
3	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛ̃t]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1
4	Aide [ɛd]	x	Inde [ɛ̃d]	x	Aide [ɛd]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1
5	Banc[bã]	x	Banc[bã]	x	Banc[bã]	8	0	1	2	2	1	1	1	1	2
6	Ange[ãʒ]	x	Âge[ãʒ]	x	Âge[ãʒ]	8	0	1	1	3	1	1	1	1	1
7	Pot [po]	x	Pont [põ]	x	Pot [po]	8	0	1	1	2	1	1	1	1	2
8	Compte[kõt]	x	Côte[kot]	x	Compte[kõt]	8	0	1	1	3	1	1	1	1	2
9	Onde[õd]	x	Onde[õd]	x	Onde[õd]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	2
Total						72/72	0/0	-	-	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais						(100%)	(0%)	-	-	-	-	-	-	-	-

FLE 1º ano n = 8

Quadro 45b - Frequências de acertos e de erros - teste 4 (trios monossílabos) de acordo com o nível FLE 2º ano

Pares mínimos					Nível		FLE 2º ano						
					Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo						
							Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	
1	Pain [pɛ̃]	x	paix [pɛ]	x	Pain [pɛ̃]	6	0	1	1	1	1	1	3
2	Peintre [pɛ̃tʁ]	x	Paître [pɛtʁ]	x	Peintre [pɛ̃tʁ]	6	0	1	2	1	1	1	1
3	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛ̃t]	6	0	1	1	1	1	2	2
4	Aide [ɛd]	x	Inde [ɛ̃d]	x	Aide [ɛd]	6	0	2	1	1	1	1	1
5	Banc [bã]	x	Banc [bã]	x	Banc [bã]	6	0	2	1	1	1	3	2
6	Ange [ãʒ]	x	Âge [aʒ]	x	Âge [aʒ]	6	0	1	1	1	1	1	1
7	Pot [po]	x	Pont [põ]	x	Pot [po]	6	0	2	1	1	3	2	2
8	Compte [kõt]	x	Côte [kot]	x	Compte [kõt]	6	0	2	2	1	2	1	1
9	Onde [õd]	x	Onde [õd]	x	Onde [õd]	6	0	1	1	2	1	1	2

Total Percentuais totais	54/54 (100%)	0/0 (0%)							
FLE 2º ano n = 6									

Nos quadros 45a e 45b pode-se observar que os sujeitos dos dois níveis de FLE que realizaram o teste 4 demonstram discriminar com sucesso trios monossilábicos que opõem vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização. Essa afirmação é feita diante da totalidade de acertos encontrados nas discriminações de trios monossílabos realizados pelos níveis de FLE 1º ano e 2º ano.

Diante da totalidade de acertos obtidos nas percepções do testes 4 e do número reduzido de escutas pelos sujeitos antes de responder aos estímulos, demonstradas nos quadros 45a e 45b, pode-se concluir que os sujeitos dos dois níveis de FLE discriminam com sucesso os trios monossílabos que controlam as vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização.

4.2.3.5 Frequências de acertos e de erros - teste 5 (trios dissílabos) -de acordo com os níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano

Quadro 46a - Frequências de acertos e de erros - teste 5 (trios dissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano

Nível				FLE 1º ano															
				Acer- tos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo													
						Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Inf. 7	Inf. 8						
Pares mínimos																			
1	Imbu[ẽby]	x	Abus [aby]	x	Imbu[ẽby]	7	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	
2	Adieu[adjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ]	8	0	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	
3	Marin[marẽ]	x	Marin[marẽ]	x	Marin[marẽ]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
4	Alla[ala]	x	Alain [alẽ]	x	alla[ala]	7	1	2	3	3	1	1	1	1	2	1	1	1	
5	en croix[ãkrwa]	x	en croix[akrwa]	x	en croix[akrwa]	7	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
6	Pensa[pãsa]	x	passa[pasa]	x	Pensa[pãsa]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
7	ça va[sava]	x	ça va[sava]	x	Savant[savã]	7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
8	Savon[savõ]	x	savon[savõ]	x	savon[savõ]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
9	Allo[alo]	x	Allo[alo]	x	allons[alõ]	8	0	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	
10	aux doigts[odwa]	x	on doit[õdwa]	x	aux doigts[odwa]	7	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	3	
Total Percentuais totais						75/80 (94%)	5/80 (6%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

FLE 1º ano n = 8

Quadro 46b - Frequências de acertos e de erros - teste 5 (trios dissilábicos) de acordo com o nível FLE 2º ano

Pares mínimos					Nível		FLE 2º ano						
					Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo						
							Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	
1	Imbu[ẽby]	x	Abus [aby]	x	Imbu[ẽby]	8	0	2	2	1	1	2	2
2	Adieu [adjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ]	x	un dieu[ẽdjɸ]	8	0	2	2	1	1	1	2
3	Alain [alẽ]	x	alla[ala]	x	Marin[marẽ]	8	0	1	1	1	1	1	2
4	Marin[marẽ]	x	marin[marẽ]	x	alla[ala]	7	1	2	2	1	1	2	2
5	en croix[ãkrwa]	x	en croix[ãkrwa]	x	en croix[ãkrwa]	8	0	1	1	1	1	2	2
6	Pensa[pãsa]	x	passa[pasa]	x	Pensa[pãsa]	8	0	1	1	1	1	1	1
7	ça va[sava]	x	ça va[sava]	x	Savant[savã]	8	0	1	1	1	1	1	1
8	Savon[savõ]	x	savon[savõ]	x	savon[savõ]	7	1	1	1	1	1	1	2
9	Allo[alo]	x	allons[alõ]	x	allons[alõ]	8	0	1	1	1	1	1	2
10	aux doigts[odwa]	x	on doit[õdwa]	x	aux doigts[odwa]	8	0	2	2	1	2	1	2
Total						58/60	2/60	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais						(57%)	(3%)	-	-	-	-	-	-

FLE 2º ano n = 6

De acordo com os quadros 46a e 46b que exibem os resultados da percepção de trios dissilábicos realizada por informantes dos dois níveis de FLE, pode-se observar um elevado percentual de discriminações bem sucedidas: 75/80 (94%) FLE 1º ano e 58/60 (97%) FLE 2º ano. A baixa incidência de discriminações mal sucedidas se deve às discriminações dos trios controlados no *ecoutest* nas discriminações realizadas pelo FLE 1º ano.

O número reduzido de discriminações mal sucedidas, deve-se, também, às discriminações dos trios não controlados no *ecoutest* - [ala] x Alain [alẽ] x [ala], ça va[sava] x ça va[sava] x savant [savã] e savon [savõ] x savon [savõ] x savon [savõ] que resultaram em 2 erros nas discriminações de [ala] x Alain [alẽ] x [ala] – (1 erro em cada nível linguístico), 1 erro nas produções do FLE 1º ano em ça va [sava] x ça va [sava] x savant [savã] e 1 erro nas produções do FLE 2º ano em savon [savõ] x savon [savõ] x savon [savõ].

Esse fato permite inferir que as sequências dissilábicas que controlam [ẽ] - imbu [ẽby] x abus [aby] x imbu [ẽby] e [ala] x Alain [alẽ] x [ala] são, juntas, responsáveis por 3/8 (38%) dos erros; as sequências que controlam [ã] - en croix

[ãkrwa] x en croix [ãkrwa] x en croix [ãkrwa], pensa [pãsa] x passa [pasa] x pensa [pãsa] e ça va[sava] x ça va [sava] x savant [savã] são, juntas, responsáveis por 3/8 (38%) dos erros; e, as sequências que controlam – [õ] - aux doigts [odwa] x ont doit [õdwa] x aux doigts [odwa] e savon [savõ] x savon [savõ] x savon [savõ] são, juntas, responsáveis por 2/8 (25%) dos erros. Tal fato ranqueia as sequências em [ẽ] e as em [ã] em nível maior de dificuldade discriminatória para os sujeitos dessa pesquisa do que as em [õ].

Ainda, em relação ao número de vezes que os trios dissilábicos são escutados antes de serem respondidos no *ecoutest*, observa-se, no quadro (46a) e (46b), que apenas um informante do FLE 1º ano escutou 3 vezes a sequência aux doigts [odwa] x ont doit [õdwa] x aux doigts [odwa] e que as demais sequências foram escutadas no máximo duas vezes antes de serem respondidas por cada informante dos dois níveis linguísticos de FLE.

4.2.3.6 Frequências de acertos e de erros - teste 6 (trios trissílabos) - de acordo com os níveis de FLE 1º ano e de FLE 2º ano

Quadro 47a - Frequências de acertos e de erros - teste 6 (trios trissílabos) de acordo com o nível FLE 1º ano

Nível					FLE 1º ano												
					Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo										
							Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Inf. 7	Inf. 8			
Pares mínimos																	
1	Imprévu [ɛ̃prevy]	x	Imprévũ [ɛ̃prevy]	x	est prévu [ɛ̃prevy]	8	0	1	1	3	1	1	2	1	1		
2	Regarda [regardɑ]	x	Regardant [regardã]	x	Regardant [regardã]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
3	c'est du lin[sɛdylɛ̃]	x	c'est du lin [sɛdylɛ̃]	x	c'est du lait [sɛdylɛ]	7	1	1	1	2	1	1	1	2	1		
4	l'inconnũ [lɛ̃kɔny]	x	l'a connũ [lakɔny]	x	l'a connũ [lakɔny]	7	1	1	1	3	1	1	1	1	1	3	
5	ont diné [ɔ̃dine]	x	ont diné [ɔ̃dine]	x	ont diné [ɔ̃dine]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
6	en revũ [ɑ̃rɔvy]	x	a revũ [ɑ̃rɔvy]	x	a revũ [ɑ̃rɔvy]	8	0	1	1	2	1	1	1	2	1		
7	L' indiscipline [lɛ̃disiplinɛ]	x	L' indiscipline [lɛ̃disiplinɛ]	x	L' indiscipline [lɛ̃disiplinɛ]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
8	le gros mont [lɛ̃gromɔ̃]	x	le gros mot [lɛ̃gromo]	x	le gros mont [lɛ̃gromɔ̃]	8	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Total Pourcentuais totais					62/64 (97%)	2/64 (3%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FLE 1º ano n = 8																	

Quadro 47b - Frequências de acertos e de erros - teste 6 (trios trissilábicos) de acordo com o nível FLE 2º ano

Pares mínimos					Nível		FLE 2º ano						
					Acertos	Erros	Número de vezes de escuta do arquivo						
							Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	
1	Imprévu [ẽprɛvy]	x	Imprévu [ẽprɛvy]	x	est prévu [ɛprɛvy]	6	0	2	1	1	1	2	1
2	Regarda [rɛgardɑ]	x	Regardant [rɛgardɑ̃]	x	Regardant [rɛgardɑ̃]	5	1	2	2	1	1	1	1
3	c'est du lin[sɛdylɛ̃]	x	c'est du lin [sɛdylɛ̃]	x	c'est du lait [sɛdylɛ]	6	0	1	1	1	1	1	1
4	l'inconnu [lɛkɔny]	x	la connu [lakɔny]	x	la connu [lakɔny]	6	0	2	1	1	1	1	3
5	ont diné [ɔ̃dine]	x	ont diné [ɔ̃dine]	x	ont diné [ɔ̃dine]	6	0	2	1	1	1	2	1
6	en revu [ɑ̃rɛvy]	x	a revu [ɑrɛvy]	x	a revu [ɑrɛvy]	6	0	2	2	1	1	2	1
7	L' indisciplinè [lɛdisiplinɛ̃]	x	L' indisciplinè [lɛdisiplinɛ̃]	x	L' indisciplinè [lɛdisiplinɛ̃]	6	0	1	1	1	1	1	1
8	le gros mont [lɛgrɔmɔ̃]	x	le gros mot [lɛgrɔmo]	x	le gros mont [lɛgrɔmɔ̃]	5		2	2	2	1	1	1
Total						46/48	2/48	-	-	-	-	-	-
Percentuais totais						(96%)	(4%)	-	-	-	-	-	-

FLE 2º ano n = 6

Os quadros 47a e 47b que exibem os resultados da discriminação perceptual de trios trissilábicos, possibilitam visualizar que os sujeitos parecem ser sensíveis à discriminação de trios trissilábicos que opõem vogais francesas em contexto de nasalização *versus* contexto de não-nasalização. Essa afirmativa sustenta-se frente à alta incidência de discriminações bem sucedidas realizadas pelos dois níveis linguísticos: 62/64 (97%) FLE 1º ano e 46/48 (96%) FLE 2º ano.

A baixa incidência de discriminações mal sucedidas deve-se, especialmente, às discriminações de regardant [rɛgardɑ̃] x regardant [rɛgardɑ̃], regardant [rɛgardɑ̃], c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lait [sɛdylɛ], l'inconnu [lɛkɔny] x la connu [lakɔny] x connu [lakɔny] e Le gros mont [lɛgrɔmɔ̃] x Le gros mot [lɛgrɔmo] x Le gros mont [lɛgrɔmɔ̃], as quais deram origem aos 2/64 (3%) erros nas discriminações realizadas pelo FLE 1º ano e aos 2/48 (4%) erros cometidos pelo FLE 2º ano.

Das sequências responsáveis pelas discriminações mal sucedidas, controlam-se somente, l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] x la connu [lakɔny] x la connu [lakɔny] que obteve um erro nas realizações do FLE 1º ano. As sequências [regardã] x regardant [REGARDã] x regardant [REGARDã], c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lait [sɛdylɛ], l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] e Le gros mont [lɛ̃gromɔ̃] x Le gros mot [lɛ̃gromo] x Le gros mont [lɛ̃gromɔ̃] não são controladas no *ecoutest* por exibirem os fones foco em posição final. Dessas últimas, a sequência [REGARDã] x regardant [REGARDã] x regardant [REGARDã] e Le gros mot [lɛ̃gromo] x Le gros mont [lɛ̃gromɔ̃] resultaram em 1 erro para cada trio nas discriminações produzidas pelo FLE 2º ano e, a sequência c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lin [sɛdylɛ̃] x c'est du lait resulta em 1 erro nas discriminações realizadas pelo FLE 1º ano. Percebe-se, então, por intermédio dos quadros (47a) e (47b) que as sequências de trios trissilábicos em [ɛ̃] são as que mais propiciam a emergência de erros.

Em relação ao número de vezes que os trios trissilábicos foram escutados antes de serem resolvidos no *ecoutest*, os resultados registrados no software e descritos nos quadros (47a) e (47b) permitem visualizar que a sequência que opõe [ɛ̃] x [a] x [a] - l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] x la connu [lakɔny] x la connu [lakɔny] - foi a mais escutada pelos sujeitos dos dois níveis de FLE estudados: 3 vezes por dois sujeitos do FLE 1º ano e 3 vezes por um sujeito do FLE 2º ano. A sequência que controla [ɛ̃] x [ɛ̃] x [ɛ] - imprévu [ɛ̃prɛvy] x imprévu [ɛ̃prɛvy] x est prévu, assim como l'inconnu [l'ɛ̃kɔny] x la connu [lakɔny] x la connu [lakɔny] é escutada 3 vezes por um informante do FLE 1º ano.

O fato de as sequências que controlam [ɛ̃] em palavras trissilábicas serem as mais escutadas pelos sujeitos e também resultarem em maior quantidade de discriminações mal sucedidas permite concluir que as sequências trissilábicas que controlam [ɛ̃] em trios impõem maior dificuldade para serem discriminadas pelos sujeitos da tese, especialmente àquelas realizadas pelo FLE 1º ano.

4.2.4 Principais resultados obtidos com as descrições dos testes perceptuais manuais (coletivos) e dos *ecoutests* (individuais)

As descrições dos resultados dos testes perceptuais manuais (coletivos) e dos testes perceptuais *ecoutest* (individuais) demonstram que, nos testes manuais (coletivos), as sequências dissilábicas e trissilábicas que controlam [ẽ] produzidas pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) são as principais responsáveis pelos poucos casos de discriminações mal sucedidas realizadas pelos sujeitos. Esse fato colocou as variáveis tamanho da palavra, qualidade da vogal (nível fônico) e tempo de exposição à LE como responsáveis pela emergência das discriminações mal sucedidas nos testes perceptuais manuais (coletivos).

Com respeito às descrições dos resultados dos testes perceptuais realizadas no software *ecoutest*, a tendência de serem as sequências que controlam [ẽ] e as variáveis tamanho da palavra, qualidade da vogal (nível fônico) e tempo de exposição à LE as principais responsáveis pela emergência de discriminações mal sucedidas, em especial aquelas produzidas pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) se mantém. Os poucos casos de discriminações mal sucedidas ocorrem nos testes que controlam pares mínimos monossilábicos, dissilábicos e trissilábicos e nos trios dissilábicos e trissilábicos que controlam [ẽ], produzidos pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE). Evidencia-se, então, que as descrições dos dois tipos de testes de percepção realizados no estudo (manuais e *ecoutest*) apontam para convergência entre os resultados obtidos.

Da presente seção conclui-se que nas descrições dos testes perceptuais realizados pelos sujeitos aprendizes de FLE e falantes nativos de PB encontra-se menor acurácia nas discriminações de [ẽ] produzidas pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE) e as variáveis que mais propiciam o surgimento das discriminações mal sucedidas são tamanho da palavra, qualidade da vogal (nível fônico) e tempo de exposição à LE.

De maneira semelhante às descrições dos resultados das escritas controladas produzidas pelos sujeitos aprendizes de FLE e falantes nativos de PB, realizadas na seção precedente, com as descrições dos testes perceptuais, se observa menor acurácia nos controles escritos do fone [ẽ] em relação à percepção

dos demais fones [ã] e [õ]. Pares mínimos que controlam as sequências [ẽ] x [a], como *imbu* x *abus* são os principais responsáveis por discriminações mal sucedidas. Isso ocorre especialmente nas sequências produzidas pelos sujeitos do 1º ano de FLE, o que destaca as variáveis qualidade da vogal (nível fônico) e tempo de exposição à língua como as principais responsáveis pelo surgimento de discriminações mal sucedidas nas sequências percebidas pelos sujeitos. Nas descrições das grafias não-convencionais produzidas pelos sujeitos, as variáveis qualidade da vogal (nível gráfico) e tempo de exposição à língua também se destacam como as principais envolvidas no surgimento de grafias não-convencionais nas escritas dos sujeitos.

Percebe-se, então, que os dados desta pesquisa, relativos à percepção e à produção gráfica de alvos que exibem vogais em contexto de nasalização realizados por aprendizes de FLE falantes nativos de PB demonstram haver predominância na convergência entre os resultados dos testes perceptuais e aqueles das escritas controladas nas produções dos sujeitos.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

São discutidos, neste capítulo, os dados já descritos referentes às amostras da tese. Para tanto, está dividido em duas seções principais assim intituladas: (i) O que revelam as grafias dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre os sistemas das vogais nasalizadas do francês e do português; (ii) O que revelam os dados das crianças brasileiras e francesas e os dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre a representação da nasalidade vocálica nos sistemas linguísticos estudados. Pretende-se discutir, a partir desse contexto, a representação da nasalidade vocálica no sistema do PB e, por extensão, do FS, com base em pistas que emanam de dados gráficos não-convencionais e de dados perceptuais dos sujeitos comparados a dados produzidos por crianças brasileiras e francesas em fase de aquisição da escrita das respectivas LM(s).

5.1 O que revelam as grafias dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre o sistema de vogais nasalizadas do francês e do português

Discute-se, nesta seção, os dados gráficos não-convencionais produzidos, encontrados em maior ocorrência nas descrições do capítulo IV, àqueles relativos à mudança na grafia da vogal. Exemplos desse tipo de dados surgirão sempre que forem necessários para confirmar a análise linguística comparativa entre as produções escritas dos sujeitos e as teorias relativas à aquisição de FLE por falantes nativos de PB e àquelas relativas à aquisição do PB e do FS por nativos.

Os resultados observados, quando das descrições dos dados da tese, no capítulo IV, mostraram que as maiores dificuldades impostas aos aprendizes de FLE

falantes nativos de PB incidem sobre as grafias de [ɛ̃], em todos os instrumentos descritos, e de [ɔ̃], especificamente, no instrumento com contexto. Fato que revelou menor acurácia para [ɛ̃] em todos os instrumentos descritos e, em especial, para [ɔ̃] em palavras supostamente desconhecidas dos sujeitos no instrumento com contexto.

Do conjunto de grafias não convencionais, observou-se o predomínio de formas em que houve a manutenção da nasalidade nas grafias dos sujeitos, em se comparando aos casos em que houve apagamentos da nasalidade, isto é, os aprendizes de FLE falantes nativos de PB produziram mais dados que só revelaram mudanças vocálicas do que aqueles que revelaram omissões das consoantes 'n' ou 'm' e hibridismos.

Diante disso, os resultados mostraram que os aprendizes de FLE falantes nativos de PB são sensíveis à nasalidade, porque na maior parte dos casos eles a registram por meio de uma vogal oral seguida de um elemento consonantal nasal e, também, têm sucesso nas discriminações perceptuais de pares mínimos que contrapõem vogais nasais e vogais orais, como mostraram os resultados referentes aos testes de percepção da nasalidade. Em outras palavras, isso significa que a dificuldade dos sujeitos em relação à grafia e à percepção da nasalidade parece não ser geral, mas relativa a pontos específicos que dizem respeito ao sistema da LE que são mais difíceis para eles quando da aquisição de FLE.

Esse achado vai ao encontro da tendência observada no estudo de Seara e Sacarduelli (2007), em que as autoras avaliaram e compararam acusticamente dados do FS com dados produzidos por dois sujeitos que aprenderam o francês em idade adulta, em um Curso Universitário de Formação de Professores de Francês. As vogais nasais francesas analisadas no estudo das autoras foram as médias baixas [ɛ̃] e [ɔ̃], que, segundo elas, por apresentarem total desencontro com o sistema do PB, em que se nasalizam médias altas [ɛ̃] e [ɔ̃], seriam mais difíceis de serem assimiladas por falantes nativos de PB aprendizes de FLE, uma vez que brasileiros estão acostumados à nasalização em vogais médias altas. Esse fato seria responsável pelas produções de vogais médias baixas do francês, semelhantemente às vogais médias altas do PB por aprendizes de FLE falantes nativos de PB, encontrados nos dados das autoras.

Diante desse pressuposto, Seara & Scarduelli (2007, p. 441), sustentadas por um conjunto de estudos que modelam o processo de aquisição de LE, tais como os de Flege (1995) e Listerri (1995) levantam a hipótese de que “perceptualmente, os aprendizes de FLE podem ser “surdos” aos contrastes fonéticos entre /ẽ/~/ẽ/ e /o/~/õ/ e os produziram mais altos, aproximando-os das médias altas /e/ e /o/ do PB”. Pressuposto confirmado nas produções dos sujeitos por elas estudados, os quais produziram as vogais nasais francesas de acordo com os parâmetros da sua LM, quais sejam, as vogais médias altas do PB.

Ao analisarem dados referentes às produções orais produzidas a partir das leituras dos sujeitos estudados, as autoras observaram também que tais dados consubstanciam a proposta de que, perceptualmente, os aprendizes de FLE falantes nativos de PB seriam “surdos” aos contrastes fonéticos em foco. Nos dados analisados, as palavras que exibem [ẽ], em especial aquelas que têm representação grafema-fonema ‘ain’ e ‘ein’, e as que exibem [õ], as que têm representação grafema-fonema ‘on’ e ‘om’, são as que apresentam maiores índices de transferências da LM para a LE. Segundo Seara & Scarduelli (2007), as palavras com grafias ‘ain’ que deveriam ser pronunciadas de acordo com [ẽ] no FS, são pronunciadas de acordo com [ẽ] no PB; as palavras com grafias ‘ein’ que deveriam ser pronunciadas de acordo com [ẽ] no FS, são pronunciadas de acordo com [ẽ] no PB; e, as palavras com grafias ‘on’ e ‘om’ que deveriam ser pronunciadas de acordo com [õ] no FS, são pronunciadas de acordo com [õ] no PB.

Esses dados, referentes à decodificação, mostram que os aprendizes parecem estabelecer uma relação direta grafema-fonema, com um ‘ajuste’ decorrente da dificuldade em perceber o que é diferente nos sistemas, quer dizer, vogais baixas em FS e médias em PB, pois ‘ain’ - [ẽ], ‘ein’ - [ẽ] e ‘on’ e ‘om’ - [õ]. No caso dos dados desta tese, por se tratar de processo de codificação, não há como verificar se essa simetria se confirma, porque, dada a natureza dos dados analisados, na relação que se estabelece entre fonemas e grafemas correspondentes, independentemente de ser ‘ain’ ou ‘ein’, ou ainda as outras grafias possíveis para a média baixa anterior nasalizada, somente é possível observar que os sujeitos optam por grafias que correspondem à [ẽ]. Também é importante

ressaltar que nos dados referentes à percepção, o mesmo ocorre, pois os estudantes de FLE, em razão do desenho experimental traçado, ao optarem por agrupar uma ou outra forma, o fizeram sempre tendo como opção a contraparte oral das vogais nasalizadas, quer dizer, [ɛ] com [ẽ], [a] com [ã] e [ɔ] com [õ].

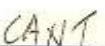

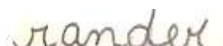
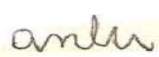

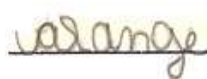
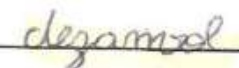
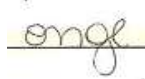

Os dados de escrita relativos a grafias dos fones [ẽ] e [õ] produzidos nesta tese acrescentam informações aos resultados apresentados por Seara e Scarduelli (2007), devido ao fato de explorarem mais detalhadamente a distribuição ortográfica do sistema francês. De acordo com o capítulo das considerações teóricas, 2.4, as grafias de [ẽ] no FS ortograficamente correspondem às grafias principais 'in' e 'un' além dos dígrafos 'ain' e 'ein', de acordo com o tipo de palavra e com a posição na palavra em que o fone estiver inserido. As grafias de [ẽ] no PB podem ser representadas pelos grafemas 'en' e 'em'. Com relação às grafias de [õ], essas últimas compartilham as mesmas representações ortográficas tanto para [õ] no FS, que são 'on' e 'om', como para [õ] no PB que são 'on' e 'om', havendo, nesse caso, uma relação simétrica entre os dois sistemas, no que diz respeito ao âmbito ortográfico.

Com base nas considerações relativas aos sistemas ortográficos do português e do francês supracitadas, entende-se que os dados gráficos dos sujeitos referentes ao [õ], estudados nesta tese, também vão ao encontro daqueles apresentados por Seara e Scarduelli (2007) para mostrar a opção dos aprendizes de LE por aproximarem elementos dos sistemas fonológicos em competição, o que está na base e o que está em aquisição. Os dados relativos à [ẽ], por se distanciarem tanto em termos de produção – acústica e perceptual – como em termos de produção ortográfica, também encontram eco nas explicações de Seara e Scarduelli (2007), e acrescentam informações novas à compreensão do fenômeno.

Em relação aos registros que correspondem à [ẽ] verificou-se essencialmente que as grafias não-convencionais produzidas pelos sujeitos condizem com grafias que equivalem à [ã]; às de [ã] àquelas de [õ]; e as de [õ] aquelas de [ã], resultando em mudanças vocálicas que podem ser de mão dupla: tanto [ã] manifestar-se como [õ] quanto [õ] manifestar-se como [ã] conforme se pode

observar por intermédio dos dados apresentados a seguir no Quadro 48 em (1a), (1b) e (1c).

Quadro 48 – Grafias de [ɛ̃] equivalentes a grafias de [ã], grafias de [ã] equivalentes a grafias de [õ] e grafias de [õ] equivalentes a grafias de [ã]

(1a)	(1b)	(1c)
[ɛ̃] → [ã]	[ã] → [õ]	[õ] → [ã]
 Crainte [krɛ̃t]	 Banque [bãk]	 <i>ronders</i> [Rõdɛ̃R]
 Imbu [ɛ̃by]	 <i>orange</i> [ɔRãʒ]	 <i>alongs</i> [alõʒɛ]
 Désinvolte [dezɛ̃vɔlt]	 ange [ãʒ]	 <i>ongulé</i> [õgylɛ]

Ao se observar a primeira linha da coluna 1a no quadro (48) verifica-se que a palavra *crainte* do FS que representa na escrita convencionalmente [ɛ̃] por ‘ain’ teve resultado na grafia do sujeito ‘an’ em cant – forma possível de representar na escrita convencionalmente o fone [ɛ̃] do PB. Observa-se que esse dado consubstancia o achado de Seara & Scarduelli (2007) em que palavras com grafias ‘ain’, que deveriam ser pronunciadas de acordo com [ɛ̃] no FS, foram pronunciadas semelhantemente a [ɛ̃] no PB por aprendizes de FLE falantes nativos de PB. As palavras *imbu* e *desinvolte*, apresentadas respectivamente logo abaixo das grafias dos sujeitos, nas segundas e terceiras linhas do quadro (48), em 1a, embora

representem gráfica e convencionalmente [ẽ] no FS por 'im' e 'in', também tiveram como resultado grafias equivalentes à [ẽ] no PB, qual seja, 'an' e 'am' - (anbu e dezamvolte), confirmando a tendência encontrada nos dados de Seara e Scarduelli (2007). Já as grafias de *imbu* e *désinvolve* trazem novas informações sobre as relações que os alunos aprendizes de FLE podem estar estabelecendo entre os níveis fônico e gráfico, à medida que mostram que [ẽ] está sendo tratado como [ẽ]. Isso, de modo geral, reforça a tendência já observada de não percepção do [ẽ] em razão da busca de referências sonoras contidas no sistema do aprendiz⁶³.

Interessante notar que tais resultados apontam para algo que os estudiosos do sistema do francês, ao estudarem comportamentos orais e escritos de falantes nativos, já vêm afirmando, e que diz respeito a uma redução no sistema das vogais nasalizadas.

As trocas de [ã] por [õ] e [õ] por [ã] apresentadas em (1b) e (1c), no quadro (48), reveladas nos dados de escrita e confirmadas nos dados perceptuais dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB vão ao encontro da tendência de aproximação entre [ã] e [õ] observadas por Montagu (2007), Boulakia & Fónagy (1989) e Malderez (1991).

No que concerne às trocas de grafias equivalentes à [ã] por aquelas equivalentes à [õ], o estudo de Montagu (2007) demonstrou que a articulação da

⁶³ As trocas apresentadas em 1a, que ilustram que os aprendizes de FLE falantes nativos de PB tendem a aproximar [ẽ] no FS à [ẽ] no PB em suas produções orais e escritas, são ainda corroboradas pelas medidas de duração das vogais [ẽ] e de seus respectivos murmúrios nasais observadas nesta tese, as quais aproximam a vogal do francês [ẽ] à vogal do PB [ẽ] em termos de duração da vogal e em termos de duração do murmúrio nasal. A partir das medidas de duração da vogal e do murmúrio nasal de *imbu* [ẽby], foi verificado que a vogal nasal [ẽ] de *imbu* [ẽby] apresenta duração da vogal em média a 177ms e duração do murmúrio nasal em média a 62ms. Essas medidas, se confrontadas às medidas obtidas por Souza (1994), aproximam a medida de duração da vogal nasal [ẽ] de *imbu* [ẽby] no FS à medida de duração da vogal nasal [ẽ] de *canta* [kẽta] no PB. De acordo com os dados de Souza (1994), a vogal nasal [ẽ] em *canta* [kẽta] tem duração em média a 163, 54ms e o murmúrio nasal tem duração em média a 62, 64ms. Sugere-se a verificação do capítulo concernente às considerações teórica – seção 2.5. Veja-se que a duração do murmúrio nasal é praticamente a mesma - 62ms para [ẽ] no FS e 62,64ms para [ẽ] no PB; e a duração da vogal para os dois segmentos é muito próxima - 177ms para [ẽ] no FS e 163, 54ms para [ẽ] no PB. Isso significa que os aprendizes de FLE falantes nativos de PB podem estar ouvindo algo próximo em termos de duração da vogal, e essas proximidades de duração das vogais e dos murmúrios nasais também podem estar na base das trocas de grafias equivalentes à [ẽ] do FS 'ain', 'im' 'in' por aquelas equivalentes à [ẽ] do PB, demonstradas em 1a por intermédio do quadro (48).

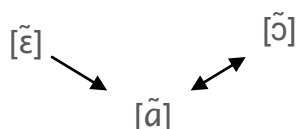
vogal nasal baixa central e não-arredondada do francês atual – [ã] – se caracteriza por ser produzida com a participação dos lábios por dois movimentos: *rétrécissement* (estreitamento) do ar interlabial e *protusion* (projeção) dos lábios. Tal fato levou a autora a concluir que [ã] é uma vogal que apresenta em sua produção características de arredondamento, o que a aproximaria, em termos acústico-articulatórios, à vogal [õ] em FS. Boulakia & Fónagy (1989) e Malderez (1991) já haviam encontrado em seus *corpora* registros gráficos da palavra ‘jambon’ *presunto* produzida por nativos franceses como ‘jombon’ e da palavra ‘campagne’ *zona rural* por eles produzida como ‘compagne’, revelando aproximações entre grafias possíveis para o registro de [ã] com aquelas possíveis para o registro de [õ]. A análise dos autores pode servir de base para a interpretação de dados encontrados no *corpus*, os quais estão ilustrados em (1b) e (1c).

O fato de [ã] ser articulado com características de arredondamento que o aproximam de [õ], como mostram os dados de Montagu (2007), e, ainda, o fato de [ã] ser registrado por crianças nativas francesas em fase de aquisição do FS como LM por representações gráficas possíveis para [õ], conforme argumentado por Boulakia & Fónagy (1989) e Malderez (1991), pode estar indicando uma tendência geral no sistema do FS e, em decorrência, pode ter levado os aprendizes de FLE falantes nativos de PB a não discriminar [ã] de [õ] e vice versa nos pares mínimos em que tais contextos aparecem controlados nos instrumentos escritos e nos testes perceptuais aqui observados⁶⁴.

A suposição de que haja uma tendência geral de redução do sistema nasalizado do FS a duas vogais apenas, /ã/ e /õ/, não se originou somente com base nas evidências dos estudos de Boulakia & Fónagy (1989) e Malderez (1991). Os dados gráficos produzidos por crianças monolíngues em fase de aquisição do francês como LM, *corpus* desta tese, revelaram a mesma tendência dos dados produzidos nos *corpora* de Boulakia & Fónagy (1989) e de Malderez (1991), como apresentado em (i)

⁶⁴ Cabe lembrar que os instrumentos foram registrados por um falante nativo dessa variante linguística do francês.

(i)



Como exemplo de dados que ilustram este movimento tem-se ‘pantan’ [pãtã] em vez de ‘printemps’ [pRẽtẽ], ‘cheman’ [ʃəmã] em vez de ‘chemin’ [ʃəmẽ], nos quais a grafia correspondente à [ẽ] ‘in’ é trocada pela grafia equivalente à [ã] ‘an’ e em ‘prondre’ [pRõdR] em vez de ‘prendre’ [pRãdR], ‘monga’ [mõga] em vez de ‘mangea’ [mãʒa], ‘dedons’ [dødõ] em vez de ‘dedans’ [dødã] nos quais as grafias correspondentes à [ã] ‘an’ e ‘en’ são trocadas pela grafia correspondente à [õ] ‘on’.

Fenômenos como os recém referidos podem estar na base das menores acurácias encontradas para as grafias de [ẽ] em todos os instrumentos descritos e naquelas de [õ] no instrumento com contexto, obtidas por meio de produções escritas de alunos brasileiros aprendizes de FLE.

As grafias não-convencionais acerca da nasalidade vocálica produzidas pelos sujeitos desta tese revelam, então, que a dificuldade para grafar a nasalidade em vogais no FLE por brasileiros é decorrente de alguns aspectos específicos do sistema do FS. Essa dificuldade pode derivar de possíveis mudanças do próprio sistema da LE, como de possíveis aproximações entre o sistema da LE com o sistema da LM dos sujeitos – PB. Essa última possibilidade parece ser a de tendência mais forte para explicar os dados produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB nesta tese porque parece estar em consonância com as propostas explicadas pelas teorias em aquisição de LE que predizem que na elaboração do subsistema interlinguístico a interferência da LM e de outras línguas, as quais o aprendiz possa ter tido contato, servirão de referência à elaboração do sistema intermediário – a IL.

5.2 O que revelam os dados das crianças brasileiras e francesas e os dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB sobre a representação da nasalidade vocálica nos sistemas linguísticos estudados

Nesta seção, são descritos e analisados os dados que originaram a amostra 3, produzidos espontaneamente por crianças monolíngues brasileiras e francesas em fase de aquisição da escrita das respectivas LM(s). Os resultados obtidos com os dados das crianças são comparados aos resultados dos sujeitos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, descritos e discutidos nas seções anteriores. Pretende-se, a partir das possíveis conexões encontradas entre as formas fonológicas das línguas estudadas e as produções gráficas das crianças, comparadas àquelas de aprendizes de FLE falantes nativos de PB, contribuir para com o avanço das discussões acerca do estatuto fonológico da nasalidade vocálica no PB e, por extensão, no FS.

Estudos como os de Abaurre (1988, 1991) e Miranda (2007, 2009), sobre o registro gráfico da nasalidade em textos de escrita inicial no PB, ao observarem a grande quantidade de erros referentes à grafia de palavras com estrutura CVN, apontam para a possibilidade de as crianças brasileiras não terem uma representação bifonêmica para a vogal nasalizada. A ideia, na base desses estudos, é que crianças monolíngues brasileiras iniciam o processo de aquisição da escrita da LM com um sistema fonológico vocálico mais amplo, que comporta vogais orais e vogais nasais. Tal hipótese é também levantada por Freitas (1997) em seu estudo sobre aquisição fonológica de crianças portuguesas.

Os dados de escrita de crianças brasileiras parecem ser condizentes com estruturas monossegmentais /ĩ/ na fonologia, uma vez que há bastante incidência de erros na grafia de palavras com o contexto CVN, com predomínio de omissões de consoantes 'n' ou 'm'. Os estudos sobre escrita inicial, porém, mostram que logo após o período da alfabetização, as crianças passam a grafar as sequências de vogal mais consoante nasal em limite de sílaba, conforme a norma. Com as descrições e as discussões dos dados produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB pôde-se observar que os sujeitos produzem em maior quantidade dados que revelam mudanças na grafia da vogal comparativamente a omissões e hibridismos. Seguindo o raciocínio anteriormente posto (sobre a emergência de

erros na escrita das crianças que estão aprendendo sobre o funcionamento do sistema alfabético e a aquisição subsequente da norma), pode-se presumir que no início do contato com as práticas escritas da LE, os aprendizes de FLE falantes nativos de PB já interpretam a nasalidade em vogais como bissegmental, uma vez que demonstraram ser sensíveis à nasalidade, produziram dados condizentes com estruturas /VN/ na fonologia (mudanças na grafia da vogal) com mais frequência do que dados condizentes com estruturas /v/ na fonologia (omissões de consoantes e hibridismos) desde o início de contato com as práticas escritas de FLE. Isso provavelmente ocorra por influência do processo de aquisição da escrita da LM já consolidado.

A seguir, as produções das crianças francesas são comparadas às das crianças brasileiras e às dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, a fim de que se possa discorrer mais detidamente sobre esta ideia, tomando-se como base os dados já descritos nesta tese. A hipótese é a de que se forem semelhantes às performances de crianças brasileiras e francesas em suas escritas iniciais, haverá indícios para uma tendência à constituição inicial semelhante da representação fonológica da nasalidade vocálica nas duas línguas em foco. Já a hipótese referente à performance de alunos de FLE falantes nativos de PB, para ser coerente com às teorias que subsidiam os estudos sobre aquisição de LE (conforme mencionadas na seção 2.2 do capítulo concernente às considerações teóricas) tem de ser formulada a partir da ideia de um comportamento distinto dos adultos em se comparando àquele observado nas crianças, por implicação da proposição de que ao adquirir a escrita a criança passa de um sistema mono para bissegmental no que diz respeito às vogais nasais/nasalizadas.

5.2.1 Sobre os dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras

Ao se descrever os dados da amostra 3a, referente a produções iniciais e espontâneas de crianças brasileiras, verificou-se que dentre 235 textos analisados (129 de 1ª série e 106 de 2ª série) foram encontrados 92 registros desviantes para as vogais em contexto de nasalização. Dentre esses 92 registros, 77 (84%) corresponderam a registros em posições mediais de palavras – posições

selecionadas para as análises – sendo que 42/77 (55%) foram produzidos por alunos de 1ª série e 35/77 (45%) por alunos de 2ª série.

A frequência dos registros não-convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras de 1ª série e de 2ª série distribui-se como segue:

Omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’:

- 1ª série: 30/42 (72%)
- 2ª série 19/35 (54%)

Mudanças na grafia da vogal:

- 1ª série: 6/42 (14%)
- 2ª série 15/35 (43%)

Híbridos:

- 1ª série: 6/42 (14%)
- 2ª série 1/35 (3%)

Alguns exemplos ilustrativos de registros gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras, os quais revelaram omissão de consoante nasal ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos, são apresentados em (1).

(1)

1a. Omissão de consoante ‘n’ ou ‘m’

‘grades’ em vez de ‘grandes’

‘cado’ em vez de ‘quando’

‘cetada’ em vez de ‘sentada’

1b. Mudança na grafia da vogal

‘condo’ em vez de ‘quando’

‘Chicobante’ em vez de ‘Chico Bento’

‘voendo’ em vez de ‘voando’

1c. Híbridos

‘codo’ em vez de ‘quando’

‘crede’ em vez de ‘grande’

‘fazido’ em vez de ‘fazendo’

A seguir, apresenta-se na Figura 9, o Gráfico 1, por intermédio do qual pode-se visualizar de forma objetiva a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos.

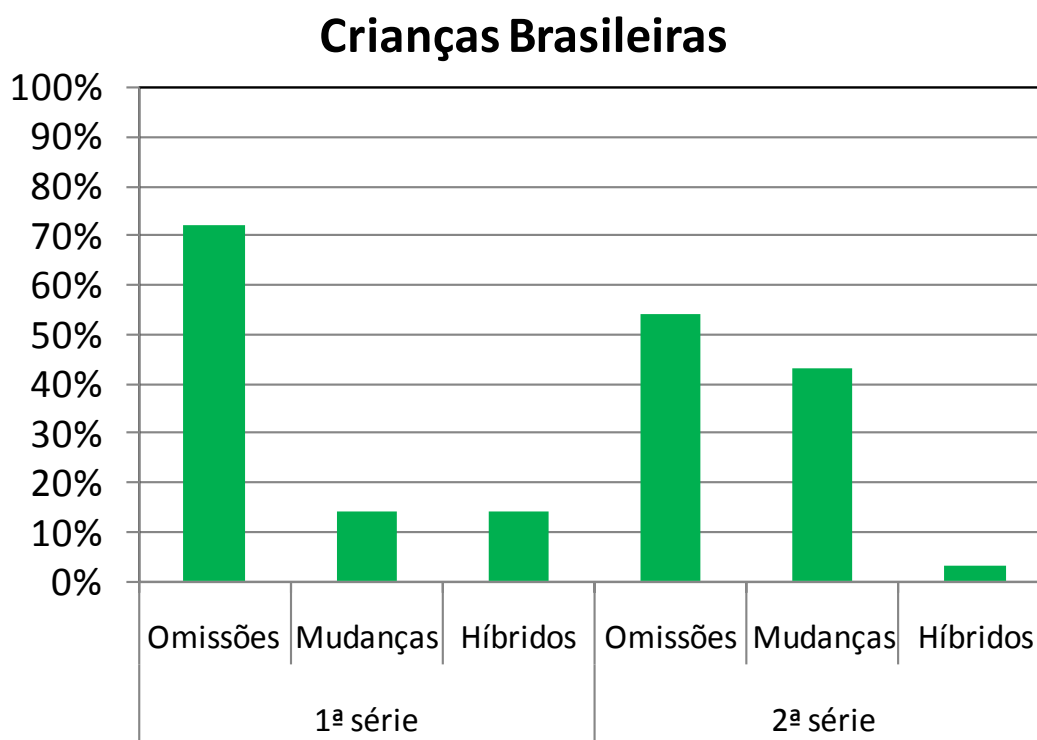


Figura 9 - Frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos

Na figura 9, Gráfico 1, é possível observar que os dados produzidos por crianças monolíngues brasileiras apresentam frequências mais elevadas de omissões de registros das consoantes ‘n’ ou ‘m’, como os apresentados em 1a, do que os demais tipos de dados, mudança na grafia da vogal e hibridismos, como os apresentados em 1b e 1c, respectivamente. Pode-se ainda observar que ocorre

maior frequência de mudanças da qualidade vocálica na 2ª série comparativamente à 1ª série.

A distribuição observada na Figura 9, Gráfico 1, corrobora a ideia compartilhada pelos estudos sobre a aquisição precoce da nasalidade por crianças brasileiras no processo de aquisição da oralidade, como referido por Miranda (2009); e da tendência à representação da vogal nasal como monofonêmica no início do processo de aquisição da escrita, como apontam Abaurre (1988) e Miranda (2007, 2009), para em momento subsequente, após contato mais intenso com as práticas de letramento promovidas pela escolarização, reestruturarem⁶⁵ essas sequências fonológicas monossegmentais em sequências bifonêmicas.

O comportamento mostrado na Figura 9 corrobora, também, a ideia de Abaurre (1988), segundo a qual, a incidência de erro na grafia das sequências CVN mostra o caráter contra-intuitivo do registro gráfico da vogal nasal no PB (vogal oral + consoante nasal) para a criança em aquisição da escrita da LM. Nessa perspectiva, o fato de a escrita marcar uma nasalidade fonológica que parece ter realidade monossegmental \v\ de modo bifonêmico (vogal oral + consoante nasal) constitui-se em um processo contra-intuitivo⁶⁶ para ela quando em aquisição da escrita. O estranhamento causado pela diferença entre representação fonológica e representação gráfica é que pode levar a criança, quando solicitada a grafar alvos com vogais em contexto de nasalização, a cometer erros gráficos que têm como resultado omissões da consoante nasal. Para Abaurre (1988), a criança teria tendência a registrar na escrita a nasalidade em vogais de acordo com estruturas monossegmentais na fonologia – por um único segmento, em geral, pelo segmento vocálico oral.

A proposta de as crianças falantes de português partirem de um sistema \v\ na fonologia é também aceita por Costa & Freitas (2001). Nesse estudo, os autores argumentam em favor da natureza lexical da vogal nasal nas produções iniciais portuguesas por julgarem mais econômica essa proposta. Conforme Freitas (1997), as crianças portuguesas, por ela observadas, não utilizam a estratégia de seleção, a fim de evitar vogais e ditongos nasais, como fazem na produção das codas fricativas. Costa e Freitas (2001) chamam ainda a atenção para o fato de as estratégias de reparo que envolvem vogais nasais se restringirem à produção de

⁶⁵ Este termo está em Miranda (2009, p. 125).

⁶⁶ Esta expressão está em Abaurre (1988, p. 421).

vogais orais, qual seja, V[nasal] passa para V[oral], como ilustram dados tais como, ‘bomboms’ /bõ'bõjʃ/ que emerge como [bo'bojʃ] e em ‘dente’ /'dēti/ que emerge como [ˈteit^{hi}]. Dados desse tipo servem de suporte para Costa & Freitas (2001) defenderem a existência de vogais nasais lexicais nas produções iniciais portuguesas de alvo contendo vogais nasais.

Os dados produzidos por crianças monolíngues brasileiras expressos nesta tese conduzem a convergências com os estudos sobre a aquisição precoce da nasalidade bem como com a pressuposição explicitada no início da seção, segundo a qual a representação da vogal nasal, no período inicial de aquisição da escrita do PB, é decorrente da representação monofonêmica da nasalidade. Nos dados de escrita espontânea inicial, produzidos na amostra das crianças brasileiras, ocorrem mais índices de apagamentos da nasalidade (cf. exemplos em 1a) do que de manutenção da nasalidade (cf. exemplos em 1b) – grafias condizentes com monossegmentos na fonologia da língua. A estrutura condizente com bissegmentos /VN/, de acordo com os dados da amostra 1a, é decorrente do avanço das crianças nas práticas escritas proporcionadas pela escolarização. Esse fato vai ao encontro de uma representação /ṽ/ nos dados da série inicial e de uma representação /VN/ nos da série mais adiantada, consubstanciando o pressuposto de que os dados gráficos não-convencionais das crianças brasileiras podem indiciar que há um processo de reestruturação das representações acerca da nasalidade em vogais, que seria em um primeiro momento /ṽ/ e em momento subsequente /VN/.

5.2.2 Sobre os dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas

Ao se descrever os dados da amostra 3b, referente a produções iniciais e espontâneas de crianças francesas, verificou-se que dentre 87 textos analisados (57 de CP (1ª série) e 35 de CE1 (2ª série)) foram encontrados 90 registros desviantes para as vogais em contexto de nasalização. Dentre esses 90 registros, 51 (57%) correspondem a registros em posições mediais de palavras – posições selecionadas para as análises, sendo que 21/51 (41%) produzidos por sujeitos de CP (1ª série) e 30/51 (59%) produzidos por sujeitos de CE1 (2ª série).

A frequência dos registros não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas do CP (1ª série) e do CE1 (2ª série) distribui-se como segue:

Omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’:

- CP (1ª série): 3/21 (14%)
- CE1 (2ª série) 5/30 (17%)

Mudanças na grafia da vogal:

- CP (1ª série): 17/21 (81%)
- CE1 (2ª série) 25/30 (83%)

Híbridos:

- CP (1ª série): 5/21 (17%)
- CE1 (2ª série) 0/30 (0%)

Alguns exemplos ilustrativos de registros gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas, os quais revelaram omissão de consoante nasal ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos, são apresentados em (2).

(2)

2a. Omissão de consoante ‘n’ ou ‘m’

gamer (grand-mère)

maje (mange)

rancodre (rencontre)

2b. Mudança na grafia da vogal

vantre (ventre)

prondre (prendre)

menge (mange)

2c. Híbrido

troseform (transforme)

A seguir, apresenta-se na Figura 10, o Gráfico 2, por intermédio do qual pode ser visualizada a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos.

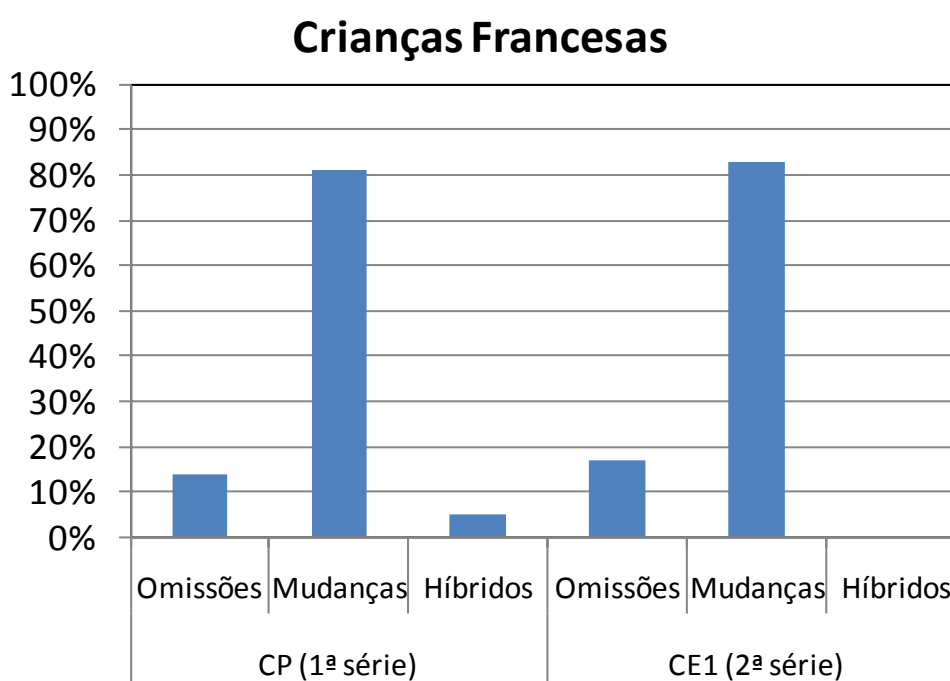


Figura 10 - Frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos

Na Figura 10, Gráfico 2, é possível observar que os dados produzidos por crianças monolíngues francesas apresentam frequências mais elevadas na categoria mudança na grafia da vogal, como as apresentadas em 2b, do que nas demais categorias – omissões das consoantes 'n' ou 'm' e hibridismos –, como as apresentadas em 2a e 2c, respectivamente, tanto no que concerne às produções realizadas por alunos do CP (1ª série) quanto àquelas realizadas por alunos do CE1 (2ª série).

O que se observa na Figura 10 é uma tendência oposta àquela observada nas produções de tais vogais no PB como LM, conforme demonstrado, por intermédio da Figura 9, Gráfico 1, pois as crianças brasileiras, quando solicitadas a grafar a nasalidade em vogais na série inicial, lançam mão de procedimentos que resultam, em maior frequência, em apagamento da consoante nasal. As mudanças na grafia da vogal nas produções das crianças brasileiras só aumentam na 2ª série – procedimentos interpretados como sendo respaldados pela representação da nasalidade com um só segmento /*ñ*/ no início dos contatos das crianças brasileiras com as práticas escritas da sua LM, a qual será alterada em momento posterior, devido aos contatos mais intensos dos aprendizes com o sistema escrito da LM. Tal fato resulta em reajuste das estruturas /*ñ*/ com influência nas representações decorrentes do sistema ortográfico, para dois segmentos - /*ñN*/. Dessa forma, os dados gráficos não-convencionais acerca da nasalidade em vogais no PB como LM, são condizentes com a perspectiva de Abaurre (1988) que demonstra que registrar a nasalidade parece ser um processo contra-intuitivo para as crianças brasileiras em fase de aquisição da língua escrita.

A tendência observada na Figura 10 parece mostrar que o registro gráfico para a nasalidade das vogais, que, como em português, é de acordo com o sistema ortográfico, sempre realizado por meio da utilização de mais de um caractere, não é um processo contra-intuitivo para as crianças francesas em fase de aquisição da escrita do FS como LM. As crianças francesas produzem pouquíssimos dados que revelam omissões e hibridismos, como os exemplificados em 2a e 2c, na série inicial CP (1ª série). Dados desse tipo seriam compatíveis com estruturas monossegmentais e consubstanciariam as propostas que defendem a ideia de representações monofonêmicas, anteriormente mencionada. O Gráfico 2, Figura 10, mostra ainda que as mudanças na grafia da vogal têm, praticamente, a mesma frequência nos dados produzidos por crianças do CP (1ª série) do que aqueles produzidos por crianças do CE1 (2ª série). Esse fato indicia que as crianças francesas são sensíveis à nasalidade em vogais no FS desde o início de seus contatos com as práticas escritas da LM, semelhantemente ao que ocorre com os dados produzidos pelos sujeitos desta pesquisa – aprendizes de FLE falantes nativos de PB – o que pode ser interpretado como argumento em favor de uma representação bissegmental da nasalidade vocálica desde o início do contato com as práticas letradas do FS como LM.

Com a finalidade de se comparar objetivamente o fenômeno que ocorre com os dados das crianças francesas e aqueles dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, elaborou-se o Gráfico 3, exibido na Figura 11, que demonstra a média geral das frequências da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos pelos sujeitos desta tese, de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos.

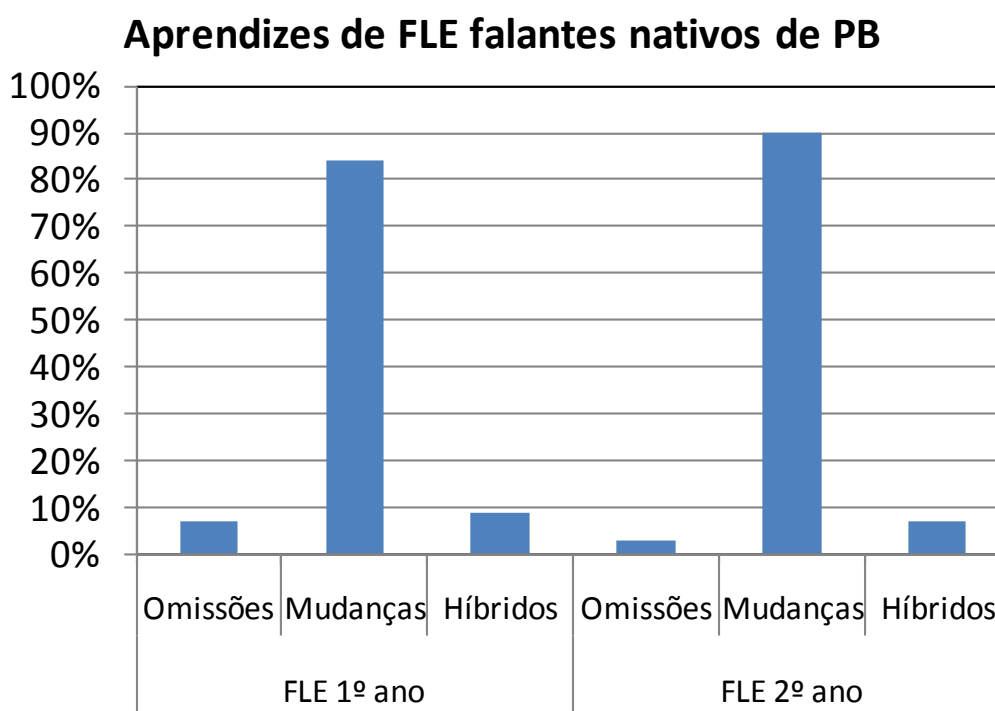


Figura 11 - Média de Frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos

Na Figura 11, Gráfico 3, é possível observar que os dados produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB demonstram frequências mais elevadas de mudança na grafia da vogal, tanto no FLE 1º ano quanto no FLE 2º ano. As omissões de consoantes e os híbridos são produzidos em frequência bem menor. Se o Gráfico 3 for comparado ao Gráfico 2, que mostra a frequência da distribuição dos dados gráficos não-convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos, pode-se visualizar comportamento semelhante em relação à grafia da nasalidade pelas crianças francesas e pelos aprendizes de FLE falantes nativos de PB. Tal fato consubstancia a hipótese de que

as crianças francesas partem de estruturas /VN/ desde os seus primeiros contatos com a escrita do FS.

As grafias não-convencionais acerca da nasalidade vocálica produzidas pelos sujeitos desta tese e pelas crianças monolíngues brasileiras e francesas revelam, então, que as produções das crianças monolíngues brasileiras adotam comportamento distinto daquelas das crianças monolíngues francesas. Os dados das crianças brasileiras indicam que elas, provavelmente, reestruturam as representações acerca das vogais nasais, que seriam /ṽ/ no período inicial de seus contatos com a escrita da LM, para em momento posterior, serem /VN/ em decorrência da escolarização. Já os dados das crianças francesas, indicam que elas podem iniciar seus processos de escolarização com estruturas /VN/.

Por fim, é interessante notar que as produções gráficas não-convencionais das crianças francesas são idênticas às dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, o que é interpretado como indício de serem semelhantes as representações da nasalidade de ambos os grupos, por reestruturação para os falantes de FLE, /ṽ/ que passa para /VN/, e /VN/ para falantes de nativos de francês devido às características do sistema fonológico francês, conforme defende Shane (1970). Essas evidências consubstanciam a hipótese segundo a qual as duas línguas constituem a nasalidade de forma distinta: o FS por /VN/ enquanto o PB por vogal nasal subjacentemente produzida, /ṽ/, em um primeiro momento, mas passam a compartilhar da mesma realidade representacional após o contato dos falantes de português com o sistema de escrita.

6 CONCLUSÕES

O objetivo geral desta tese foi o de *descrever e analisar a representação da nasalidade vocálica em produções gráficas de aprendizes de FLE falantes nativos de PB, comparando-as a produções de escrita inicial e espontânea de crianças monolíngues brasileiras e francesas e, a partir das possíveis conexões encontradas, fornecer argumentos que contribuam para com o avanço das discussões acerca da representação da nasalidade vocálica no PB e, por extensão, no FS.*

Para se alcançar a esse objetivo buscou-se atender a cada um dos objetivos específicos por meio das descrições e das discussões dos dados referentes às três amostras da tese. Retomam-se, a seguir, os quatro objetivos específicos e apresentam-se as conclusões concernentes a cada um dos aspectos que eles abordam.

1º Objetivo Específico: *descrever e analisar as grafias não-convencionais extraídas de textos escritos a partir de ditados, nos quais são controladas as grafias das vogais em contexto de nasalização do FS produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB.*

Para se atender a esse objetivo específico fracionou-se a amostra 1 em três partes. A primeira e a segunda partes, respectivamente, amostra 1a e amostra 1b, foram compostas por dados concernentes aos instrumentos 1 e 2 constituídos por palavras isoladas, ou seja, sem contexto de frases. A terceira parte, amostra 1c, foi

composta por dados do instrumento 3 formado pelas mesmas palavras dos instrumentos 1 e 2, porém, em contexto de frases.

No tocante às grafias referentes ao instrumento 1, amostra 1a, observou-se:

- (i) uma menor acurácia nos controles escritos do fone [ẽ] nas produções do FLE 1º ano em se comparando aos controles escritos dos demais fones e das produções do FLE 2º ano. Esse fato colocou as variáveis *qualidade da vogal* (nível gráfico) e *tempo de exposição à LE* como as principais responsáveis pela emergência das grafias não-convencionais nas escritas dos sujeitos que foram instados à atividade concernente ao instrumento 1 – amostra 1a;
- (ii) que a categoria *mudança na grafia da vogal* foi a mais frequente nos dados gráficos dos dois níveis linguísticos observados (FLE 1º ano e FLE 2º ano). As mudanças mais frequentes foram grafias equivalentes à [ẽ] por grafias equivalentes à [ã] e grafias equivalentes à [ã] por grafias equivalentes à [õ] e vice versa, grafias equivalentes à [õ] por grafias equivalentes à [ã];

Com respeito às escritas controladas no instrumento 2, amostra 1b, observou-se:

- (i) uma tendência semelhante às descrições dos dados do instrumento 1 – amostra 1a. Primeiro, destacaram-se, sobretudo, as grafias do fone [ẽ] produzidas pelo FLE 1º ano, como as principais responsáveis pelos desvios nas escritas controladas dos sujeitos, fato que ressaltou as variáveis: *qualidade da vogal* (nível gráfico) e *tempo de exposição à LE* como as principais responsáveis pelos desvios nas grafias controladas dos sujeitos submetidos às atividades concernentes ao instrumento 2 – amostra 1b;

- (ii) que a categoria que mais se revelou nos dados gráficos dos sujeitos dos dois níveis de FLE instados às atividades que originaram a amostra 1b (FLE 1º ano e FLE 2º ano) foi a categoria *mudança na grafia da vogal*. As mudanças mais frequentes foram grafias equivalentes à [ẽ] por grafias equivalentes à [ã] e grafias equivalentes à [ã] por grafias equivalentes à [õ] e vice versa, grafias equivalentes à [õ] por grafias equivalentes à [ã].

No tocante às escritas controladas no instrumento 3, amostra 1c, observou-se:

- (i) uma menor acurácia nas grafias de palavras que controlaram o fone [ẽ] de maneira contextualizada e isso ocorreu, sobretudo, nas produções do FLE 1º ano. Fato que colocou em evidência as variáveis *qualidade da vogal* (nível gráfico) e *tempo de exposição à LE* como as principais responsáveis pela emergência de registros gráficos desviantes nas descrições do instrumento 3 – amostra 1c;
- (ii) que a categoria de análise *mudança na grafia da vogal* foi a que mais se revelou nos dados gráficos controlados dos sujeitos dos dois níveis de FLE (FLE 1º ano e FLE 2º ano). As mudanças mais frequentes foram grafias equivalentes à [ẽ] por grafias equivalentes à [ã] e grafias equivalentes à [ã] por grafias equivalentes à [õ] e vice versa, grafias equivalentes à [õ] por grafias equivalentes à [ã], da mesma forma como já tinha sido observado quando das descrições dos dados das amostras 1a e 1b.

No que tange às semelhanças e às divergências referentes às três amostras observou-se que:

- (i) os dados apontaram para convergência entre os resultados obtidos nas três amostras, exceto no que concerne à grafia de [õ] dos instrumentos sem contexto e com contexto;

(ii) os sujeitos são sensíveis à nasalidade, eles produzem em maior quantidade dados que revelam mudança na grafia da vogal, os quais incluem o registro da nasalidade por meio da grafia de uma vogal oral e de uma consoante nasal 'n' ou 'm'. A dificuldade para grafar a nasalidade em vogais no FLE por brasileiros é decorrente de alguns pontos específicos do sistema do FS. Essa dificuldade pode derivar de possíveis mudanças do próprio sistema da LE, como de possíveis aproximações entre o sistema da LE com o sistema da LM dos sujeitos – PB. Essa última possibilidade parece ser a de tendência mais forte para explicar os dados produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB nesta tese uma vez que parece estar em consonância com as propostas explicadas pelas teorias relativas à aquisição de LE, em especial, às concernentes à IL.

2º Objetivo Específico: *descrever e analisar dados obtidos por meio da aplicação de instrumentos específicos que visam verificar a percepção de vogais em contexto de nasalização do FS por aprendizes de FLE falantes nativos de PB e comparar as performances perceptuais dos sujeitos com seus registros escritos controlados*

Para se atender a esse objetivo específico elaboraram-se dois tipos de testes perceptuais de discriminação: (i) testes manuais (coletivos); e, (ii) testes *ecoutest* (individuais) cujos resultados foram equiparados aos resultados descritos nos três instrumentos de produção gráfica dos sujeitos.

Os resultados dos dois tipos de testes perceptuais realizados pelos sujeitos aprendizes de FLE e falantes nativos de PB demonstraram menor acurácia nas discriminações de [ẽ] produzidas pelo FLE 1º ano (sem contato com a escrita da LE). As variáveis que mais proporcionaram o surgimento das discriminações mal sucedidas foram *qualidade da vogal* (nível fônico) e *tempo de exposição à LE*.

Os resultados das escritas controladas produzidas pelos sujeitos aprendizes de FLE falantes nativos de PB também demonstraram menor acurácia nos controles escritos do fone [ẽ], em especial, nos registros gráficos produzidos por escreventes do FLE 1º ano. Tal fato destacou as variáveis *qualidade da vogal* (nível gráfico) e

tempo de exposição à LE como as principais responsáveis pela emergência de grafias não-convencionais produzidas pelos sujeitos.

Conclui-se, do teste deste objetivo específico, que os dados relativos à percepção e à produção gráfica de alvos que exibem vogais em contexto de nasalização realizados por aprendizes de FLE falantes nativos de PB demonstram convergência entre as produções gráficas e as perceptuais realizadas pelos sujeitos. Os sujeitos, de maneira semelhante a quando instados a grafar alvos com vogais em contexto de nasalização, são sensíveis à percepção da nasalidade porque discriminam com sucesso, na maioria dos casos, pares mínimos ou trios de palavras que contrapõem vogais em contexto de nasalização do FS *versus* suas contrapartes orais, a dificuldade para eles decorre de alguns pontos específicos, em especial, daqueles relacionados com a discriminação de [ẽ] *versus* contraparte oral.

3º Objetivo Específico: *comparar as grafias não-convencionais produzidas controladamente por aprendizes de FLE falantes nativos de PB com aquelas extraídas de textos produzidos de forma espontânea por crianças monolíngues brasileiras e francesas.*

Para se atender a esse objetivo específico compararam-se dados da amostra 1 produzidos controladamente por aprendizes de FLE falantes nativos de PB (amostras 1a, 1b e 1c) com dados da amostra 3 (3a e 3b) produzidos inicial e espontaneamente por crianças monolíngues brasileiras e francesas em fase de aquisição das respectivas LM(s).

Os dados produzidos por crianças monolíngues brasileiras apresentaram frequências mais elevadas de omissões de registros das consoantes ‘n’ ou ‘m’, do que para os demais tipos de dados – mudança na grafia da vogal e hibridismos. As mudanças vocálicas ocorreram com mais frequência na 2ª série comparativamente à 1ª série do Ensino Fundamental.

Os dados produzidos por crianças monolíngues francesas apresentaram frequências mais elevadas na categoria *mudança na grafia da vogal* do que para as demais categorias – *omissões das consoantes ‘n’ ou ‘m’ e hibridismos* –, tanto no que se referiu às produções realizadas por alunos do CP (1ª série) quanto àquelas realizadas por alunos do CE1 (2ª série).

Diante da frequência de ocorrência da distribuição dos dados nas três categorias: (i) omissões das consoantes 'n' ou 'm'; (ii) mudança na grafia da vogal; e, (iii) híbridos, foi possível observar que os dados gráficos não-convencionais produzidos pelas crianças brasileiras revelaram tendência contrária daqueles produzidos por crianças monolíngues francesas. As crianças brasileiras produziram em maior quantidade dados que revelaram omissão das consoantes 'n' ou 'm' na 1ª série, enquanto que as crianças francesas produziram em maior quantidade dados que revelaram mudanças na grafia da vogal no CP (1ª série).

4º Objetivo Específico: *discutir, com base nos dados de escrita produzidos por crianças monolíngues brasileiras e francesas e por aprendizes de FLE falantes nativos de PB, o estatuto da nasalidade vocálica no sistema do português e, por extensão, no do francês.*

Para se atender a esse objetivo específico partiu-se da pressuposição de que as possíveis conexões entre as produções gráficas das crianças monolíngues brasileiras e francesas comparadas àquelas de aprendizes de FLE falantes nativos de PB poderiam trazer evidências empíricas para a representação da nasalidade vocálica no PB e, por extensão, no FS.

Com base nos estudos de Abaurre (1988, 1991) e de Miranda (2009), sobre a aquisição precoce da escrita da nasalidade no PB, que apontam para uma tendência de a criança brasileira não ter a representação da vogal nasal como bifonêmica /VN/ no período inicial das práticas escolarizadas, presumiu-se que as crianças monolíngues brasileiras poderiam iniciar o processo de aquisição da escrita da LM com um sistema vocálico nasalizado condizente com estruturas monossegmentais /ĩ/ na fonologia e, em decorrência, produzirem na escrita inicial e espontânea, dados condizentes com estruturas monossegmentais (omissões de consoantes 'n' ou 'm' e híbridos) em maior quantidade do que dados condizentes com estruturas bissegmentais /VN/ (mudanças na grafia da vogal). No entanto, no momento em que intensificassem suas práticas escritas (2ª série), esse sistema poderia passar a ser condizente com estruturas bissegmentais por influência do contato sistemático com a escrita alfabética da LM e, em decorrência, as crianças passariam a produzir dados condizentes com esse tipo de estruturas, ou seja,

mudanças na grafia da vogal, em maior quantidade na 2ª série comparativamente à 1ª série.

Com as descrições e as discussões dos dados produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB se pôde observar que os sujeitos são sensíveis à nasalidade porque produziram em maior quantidade dados que revelaram mudanças na grafia da vogal comparativamente àqueles que revelaram omissões e hibridismos. Fato que levou à interpretação de que, provavelmente, os aprendizes de FLE falantes nativos de PB poderiam interpretar a nasalidade em vogais como bissegmentais desde o início de seus contatos com as práticas escritas na LE por influência do processo de aquisição da escrita da LM já consolidado o qual pôde ter promovido a possível reestruturação de /ĩ/ para /VN/.

As produções das crianças francesas foram comparadas às das crianças brasileiras e às dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB. Presumiu-se que, se idênticas, as das crianças brasileiras poderiam trazer indícios para uma tendência de constituição inicial semelhante da representação da nasalidade vocálica nas duas línguas em foco na tese; se idênticas às dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, poderiam trazer evidências para a hipótese segundo a qual as duas línguas poderiam representar a nasalidade de forma distinta.

Observou-se que as produções das crianças brasileiras foram condizentes com representações /ĩ/ no período inicial de seus contatos com a escrita da LM para em momento posterior, serem condizentes com representações /VN/ em decorrência da escolarização. Fato que levou à conclusão de que possivelmente as crianças brasileiras reestruturem /ĩ/ para /VN/ por influência do sistema de escrita da LM.

As produções das crianças francesas foram distintas daquelas das crianças brasileiras e idênticas daquelas dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB. Esses últimos, possivelmente iniciem seus contatos com a escrita da LE por /VN/ por de terem passado pela reestruturação de /ĩ/ para /VN/ quando da aquisição da LM. Fato que trouxe evidências para uma representação /VN/ das crianças francesas desde seus primeiros contatos com as práticas escritas no FS como LM, conforme defende Shane (1970). Essas evidências consubstanciaram a hipótese segundo a qual as duas línguas podem representar a nasalidade de forma distinta: o FS por /VN/ enquanto que o PB por vogal nasal subjacentemente produzida, em um primeiro momento, mas, passam a compartilhar da mesma representação após o contato das crianças brasileiras com o sistema de escrita da LM.

Por tudo que foi relatado, pode-se concluir que o objetivo geral desta tese foi cumprido. De fato, produções gráficas produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB, comparadas às produzidas por crianças monolíngues brasileiras e francesas, possibilitaram fornecer argumentos capazes de contribuir para com o avanço das discussões acerca da representação da nasalidade vocálica no PB e, por extensão, no FS.

Para finalizar, é de fundamental importância ressaltar a contribuição pedagógica desta pesquisa. Neste estudo, o dado gráfico, em especial o não-convencional, aparece como elemento capaz de “revelar a estrutura subjacente, tornado-a visível” por meio dos registros escritos dos sujeitos (cf. Miranda, 2009, p.123). Nessa perspectiva, o dado gráfico não-convencional pode fornecer pistas a estudiosos da área da aquisição sobre a forma como as representações relativas à aquisição da escrita são construídas pelos aprendizes. Entende-se que, tanto o conhecimento das teorias linguísticas como o entendimento da trajetória do aluno em busca da mobilização de seus saberes e de seu uso na aprendizagem, pode proporcionar ao professor (seja de língua materna ou de língua estrangeira) melhor monitoramento das atividades discentes. Esse fato pode resultar na construção de uma prática docente voltada para um ensino reflexivo. No caso deste estudo, especialmente, em sala de aula de aquisição de FLE.

8 REFERÊNCIAS

ABAURRE. M. B. M. **Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita.** In: LAMPRECHT, Regina (org.) *Aquisição da linguagem – questões e análises.* Porto Alegre: EDUPUCRS, 1999.

_____. **Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita.** Anais do II Encontro sobre Aquisição da linguagem. Porto Alegre: PUCRS, 1991.

_____. **The interplay between spontaneous writing and underslying linguistic representation.** European Journal of Education, 1988, Vol. III, nº 4, 415-430.

ADAMOLI, M. A. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

ALCÂNTARA, C. **O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português.** Pelotas, Rio Grande do Sul, 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pelotas.

_____. **Aquisição das vogais nasais do francês por brasileiros** In: III Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras, 2004, Pelotas. Anais do FILE III.

_____. **Aquisição como LE das vogais nasais do francês por falantes nativos do PB.** In: **1º Seminário de Metodologia do Ensino de Línguas e Literaturas,** 2007, Pelotas. Anais do 1º SMELL (no prelo).

BERTI. L. C.; CHACON. L.; SANTOS. A. P. **A escrita de /aN/ por pré-escolares: pistas acústico-auditivas.** Cadernos de Educação: A aquisição e o ensino da linguagem escrita. Editora: UFPel, Pelotas, n.35, p. 195-219, 2010.

BESSE H.; PORQUIER R. **Grammaires et Didactique des Langues.** Paris: Hatier/Didier, 1991.

BISOL L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 4ª ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2005.

_____. **Estudo sobre a nasalidade.** *In*: ABAURRE. M. B.; RODRIGUES. A. C. S. (orgs) – Gramática do português falado. Campinas: UNICAMP, 2002.

_____. **A sílaba e seus constituintes.** *In*: Gramática do português falado. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BONILHA, G.; MATZENAUER, C. L. **Aquisição da Fonologia e Teoria da Otimidade.** Pelotas: Educat, 2003.

BOULAKIA, G.; FÓNAGY, A. **Tendances des oppositions entre voyelles nasales dans le français parisien.** *In*: Speech research 89 International Conference, June 1 – 3, 1989. Budapest: Tamás Szende, 1990.

CAGLIARI. L. C. **Alfabetização & Linguística.** São Paulo: scipione, 2002.

CALABRESE, A. **A constraint – based theory of phonological markedness and simplification procedures.** *Linguistic Inquiry*, volume 26, number 3, The Massachusetts Institute of Technology, p. 373 – 463, summer 1995.

_____. **Markedness and economy in a derivational model of phonology.** Mouton de Gruyter: Berlin, 2005.

CAMARA Jr., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 38a ed. Petrópolis : Vozes, 2006.

CARTON, F. **Introduction à la Phonétique du Français.** Paris: Bordas, 1987.

_____. **Introduction à la Phonétique du Français.** Paris: Dunond, 1997.

CATACH, N. **L' Orthographe.** Paris: Presses Universitaires de France, 1978

_____. **L' Orthographe Française.** Poitiers: Nathan, 1995.

CHACON. L. **Comentários sobre ortografia em aulas de alfabetização.** *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 8. P. 251-268, 2006.

_____. **Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento.** *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, Campinas (SP), v. XXXIV, p. 77-86, 2005.

_____. **Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais.** *Letras de Hoje*, Porto Alegre (RS), v. 39, n. 3, p. 223-232, 2004.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Teory of Syntax.** Massachusetts: Mit Press, 1965.

_____. HALLE, M. **The Sound Pattern of English.** New York: Harper e How, 1968.

COGIS, D. **Pour enseigner et apprendre l'orthographe: nouveaux enjeux – pratiques nouvelles – École / Collège.** Paris: Delagrave Édition, 2005.

CORNAIRE, C.; & RAYMOND, P. **La production écrite**. Paris: Cle International, 1999.

COSTA. J.; FREITAS. M. J. **Sobre a representação das vogais nasais em português europeu: evidências dos dados da aquisição**. In : Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena (Org.). *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: Aspectos fonético-fonológicos*. 1ª. Ed. Pelotas: ALAB/EDUCAT, 2001,v.1, p 87-109.

CUNHA. A. P. **A hipo e a hipersegmentação nos dados da aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

_____. **As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu**. 2010. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

_____.; MIRANDA. A. R. **A hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita**. Anais do 4º SENALE – UCPEL, Pelotas, 2006.

DELVAUX. V. **Contrôle de la connaissance phonétique : les voyelles nasales du français**. Université Libre de Bruxelles – Faculté de Philosophie et Lettres. École Doctorale Théorie du langage et de l' esprit. Laboratoire de Phonologie, 2002-2003.

DELATTRE, P. **Les modes phonétiques du français** in: *The French. Review*, XXVIII, 1953. pp.59-63.

DELEFOSSE J. M. **La relation oral-écrit dans l'apprentissage de l'écrit Apport des sciences du langage**. Bourges, 2004.

DELL. F. **Les règles et les sons : introduction à la phonologie générative**. Hermann, Paris, 1973.

DELVAUX. V. **Contrôle de la connaissance phonétique : les voyelles nasales du français**. Université Libre de Bruxelles – Faculté de Philosophie et Lettres. École Doctorale Théorie du langage et de l' esprit. Laboratoire de Phonologie, 2002-2003.

DURÁN, L. Toward a Better Understanding of Code Switching and Interlanguage in Bilinguality: Implications for Bilingual Instruction. In: **The Journal of Educational Issues of Language Minority Students**, v14, p. 69-88, 1994.

ELLIS, R. **Understanding second Language Aquisition**. Nex York: Oxford University Presss, 1985.

FARACO, C. A. **Escrita e Alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2001.

FAYOL, M.; JAFFRÉ, J.P. **Orthographe**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **PENTECORVO, C. Moreira, N. HIDE GALDO, I. Chapeuzinho vermelho aprende a aprender.** São Paulo: Ática, 1996.

FÉRY. C. **Markedness, Faithfulness, Vowel Quality and syllable structure in french.** *In: French language studies: Cambridge university press*, 2003.

FREITAS. M. J. **Aquisição da estrutura silábica do Português Europeu.** Tese (Faculdade de Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.

GIACOBBE, J. **Acquisition d'une langue étrangère : cognition et interaction : études sur le développement du langage chez l'adulte.** Paris : CNRS Éditions, 1992.

GIRARD, D. **Enseigner les langues: méthodes et pratiques.** Paris: Bordas, 1995.

GOANAC'H, Daniel. **Théories d'apprentissage et acquisition d'une langue.** Paris:Didier, 1991.

GRÈVE. M.; PASSEL. V. **Linguistique et enseignement des langues étrangères.** Paris : Éditions Labor Bruxelles, 1973.

HANSEN. A. B. **Les voyelles nasales du français parisien moderne.** Etudes Romanes, Copenhague, 1988.

JAFFRÉ. J-P. ; FAYOL. M. **Orthographe and literacy in french.** *In: Handbook of orthography and literacy.* New Jersey. Laurence Erlbaum associates, 2006.

KATO, M; MOREIRA, N. ; TARALLO, F. **Estudos em Alfabetização.** São Paulo: Ponte, 1997.

KNIES, C.; GUIMARÃES, A. M. **Elementos de fonologia e ortografia do português.** Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1989.

KRASHEN, S. D. **Principles and Practicas in Second Language Acquisition.** Oxford: Pergamon Press, 1982.

_____. **Input Hyphothesis: issues and implications.** London, Longman, 1985.

LANDERCY, A. ; RENARD, R. **Éléments de phonétique.** Bruxelles: Didier, 1977.

LAURET, B. **Interaction des aspects segmentaux et suprasegmentaux en phonétique expérimentale constrative et implications en enseignement/apprentissage de la prononciation.** *In: GUIMBRETIÈRE, E. Apprendre, enseigner, acquérir : la prosodie au coeur du débat.* Rouen : collection Dyalang, publications de l'Université de Rouen – CNRS, 2000.

LÉON, M. ; LÉON, P. **La prononciation du français.** Paris : Armand Colin, 2007.

LÉON. P. **Phonétisme et prononciations du français.** Paris : Armand Colin, 2007. (5^a ed.).

LIPSKI, J. **Brazilian portuguese vowel nasalization: secondary aspects.** *In:* Canadian journal of linguistics. Vol. 20, 1975, p. 58-77.

LOVATO, L.; AMELOT, A.; CREVIER-BUCHMAN, L.; BASSET, P.; VAISSIÈRE, J. **A fiberoptic analysis of nasal vowels in Brazilian Portuguese.** Saarbrücken, 6-10 august 2007.

MALDEREZ, I. **Tendances de neutralisation des oppositions vocaliques: Le cas des nasales chez des enfants d'Île de France.** Comunicação realizada em 19 de agosto de 1991 em Ax-em-Provence quando da 12ª I.C.Ph.S. (vol.2, 174-177).

_____. **Orthographe et changements phonétiques.** Laboratoire de phonétique, U.F. Recherches Linguistiques, Paris 7.

MATEUS. M. H. M.; d'ANDRADE. E. **The phonology of portuguese.** Oxford University Press, 2000.

MATZENAUER, C. L. B.; BONILHA, G. F. G. **Aquisição da fonologia e teoria da otimidade.** Pelotas: EDUCAT, 2003.

MATZENAUER. C. L. Introdução à teoria fonológica. *In:* BISOL. L. (org.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MEDEIROS. B. R. **Vogais nasais do português brasileiros: reflexões preliminares de uma revista.** Revista Letras, Curitiba, n. 72, p. 165-188, maio/ago. 2007. Editora UFPR.

MÉNARD. L. ; CEDERGREN. L. M. ; NESPOULOS. J. L. (en collaboration). **Étude comparée de la production et de la perception des voyelles nasales du français septentrional, français méridional et français canadien.** [http : staff.umh. ac. be/ Delvaux Veronique/ Research. htm/](http://staff.umh.ac.be/DelvauxVeronique/Research.htm) acesso em : 07 dez. 2007.

MIRANDA. A. R. M. **Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico.** 7º ENAL – Encontro Nacional sobre a Aquisição da linguagem. Simpósio: Revisitando aspectos da aquisição da escrita: considerações lingüísticas. *in:* LAMPRECHT, Regina (org.), 2007.

_____. **Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do português.** Anais da ANPESul – UFSM, Santa Maria, 2006.

_____. **A aquisição ortográfica das vogais do português – Relações com a fonologia e a morfologia.** Revista de Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008.

_____. **Os dados de de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais do português.** *In* Giovana Ferreira-Gonçalves, Márcia Keske-Soares, Mírian Rose Brum-de-Paula (Orgs). Estudos em aquisição fonológica, 2009, v.2, 240p.

MOITA LOPES. P. L. de. **Oficina de Linguística aplicada. A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas.** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MONTAGU, J. **Les sons sous-jacents aux voyelles nasales em français parisien: indices perceptifs des changements**. Disponível no site: http://lpp.univ-paris3.fr/equipe/julie_montagu.htm. Acessado em 15/10/2010.

_____. **Étude acoustique et perceptive des voyelles nasales et nasalisées du français parisien**. Tese de Doutorado – Université Paris 3 – Sorbonne nouvelle, Paris, 2007.

MOORE, D. **Une Didactique d' Alternance pour mieux Apprendre?**. Revue de didactologie des langues – cultures. V. 121, p. 69-78, 2001.

MORAES J. A.; WETZELS. W. L. **Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental**. In: ABAURRE. M. B.; WETZELS. W. L. Cadernos de Estudos Lingüísticos – Fonologia do Português. Campinas: UNICAMP/IEL, 1982.

MORAIS, Arthur Gomes de. **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2002.

MOURA NEVES. M. H. de. **Gramática do português falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

PIAGET, J. **A Formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1978.

_____. **La formación del símbolo en el niño**. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

_____. **Seis Estudos da Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1986.

_____. **Adaptación Vital y psicología de la inteligencia**. Madrid: siglo de España editores s.a, 6ª edición, 1985.

_____. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

_____. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1978.

_____ & colaboradores. **Abstração Reflexionante**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

_____. La psychogenèse des connaissances et sa signification épistémologique. In: Palmarine, M - Piatelli. **Théories du Language, Théories de l' apprentissage**. Paris: éditions du Seuil, 1979.

PIATELLI-PALMARINI, M. **Teorias da Linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal : Edições 70, 1978.

_____. **Language and learning – The debate between Jean Piaget and Noam Chomsky.** Cambridge, Mass : Harvard University Press, 1980.

PONTES. E. **Estrutura do verbo no português coloquial.** Petrópolis, RJ : editora Vozes Ltda, 1972.

POTHIER. B. **Comment les enfants apprennent l'orthographe: Diagnostic et propositions pédagogiques.** Paris: Éditions Retz/VUEF, 2004.

_____. **Les fautes d'orthographe à l'école.** Paris: Éditions Retz/VUEF, 2001.

ROMBALDI, C. R. M. **Estratégias utilizadas por falantes nativos de português brasileiro na aquisição da ortografia das vogais do francês.** Pelotas. Rio Grande do Sul, 2003. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas.

SCULLEN. M. E. **French syllable structure: reconsidering the status of the onset.** *IN: Grammatical Theory and romance languages.* Washington: edited by Karen Zagana, 1995.

SEARA. I. C.; SCARDUELLI. J. A. **Vogais francesas produzidas por falantes do português brasileiro: um experimento acústico.** *In: New Sounds 2007: Proceedings of the fifth international symposium on the acquisition of second language speech.* 2007, p. 433-445.

SELINKER, L. *In: John Schumann & Nancy Stenson. New Frontiers in Second Language Learning.* Nex. Newbury Horre, 1976. First printed in IRAL, vol. 10, 3, 72. P. 209 – 231.

SHANE, S. A. **French Phonology and morphology.** 2^a ed. Massachusetts: Copyright, 1970.

SOUZA. E. M. G. **Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil.** Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1994.

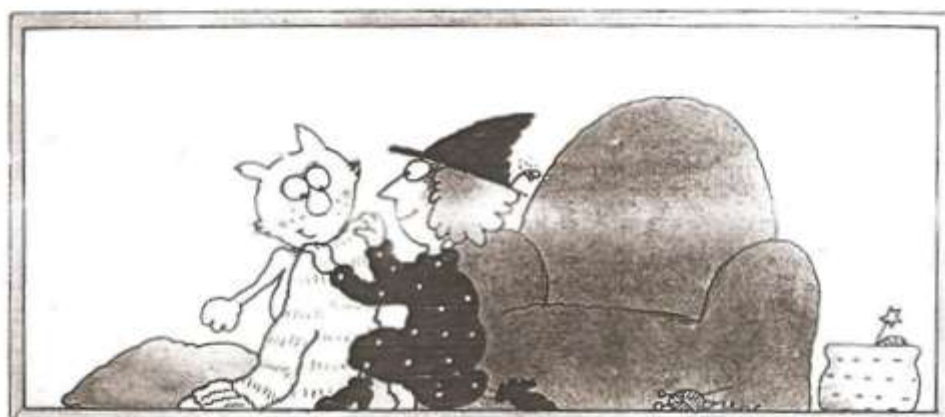
TRANSEL, B. **The sounds of french.** New York: Cambridge University press, 1987.

VAISSIÈRE. J. **La phonétique.** Paris: Vendôme, 2006.

VIGOTSKY. L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WETZELS. L. **The Lexical Representation of Nasality in Brazilian Portuguese,** *Probus,* 1997, 9.2: 203-232.

ANEXOS









APÊNDICES

APÊNDICE 1

Exemplo da ficha do informante utilizada para obter as grafias do instrumento 1

(i) Ficha 1

Ficha do informante:

Semestre:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

- Sequência da forma como as palavras se distribuem na Ficha 1

1ª sequência Palavras monossílabas
Pain
aude
bac
crainte
pot
paître
banque
côte
aide
conte
paix
ange
peintre
banc
âge
Inde
pont
Crète
bas
onde

(ii) Ficha 2

Ficha do informante:

Semestre:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

- Sequência da forma como as palavras se distribuem na Ficha 2

2ª sequência
Palavras dissílabas
Imbu
ça va
Allons
Pensa
Marais
aux doigts
Savon
Adieu
ça vaut
Passa
Abus
en croix
Allô
Marin
un Dieu
Savant
Allá
on doit
Alain
Accroix

(iii) Ficha 3

Ficha do informante:

Semestre:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

- Sequência da forma como as palavras se distribuem na Ficha 3

3ª sequência Palavras trissílabas
Imprévu
a revu
l'indiscipline
au dîner
l'inconnu
ont diné
l'a connu
en revu
la discipline
regardant
c'est du lin
est prévu
c'est du lait
le gros mont
regarda
le gros mot
Les beaux mots
Le petit pot
Les bons mots
Le petit pont

2. Esquema resumido das palavras controladas no instrumento 1

VARIÁVEIS	ÿ	v
M. IS/SFF/T	Inde[ẽd]	Aide [ɛd]
M. FS/SFF/T	Peintre [pẽtr]	Paître[petr]
M. FS/SFF/T	Crainte[krẽt]	Crète [krɛt]
M. FS/SFA/T	Pain [pẽ]	paix [pɛ]
M. FS/SFA/T	Banc[bã]	Bas[ba]
M. FS/SFF/T	Banque[bãk]	Bac[bak]
M. IS/SFF/T	Ange[ãʒ]	Âge[aʒ]
M. IS/SFF/T	Onde[õd]	Aude[õd]
D.FS/SFF/T	Conte[kõt]	Côte[kõt]
D.FS/SFA/T	Pot [põ]	Pont [põ]
D.IS/SFA/A	Imbu[ẽby]	Abus [aby]
D.IS/SFA/A	un dieu[ẽdjɸ]	Adieu[adjɸ]
D.FS/SFA/T	Alain [alẽ]	alla[ala]
D.FS/SFA/T	Marin[marẽ]	marais[marɛ]
D.IS/SFA/A	en croix[ãkrwa]	accroix[akrwa]
D.FS/SFA/A	Pensa[pãsa]	passa[pasa]
D.FS/SFA/T	Savant[savã]	ça va [sava]
D.S/SFA/T	Savon[savõ]	Ça vaut [savo]
D.FS/SFA/T	allons[alõ]	Allo[alo]
D.FS/SFA/A	on doit[õdwa]	aux doigts[odwa]
T.IS/SFA/A	Imprévu[ẽprevy]	est prévu [ɛprevy]
T.FS/SFA/A	l'inconnu[lẽkõny]	l'a connu[lakõny]
T.FS/SFA/A	L'indiscipline [lẽdisiplinɐ]	la discipline [ladisiplinɐ]
T.FS/SFA/T	c'est du lin[sɛdylẽ]	c'est du lait[sɛdylɛ]
T.IS/SFA/A	en revu[ãrɐvy]	a revu[arɐvy]
T.FS/SFA/T	Regardant[regardã]	regarda[regarda]
T.IS/SFA/A	ont diné[õdine]	aux dîner[odine]
T.FS/SFA/T	le gros mont[lɛgromõ]	le gros mot[[lɛgromo]
T.FS/SFA/T	le petit pont	le petit pot
T.FS/SFA/T	Les bons mots	les beaux monts

Legenda para leitura do quadro em (i)

	Leitura das siglas
IS	Início de sílaba
FS	Final de sílaba
SFF	Sílaba fônica fechada
SFA	sílaba fônica aberta
T	Sílaba tônica
A	Sílaba átona

APÊNDICE 2**1. Exemplo da ficha do informante utilizada para obter as grafias do instrumento 2**

Ficha do informante:

Semestre:

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

6. _____

7. _____

8. _____

9. _____

10. _____

11. _____

12. _____

13. _____

14. _____

15. _____

16. _____

17. _____

18. _____

19. _____

20. _____

21. _____

22. _____

23. _____

24. _____

- 25. _____
- 26. _____
- 27. _____
- 28. _____

- 29. _____
- 30. _____
- 31. _____
- 32. _____

- 33. _____
- 34. _____
- 35. _____
- 36. _____

- 37. _____
- 38. _____
- 39. _____
- 40. _____

- 41. _____
- 42. _____
- 43. _____
- 44. _____

- 45. _____
- 46. _____
- 47. _____
- 48. _____

- 49. _____
- 50. _____
- 51. _____
- 52. _____

- 53. _____
- 54. _____
- 55. _____
- 56. _____

- 57. _____
- 58. _____
- 59. _____
- 60. _____

- 61. _____
- 62. _____
- 63. _____
- 64. _____

- 65. _____
- 66. _____
- 67. _____
- 68. _____

- 69. _____
- 70. _____
- 71. _____
- 72. _____

2. Sequência da forma como as palavras se encontram registradas no arquivo sonoro e foram apresentadas aos informantes

PC

IS/IP

[ɛ]

4 Inde (T)

5 Hindou (A)

6 Infirmière (A)

7 Individu (A)

[ã]

8 Ange (T)

9 Anglais (A)

10 Entreprise (A)

11 Antiquité (A)

[ɔ]

12 Onde (T)

13 Ombrelle (A)

14 Ombrageux (A)

15 Ondulatoire (A)

FS/MP

[ɛ]

16 Mains (T)

17 linceul (A)

18 Désinvolte (A)

19 Desinfecter (A)

[ã]

20 Champ (T)

21 Orange (T)

22 boulanger (A)

23 présidentielles (A)

[ɔ]

24 mont (T)

25 rondeurs (A)

26 allongées (A)

27 presomptueuse (A)

FS/FP

[ɛ]

28 Plein (T)

29 dauphin (T)

30 jacobin (T)

31 dominicain (T)

[ã]

32 plan (T)

33 jument (T)

34 éléphant (T)

35 médicaments (T)

[ɔ]

36 plomb (T)

37 cochon (T)

38 réveillon (T)

39 accordéon (T)

PD**IS/IP**

[ɛ]

40 Ain (T)**41** Imbu (A)**42** Infusoire (A)**43** hindoustani (A)

[ã]

44 Anse (T)**45** Anglet (A) (muito próxima a 'anglais')**46** Angarie (A)**47** Angousticlave (A)

[ɔ]

48 Hongre (T)**49** Ombelle (A)**50** ongulés (A)**51** onguligrade (A)**FS/MP**

[ɛ]

52 thym (T)**53** Jacinthe (T)**54** berlingots (A)**55** asymptotique (A)

[ã]

56 jan (T)**57** Mancelle (A)**58** Calembour (A)**59** Coextensives (A)

[ɔ]

60 jonc (T)**61** Monceau (A)**62** Estompé (A)**63** volucompteur (A)**FS/FP**

[ɛ]

64 Thym (T)**65** béguin (T)**66** jaquelin (T)**67** bénédictin (T)

[ã]

68 Man (T)**69** bident (T)**70** cabestan (T)**71** *catamaran* (T)

[ɔ]

72 joncs (T)**73** bubon (T)**74** pâtissons (T)**75** *califourchon* (T)

3. Esquema resumido das palavras controladas no instrumento 2

Variáveis	Palavra controlada
(ẽ/C. M. IS. IP. T.)	1. Inde
(ẽ/C. D. IS. IP. A.)	2. Hindu
(ẽ/C. T. IS. IP. A.)	3. Infirmière
(ẽ/C. P. IS. IP. A.)	4. Individu
(ã/C. M. IS. IP. T.)	5. Ange
(ã/C. D. IS. IP. A.)	6. Anglais
(ã/C. T. IS. IP. A.)	7. Entreprise
(ã/C. P. IS. IP. A.)	8. Antiquité
(õ/C. M. IS. IP. T.)	9. Onde
(õ/C. D. IS. IP. A.)	10. Ombrelle
(õ/C. T. IS. IP. A.)	11. Ombrageux
(õ/C. P. IS. IP. A.)	12. Ondulatoire
(ẽ/C. M. FS. MP. T.)	13. mains
(ẽ/C. D. FS. MP. A.)	14. linceul
(ẽ/C. T. FS. MP. A.)	15. désinvolte
(ẽ/C. P. FS. MP. A.)	16. désinfecter
(ã/C. M. FS. MP. T.)	17. champ
(ã/C. D. FS. MP. T.)	18. orange
(ã/C. T. FS. MP. A.)	19. boulanger
(ã/C. P. FS. MP. A.)	20. présidentielles
(õ/C. M. FS. MP. T.)	21. mont
(õ/C. D. FS. MP. A.)	22. rondeurs
(õ/C. T. FS. MP. A.)	23. allongés
(õ/C. P. FS. MP. A.)	24. presumptueuse
(ẽ/C. M. FS. FP. T.)	25. plein
(ẽ/C. D. FS. FIP. T.)	26. dauphin
(ẽ/C. T. FS. FP. T.)	27. jacobin
(ẽ/C. P. FS. FP. T.)	28. dominicain
(ã/C. M. FS. FP. T.)	29. plan
(ã/C. D. FS. FP. T.)	30. jument
(ã/C. T. FS. FP. T.)	31. éléphant
(ã/C. P. FS. FP. T.)	32. médicaments
(õ/C. M. FS. FP. T.)	33. plomb
(õ/C. D. FS. FP. T.)	34. cochon

(õ/C. T. FS. FP. T.)	35.réveillon
(õ/C. P. FS. FP. T.)	36.accordéon
(ẽ/D. M. IS. IP. T.)	37.ain
(ẽ/D. D. IS. IP. A.)	38.imbu
(ẽ/D. T. IS. IP. A.)	39.infusoire
(ẽ/D. P. IS. IP. A.)	40.hindoustani
(ã/D. M. IS. IP. T.)	41.anse
(ã/D. D. IS. IP. A.)	42.anglet
(ã/D. T. IS. IP. A.)	43.angarie
(ã/D. P. IS. IP. A.)	44.angousticlave
(õ/D. M. IS. IP. T.)	45.hongre
(õ/D. D. IS. IP. A.)	46.ombelle
(õ/D. T. IS. IP. A.)	47.ongulé
(õ/D. P. IS. IP. A.)	48.onguligrade
(ẽ/D. M. FS. MP. T.)	49.thyn
(ẽ/D. D. FS. MP. T.)	50.jacinthe
(ẽ/D. T. FS. MP. A.)	51.berlingots
(ẽ/D. P. FS. MP. A.)	52.asymptotique
(ã/D. M. FS. MP. T.)	53.jan
(ã/D. D. FS. MP. T.)	54.mancelle
(ã/D. T. FS. MP. A.)	55.calembour
(ã/D. P. FS. MP. A.)	56.coextensive
(õ/D. M. FS. MP. T.)	57.jonc
(õ/D. D. FS. MP. A.)	58.monceau
(õ/D. T. FS. MP. A.)	59.estompé
(õ/D. P. FS. MP. A.)	60.volucmpteur
(ẽ/D. M. FS. FP. T.)	61.thym
(ẽ/D. D. FS.FIP. T.)	62.béguin
(ẽ/D. T. FS. FP. T.)	63.jaquelin
(ẽ/D. P. FS. FP. T.)	64.bénédictin
(ã/D. M. FS. FP. T.)	65.man
(ã/D. D. FS. FP. T.)	66.bident
(ã/D. T. FS. FP. T.)	67.cabestan
(ã/D. P. FS. FP. T.)	68.catamaran
(õ/D. M. FS. FP. T.)	69.joncs
(õ/D. D. FS. FP. T.)	70.bubon
(õ/D. T. FS. FP. T.)	71.pâtissons
(õ/D. P. FS. FP. T.)	72.califourchon

Legenda para leitura do quadro em (ii)

Siglas	Leitura das siglas
ẽ ã õ	fonos controlados
C	palavra supostamente conhecida
D	palavra supostamente desconhecida
M	monossílabo
D	dissílabo
T	trissílabo
P	polissílabo
IS/IP	início de sílaba/início de palavra
FS/MP	fim de sílaba/meio de palavra
FS/FP	fim de sílaba/fim de palavra
T	sílaba tônica
A	sílaba átona

APÊNDICE 3

1. Exemplo da ficha do informante utilizada para obter as grafias do instrumento 3

Ficha do informante :

Semestre :

- 1) Le _____ va pétrir le pain avec ses mains.
- 2) Le marin s'est assis sur son banc et a parlé _____ avec un passant.
- 3) Justin alla à la _____ pour vérifier son _____ de _____ de ne plus avoir d'argent.
- 4) On boit un thé au dîner! _____ tout au long de sa journée.
- 5) Allons, ça va, on a assez de clémentines, d' _____, du thym et aussi de _____ pour préparer le réveillon.
- 6) Le _____ peindra une maison en marron et un bois en vert comme le champs au printemps.
- 7) _____ ou _____: qu'est-ce qu'a dit le dominicain?
- 8) Les _____ ce sont les montagnes où l' _____ aller pour les vacances.
- 9) Allô, _____ de lin à l'appareil?
- 10) _____ régnait dans l'établissement. Il fallait rétablir la discipline.
- 11) _____ ? C'est le miroir marrant qu'on a acheté à la brocante. Son cadre est en bois et il a des motifs _____ et _____ . On le pendra dans le salon.

- 12) Les parents _____ au restaurant du marais.
- 13) _____! C'est plus lent qu'on n'a prévu!
- 14) On pansa les blessures du garçon. L' _____ a dit que rien qu'en les pansant ça devait les _____ .
- 15) Il a dû, d'abord, passer son texte _____ pour le publier en livre de poche.
- 16) Alain était _____ de sa personne.
- 17) S'il y avait _____ tout irait bien.
- 18) Cette _____ est caractéristique.
- 19) _____ : _____ qui habite un continent appelé _____ et qui peut parler _____.
- 20) _____, c'est le temps aujourd'hui!
- 21) _____, c'est un mot presque synonyme de parapluie.
- 22) Allô, « _____ de lin » à l'appareil.
- 23) On pansa les blessures du garçon. L' _____ a dit que rien qu'en les pansant ça devait les _____.
- 24) _____ : c'est une sorte de cheval.
- 25) Elle est _____ cette fille !
- 26) _____ : c'est un mot presque synonyme de bague.
- 27) _____ : c'est un organisme vivant unicellulaire.
- 28) _____ c'est, selon le dictionnaire, quelqu'un qui marche sur des sabots.
- 29) L'archéologue a trouvé un bident, un _____ et une ancienne _____.

30) Les deux terrains où il y avait des mans et où poussait des pâtissons étaient_____.

31) _____ : ensemble de petites fleurs groupées formant coupole.

32) _____, _____ et _____ sont des mots que selon le dictionnaire signifient, respectivement, ruban; droit de l'état d'arrêter les navires et moulure avec un angle.

33) Il a fait des_____.

34) Dès que l'été arrive les journées sont_____.

35) Le petit a mangé tous ses _____.

36) Au bord du chemin il y avait des _____ de fleurs fanées.

37) Jean est trop _____.

38) Avec le temps le dessin s'est _____.

39) Deux courbes qui se rapprochent à l'infini sont _____.

40) Les bovins sont des _____.

41) Les soldats avaient enveloppé leur camarade dans un _____.

42) Les _____ de la jeune fille déplaisent à son amoureux .

43) Monsieur Sarkozy a gagné les élections _____ en France.

2. Sequência da forma como as palavras preenchem as lacunas da Ficha do informante

1) Le **boulangier** va pétrir le pain avec ses mains.

- 2) Le marin s'est assis sur son banc et a parlé **anglais** avec un passant.
- 3) Justin alla à la **banque** pour vérifier son **compte** de **Crainte** de ne plus avoir d'argent.
- 4) On boit un thé au dîner! **Pensa l'inconnu** tout au long de sa journée.
- 5) Allons, ça va, on a assez de clémentines, d' **oranges**, du thym et aussi de **jacinthes** pour préparer le réveillon.
- 6) Le **peintre** peindra une maison en marron et un bois en vert comme le champs au printemps.
- 7) **Ange** ou âge: qu'est-ce qu'a dit le dominicain?
- 8) Les **Andes** ce sont les montagnes où l' **on doit** aller pour les vacances.
- 9) Allô, **Entreprise** de lin à l'appareil?
- 10) **L'indiscipline** régnait dans l'établissement. Il fallait rétablir la discipline.
- 11) **Antiquité?** C'est le miroir marrant qu'on a acheté à la brocante. Son cadre est en bois et il a des motifs **ondulatoires** et **en croix** . On le pendra dans le salon.
- 12) Les parents **ont dîné** au restaurant du marais.
- 13) **Imprévu!** C'est plus lent qu'on n'a prévu!
- 14) On pansa les blessures du garçon. L' **infirmière** a dit que rien qu'en les pansant ça devait les **désinfecter**.
- 15) Il a dû, d'abord, passer son texte **en revue** pour le publier en livre de poche.
- 16) Alain était **imbu** de sa personne.
- 17) S'il y avait **un dieu** tout irait bien.
- 18) Cette **onde** est caractéristique.
- 19) **Hindou:** **individu** qui habite un continent appelé **Inde** et qui peut parler **hindoustani**.

- 20) **Ombreux**, c'est le temps aujourd'hui!
- 21) **Ombrelle**, c'est un mot presque synonyme de parapluie.
- 22) Allô, « **Entreprise** de lin » à l'appareil.
- 23) On pansa les blessures du garçon. L'**infirmière** a dit que rien qu'en les pansant ça devait les **désinfecter**.
- 24) **Hongre**: c'est une sorte de cheval.
- 25) Elle est **presomptueuse** cette fille !
- 26) **Anse**: c'est un mot presque synonyme de bague.
- 27) **Infusoire**: c'est un organisme vivant unicellulaire.
- 28) **Onguligrade** c'est, selon le dictionnaire, quelqu'un qui marche sur des sabots.
- 29) L'archéologue a trouvé un bident, un **volucompteur** et une ancienne **mancelle**.
- 30) Les deux terrains où il y avait des mans et où poussait des pâtissons étaient **coextensifs**.
- 31) **Ombelle**: ensemble de petites fleurs groupées formant coupole.
- 32) **Angusticlave**, **angarie** et **anglet** sont des mots que selon le dictionnaire signifient, respectivement, ruban; droit de l'état d'arrêter les navires et moulure avec un angle.
- 33) Il a fait des **calembours**.
- 34) Dès que l'été arrive les journées sont **allongées**.
- 35) Le petit a mangé tous ses **berlingots**.
- 36) Au bord du chemin il y avait des **monceaux** de fleurs fanées.
- 37) Jean est trop **désinvolte**.
- 38) Avec le temps le dessin s'est **estompé**.
- 39) Deux courbes qui se rapprochent à l'infini sont **asymptotiques**.

- 40) Les bovins sont des **ongulés**.
- 41) Les soldats avaient enveloppé leur camarade dans un **linceul**.
- 42) Les **rondeurs** de la jeune fille déplaisent à son amoureux .
- 43) Monsieur Sarkozy a gagné les élections **présidentielles** en France.

APÊNDICE 4

1. Exemplo da ficha do informante utilizada para obter os resultados dos testes de percepção manuais (coletivos) apresentadas aos sujeitos

Ficha do informante:

Nome:

Semestre:

Teste: 1

	=	#
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		

Teste: 2

	=	#
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		

Teste: 3

	=	#
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		

2. Testes de percepção manuais (coletivos) envolvendo pares mínimos discriminando [ẽxe/a ãxa õxo/o]

Teste 1:

1	Pain [pẽ]	x	paix [pɛ]	#
2	Peintre [pẽtrɛ]	x	Paître [pɛtrɛ]	#
3	Crainte [krɛ̃t]	x	Crainte [krɛ̃t]	=
4	Inde [ẽd]	x	Aide [ɛd]	#
5	Banc [bã]	x	Bas [ba]	#
6	Banque [bãk]	x	Banque [bãk]	=
7	Ange [ãʒ]	x	Âge [aʒ]	#
8	Pot [po]	x	Pont [pɔ̃]	#
9	Conte [kɔ̃t]	x	Conte [kɔ̃t]	=
10	Onde [ɔ̃d]	x	Onde [ɔ̃d]	=

Teste 2:

1	Imbu [ẽby]	x	Abus [aby]	#
2	Adieu [adjɸ]	x	un dieu [ɛ̃djɸ],	#
3	Alain [alẽ]	x	alla [ala]	#
4	Marin [marẽ]	x	marin [marẽ]	=
5	en croix [ãkrwa]	x	en croix [akrwa]	=
6	Pensa [pãsa]	x	passa [pasa]	#
7	Savant [savã]	x	ça va [sava]	#
8	Savon [savɔ̃]	x	savon [savɔ̃]	=
9	Allo [alo]	x	allons [alɔ̃]	#
10	aux doigts [odwa]	x	on doit [ɔ̃dwa]	#

Teste 3:

1	Imprévu [ɛ̃prevy]	x	est prévu [ɛprevy]	#
2	l'inconnu [lɛ̃kɔ̃ny]	x	l'a connu [lakɔ̃ny]	#
3	ont diné [ɔ̃dine]	x	aux dîner [odine]	#
4	en revu [ãrɛ̃vy]	x	a revu [arɛ̃vy]	#
5	la discipline [lɛ̃disiplinɛ]	x	la discipline [ladisiplinɛ]	=
6	Regardant [regardã]	x	regardant [regardã]	=
7	le gros mont [lɛ̃gromɔ̃]	x	le gros mot [lɛ̃gromo]	#
8	c'est du lin [sɛdylɛ̃]	x	c'est du lait [sɛdylɛ]	#